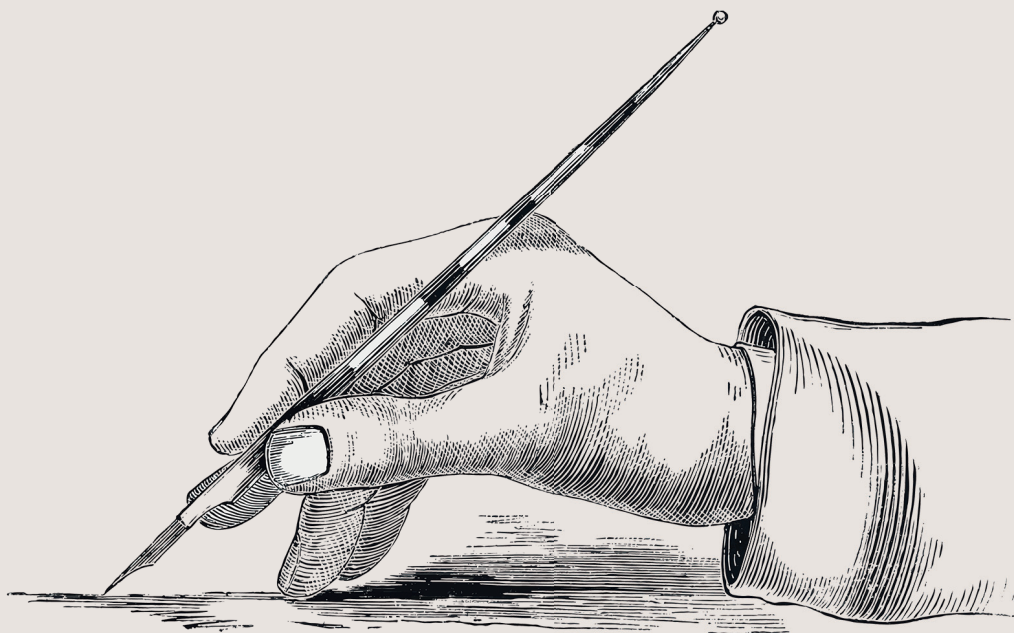


Memórias Literárias

o poder da leitura e da escrita



DIRCE MARIA DA SILVA
EUNICE NÓBREGA PORTELA
CIRLENE PEREIRA DOS REIS ALMEIDA
MARINA ARANTES SANTOS VASCONCELOS
(ORGANIZADORAS)



EDITORA
SCHREIBEN

DIRCE MARIA DA SILVA
EUNICE NÓBREGA PORTELA
CIRLENE PEREIRA DOS REIS ALMEIDA
MARINA ARANTES SANTOS VASCONCELOS
(ORGANIZADORAS)



MEMÓRIAS LITERÁRIAS:

O PODER DA LEITURA E DA ESCRITA



EDITORA
SCHREIBEN

2023

© Das Organizadoras - 2023
Editoração e capa: Schreiben
Imagem da capa: Rawpixel.com - Freepik.com
Revisão: os autores
Livro publicado em: 25/09/2023

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
Dra. Marciane Kessler (UFPel)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Valdenildo dos Santos (UFMS)
Dr. Wanilton Dudek (UNIUV)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M533 Memórias literárias : o poder da leitura e da escrita. / Organizadoras : Dirce Maria da Silva... [et al.]. – Itapiranga : Schreiben, 2023.
240 p. : il. ; e-book.

E-book no formato PDF.
EISBN: 978-65-5440-177-7
DOI: 10.29327/5316492

1. Literatura. 2. Escrita. 3. Leitura. I. Título. II. Silva, Dirce Maria da. III. Portela, Eunice Nóbrega. IV. Almeida, Cirlene Pereira dos Reis. V. Vasconcelos, Marina Arantes Santos.

CDU 82

SUMÁRIO

PREFÁCIO	6
<i>Dirce Maria da Silva</i>	
<i>Eunice Nóbrega Portela</i>	
<i>Cirlene Pereira dos Reis Almeida</i>	
<i>Marina Arantes Santos Vasconcelos</i>	
APRESENTAÇÃO.....	8
<i>Dirce Maria da Silva</i>	
<i>Eunice Nóbrega Portela</i>	
<i>Cirlene Pereira dos Reis Almeida</i>	
<i>Marina Arantes Santos Vasconcelos</i>	
Eixo I	
CAMINHOS DE LEITURA	
MEMÓRIA LITERÁRIA, TROVADORISMO E CORDEL: UMA PROPOSTA DIDÁTICA.....	12
<i>Wendel de Souza Borges</i>	
BIBLIOTECA COMUNITÁRIA ROEDORES DE LIVROS EM CEILÂNDIA/DF: FORMAÇÃO DE LEITORES NAS VIAS DA MEMÓRIA.....	27
<i>Marina Arantes Santos Vasconcelos</i>	
<i>Ana Paula Bernardes</i>	
Eixo II	
LEITURA E PSICANÁLISE	
GARCIA LORCA ENTRE DESEJO E ERÓTICA EM “SONETOS DO AMOR OSCURO”.....	37
<i>Márcia Cristina Maesso</i>	
<i>Roberto Medina</i>	
RESSONÂNCIAS E VAZIOS: UM EXAME DAS LACUNAS NAS NARRATIVAS LITERÁRIAS SOBRE O INCONSCIENTE.....	55
<i>Eunice Nóbrega Portela</i>	
PROFUNDEZAS DA ALMA REVELADAS: UMA EXPLORAÇÃO PSICANALÍTICA DA COMPLEXIDADE HUMANA NA LITERATURA.....	67
<i>Eunice Nóbrega Portela</i>	

EXPLORANDO MEMÓRIAS LITERÁRIAS: ANÁLISE DA DUALIDADE IDENTITÁRIA DE JACOBINA EM 'O ESPELHO' DE MACHADO DE ASSIS: UM CONFRONTO ENTRE O <i>EU-HOMEM</i> E O <i>EU-OUTRO</i>	82
<i>Cirlene Pereira dos Reis Almeida</i>	

Eixo III

MULHERES NA LITERATURA

ENTRE PÁGINAS EM BRANCO E SILÊNCIOS LITERÁRIOS - A MULHER E SUA AUSÊNCIA: REFLETINDO SOBRE 'UM QUARTO SÓ SEU', DE VIRGINIA WOOLF.....	93
<i>Maria Cristina Sebba</i>	

REFLEXÕES SOBRE O QUE É SER MULHER BASEADAS NA PERSONAGEM ELIZABETH BENNET DE JANE AUSTEN.....	100
<i>Aline Mayane Tavares de Melo</i>	

ALÉM DO TEMPO: COMENTÁRIOS SOBRE 'MEMÓRIAS DE ADRIANO', DE MARGUERITE YOURCENAR.....	115
<i>Dirce Maria da Silva</i>	

Eixo IV

MEMÓRIAS LITERÁRIAS, EDUCAÇÃO E DIREITO

MEMÓRIAS LITERÁRIAS: O SIGNIFICADO DO ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA NA VIDA ESTUDANTIL.....	130
<i>Débora Jesus de Queiroz</i>	
<i>Cirlene Pereira dos Reis Almeida</i>	

MEMÓRIAS DE LEITURA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA SOBRE A INFÂNCIA E O LÚDICO NA EDUCAÇÃO.....	144
<i>Lílian Viviane Gonçalves Martins</i>	
<i>Dirce Maria da Silva</i>	

REVISANDO CONCEITOS E TECENDO REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE NO BRASIL.....	155
<i>Horácio Lessa Ramalho</i>	
<i>Dirce Maria da Silva</i>	

REVISITANDO CONCEITOS: SOBRE A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS DIREITOS HUMANOS.....	166
<i>Larissa Argenta Ferreira de Melo</i>	
<i>Dirce Maria da Silva</i>	

EIXO V

A ESTÉTICA DA MEMÓRIA E DA EXPRESSÃO

UMA BREVE PRELEÇÃO SOBRE O BELO COMO REPRESENTAÇÃO DO BEM.....	175
<i>Dirce Maria da Silva</i>	
<i>Francisco Ronaldo Frazão de Lima</i>	
MEMÓRIAS AFETIVAS NA ARTETERAPIA.....	185
<i>Elizabete Adelaide da Silva</i>	
<i>Dirce Maria da Silva</i>	
VERSOS E MEMÓRIAS: A HARMONIA DOS DIAS COM O PODER DA LEITURA E DA ESCRITA.....	196
<i>Washington Dourado</i>	
<i>Dirce Maria da Silva</i>	

EIXO VI

RESENHAS

RESENHA	
HUYSSSEN, Andreas. <i>SEDUZIDOS PELA MEMÓRIA</i>	211
<i>Marina Arantes Santos Vasconcelos</i>	
RESENHA	
SILVA, Francisco José da. <i>CAMINHOS E MEMÓRIAS DE MATÔES: UMA HISTÓRIA SECULAR</i>	219
<i>Dirce Maria da Silva</i>	
POSFÁCIO.....	234
<i>Dirce Maria da Silva</i>	
ORGANIZADORAS.....	235
ÍNDICE REMISSIVO.....	237

PREFÁCIO



Conforme Carlos Ceia no verbete “Literatura¹”, no início da era moderna, prosa e poesia, ciência e ficção, oratória, história, filosofia e cartas, passaram a ser tratados como manifestações da mesma habilidade ou técnica. Mas a partir das últimas duas décadas do século XVIII, com as modificações na separação conceitual entre razão e imaginação, observaram-se novos direcionamentos, atribuições e funções específicas voltadas a cada uma dessas facetas.

Filosofia e ciência passaram a se ocupar mais da razão, enquanto a imaginação manteve conexões mais voltadas à sensibilidade, percepção e emoção, com a Literatura sendo associada mais à arte, no sentido moderno da palavra. A mudança de perspectiva deu origem a outros gêneros literários, a partir do lírico, narrativo e dramático, que agrupados sob o termo “literatura”, passam por novos processos de hibridizações e redefinições.

Nesse sentido, o livro **MEMÓRIAS LITERÁRIAS: O PODER DA LEITURA E DA ESCRITA** caracteriza-se como uma exploração por trilhas de experiências de leituras, abrangendo um espectro diversificado de textos que engloba poesias, revisões acadêmicas de literatura, discussões, ensaios, comentários críticos, projetos de leituras, recortes de pesquisas, resenhas, deslocando-se das fronteiras estritas do gênero memorialismo.

Os textos compartilham relatos de revisitações a leituras que moldaram pensamentos, formataram apreciações críticas, delinearam revisões e opiniões, por meio dos caminhos percorridos ao longo de formações acadêmicas e jornadas de vida, numa convergência de autores, personagens e ideias que nos cativaram e deixaram sua marca em nossa evolução intelectual.

Assim, numa celebração à diversidade textual, reuniu-se na presente obra contribuições de poetas, de espiritualistas, de pesquisadores acadêmicos, psicanalistas, de psicólogos, arteterapeutas, administradores, advogados, pedagogos, professores doutores, mestres e especialistas, formando um caleidoscópico mosaico de perspectivas.

Que esta obra inspire leitores a explorarem diferentes universos literários,

¹ Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literatura> Acesso: 11/09/2023.

ou, universos literários diversificados, e os encoraje a compartilhar de suas memórias e escritas.

Brasília, 11 de Setembro de 2023.

As Organizadoras

Me. Dirce Maria da Silva

Mestre em Direitos Humanos (Políticas Públicas) pelo Centro Universitário Unieuro/DF.

Dra. Eunice Nóbrega Portela

Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (UnB).

Dra. Cirlene Pereira dos Reis Almeida

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

Dra. Marina Arantes Santos Vasconcelos

Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (UnB).

APRESENTAÇÃO



A leitura e a escrita são habilidades que têm importância fundamental em nossas vidas. Por meio da leitura acessamos o conhecimento acumulado pela humanidade ao longo dos séculos. A escrita, por sua vez, permite a propagação e a permanência das ideias.

A pluralidade de estilos composicionais oferece oportunidades de compreensões que conduzem os leitores a explorarem perspectivas diferentes por meio de novos olhares. É nesse contexto que o livro **MEMÓRIAS LITERÁRIAS: O PODER DA LEITURA E DA ESCRITA** se apresenta.

A coletânea está organizada em seis Partes Temáticas.

O **EIXO I, CAMINHOS DE LEITURA**, comporta dois textos.

O primeiro, **“Memória Literária, Trovadorismo e Cordel: Uma Proposta Didática”** convida o leitor a mergulhar na herança literária brasileira, explorando a intersecção entre a tradição oral, o trovadorismo e o cordel, propondo uma abordagem didática de resgate da Literatura de Cordel.

Por seu turno, **“Biblioteca Comunitária Roedores de Livros em Ceilândia/DF: Formação de Leitores nas Vias da Memória”** convida a uma jornada que destaca a importância da formação de leitores como um caminho para a preservação da memória, do desenvolvimento intelectual e cultural.

A seguir, o **EIXO II, LITERATURA E PSICANÁLISE** traz quatro textos.

“García Lorca entre Desejo e Erótica em ‘Sonetos do Amor Obscuro’” analisa aspectos do desejo mergulhando nas complexidades emocionais desse que é considerado um dos grandes nomes da Literatura espanhola.

O texto **“Ressonâncias e Vazios: Um Exame das Lacunas nas Narrativas Literárias sobre o Inconsciente”** discorre sobre perspectivas de ocorrências da psicanálise na Literatura.

Em seguida, em **“Profundezas da Alma Reveladas: Uma Exploração Psicanalítica da Complexidade Humana na Literatura”**, a complexidade da condição humana é analisada sob a lente psicanalítica, destacando que a perspectiva literária pode revelar os recônditos esconderijos da alma humana.

Por sua vez, o texto **“Explorando Memórias Literárias: Análise da Dualidade Identitária de Jacobina em ‘O Espelho’ de Machado de Assis: Um Confronto entre o Eu-Homem e o Eu-Outro”** analisa a personagem refletida

num confronto entre dualidades.

No **EIXO III, MULHERES NA LITERATURA**, as representações femininas são abordadas em três capítulos.

O texto **“Entre Páginas em Branco e Silêncios Literários: A Mulher e Sua Ausência”** denuncia a ausência de vozes femininas na literatura, a partir do clássico **“Um Quarto Só Seu”**, de Virginia Woolf.

Em **“Reflexões sobre o que é ser Mulher, Baseadas na Personagem Elizabeth Bennet de Jane Austen”**, a personagem desenvolve reflexões sobre a feminilidade na literatura.

E em **“Além do Tempo: Comentários sobre ‘Memórias de Adriano’** ocorre uma **revisitação** às memórias do Imperador romano Adriano, com Marguerite Yourcenar.

O **EIXO IV, MEMÓRIAS LITERÁRIAS, EDUCAÇÃO E DIREITO** traz três textos. O primeiro, **“Memórias Literárias: O Significado do Ensino da Leitura e a Escrita na Vida Estudantil”** discorre sobre como a educação molda o desenvolvimento pessoal.

Em **“Memórias de Leitura na Formação Acadêmica: Uma Perspectiva Histórica Sobre a Infância e o Lúdico na Educação”**, as autoras revisitam leituras da formação acadêmica, destacando a importância do lúdico na educação.

O texto **“Revisando Conceitos e Tecendo Reflexões Sobre a Importância da Educação Bilingue no Brasil”** apresenta reflexões da importância de uma educação bilíngue no país.

E o capítulo **“Revisitando Conceitos: Sobre a Evolução Histórica dos Direitos Humanos”** oferece uma revisão de conceitos fundamentais na seara do Direito.

No **EIXO V, A ESTÉTICA DA MEMÓRIA E DA EXPRESSÃO**, o texto intitulado **“Uma Breve Preleção Sobre o Belo Como Representação do Bem”**, discorre sobre o conceito do “belo”.

No capítulo **“Memórias Afetivas na Arteterapia”**, as autoras destacam a importância das recordações, lembranças e experiências nos processos terapêuticos.

E o texto **“Versos e Memórias: a Harmonia dos Dias com o Poder da Leitura e da Escrita”** traz uma série de poesias concomitantes a seus respectivos comentários.

Por fim, no **EIXO VI**, das **RESENHAS**, há dois textos.

“Huysen, Andreas. Seduzidos pela Memória: Arquitetura, Monumentos, Mídia”, aborda a relação entre arquitetura, monumentos e mídia na construção da memória.

E, **“Caminhos e Memórias de Matões: uma História Secular”** é um

apanhado sucinto sobre a história da cidade de Matões, no Maranhão.

Sabemos que em um mundo orientado para a informação, cada vez mais complexo e interconectado, a leitura, a interpretação e a escrita são habilidades cada vez mais requeridas em qualquer carreira profissional ou campo de estudos.

Esperamos que essa diversidade textual os inspire e divirta!

Brasília, 11 de setembro de 2023.

As Organizadoras

Me. Dirce Maria da Silva

Mestre em Direitos Humanos (Políticas Públicas) pelo Centro Universitário Unieuro/DF.

Dra. Eunice Nóbrega Portela

Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (UnB).

Dra. Cirlene Pereira dos Reis Almeida

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

Dra. Marina Arantes Santos Vasconcelos.

Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (UnB).

EIXO I



CAMINHOS DE LEITURA



MEMÓRIA LITERÁRIA, TROVADORISMO E CORDEL: UMA PROPOSTA DIDÁTICA¹

Wendel de Souza Borges²

INTRODUÇÃO

Deve-se ressaltar que o interesse deste artigo é contribuir para um diálogo entre a Literatura e a História dentro do contexto educacional, de maneira a promover a interdisciplinaridade, o uso da literatura como fonte histórica, uma reflexão acerca da Idade Média na Península Ibérica e a leitura como meio de fomentar a memória literária. Para tal intento, optou-se por uma metodologia analítico-comparativa entre uma cantiga de escárnio do Rei-Trovador galego, D. Afonso X e trechos da obra *Lampião & Lancelote* (2006), de Fernando Vilela. Subjacente à metodologia, o estudo é ancorado à História Cultural e à Residualidade Cultural e Literária, de Roberto Pontes.

DESENVOLVIMENTO

A cantiga trovadoresca satírica de escárnio e de maldizer produzida entre os séculos XII e XIV propicia-nos um meio de informação sobre a sociedade medieval ibérica e acredita-se também que ela é memória literária, uma vez que permanece em textos contemporâneos da literatura portuguesa e brasileira. Sendo assim, faz-se necessário abordar o contexto histórico que a viu nascer e prosperar, decair e desdobrar-se em influência para trovadores e poetas porvindouros; as suas características transgressoras e seu poder de desconstrução de um imaginário tradicional instituído, no intuito de conceber outras leituras da Idade Média.

Devemos rememorar que a poesia trovadoresca medieval da Península

1 Artigo extraído da Dissertação de Mestrado intitulada “Cantigas trovadorescas medievais galego-portuguesas de escárnio e de maldizer: desdobramentos, transgressão e ensino de história”, orientada pelo Prof.º Dr.º Getúlio Nascentes da Cunha e defendida na Universidade Federal de Catalão em agosto de 2018.

2 Doutor em Estudos da Linguagem, em estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Uberlândia – wendelsborges709@gmail.com.

Ibérica, produto cultural propiciado pelo Renascimento do século XII³, é fruto de uma gama de fatores políticos, religiosos, morais e sociais, deveras transgressivos, construídos e construtores do imaginário do período. A cantiga trovadoresca tem sido também objeto de pesquisas históricas e apontamentos de representações do cotidiano e do imaginário medieval do oeste europeu, de modo que, segundo José Rivair Macedo (2008, p. 110), as “pesquisas contribuíram decisivamente para reabilitar aquele período”, e para elucidar algumas de suas práticas sociais. Os estudos promoveram recentes descobertas sobre o medieval e sobre as cantigas trovadorescas, de maneira a trazer lume à compreensão das cantigas e ao período histórico em que estavam em voga. Portanto, essas pesquisas sobre o Trovadorismo galego-português favorecem a desconstrução do imaginário que perdura ainda na sociedade hodierna sobre a Idade Média, uma vez que, consoante Andréia Silva,

Não é inútil relembra, aqui, que para algumas parcelas da população brasileira o período medieval ainda é a “Idade das Trevas” ou é compreendido pela perspectiva romântica e idealizadora. Em contrapartida, outros setores sequer possuem uma referência sobre o período e desconhecem o patrimônio cultural medieval (Silva, 2013, p. 343).

A literatura do Trovadorismo, inscrita como patrimônio cultural medieval, como memória literária e como fonte de referência sobre o período, deve ser dada a conhecer, não tão somente por uma abordagem literária, mas também agregando a essa, vieses antropológicos, sociológicos, psicológicos e históricos, que permitam a sua utilização como ferramenta para o ensino de história e de literatura. Assim, é necessário criar mecanismos que possibilitem aos docentes e aos discentes, meios de ler as representações sociais construídas em outro período da história, tanto como o imaginário vigente naquela sociedade e ainda, conforme o Plano Curricular Nacional de História (Brasil, 2001, p. 33), “a construção de noções de continuidade e de permanência” de uma cultura e de elementos de uma cultura em outra.

É fundamental a percepção de que o eu e o nós são distintos de outros tempos, que viviam, compreendiam o mundo, trabalhavam, vestiam-se e se relacionavam de outra maneira. Ao mesmo tempo, é importante a compreensão de que o outro é, simultaneamente, o antepassado, aquele que legou uma história (Brasil, 2001, p. 33).

3 Segundo Segismundo Spina (1997, p. 76-77) “o século XII é denominado o segundo Renascimento (o primeiro fora o Carolíngio)”. E ainda, “o século XII surge como um século dinâmico: criação e desenvolvimento das cidades, realização das Cruzadas e conseqüentemente do comércio ultramarino. Aparição da burguesia. O movimento urbano ocasionou a transferência da supremacia das escolas monacais para as escolas episcopais; e estas, eminentemente urbanas, dão origem às universidades do século XIII”.

Portanto, o estudo da Idade Média, por meio das cantigas trovadorescas medievais de escárnio e de maldizer ibéricas, faz-se relevante, já que ele possibilita ao aluno a construção de sua identidade e o “conhecimento sobre si mesmo, sobre seu grupo, sobre sua região e seu país, à medida que conhece outras formas de viver, bem como as diferentes histórias vividas pelas diversas culturas, de tempos e espaços diferentes” (Brasil, 2001, p. 33).

Compreendendo as cantigas trovadorescas produzidas entre os séculos XII e XIV, o aluno pode reconhecer que as cisões e as permanências culturais brasileiras interligam-se à cultura portuguesa. Segundo José Luiz Fiorin (2009, p. 117), para “a construção da identidade brasileira teria que ser levada em conta a herança portuguesa e, ao mesmo tempo, apresentar o brasileiro como alguém diferente do lusitano”. No entanto, deve-se ressaltar que o vínculo cultural com Portugal é intenso, uma vez que a ideia de uma identidade genuinamente brasileira remonta ao século XIX (Fiorin, 2009, p. 116).

Nesse ponto, a literatura faz-se relevante como agenciadora no processo histórico da construção da identidade nacional, bem como deixa entrever o patrimônio remanescente da literatura portuguesa. De acordo com Haquira Osakabe e Enid Frederico, a literatura,

Pode ser um grande agenciador do amadurecimento sensível do aluno, proporcionando-lhe um convívio com um domínio cuja principal característica é o exercício da liberdade. Daí, favorecer-lhe o desenvolvimento de um comportamento mais crítico e menos preconceituoso diante do mundo (Osakabe e Frederico, 2004, p. 49).

Então, literatura e história, prestam-se ao *exercício da liberdade* de modo a ampliar o entendimento dos estudantes proporcionando-lhes *um comportamento mais crítico e menos preconceituoso diante do mundo*. Este, no qual insere-se é, como o mundo medieval, dinâmico e complexo, por conseguinte, carente de um olhar e de uma leitura mais criteriosa, fomentada por ambas as disciplinas, de modo a, conforme o PCN de História,

Oferecer um contraponto que permita ressignificar suas experiências no contexto e na duração histórica da qual fazem parte, e também apresentar os instrumentos cognitivos que os auxiliem a transformar os acontecimentos contemporâneos e aqueles do passado em problemas históricos a serem estudados e investigados (Brasil, 2006, p. 65).

Essa afirmação evidencia a relevância e a necessidade de oportunizar ao discente a utilização de recursos capazes de auxiliarem na sua construção social, disponibilizando meios para que ele tenha a criticidade necessária para problematizar o presente e o passado. Nesse sentido, pode-se ainda investigar o passado através de permanências e elementos remanescentes no presente, pois

se é dado acreditar em sua sobrevivência no imaginário, nas práticas, nas representações e nas memórias literárias.

Concorda-se com Schmidt (1997, p. 57), quando afirma que, “a sala de aula não é apenas onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constroem sentidos”. Para que essa relação possa ser edificada, foi elaborada uma proposta para o uso da cantiga trovadoresca medieval galego-portuguesa, especificamente a de escárnio e de maldizer, tanto para as aulas de literatura quanto de história.

Embora a poesia trovadoresca medieval galego-portuguesa pareça restrita a uma determinada época, uma vez que se estabeleceu, como afirma Maria Tarracha Ferreira (1980, p. 9), “entre os fins do século XII, com o provável dos primeiros documentos escritos não literários, e 1434, ano em que Fernão Lopes, nomeado pelo rei D. Duarte cronista-mor do reino, cria verdadeiramente a prosa literária nacional”. Por outro lado, há que se acreditar, como sugere Spina (1974, p. 11), que as manifestações literárias portuguesas da Idade Média, prolongaram-se até o ano de 1597. Por isso, o autor divide o período literário medieval em “dois grandes movimentos literários”: o Trovadorismo e a poesia palaciana do Cancioneiro Geral de Garcia de Resende.

Mesmo que ambas as manifestações tivessem sua individualidade e peculiaridades, há certas características que se mantiveram de uma na outra, como a devoção pela dama e os embates poéticos. Portanto, acredita-se que as produções literárias são, parcialmente, fruto de rupturas com os momentos literários precedentes, mas também construções estéticas e ideológicas remanescentes de outros períodos que se encontram ativas no imaginário social. Mesmo que à época da chegada dos portugueses em território brasileiro, seja coincidente com a poesia do Cancioneiro Geral, foi a poesia do Trovadorismo que aqui desembarcou das naus portuguesas com uma tripulação que era eminentemente *popular*, por isso mais próxima da estética trovadoresca, uma vez que aquela estivesse restrita aos salões das cortes palacianas (Fernandes, 2015, p. 171); e essa, era um tipo de poesia que circulava por todas as categorias sociais.

Confrontamos os dois movimentos literários com o intuito de mostrar o elo primevo entre a literatura portuguesa e sua inserção em terras brasileiras, uma vez que a poesia constante no Cancioneiro Geral já prenunciava o aparecimento da Renascença cultural em Portugal, com as novidades estéticas trazidas da Itália por Sá de Miranda, em 1526, como a *medida nova*⁴ que se contrapunha a que foi denominada de *medida velha*.

4 Influenciados pela poesia do italiano, Francesco Petrarca (1304-1374), os poetas palacianos passaram a adotar o que foi cognominado de medida nova, ou seja, composições poéticas decassílabas, organizadas em dois quartetos e dois tercetos, o soneto. Já a medida velha é uma forma de composição poética pentassilábica ou heptassilábica.

As composições poéticas produzidas em medida nova, como sonetos e élogos não se popularizaram de imediato, permanecendo circunscritas ao ambiente aristocrático, em contrapartida, a poesia trovadoresca, outrora produzida e cantada por nobres trovadores, agora integrava o imaginário popular. Em consonância com Luís Soler,

Efetivamente, aqueles grupos [marinheiros] não foram recrutados entre as camadas que podiam estar mais ou menos impregnadas da mudança de civilização representada pela Renascença. Eram populações a nível de soldadesca, de camponeses e pequenos comerciantes, no melhor dos casos; de párias e buscadores de fortuna. [...] Por outra parte, na Corte lisboeta, o “espírito da Renascença” certamente, aparelhava naus, fornecia armas e recursos. Mas o que embarcou no outro lado do Atlântico, foi ainda o “espírito medieval” com suas lendas, suas crendices e seus mitos, seus hábitos, sua tábua de valores humanos e morais, suas rústicas diversões e suas artes despreziosas (Soler, 1978, p.74).

Logo, mediante essa permanência e em conformidade com a teoria da Residualidade Cultural e Literária, proposta por Roberto Pontes (1999), há resíduos culturais que permanecem ativos no imaginário social e estes remanesçam de outros períodos nas produções culturais da contemporaneidade, por isso transgressores do espaço-tempo. Sendo assim, o docente pode optar como metodologia, para a utilização das cantigas trovadorescas de escárnio e de maldizer no ensino de história, partir de um texto da contemporaneidade, a fazer assim, o deslocamento proposto por Marc Bloch (1965).

Publicado em 2006, o poema narrativo de caráter heroico-cômico, *Lampião & Lancelote*, de Fernando Vilela⁵, narra em 282 versos heptassílabos (com algumas poucas variantes hexassilábicas), a história do encontro entre as duas personagens no sertão nordestino brasileiro. Embora seja um extenso poema, utilizamos apenas os trechos necessários para que fosse realizada a análise. O texto foi utilizado também como parâmetro para verificar o imaginário a respeito da cavalaria e do cavaleiro e sua permanência na contemporaneidade, de modo a fazer um contraponto com a análise da cantiga trovadoresca galego-portuguesa.

Favoreceu também a escolha do poema de Fernando Vilela, o fato de que ele é uma forma de narrativa que se inscreve dentro do gênero de poesia popular, denominada de Literatura de Cordel⁶. Esta, reconhecidamente um elemento característico e caracterizador da cultura, da identidade e da memória brasileira,

5 Fernando Vilela nasceu em São Paulo, em 1973. Graduiu-se em Artes Plásticas pela UNICAMP e tornou-se mestre pela ECA-USP. Além de escritor é também gravurista e professor.

6 Conforme o site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a Literatura de Cordel encontra-se em processo de tramitação de número 01450.008598/2010-20, datado de 22/02/2010 para o seu tombamento como patrimônio imaterial brasileiro. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/426>.

que, no entanto, estabelece vínculos residuais com a literatura luso-galega do Trovadorismo.

Partamos então desse gênero de poesia popular, cuja origem reside em Portugal e que aportou em terras brasileiras no século XVI, pois consoante Marco Haurélio (2010, p. 14), seu “substrato chegou ao Brasil [...] à bordo das primeiras caravelas”, pois “é próprio do homem, em seu constante deslocamento geográfico, levar consigo, além dos conhecimentos que lhe garantam a sobrevivência, a sua cultura”. Exponente da cultura popular portuguesa, o cordel luso, como afirma Maria Lopes-Rossi (2012, p. 161), “foi alterado e adaptado pelos poetas populares nordestinos e hoje a literatura de folhetos”, como também é designada a literatura de cordel, “publicada no Nordeste brasileiro apresenta características próprias” que, segundo Mark Curran (2003, p. 17), “exibe métrica, temas e *performance* da tradição oral”, uma vez que seus produtores e sua audiência eram, a princípio, de modo geral, ágrafos.

Por isso, de acordo com Lopes-Rossi (2012, p. 161), “os cordéis eram apresentados oralmente, em cantorias e desafios, e a conservação das produções se dava por meio da memorização pelo público”. Tal qual ocorria com as cantigas trovadorescas medievais, o processo de difusão do Cordel era oral, portanto, é imprescindível ao docente, solicitar ou realizar a leitura coletiva, recitando o poema de Fernando Vilela, de modo que o aluno perceba a musicalidade dos versos. Isso feito, deve-se destacar o vínculo do poema à tradição da Literatura de Cordel e da literatura trovadoresca, pautada em uma oralidade primordial e em uma estrutura estética peculiar.

Outro fator que colaborou para a cristalização das cantigas trovadorescas no imaginário popular além do seu caráter oral, é a sua associação entre o texto e a música, o que, consoante Adriana Rennó (1999, p. 114), facilitava “a memorização dos versos por parte do público-ouvinte”. Tal memorização acontecia também graças ao ritmo e à métrica da própria construção poética que intercalava sílabas tônicas e átonas, escandindo os versos, na maior parte das cantigas, em redondilhas menores (versos pentassilábicos) e em redondilhas maiores (versos heptassilábicos), ou seja, compostos em medida velha.

Além da estrutura versificatória setissilábica, pode-se ressaltar ainda, a presença das rimas como componente fundamental para a obtenção da musicalidade. Na obra *Lampião & Lancelote*, ela é organizada, de modo geral, em sextilhas e septilhas, cujo esquema rímico é, respectivamente, ABCBDB e ABCBDDDB.

Verificada pois, a questão residual na estrutura do poema, o primeiro personagem a ter sua aparição na obra analisada é Lancelote e é assim apresentado.

Meu povo peço licença
Para lhes apresentar
O primeiro personagem
Que aqui vai desfilar
Bom e nobre cavaleiro
Valoroso e altaneiro
Passa a vida a galopar
Ele é forte e delicado
Seu cavalo é todo branco
Trajado em armadura de prata
Capa de bordado santo
A luz do sol se reflete
Feito dardo se arremete
Todos cegam de espanto
Agora vou lhes dizer
Este homem é tão forte
Que mesmo em fogo cruzado
Levanta a cabeça e luta
Espalha bravura arguta
O seu nome é Lancelote”
(Vilela, 2006).

A princípio, pode-se ressaltar que a maneira em que os versos iniciais do poema são apresentados é uma proposição remanescente da estrutura poética do gênero épico. O cavaleiro apresentado na proposição é Lancelote. Integrante do ciclo bretão⁷, esse personagem é a personificação dos ideais da nobreza e da cavalaria medieval. Embora não seja uma criação da literatura ibérica é certo de que se trata de uma figura bastante popular, uma vez que várias versões de sua história foram construídas e reconstruídas entre o século XII e os dias atuais.

Em um anônimo *Lais*, cantiga trovadoresca com a matéria da Bretanha, essa valorosa personagem, também nomeada *Lançarote* em Portugal, aparece referida na seguinte rubrica que antecede a cantiga: Este lais fezerom donzelas a dom [L]ançarot quando estava na Ínsoa da Lidiça, quando a Rainha Genevra [o] achou com a filha do Rei Peles, e lhi defendeu que nom parecesse ant’ela (Lopes e Ferreira, 2011, *on-line*).

Mesmo que a parte referente à matéria da Bretanha seja composta de apenas oito cantigas, as narrativas do ciclo arturiano circulavam no ambiente cortesão no qual nasceu e desenvolveu-se o Trovadorismo, inspirando e influenciando o *modus vivendi* da cavalaria peninsular cristã. No fragmento de *Lampião*

7 Conforme Spina (1997, p. 24), os temas épicos, na Idade Média, eram agrupados em ciclos. Dos quais podem-se destacar o ciclo “clássico, por ilustrar figuras heroicas extraídas do mundo clássico mediterrâneo (Grécia-Tróia-Roma); um segundo, denominado bizantino, cuja procedência se deve às Cruzadas religiosas; e um terceiro grupo, o mais importante, fruto da influência bretã e suscetível de classificar-se em três ciclos: o arturiano, o ciclo de Tristão e o ciclo do Graal”.

& *Lancelote*, a representação desse personagem assenta-se no uso de adjetivos como, *bom, nobre, valoroso, altaneiro, forte e delicado*, esses representam os valores idealizados e admirados pela nobreza bélica que, no intuito de minimizar a violência da sociedade medieval, adota um código de conduta que visava a *domesticação* do cavaleiro nobre para uma vida na corte.

Destaca-se também, no poema, a associação metonímica entre o cavaleiro e o cavalo, no verso “passa a vida a galopar”, que sugere que ambos se estabelecem como uma unidade, esta, realiza uma atividade dinâmica em um espaço aberto e amplo, de modo a representar o espírito guerreiro, a vagância e a liberdade atribuídos aos cavaleiros andantes. Essa imagem foi construída e resguardada na memória literária, pois segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2006, p. 201), “a figura do cavaleiro subsiste, não só na literatura ocidental da Idade Média, como em todas as literaturas modernas”. *Lancelote* é o eleito entre os melhores, que se põe a ocupar-se de aventuras, como fazem os demais cavaleiros da Távola Redonda, nas andanças em demanda do sagrado, personificado pelo Graal.

O professor pode destacar também o processo de hibridismo cultural entre elementos cristãos e pagãos, próprios da Idade Média, pois sendo uma personagem mítica anterior ao cristianismo, ele transfigura-se em um representante dessa religião, uma vez que o branco do cavalo, em unidade com o cavaleiro, simboliza dentro dela os ideais de pureza e ascetismo, sendo pois, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2006, p.144) “a cor da teofania (manifestação de Deus)”. Essa presença espiritual cromática associa-se também ao prata, cor da armadura na qual tanto cavalo quanto cavaleiro parecem estar investidos. Esse prateado da armadura, na qual “a luz do sol se reflete”, que refulge com tamanha intensidade e que a “todos cegam de espanto”, pode ser associado ao carro solar, geralmente puxado por cavalos, esse objeto mítico é presente tanto no paganismo, relacionado à trágica viagem de Faetonte, quanto no cristianismo, à ascensão de Elias.

Outro aspecto que pode ser abordado reside na incidência da expressão *fogo cruzado*, que por meio de uma *equivocatio*, refere-se tanto à violência da guerra, quanto às cruzadas e por extensão, aos expedicionários que nela incorriam, os cruzados. Deve-se lembrar que parte da Península Ibérica, espaço em que se desenvolveu o Trovadorismo e onde se deu o nascimento do Cordel, esteve durante aproximadamente oito séculos sob o domínio muçulmano. E contra esse conglomerado, os cavaleiros lançavam-se em cruzada, empreendendo sangrentos combates entre o norte cristão e o sul muçulmano, naquilo que foi chamado de Reconquista Cristã.

Esse entrave bélico de quase 800 anos favoreceu o convívio entre os povos das duas religiões que se influenciaram mutuamente, dentre tantos e variados aspectos, na língua e na literatura. O conflito propiciou também o desenvolvimento

da cavalaria, que por sua vez incendiou o imaginário daquela e das gerações vindouras com uma imagem romantizada da guerra e em meio a ela, atos de “bravura arguta”, a criação de uma cavalaria modelar e a figura do herói.

Em uma sociedade em que a informação é mediada oralmente, muitas vezes os fatos e a fantasia entrelaçam-se de modo a constituir uma narrativa original que representa os valores ali em vigência. Sendo assim, a imagem fictícia e real de Lancelote, tal qual representada no excerto permite-nos inferir que ela pouco ou nada se modificou, mantendo-se no imaginário popular como o ideal de cavalaria, representação da coragem, do espírito de combate, da virilidade e da vassalagem amorosa, presente no amor cortês. Por isso, a alusão a ele suscita na memória literária de mulheres e homens, um modelo de devoção amorosa e arquétipo de masculinidade e cavalheirismo.

Essa memória e imaginário residual transgrediram o espaço peninsular e o período médio, sobrevivendo em personagens constantemente reinseridos como temas na Literatura de Cordel. E ainda, estabelecendo uma analogia entre esse remanescente e as personagens típicas brasileiras, como o controverso Lampião, pois este é também apresentado como um formidável guerreiro.

Agora eu lhes apresento
Um grande cangaceiro
Nascido em nosso país
Leal e bom companheiro
Para uns foi criminoso
Para outros justiceiro
Criado nas terras secas
Vaqueiro trabalhador
Cuidava de um ralo gado
Com coragem e com valor
Seu nome era Virgulino
Mas um dia veio a dor
Ao ver seu pai baleado
Ele partiu pra vingança
À frente dos cangaceiros
Se pôs logo em liderança
Bando de cabras armados
Ao inimigo com ganância!
(Vilela, 2006).

Personagem típico do *Sertão* nordestino, essa figura histórica é presente no imaginário brasileiro de maneira mais intensa nessa região do que nas outras, embora estas também o identifiquem como um elemento componente da cultura nacional, ou como apresentado no poema, “nascido em nosso país”. Tal qual Lancelote, Lampião é possuidor também de (quase) todos os atributos referentes à cavalaria, como a lealdade, o companheirismo, a coragem e o ímpeto

guerreiro, exceto seu nascimento simples e seu ofício, visto que foi “criado nas terras secas”, exercendo, primordialmente, a função de “vaqueiro”.

Embora não tenha nascimento nobre, para muitos o seu ideal o é: sua luta é por vingança, motivada pelo assassinio de seu pai (Allysson Martins, 2014, p. 172). A representação dele edificada apresenta uma dupla leitura, conforme o poema, “para uns foi criminoso/para outros justiceiro”. Nesse último caso, vingança poderia ser entendida como uma forma de justiça exercida pelo sertanejo, pelo trabalhador de poucas posses a cultivar as terras áridas e a cuidar “de um ralo gado”.

Assim, a sua proveniência humilde e a sua ambição não o aviltam, ao contrário, o elevam e o redimem dos eventuais crimes que tenha cometido, porque o homem simples e cotidiano nele se reconhece e reconhece nele um guerreiro, um cavaleiro, um defensor dos oprimidos contra a cobiça dos poderosos, um símbolo de vitória contra as injustiças sociais cometidas contra a população do Nordeste brasileiro, portanto, um exemplo de resistência. O professor pode salientar o vigor dessa personagem e sua permanência no imaginário social destacando sua massificação na televisão brasileira, com a minissérie *Lampião e Maria Bonita* (1982), sua emergência no cinema, com o filme *Baile perfumado* (1997) e no movimento multicultural, *Manguebeat*.

Portanto, ambos os personagens, presentes na história e na literatura, integram o imaginário social brasileiro e ainda, reforçam a imagem construída dos cavaleiros da Idade Média. Qualidades como a disciplina, a lealdade, a opulência, a coragem, a capacidade de liderança e a habilidade na arte da guerra, todas elas ligadas às questões marciais da cavalaria, vão para além destas, eram, sobretudo, uma forma de conduta moral que os distinguiam como categoria social e como arquétipo de valentia e perfeição.

Muito embora a representação que se faz no poema do cavaleiro e por extensão, da cavalaria medieval nos permita uma leitura daquele período, deve-se creditar à literatura uma certa **hipérbole** das características imanentes a essa ordem social. No entanto, é também a literatura que nos fornece uma outra possibilidade de leitura da cavalaria e do cavaleiro. Essa, menos idealizada, fornece-nos elementos que possibilitam desconstruir o imaginário referente ao cavaleiro medieval, humanizando-o ao expor características que estavam em desacordo ao modelo de cavalaria.

Embora fosse função da nobreza empunhar armas no campo de combate e muitas vezes, mediante essa função, se acovardar ante às pelejas, o coteife⁸ foi também alvo do escárnio de jograis e trovadores dos cancioneiros medievais galego-portugueses, como nessa feroz cantiga de D. Afonso X, presente em Lopes,

8 Conforme Lopes e Ferreira *et al* (2011, on-line), é “o cavaleiro vilão”. Portanto, a cavalaria não era composta apenas de cavaleiros provenientes da nobreza.

O genete
pois remete
seu alfaraz corredor
estremece
e esmorece
o coteife com pavor.
 Vi coteifes orpelados
 estar mui mal espantados
 e genetes trosquiados
 corriam-nos arredor;
 tinham-nos mal aficados
 [ca] perdian'a color.
Vi coteifes de gram brio
eno meio do estio
estar tremendo sem frio
ant'os mouros d'Azamor;
e ia-se deles rio
que Auguadalquivir maior.
 Vi eu de coteifes azes,
 com infanções iguazes,
 mui peores ca rapazes;
 e houveram tal pavor,
 que os seus panos d'arrazes
 tornarom doutra color.
Vi coteifes com arminhos,
conhecedores de vinhos,
e rapazes dos martinhos
que nom tragiam senhor
sairom aos mesquinhos,
fezerom tod'o peor.
 Vi coteifes e cochões
 com mui [mais] longos granhões
 que as barvas dos cabrões:
 [e] ao som do atambor
 os deitavam dos arções
 ant'os pees de seu senhor⁹.
Lopes (2002, p. 81).

9 Tradução livre a partir do glossário disponível em: <https://cantigas.fcsh.unl.pt/glossario.asp>.
O genete/quando remete/seu alfaraz corredor/estremece/e esmorece/o coteife com pavor/
vi coteifes orpelados/estarem gravemente espantados/e genetes tosquiados/corriam ao re-
dor/tinham-nos encurralados/que perdiam toda cor//vi coteifes de grande brio/e no meio
do estio/tremerem sem frio/ante os mouros de Azamor/e ia-se deles rio/maior que o Au-
guadalquivir//vi eu uma ala de coteifes/com infanções iguais/muito piores que rapazes/e
tiveram tamanho pavor/que seus panos d'arrás/tornaram-se d'outra cor/vi coteifes com
arminhos/conhecedores de vinhos/e rapazes dos martinhos/que não tinham senhor/sai-
ram infelizes/fazendo muito pior/ vi coteifes e cochões/com mais longos granhões/do que
barbas dos cabrões/a ao som do tambor/desciam dos arções/ante aos pés do seu senhor.

A narrativa de Afonso X constrói uma dinâmica imagem do movimento bélico da Reconquista, compondo um cenário perturbador sobre o comportamento desse grupo da *aristocracia vilã* (Fernandes Marques, 1996, p. 253), ante à violência da guerra e à iminência da morte. Violência e iminência essas corroboradas pela escrita atribuída a Rui de Pina (Sousa, 1989, p. 28), em sua *Crónica do Rei D. Afonso IV*, de Portugal, que relata uma batalha entre cristãos e muçulmanos,

E de todos estes exercytos, dos Christãos e dos Mouros, sayram tantas grytas, com tamtos estromdos de trombetas e atabaques e d outros desvayrados estormentos, que claramente momtanhas e vales tremyam, e parecia que ha cousas todas da tera de seus propyos luguares se movyam e aramcavam, sendo esta batalha tam cruamente fferyda, que has armas e as ervas e as pedras do chão, heram ja todas tuntas em sangue (Citado por Sousa, 1989, p. 29).

A violência das batalhas e da guerra compunha o imaginário do homem medieval, sobretudo, criando um perfil do guerreiro mouro como um agente de crueldade e também de valentia, como atesta a cantiga que, por um lado critica a falta de ação combativa dos coteifes, por outro enaltece a bravura, a destreza e a simplicidade dos cavaleiros muçulmanos, que traziam a cabeça raspada e o rosto escanhoado, conforme o termo *trosquiados*, em detrimento dos cavaleiros cristão *orpelados*, termo utilizado sob a forma de equívoco, que alude tanto à luxuosa indumentária que trajavam, quanto ao uso da barba, “o seu atributo viril” (Fernandes Marques, 1996, p. 257).

Neste escárnio de mestria, composto em sete estrofes, cujo esquema rítmico na primeira estrofe é AABAAB e para as demais AAABAB, o *Rei-Sábio*, achincalha o coteife ou cavaleiro vilão que “estremece” ante à vista do *genete*: segundo Lopes e Ferreira (2011, on-line), provavelmente um guerreiro benimeirim do Marrocos. Estes bravos guerreiros fechavam o cerco contra os cavaleiros-vilãos que esmoreciam e “perdian’a color”. Assim o poeta joga com a premissa da falsa coragem, pois quando o cavaleiro se apresenta permite-se supor uma presença valorosa, como nos versos iniciais: “Vi coteifes orpelados”; “Vi coteifes de gram brio”; “Vi eu de coteifes azes”; “Vi coteifes com arminhos”.

No entanto, na quebra da expectativa, uma vez que se apresentavam exageradamente bem trajados denotando valor é que reside a sátira e o humor, pois os cavaleiros-vilãos, apesar de imponente figura, perdiam a valentia e o controle de suas funções fisiológicas, uma vez que “ia-se deles rio e que os seus panos d’arrazes / tornarom doutra color”, ante as investidas do guerreiro muçulmano. Os versos em destaque encontram, para Graça Lopes (2002, p. 8), o mesmo sentido das expressões populares contemporâneas “mijar de medo” e “borrar as calças”. Ao evidenciar o baixo material e corporal do grupo satirizado, o poeta

suscita o riso, ridicularizando os temerosos com a escatologia incontrolável de seus corpos. Segundo Macedo (2000, p. 146), “os covardes, [...] eram apresentados em traços ridículos durante as batalhas, por vezes chegando a urinar ou defecar”, sendo, portanto, ambos os atos a representação e a materialização do próprio imaginário sobre a covardia.

A constatação desse quadro, como afirma Bakhtin (2013, p. 17), é que ele representa “o rebaixamento, isto é, a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato”. Logo, a cantiga desconstrói o imaginário referente à cavalaria medieval, cuja literatura, seja nas canções de gesta, nas novelas de cavalaria ou nos *lais* de matéria da Bretanha, funda-se na representação de cavaleiros valorosos e destemidos, pois conforme Jean Delumeau (2009, p. 15), “a literatura das crônicas é igualmente inesgotável no que diz respeito ao heroísmo da nobreza e dos príncipes. [...] Apresenta-os como impermeáveis a todo temor”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Delumeau (2009, p. 18) ratifica que “em qualquer época, a exaltação do heroísmo é enganadora: discurso apologético, deixa na sombra um vasto campo da realidade”. Isto é, aquilo que se esconde, uma vez comungado socialmente, desperta o vexatório que não se antepõe diante dos olhos, mas cuja imagem é construída por meio da narrativa da trova, que desvela, objetivando a troça e o riso, os bastidores e a realidade dos campos de combate.

A literatura medieval das cantigas trovadorescas galego-portuguesas de escárnio e de maldizer produzidas entre os séculos XII e XIV, ressaltam as falhas e os vícios praticados por parte da sociedade peninsular ibérica da Idade Média. A figura do cavaleiro, seja ele aristocrático ou vilão, é escarnekida. E por intermédio das composições de trovadores e jograis utilizadas como fonte histórica do complexo sociocultural do medievo cristão, somos informados da ganância, da violência, das práticas pagãs e da covardia em batalha dos cavaleiros integrantes da cavalaria cristã utilizada no processo de reconquista.

É possível perceber que a história e a literatura não são feitas apenas de rupturas, mas de permanências e ressignificações culturais que põem abaixo uma metodologia crente de uma linearidade literária e histórica. Assim, é expressiva a força da literatura que, se por um lado se põe a reforçar uma memória literária de heroísmo, por outro permite a desconstrução do imaginário vigente, de modo que não necessariamente se excluam, mas que se complementem ou oportunizem outras possibilidades de leitura sobre o mesmo tema ou o mesmo período histórico.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2013.
- BLOCH, Marc. **Introdução à história**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais. História e Geografia/ Educação Fundamental**. 3ª ed. Brasília: MEC, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais. História e Geografia/ Educação Fundamental**. 3ª ed. Brasília: MEC, 2006.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 20ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FERNANDES, Geraldo Augusto. O Cancioneiro Geral de Garcia de Resende (1470-1536): festa e teatralidade, um espaço para a exaltação do “eu”. In: COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). **Mirabilia 21** (2015) Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII). Disponível em: <https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/21-09.pdf> Acesso: 14-4-2018.
- FERNANDES MARQUES, Maria Alegria. O povo – a identidade e a diferença no trabalho. In: SERRÃO, Joel; OLIVEIRA MARQUES, A. H. (orgs.). **Nova história de Portugal: do condado portugalense à crise do século XIV**. Lisboa: Editorial Presença, 1996. 252-295.
- FERREIRA, Maria E. Tarracha. **Poesia e prosa medievais**. Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1980.
- FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. In: **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1o sem. 2009. <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3002/1933> Acesso: 04-5-2108.
- HAURÉLIO, Marco. **Breve história da Literatura de Cordel**. São Paulo: Claridade, 2010.
- LOPES, Graça Videira. **Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores e jograis galego-portugueses**. Lisboa: Editorial Estampa, 2002.
- LOPES, Graça Videira; FERREIRA, Manuel Pedro. (2011-). **Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]**. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <http://cantigas.fcs.unl.pt> . Acesso em: 23-03-2016.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Sequência didática para a leitura de cordel em sala de aula. In: **Revista do GELNE**, Natal/RN, Vol. 14 Número Especial: 153-172. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9388> Acesso:30-1-2018.

MACEDO, José Rivair. **Riso, cultura e sociedade na Idade Média**. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS / Editora Unesp, 2000.

MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no Ensino de História. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Allysson Viana. De Virgulino a Lampião: guerras de memórias nos filmes sobre o cangaceiro mais famoso do Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia** (RBHM) - v.3, n.2, jul./2014 - dez./2014 - ISSN 2238-5126. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4145/2461> Acesso em: 21-12-2017.

OSAKABE, Haquira; FREDERICO, Enid Yatsuda. **Literatura**. Orientações curriculares do ensino médio. Brasília: MEC/ SEB/ DPPEM, 2004.

PONTES, Roberto. **Poesia insubmissa afrobrasílusa**. Fortaleza: EUFC, Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1999.

RENNÓ, Adriana de Campos. **Violando as regras**: uma (re)leitura de Domingos Caldas Barbosa. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997, pp.55-66.

SILVA, Andréia C. L. Frazão da. O ensino de história medieval como tema de reflexão em disciplina obrigatória do curso de graduação em História: relato de uma experiência. **Revista História Hoje**, vol. 2, nº 4, 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/100-225-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/100-225-1-PB%20(1).pdf) Acesso: 03-6-2018.

SOLER, Luís. **As raízes árabes na tradição poético-musical do sertão nordestino**. Recife: Editora Universitária/UFPE, 1978.

SPINA, Segismundo. **Presença da literatura portuguesa**: era medieval. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974.

SPINA, Segismundo. **A cultura literária medieval**. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.

VILELA, Fernando. **Lampião & Lancelote**: texto e ilustração do autor. São Paulo: Cosac Naif, 2006.



BIBLIOTECA COMUNITÁRIA ROEDORES DE LIVROS EM CEILÂNDIA/DF: FORMAÇÃO DE LEITORES NAS VIAS DA MEMÓRIA

Marina Arantes Santos Vasconcelos¹

Ana Paula Bernardes²

INTRODUÇÃO

*“Como nos sonhos,
atrás das altas portas não há nada,
nem sequer o vazio.
Como nos sonhos,
atrás do rosto que nos contempla não há ninguém.
Anverso sem reverso,
moeda de uma única efigie, as coisas.
Essas misérias são os bens
que o precipitado tempo nos deixa.
Somos nossa memória,
somos esse quimérico museu de formas inconstantes,
essa pilha de espelhos rotos.”*

Jorge Luis Borges *in* Elogio da Sombra (1985).

A universalidade da literatura advém da particularidade de seu traçado. A captura do instante reverbera nas ondas da imaginação e tornam-se memórias, que carregam em si o potencial da cristalização e a oportunidade de eternização. Assim podem ser compreendidas as memórias literárias em relação à experiência leitora. A vivência proporcionada pelo encontro com a leitura literária pode ser transformadora e proporcionar descobertas capazes de estimular o desenvolvimento psíquico e emocional desde as primeiras etapas de escolarização e socialização humanas.

1 Marina Arantes Santos Vasconcelos é Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília e Professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: asvamarina@gmail.com.

2 Ana Paula Bernardes é Graduada em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília, Escritora e Professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: apbernardes70@gmail.com.

Coletiva ou individualmente, a prática da leitura deve ser incentivada em todas as fases da vida. Os ancestrais da cultura ocidental já cultivavam o hábito de contar histórias em rodas de conversa e convívio já desde a formação dos primeiros clãs, formadores de família e sociedades. A oralidade é o ponto de partida da cultura literária, que foi se sedimentando com o desenvolvimento da escrita e a sofisticação dos meios de comunicação. Os registros perpetuados na memória, contudo, permanecem arraigados na experiência dessas formas primitivas de transmissão de crenças e valores.

A necessidade de se forjar mecanismos e ferramentas de armazenamento do conhecimento e dos saberes herdados já desde os povos antigos culminou na construção de estabelecimentos para preservação desse material enriquecedor da cultura humana, que consiste no acúmulo de registros pictóricos e gráficos da vida na Terra, incluindo os primeiros livros, mapas, pinturas, entre outros verdadeiros tesouros artísticos e culturais do gênero humano.

Nesse contexto é que se situam as bibliotecas – autênticos memoriais da ciência e da cultura –, entre as quais citamos a Biblioteca Comunitária de Literatura Infantojuvenil no Shopping Popular de Ceilândia, no Distrito Federal, Brasil, onde é desenvolvido o Projeto Roedores de Livros (PRL), com oficinas de criação e mediação de leitura, a partir do qual são valorizadas as memórias afetivas dos participantes, por meio da leitura de livros que têm o potencial de marcar a infância e a juventude de crianças e adolescentes que frequentam o espaço, assim como se pode perceber como a experiência leitora influencia a criatividade e a imaginação, estimuladas por livros e autores específicos, que influenciam na formação de valores e crenças desses jovens leitores.

Trata-se de um projeto que visa oferecer ferramentas e estratégias que viabilizem o compartilhamento de memórias literárias particulares com outros grupos de pessoas e promovam a conexão entre essas memórias literárias e a literatura como patrimônio cultural.

DESENVOLVIMENTO

O Projeto Roedores de Livros é considerado por Ana Paula Bernardes (2019) como um modo de se estabelecer sintonia com o mundo a partir da literatura. Na condição de mediadores, os desenvolvedores do PRL partilham histórias e colhem os frutos dessas partilhas com o público infantojuvenil. A proposta é a realização da leitura com as crianças, e não para elas. Em um espaço que abriga um acervo com mais de cinco mil livros infantojuvenis, localizado na Torre A do Shopping Popular da Ceilândia (DF), são realizados encontros em que ocorre a mediação de leituras, assim como empréstimos de livros, encontros com escritores, ilustradores, editores, entre outros, de forma voluntária. No gesto da partilha, segundo os idealizadores, adultos e crianças se tornam mais tolerantes, amplificando os afetos, descobrindo-se mais plurais e mais humanos.

Realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC/DF), o Projeto consiste em uma ferramenta de compartilhamento de vivências. O Instituto Roedores de Livros, associação sem fins lucrativos, nasceu como projeto de leitura de 2006, que evoluiu e se consolidou como a Biblioteca Comunitária Roedores de Livros. Nesses 17 anos, a Biblioteca destacou-se na área de livro, leitura e literatura, formando acervo de mais cinco mil livros literários infantojuvenis com qualidade e diversidade. Foi reconhecida no 16º Concurso FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) em “Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil” (2011) e pelo Prêmio “Todos por um Brasil de Leitores” do MinC (2016).

O objetivo do PRL é despertar nas crianças e adolescentes o prazer pela leitura e facilitar o acesso ao livro literário, contribuindo para formar um leitor autônomo, capaz de desenvolver uma leitura crítica do seu mundo, por meio de atividades gratuitas de mediação de leitura e oficinas de arte, encontros com autores e ilustradores, empréstimos de livros, além de formar mediadores de leitura e apoiar a organização de outras bibliotecas.

O Projeto é a razão de existir da Biblioteca, seja com trabalho voluntário, recursos públicos (editais) ou privados (doações). Já foram executados três projetos por meio do Fundo de Apoio à Cultura do Governo do Distrito Federal, com ampliação da oferta dos serviços. Nas palavras da colaboradora Edna Freitas, consoante relato feito para o **Diário dos Roedores de Livros** (Bernardes; Freitas, 2008), em edição datada de 31 de maio de 2008:

Nosso quadro de voluntários efetivos estava somente com 50%: eu e Célio. Ana e Tino continuavam representando os Roedores no 10º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens no Rio de Janeiro. Dessa forma, além de nosso assistente Daniel, escalamos dona Emília e Jardson para nos ajudar. E foram ótimos! Em nosso primeiro momento orientei as crianças a folhearem os livros. Observando o que gostam, enfim, sentindo o livro. Algumas acharam até que tínhamos livros novos. Expliquei a mudança de nosso olhar sobre as coisas, a cada dia. Disse-lhes também que tinha uma surpresa para eles: alguém iria contar uma história. Quem? Quem? Todos perguntaram. Apresentei-lhes dona Emília como a nossa contadora de histórias do dia. Foi aplaudida por todos. Ela contou uma história de “antigamente”, como ela mesma disse. Em intervalos diferentes, acabou contando três histórias. Seguimos escalando quem gostaria de contar alguma história já ouvida anteriormente ou alguma que tenha sido lida por eles nas semanas anteriores. Vitória contou uma história que ouvira de alguém. Deysiane fez uma mediação ótima do livro **O Livro!** Mostrou que quando a mediadora já conhece a história, tudo fica mais claro e gostoso de ouvir. Marcela leu **A Boca do sapo**. Daniel, por sua vez, contou sobre o livro da minhoca (**Tem um cabelo na minha terra**), o mais solicitado nos últimos dias. Fiquei impressionada com a Wanessa e sua leitura de **Deus me ama como sou**. Ela aprendeu direitinho como se faz a mediação. E demonstrou conhecer muito bem o livro escolhido. Célio, inicialmente, entregou um livro a dona Emília que escolheria uma criança para ganhá-lo como prêmio por bom comportamento. Foi a própria dona Emília que ganhou o livro, pela votação da maioria. Depois, Célio tirou mais três livros da “cartola” que premiaram Jardson, Wanessa e Deysiane. Foi uma alegria geral. Com estas demonstrações de puro prazer no ato de ler, senti que estamos no caminho certo. Servimos leitura feito água de beber. E agora, a leitura é-nos ser-vida, também, feito água de beber. Ouvir toda as crianças lerem pelo simples prazer de ler, valeu por tudo. Em **O prazer do texto**, Roland Barthes está muito certo quando nos diz que o texto é um jogo de sedução. Tudo pode acontecer. Aqui, no Roedores de Livros, não temos dúvida de que as crianças foram seduzidas pelo texto. E ler, hoje, é um grande prazer. Valeu! Obrigada Célio, dona Emília, Daniel, Jardson, e todas as crianças que, empenhadamente contribuíram para que o nosso dia de hoje fosse um show de leitura. Wanessa, valeu! Ana e Tino, voltem logo. Nosso efetivo de voluntários é ainda muito pequeno. Sinto que nosso projeto acontece redondo quando estamos os quatro. E quem mais vier será sempre muito bem-vindo. Sempre (Bernardes; Freitas, 2008).

Em execução desde 2006, o Roedores de Livros completou dezesseis anos de existência em 7 de maio de 2022, oferecendo um sarau de aniversário na Biblioteca Comunitária que recebe o nome do Projeto, em Ceilândia/DF. De acordo com as informações divulgadas no *site* oficial, “(...) Teve bolo gostoso, docinhos e salgados, história boa pra criançada, música e poesia para os convidados e muita emoção ao relembrar as muitas histórias desses 16 anos. (...)” (Bernardes; Freitas, 2022).

A Biblioteca é pioneira na adoção dos quatro principais eixos para

fortalecimento das bibliotecas comunitárias: espaço, acervo, mediação e gestão. O espaço é alegre, organizado e versátil, um convite a exploração dos livros, participação nas atividades e leitura. O destaque, como dito, é a mediação de leitura. O PRL é formador de mediadores e utiliza a ação para estimular o interesse pela leitura entre crianças e adolescentes, planejada para promover prazer pela leitura e cultura leitora na comunidade. Finalmente, a gestão, realizada de forma colaborativa, permite visão integrada do planejamento, monitoramento e avaliação dos processos bibliotecários.

É para as crianças e adolescentes do Distrito Federal que a Biblioteca propõe, pela literatura, reflexão sobre as mudanças culturais e sociais, abordando temas como cidadania, direitos humanos, cultura antirracista e valorização das culturas indígena e afro-brasileira. Outra iniciativa é a oferta de recursos de acessibilidade física e comunicacional.

Em **A memória, a história, o esquecimento** (Ricoeur, 2007), o teórico francês defende que é “(...) essencialmente no caminho da recordação e do reconhecimento, esses dois fenômenos mnemônicos maiores de nossa tipologia da lembrança, que nos deparamos com a memória dos outros. (...)” (Ricoeur, 2007, p. 131). Segundo Ricoeur (2007), o termo ‘reconhecimento’ guarda duas perspectivas passíveis de interpretação. Num primeiro plano, remete às contribuições exteriores, voltadas à construção de sentidos a partir de suportes externos; já uma segunda acepção aponta para os apoios internos, extraídos das lembranças individuais e espontâneas. Os estudos sobre a memória coletiva, de modo complementar, levam à constatação de que as lembranças não são dados isolados, uma vez que é no aspecto relacional da mediação que se encontram as ferramentas que conduzem os sujeitos a construir seu arcabouço memorial.

Para Paul Ricoeur (2007), “(...) as lembranças comuns (...) permitem afirmar ‘que, na realidade, nunca estamos sozinhos’ (...) Temos (...) acesso a acontecimentos reconstruídos para nós por outros que não nós. (...) é por seu lugar num conjunto que os outros se definem. (...)” (Ricoeur, 2007, p. 131). Com isso, pode-se depreender que a memória individual sem o olhar do outro tende a cristalizar-se, já que a memória, segundo o citado filósofo contemporâneo (2007), requer apoios exteriores. Nesse sentido, o ato de memória resultaria do conjunto de influências do grupo. A iniciativa de aceitação do outro é que seria, então, individual.

O pensamento filosófico de Paul Ricoeur (2007) notadamente confere sustentação teórica ao Projeto Roedores de Livros, justificando-o academicamente e legitimando seu funcionamento, visto que atesta a eficácia do método desenvolvido, pautado nas relações interpessoais como potencializadoras de conexões advindas da experiência leitora, mediada e voltada à construção de memórias literárias que conferem à literatura o *status* de patrimônio cultural.

Na compreensão de Ana Paula Bernardes (2019), idealizadora e executora do Projeto Roedores de Livros, “Partilhar histórias com as crianças é um dos mais sólidos caminhos para amplificar os afetos, desde que as telas convivam com os livros, e que os adultos estejam juntos com as crianças nesses momentos. Histórias e afetos.” (Bernardes; Freitas, 2019). Indagada sobre o diferencial do projeto, Ana Paula Bernardes (2019) constata:

Há muitos projetos de mediação de leituras e acreditamos que essa ação se dá por múltiplos caminhos que vão ao encontro desse leitor. O Roedores de Livros é apenas mais um deles. O que pode-se destacar (...), no que se refere à leitura com as crianças, é que, embora não haja uma fórmula exata, é preciso fazer desse momento (seja em casa, com seu filho, na hora de dormir; seja na escola, com seus alunos, na sala de leitura; seja num projeto social numa borracharia, num hospital ou embaixo de uma mangueira) um encontro em que além de boas histórias, haja afeto e respeito para com o ouvinte (Bernardes; Freitas, 2019).

Pesquisadores contemporâneos têm atentado para a emergência da memória entre as preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais. Em **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia (Huysen, 2000), o teórico aponta para a evidência de um contraste – o deslocamento do privilégio conferido ao futuro, no começo do séc. XX, para uma volta ao passado. Para Huysen (2000), tal experiência parece ter provocado a necessidade de problematização histórica e fenomenológica sobre o deslocamento provocado na experiência e na sensibilidade do tempo. De acordo com seu pensamento (Huysen, 2000): “O que aí aparece, agora, em grande parte como uma comercialização crescentemente bem-sucedida da memória pela indústria cultural do ocidente, assume uma inflexão política mais explícita em outras partes do mundo.” (Huysen, 2000, p. 14). Em suas palavras (Huysen, 2000):

A minha hipótese é que, também nesta proeminência da mnemo-história, precisa-se da memória e da musealização, juntas, para construir uma proteção contra a obsolescência e o desaparecimento, para combater a nossa profunda ansiedade com a velocidade de mudança e o contínuo encolhimento dos horizontes de tempo e espaço (Huysen, 2000, p. 28).

O teórico (Huysen, 2000) sinaliza que “algo mais deve estar em causa, algo que produz o desejo de privilegiar o passado e que nos faz responder tão favoravelmente aos mercados de memória.” (Huysen, 2000, p. 25). No seu entendimento (Huysen, 2000), “este algo (...) é uma lenta mas palpável transformação da temporalidade nas nossas vidas, provocada pela complexa interseção de mudança tecnológica, mídia de massa e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global.” (Huysen, 2000, p. 25). Segundo Huysen (2000), “por mais dúvida que hoje nos pareça a afirmação de que somos capazes de aprender

com a história, a cultura da memória preenche uma função importante (...) no rastro do impacto da nova mídia na percepção e na sensibilidade humanas.” (Huysen, 2000, p. 25-26).

E neste ponto, é válido refletir a respeito dessa problematização provocada por Huysen (2000), no que tange às mudanças desencadeadas pelo “contínuo encolhimento dos horizontes de tempo e espaço” na vida contemporânea, considerando o papel que pode desempenhar a imaginação e o armazenamento de lembranças a partir da experiência leitora, já desde as primeiras fases da infância, na formação de valores e crenças dos jovens leitores. Para Ana Paula Bernardes (2019):

São as histórias que nos tornam mais humanas. É a partir delas que sabemos como viviam as pessoas no Egito, na Idade Média, como são os costumes na Rússia, como foi a vida e a arte de Leonardo da Vinci, como os indígenas do Xingu pensam, como fazemos a receita de brigadeiro ou do frango com angu e quiabo, por exemplo. Também aprendemos sobre dragões, fadas, duendes. Entramos em contato com sentimentos profundos. Histórias passadas de geração em geração através das reuniões em família ou transmitidas por meio dos livros. No Roedores de Livros, são com os livros que transmitimos essas histórias. Apresentamos o mundo para as crianças. Seja ele real, através dos seus costumes, personagens históricos, o bem e o mal que nos habita; ou seja ele pela fantasia, via fábulas, seres fantásticos e mundos imaginados. O importante de partilhar essas histórias é ajudar na construção desses pequenos leitores em cidadãos mais conscientes do mundo em que vivem. Acreditamos que, com mais leitores críticos, o mundo pode ser melhor para todos (Bernardes; Freitas, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto dos estudos contemporâneos que envolvem Memória e Literatura, o filósofo francês Paul Ricoeur (2007) cita os *Pensamentos*³ de Pascal para desenvolver o conceito de “prestígio da imaginação” (Ricoeur, 2007, p. 282). Segundo o teórico (2007), “(...) O que os famosos *Pensamentos* (...) trazem à baila, são os ‘efeitos’ do imaginário que resumem a expressão ainda não evocada de levar a crer. Tal ‘efeito’ é um efeito de sentido na medida em que é um efeito de força (...)” (Ricoeur, 2007, p. 282). Para dar suporte à sua argumentação, o filósofo contemporâneo (2007) segue explicando que esse efeito:

se trava na relação circular entre substituir e ser considerado como... é o círculo do fazer acreditar. Aqui, o imaginário não designa mais a simples visibilidade do ícone que coloca sob os olhos os acontecimentos e as personagens da narração, mas também uma potência discursiva (Ricoeur, 2007, p. 282-283).

3 Pascal apud Ricoeur (2007).

Importa aqui chamar a atenção para o fato de que, para Ricoeur (2007):

a própria imaginação é uma potência (...) ‘ela leva a acreditar, a duvidar, a negar a razão’; (...) ‘a imaginação dispõe de tudo; faz a beleza, a justiça e a felicidade que é o todo do mundo’. Qual outra potência além da imaginação poderia revestir de prestígio juizes, médicos, pregadores? (Ricoeur, 2007, p. 284).

Consoante o pensamento de Andreas Huyssen (2000):

Se reconhecemos a distância constitutiva entre a realidade e a sua representação em linguagem ou imagem, devemos, em princípio, estar abertos para as muitas possibilidades diferentes de representação do real e de suas memórias. Isto não quer dizer que vale tudo. A qualidade permanece como uma questão a ser decidida caso a caso. Mas a distância semiótica não pode ser encurtada por uma e única representação correta (Huyssen, 2000, p. 22).

Segundo esse raciocínio, a ‘potência discursiva’ é assegurada pela força da própria imaginação, que é dotada do poder de ‘levar a crer’. De acordo com o autor de **A memória, a história, o esquecimento** (2007), “(...) *é aí que a imaginação começa a desempenhar seu papel (...) é a força que se limita pela imaginação (...)*”. (Ricoeur, 2007, p. 284). Trata-se da potencialidade que a imaginação passa a exercer na construção das relações discursivas e textuais. A potencialidade – ou a força – reside no poder, mencionado acima, de ‘levar a crer’, de ‘levar a acreditar’, desencadeado por mecanismos emaranhados, correlacionados e legitimados pela linguagem.

E é seguindo esse ‘fio da meada’ que o Projeto Roedores de Livros vale-se da linguagem – literária, primordialmente – para valorizar a experiência leitora de crianças e jovens e contribuir para a construção de memórias literárias que lhes incentivem a atuar criativamente no cotidiano da família, da escola, das comunidades que frequentam e, destacadamente, da Biblioteca Comunitária onde é desenvolvido o PRL – ponto de partida para a formação de leitores de livros e cidadãos do mundo.

REFERÊNCIAS

- BERNARDES, Ana Paula; FREITAS, Tino. Entrevista concedida por ocasião do lançamento do livro **Tapete Vermelho**. Brasília: Editora do Brasil, 2019.
- BERNARDES, Ana Paula; FREITAS, Tino. **Diário dos Roedores de Livros**. Disponível em: Roedores de Livros, 2008. Acesso em: 29/8/2023.
- BERNARDES, Ana Paula; FREITAS, Tino. **Jornal do Rato Leitor**: Edição Especial. Disponível em: Roedores de Livros: VIDA LONGA AOS ROEDORES: 16 ANOS DE AMOR! EDIÇÃO ESPECIAL DO JORNAL DO RATO LEITOR!, 2022. Acesso em: 29/8/2023.
- BORGES, Jorge Luís. **Elogio da Sombra**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1985.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

EIXO II



LITERATURA E PSICANÁLISE



GARCIA LORCA ENTRE DESEJO E ERÓTICA EM “SONETOS DO AMOR OBSCURO”

Márcia Cristina Maesso¹

Roberto Medina²

Parler d'amour, en effet, on ne fait que ça dans le discours analytique.

Jacques Lacan

*Amor de mis entrañas, viva muerte,
en vano espero tu palabra escrita*

Garcia Lorca

INTRODUÇÃO

Depois de quase 50 anos, na década de 80 do século XX, vem a público o conjunto de onze sonetos, escritos por Federico Garcia Lorca, entre 1935 e 1936, que comporiam o poemário “Jardín de los sonetos”. Garcia Lorca, homem do teatro e da poesia, é fuzilado no início da Guerra Civil espanhola pelas armas totalitárias e franquistas, em 1936. Mataram o homem, mas não conseguiram destruir sua arte universal e andaluza. Os sonetos portam o endereçamento e a expressão de desejo ao outro, seja o leitor, seja o espectador, seja o amado/amante, mediante, segundo a tradição literária, a forma fixa: o soneto. Os poemas de Garcia Lorca, na forma da letra do inconsciente, portam as mais dilacerantes vozes que o desejo e o amor podem evocar na dimensão humana, de maneira altissonante, com recuos no tempo memorial e erótico, mas recriando novos efeitos de linguagem no modo de pensar, de sentir, de agir e, quiçá, de amar em nome de Eros.

Nas edições atuais, na Espanha, no Brasil e no mundo, o poemário lorqueano, que ficou muito tempo apagado e escondido das antologias, se denomina

1 Profa. Doutora. no Programa de Pós-graduação de Psicologia Clínica e Cultura na UnB-DF; e-mail: maessomc@gmail.com.

2 Doutor em Teatro e Literatura pelo Pós-lit-UnB. Atualmente, realiza o doutoramento no Programa de Pós-graduação de Psicologia Clínica e Cultura na UnB-DF, com estágio de Pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RS) e pós-doutorando no Pós-lit-UnB; e-mail: prof.medina@gmail.com.

“Sonetos del amor oscuro”³. Vale nota o significante “oscuro” do título. Seria o amor que não pode se mostrar e dizer seu nome? Aquilo que vem do mais íntimo? Há uma relação entre o corpo textual e o corpo desejante na relação homoerótica? Um amor “oscuro” por ser portador do que nos marca na radicalidade e na impossibilidade expressiva do pulsional? O curioso é que surge um amor múltiplo no campo do desejo em forma literária fixa que se reivindica paradoxal e deslizante na erótica dos temas e das figuras poéticas de Garcia Lorca.

Diante dos olhos do Brasil e da Espanha, os tempos de atraso cultural e de ideologias totalizantes, ser homossexual é um rebaixamento e um medo, em psicanálise, da feminilidade, algo que compõe a todos nós, no nível do inconsciente. Ou seria uma angústia da castração? Garcia Lorca, nascido em 1898, produz com voracidade literária e artística, mas subjaz à pulsão erótica dos encontros amorosos com outros homens. Consolidou-se na dramaturgia e na produção poética, assumindo nos poemas o epíteto de Píndaro: “Torna-te o que tu és”. Não é novidade, na lírica lorqueana, o tema do “amor-paixão”, aquele gerador de angústias, de pequenas alegrias, de aprisionamento amoroso e de tempo de espera.

O poeta lia seus poemas para círculo de amigos, com a alegria e o entusiasmo andaluzes; no entanto, publicar os poemas homoeróticos de amor era tamanha ousadia para os olhos ortodoxos e conservadores naquele tempo de hipocrisia e de exigência cultural de ficar na “obscuridade”. Na prática da letra, as manifestações do inconsciente tomam a mão de Garcia Lorca e armam o seu canto na escrita em arroubos de liberdade e de expressão lírica de notável beleza poética, ao estilo da “Geração espanhola de 27”, cuja voz autoral ecoa até a contemporaneidade.

3 Sugerimos a leitura de: MAURER, Christopher. **Poetry**. In: BONADDIO, Federico (Ed.). *A companion to Federico García Lorca*. Woodbridge: Tamesis Books, 2007, p. 16-38.) “Nos meses anteriores ao seu assassinato pelas tropas franquistas, durante os primeiros dias da Guerra Civil Espanhola, Lorca estava trabalhando em uma coleção de sonetos, “Jardín de los sonetos”, que reuniria alguns dos muitos que havia redigido ao longo de sua vida, um sinal de uma tendência na poesia espanhola que Lorca descreveu como um regresso às “formas tradicionais, depois de um amplo e ensolarado passeio pela liberdade da métrica e da rima”. A sequência mais importante dessa obra acabou por ser intitulada “Sonetos do amor obscuro”, uma coleção de onze sonetos homoeróticos de amor, escritos em 1935 e inspirados por Rafael Rodríguez Rapún, o jovem estudante de engenharia que havia trabalhado como assistente de Lorca em La Barraca. Alguns desses sonetos se encontram mais revisados e polidos do que outros, embora todos tenham sido incorporados ávida e indiscriminadamente ao cânone da obra, após a publicação póstuma da sequência em uma edição pirateada, em 1983, seguida da primeira publicação oficial no jornal ABC, de Madri. A versão final – se é que alguma vez Lorca tenha preparado um rascunho que considerasse final – perdeu-se. É triste que os dois trabalhos de Lorca que lidam mais ousada e diretamente com o homoerotismo existam hoje apenas em versões “inacabadas”, e que alguns dos amigos mais próximos de Lorca optaram por não publicar versões completas das cartas que ele lhes escreveu. (MAURER, 2007, p. 37)

A OBSCURIDADE DESEJANTE E A VOZ POEMÁTICA

García Lorca deu voz à relação de corpos nos enlevos místicos e nos recursos expressivos surrealistas, fraturando a lógica associativa e deslizando a posição estável de um possível “eu”. Nos sonetos, vem a ressaca de todo um vivido, metamorfoseado em matéria poética: amor, angústia, ódio, indiferença e destruição das fronteiras individuais. Na tradução de William Agel de Mello, de 2012, “Sonetos do amor obscuro e Divã do Tmarit”, edição bilingue, seguiremos adotando como referência para este trabalho, apesar de cotejarmos também com antologia “Federico Garcia Lorca: obra poética completa”, de 1996, trabalho tradutório de mesma lavra.

A fim de cercarmos a temática mestra de Garcia Lorca, o desejo e a erótica em sua poesia, o seguinte soneto será nosso ponto de abertura na investigação: “El amor duerme en el pecho de poeta” (2012, p. 32-33). No traço da letra lorqueana, fica franqueada a posição homoerótica para se ler o conjunto dos poemas nos dois versos a seguir:

“Tú nunca entenderás lo que te quiero porque duermes en mí y estás dormido”

A voz poemática enceta um endereçamento para outro homem que na forma de “amor” ou Eros encontra-se apoiado no peitoral do eu lírico, o qual se dirige ao “Tu”, alertando sobre a impossibilidade de um saber totalizante, pois “o quanto te quero” é fugidio, assim como o desejo que se caracteriza e se irmana à imaginação e ao horror. A imaginação aqui seria secundária à imagem. O que o metonímico “peito” vem atualizar são as marcas de passagem sobre o corpo e a presença de uma ausência. Sabemos, com dor, que do amor nem tudo pode ser dito, apesar de podermos amar no nível do discurso, ou seja, da linguagem. Há uma relação paradoxal entre pensamento, imagem, desejo e alucinação. As forças pulsionais reunidas nesse afeto amoroso se sinalizam e fogem em “e estás adormecido”.

Além do declarado “tu” ser masculino, de acordo com Ian Gibson (2009, p. 19-20)⁴, somos informados do estado de sono, o qual se transporta,

4 GIBSON, Ian. “Caballo azul de mi locura”. **Lorca y el mundo gay**. Barcelona, Planeta, 2009, na p. 30: “Dos años antes —concretamente el 26 de abril de 1982—, Vicente Aleixandre me había concedido una entrevista. Le pregunté por los Sonetos del amor oscuro. Me permitió grabar la conversación. Me dijo que el amor oscuro, en el concepto de Lorca, «era el amor de la difícil pasión, de la pasión maltrecha, de la pasión oscura y dolorosa, no correspondida o mal vivida, pero no quería decir específicamente que era el amor homosexual. Eso de oscuro puede aplicarse a cualquier clase de amor amor. Nunca él me dijo “ese es esto”; no, no, no me dijo nada, era el amor doloroso, el amor con un puñal en el pecho... oscuro por el siniestro destino del amor sin destino, sin futuro». Con todo, Aleixandre no dudó en decirme a continuación que los sonetos fueron inspirados por una persona concreta, por supuesto masculina, a quien no se creía con derecho a identificar. Y siguió: «Ya no existe el tipo de prejuicios que existían antes. Hay que aceptar al hombre entero. ¿Qué importa eso?» Parece seguro, pese a las reticencias de Aleixandre, que para Lorca el adjetivo oscuro, referido al amor, sí tenía un claro matiz homosexual.”

possivelmente, para o estado onírico. Na mesma estrofe, o “eu lírico” insiste em o ocultar mediante o choro ao ser “perseguido por uma voz de penetrante aço”. A partir do significante “aço”, parece-nos que o que se procura tem de ficar em estado de refúgio, pois a presença total corre riscos de esfacelamento. Na proposição lacaniana, a falta está sustentando o desejo⁵. Nem tudo se pode esclarecer no amor ou para os amantes.

É válido notar que a voz é sempre produto de um corpo que fala. É o objeto da pulsão invocante. Essa voz que ameaça parece portar o impedimento da satisfação do desejo e a irrealização do prazer. Isso enfraquece os afetos que poderiam estar ativos como potência de pensar, de agir e de amar totalmente. O eu lírico denuncia que porta um “peito dolorido” e que as palavras que chegam ao amado são “turbas”, as quais “têm mordido as asas de teu espírito severo”. Ficam assinaladas as posições de perturbação causadoras de instabilidade e de perda de intensidade no amante. Mas, ao mencionar “teu espírito severo”, a voz poemática se volta para algo que escapa e que liga os amantes, tentativa de desafiar o obscuro dessa ligação que afeta os corpos desejantes, buscando plenitude e repouso. Querer-se a completude, mas isso está na ordem do impossível. Voltamos ao desafio lacaniano: a falta nos constitui.

Se o “amor obscuro” equivale ao amor homossexual, não se pode deixar de considerar, inclusive, os traços de amor difícil, desesperado e torturado (GIBSON, 2009, p. 22). Abre-se, sobremaneira, a concepção cósmica do amor: o amor por ser amor, sem adjetivações. Mesmo que por tempos se tenha omitido publicamente que Garcia Lorca era gay, como um tabu familiar e no conservadorismo espanhol, incontestavelmente, existem imbricações entre sua vida, obra poética e dramaturgica e seu cruel assassinato em 1936. Ao nos depararmos com questões sobre sexualidade e sexo, de modo fatal, vamos nos deparar como campo de algo errático, opaco e obscuro nas subjetividades por conta dos aspectos biográficos, históricos e sociais. O rastro das ideologias forja o espírito do tempo e da época da escritura de Garcia Lorca, dando mostras de uma “moral sexual civilizada”.

5 Pulsão invocante: Para Jean-Michel Vivès (2009, p. 330): “Penso que, a partir desse ponto, podemos levantar a hipótese de que a dinâmica do tratamento, no que concerne à pulsão invocante, é caracterizada por uma modificação do lugar do sujeito no circuito da invocação. De fato, ao longo do tratamento, o sujeito que viveu até então, seja submetido ao apelo incondicional do Outro, seja tendo falhado a esse apelo, se descobre igualmente apelante e, conseqüentemente, desejante. Desse modo, ele entra em uma dinâmica de invocação. Invocação que implica, simultaneamente, o reconhecimento do Outro e de sua falta, que essa ausência na presença seja significável, permanecendo ao mesmo tempo irreduzível, é o que Lacan propõe cernir no enigmático S (A barrado), significante da ausência na presença.” Sugerimos ler: VIVÈS, Jean-Michel. Para introduzir a questão da pulsão invocante. In: **Revista latino-americana de psicopatologia fundamental**, volume 12 (2), junho, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rllpf/a/LXG4qQWF8Mx-qmJhnyMWhRxl/abstract/?lang=pt>. Acessado em mai, 2022.

Apresenta-se a ilogicidade dos corpos desejan-tes em contraposição ao preço a se pagar à cultura que manda no desejo dos indivíduos, causando mal-estar e altas taxas libidinais, mesmo sabendo que toda satisfação pulsional, mesmo pagando seu vintém, exige uma parcela na realidade concreta. Muitos tiranos querem corpos dóceis e não desejan-tes, ao ignorar que o inconsciente não é marcado pelo simples traço biológico de homem ou de mulher, como uma “ignorância erudita”.⁶

A natureza do desejo é desejar. Isso equivale a afirmar que todos procuramos a natureza da libido, a descoberta de nós mesmos e a experiência erótica com o outro como forma de satisfação e de gozo. Freud já havia previsto isso nos primórdios da Psicanálise ao apresentar um indivíduo na radicalidade do desamparo, sem importar para gêneros, mostrando que estamos à mercê de nossa condição fundamental da constituição subjetiva diante de um outro, que, como nós, também está ao encalço de constituição e construção de laços sociais, apesar de conflituosos e sem garantias. Ou seja, falamos aqui da castração como a incompletude subjetiva que nos determina, sim, nós – os “neuróticos normais”, mesmo com fúria e entusiasmo. Em relação a Garcia Lorca, para a crítica especializada, os amores mais tumultuosos e entusiasmados na vida do poeta espanhol foram Salvador Dalí⁷, Emilio Aladrén e Rafael Rodríguez Rapún. Além de amorosa, constatamos a temática constante no “Sonetos del amor oscuro”: a dor, o desengano, o sofrimento do amor não correspondido e a frustração erótica. Conforme declara Christopher Maurer (2008, p. 16)⁸: “Lorca is a poet of desire, rather than love; of longing, rather than fulfilment.”⁹

O fazer artístico de García Lorca, o lírico e o dramático, cruza sua criação com a metáfora andaluza do “duende”, conforme afirma Roberto Medina (2017)¹⁰:

Para García Lorca, a palavra não é apenas condutora da estética, mas representa também o húmus que forja a matéria que ela faz vibrar. Essa poesia selvagem e magnética transita dos versos para as peças teatrais. O sublime, nesses textos literários, transborda-se de terror e de êxtase, como que direcionado para a morte: evento único e misterioso. Assim como o “duende” está no instintivo humano e precisa do corpo do homem para existir, também na arte enduendada e no “aqui e agora” é que a poesia verdadeira se torna carne selvagem (Medina, 2017).

6 GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

7 GIBSON, Ian. **Lorca-Dalí. El amor que no pudo ser.** Barcelona: DeBolsillo, 2016.

8 BONNADIO, Federico. **A Companion to Federico García Lorca.** Tamisis Books, 2008.

9 Nossa tradução: “Lorca é um poeta do desejo, mais do que do amor; da angústia, em vez da realização.”

10 PÉREZ-LABORDE, Elga, org. **Lorca Total.** Textos sobre a poesia e o teatro de Federico García Lorca aos 80 anos de sua morte comemorada no Brasil – 1898-1936. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

A vitalidade da poesia, a partir desse inconsciente e demoníaco “duende”, para Garcia Lorca, deve vir dos “últimos recantos do sangue”. Nesse sentido, o sangue no interior do corpo é vida, no exterior, pode representar violência e, ao mesmo tempo, seiva erótica. E por que não como experiência de nós mesmos, em plena obscuridade e subjetividade pulsante, numa relação da pulsão de morte e do vazio instaurado pela ausência absoluta do objeto de desejo? O vazio, indicativo da falta, traz das entranhas do sujeito à plasmação da obra poética nos processos sublimatórios da arte. Esse objeto faltante e sem predefinição aponta para a estrutura de furo e de falta no desejo dos homens, numa exterioridade íntima. Conforme Lacan preconiza no Seminário 7 (1986, p. 259-260)¹¹: “Sublimar é elevar o objeto à dignidade da Coisa.” Nesse aspecto, podemos acreditar que os sonetos de amor obscuro de Garcia Lorca formalizam a obscuridade de sua obra para além do nível simbólico. Mas destacamos que jamais é totalmente privada uma experiência “subjetiva”. O significante caduca em alguma parte e diz mais do que pretende no mesmo discurso ou silencia onde deveria construir determinada significância, apenas emite um semidizer, diante do abismo da experiência e do espanto que a vida causa.

Prosseguindo no soneto “El amor duerme en el pecho del poeta”, os tercetos finais são elucidativos dessa busca desesperada:

“Grupo de gente salta en los jardines
esperando tu cuerpo y mi agonía
en caballos de luz y verdes crines.

Pero sigue durmiendo, vida mía.
¡Oye mi sangre rota en los violines!
¡Mira que nos acechan todavía!”

A voz lírica constata a invasão nos jardins como se também o despertasse, já podemos crer que o peito caracteriza um conjunto de afetos. A ambiência é surreal, pois os cavalos utilizados são “de luz e verdes crinas”. A luz, dependendo da intensidade, pode incendiar ou cegar, somando-se o verde desses cavalos, de forte simbolização erótica e fálica, pode sugerir certa juventude ou frescor juvenil, gerando incertezas no nível de beleza e de juventude. A agonia do eu lírico é pura angústia por ter de se pôr em posição de combate por conta dos obstáculos externos e sociais a essa união amorosa.

O amado, por sugestão, deve continuar o sono, uma vez que há um tipo de desposseção da voz lírica ao posicionar o amado como “vida minha”. Eis uma ânsia delirante de os apaixonados se tornarem “um”; isso sempre fica no campo do

¹¹ LACAN, Jacques. **O seminário**, livro 7 – A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

impossível amoroso. Eros não dá conta dessa parte alucinada da paixão. No verso final, “Vê que nos espreitam ainda!”, resta a dúvida dos que amam, pois a completude não se completa, e a falta ronda as palavras e os jardins dos amantes em plenos pedaços de gozo enamorado na linguagem e no sexual. Vale destacar que nosso corpo é nosso último reduto somático e psíquico. Só é possível gozo na carne.

A ERÓTICA ENDUENDADA E DESEJANTE

Os amantes tentam se alienar um no outro, como se fosse possível devorarem-se e passarem a eternidade em autofagia de afetos. O exercício de leitura da lírica, portanto, de uma erótica, gera planos de identificação, extraíndo belezas dos desenganos amorosos. Ian Gibson dá o próprio testemunho: “Me leía sus *Sonetos del amor oscuro*, prodigio de pasión, de entusiasmo, de felicidad, de tormento, puro y ardiente monumento al amor”¹² (GIBSON, 1987, p. 393)¹³. A intensidade da experiência leitora denota a sinceridade poética ao conjunto dos poemas mediante a exposição pura dos afetos e, concomitantemente, o desejo abrasivo do fogo da paixão, no que tem de felicidade e de tormento. Como sabemos, na escritura de Garcia Lorca, o poema se transforma em uma criatura verbal bastante singular.

Na obra de Georges Bataille, “O erotismo” (1957/2014)¹⁴, o autor propõe que o erotismo, como atividade sexual e pulsional, é característica, exclusivamente, humana, diferenciando-se dos demais animais que obedecem a ciclos de reprodução. Nesse sentido, o humano busca uma experiência de gozo erótico, sem que haja nada para legislar sobre a constelação de corpos ou dispositivos para controlar as pulsões, aliando o sagrado e o profano, como nas bacanais dionisiacas em êxtase e entusiasmo. Claro que o gozo é mortífero nessa medida; no entanto, são a lei e a proibição que permitem os atos transgressores, gerando te(n)são entre transgressão e limite.

Na perspectiva de Georges Bataille, o erotismo é a forma humana de sexualidade, no processo psíquico, possui caráter de fabulação, desnaturalizando a sexualidade humana no plano carnal e imediato, mas articulando a euforia e a quebra de limites, num processo de junção entre o mental, o fabulatório e o carnal. O carnal animalesco compreende o sexo no plano do imediatismo e no domínio do silêncio. O erotismo nos transporta para a esfera da liberdade e nos diferencia do controle do trabalho e das interdições. Apesar da abertura e quebra dos limites, o jogo é paradoxal, pois é a lei que dá suporte para o erotismo e que

12 Nossa tradução: “Lia seus *Sonetos do amor obscuro*, prodígio de paixão, de entusiasmo, de felicidade, de tormento, puro e ardente monumento ao amor.”

13 GIBSON, Ian. **Federico García Lorca volumen 2**. Barcelona: Editorial Grijalbo, 1987.

14 BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

abre espaço para a expansão dos limites, vindo a produzir cultura, pensamento e linguagem. Isso pode sinalizar o que vemos em “Sonetos del amor oscuro”: o erotismo dos corpos, o erotismo sagrado e o erotismo dos corações. Se o humano pretende transcender os limites, o erotismo é a aprovação da morte, mediante seus representantes simbólicos, na vida.

Vale nota que a transgressão no gozo erótico é temporária, no anseio de liberdade como traço violento que barra o que apaga, como “a pequena morte” orgasmática, momento especial no processo e na experiência de vida. De acordo com Michel Foucault (2001, p. 33)¹⁵, sobre as barreiras transgressoras do orgiástico, do excesso e do inconsciente em relação à “sexualidade envergonhada”: “sua singularidade dilacerante e ereta, perde-se no espaço que ela assinala com sua soberania e por fim se cala, tendo dado um nome ao obscuro.”

Se há uma erótica nos corpos, ela também se realiza nos versos com extrema força elemental e vital contra o passar do tempo – e da morte – e contra as ameaças de despedaçamento do estado amoroso. Mesmo estando no campo da arte literária, há o limite da palavra, pois nem tudo pode ser dito ou representado. A repetição e a retomada do sintoma da letra insistem em voltar, como se fosse uma goteira subjetiva, pondo em contato o anímico e o corpóreo numa opacidade originária, encoberta na própria sombra da realidade psíquica dando corpo à experiência irrecusável do inconsciente artístico, ao estilo do “infamiliar”¹⁶ proposto por Freud (2019, p. 33): “o infamiliar é uma espécie do que é aterrorizante, que remete ao velho conhecido, há muito íntimo”.

O estranho-familiar traz à escritura o que deveria ter permanecido oculto, como certa inquietante estranheza, por exemplo, na estética e na experiência literária. Ou seja, o repetido é recordado e ganha ressignificação nas formas múltiplas da arte por meio de vitalidade de uma estrutura, no caso de Garcia Lorca, textual no universo simbólico, pois o que deveria ficar escondido e velado se deixa perceber, mesmo na obscuridade, como as partes íntimas do corpo – ou como a ardência do desejo homoerótico. Ambas posições desejantes e sexuais borram as bordas do público e do privado.

Fazem uma espécie de triângulo edípiano: a leitura, os sonetos e os fantasmas do leitor, mediante o olhar-escuta. Parece-nos que coabitam os efeitos do texto no imaginário inconsciente do leitor similar à escuta flutuante e psicanalítica, deixando rastros de deslocamentos provocados em seu próprio desejo. Conforme Joel Birman (2016, p. 86)¹⁷ afirma sobre as pulsões sexuais: “os

15 FOUCAULT, Michel. Prefácio à transgressão. In: **Ditos e escritos**. Vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

16 FREUD, Sigmund. **O infamiliar**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

17 BIRMAN, Joel. **As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico**. 1a. ed., Rio de Janeiro: Best Seller, 2016.

objetos das pulsões sexuais seriam igualmente intercambiáveis e móveis, na medida em que a experiência da satisfação e a obtenção do prazer constituiriam os alvos do imperativo pulsional.”

Mais ainda: o desejo escondido é agora revelado pela tessitura do texto como se a escritura poética refizesse o trajeto do desejo com movimentos e áreas de indeterminação, mesmo sendo ficção, pode se articular no circuito pulsional. Como nos sonetos de Garcia Lorca, o desejo e a erótica atuam e se dissimulam na escritura, buscando a possibilidade de tornar-se no campo das representações o marco das intensidades da união de corpos: algo do esquecimento ou da memória ardente. Daí, a marca indelével é a do desamparo, sempre com a demanda de amor na atividade ou na passividade dos amantes.

TODA DEMANDA É DEMANDA DE AMOR

Dizem que os temas não são escolhidos pelo escritor, mas são a pele do próprio artista. Se observarmos a “Trilogia da terra espanhola” (2022)¹⁸, designada por Luciana Ferrari Montemezzo, as peças trágicas escritas por Garcia Lorca, “Bodas de Sangue” (1933), “Yerma” (1934) e “A Casa de Bernarda Alba” (1936), as personagens lorqueanas estão rodeadas pelas suas circunstâncias e pelos desejos sexuais insatisfeitos, praticamente sob o jugo das interdições e das transgressões. A dramaturgia de Garcia Lorca tem a densidade em amalgamar força poética e dramática num teatro de expressão universal, tanto nos temas quanto no estilo singular de suas tragédias. A pesquisadora e tradutora Luciana Ferrari Montemezzo, ao ressaltar semelhanças e afinidades entre as três peças, afirma (2022, p. 15): “Não só o ambiente é comum – os pequenos vilarejos andaluzes –, mas também os temas relativos às normas sociais e familiares, à solidão humana e ao desejo de liberdade são constantes. [...] há uma série de símbolos que se repetem, com variações de intensidades [...]”

A dramaturgia de Garcia Lorca aponta para os fatos cotidianos e humanos e dá um salto vivo e contestador na realidade estética por meio da recriação artística de “raíces telúricas ‘duende’ o demonio socrático”, circundando os recursos expressivos do fazer poético-dramático entre vida, morte e desejo, este último sempre no campo do impossível e da irrealização. Como acrescenta Rafael Martínez Nadal (1970, p. 133)¹⁹: “El amor para Lorca estará, por propia definición, en contacto inseparable con la muerte: verso y reverso de una misma

18 MONTEMEZZO, Luciana Ferrari. **Trilogia da terra espanhola**/Luciana Montemezzo; traduzido por Luciana Ferrari Montemezzo; ilustrado por Federico Garcia Lorca. Porto Alegre: Bestário/Class, 2022.

19 NADAL, Rafael Martínez. **El público. Amor, teatro y caballos en la obra de Federico Garcia Lorca**. Oxford: The Dolphin Book Co., Ltd, 1970.

realidad, sin posible huida”²⁰. Tanto na lírica quanto na dramaturgia de Garcia Lorca as relações antitéticas permanecem: vida e arte, vida e liberdade, vida e morte – drama poético e poesia dramática. Garcia Lorca soube, em pleno início do século XX, beber nas fontes da tradição e nos experimentalismos vanguardistas, unindo o popular e o erudito, o telúrico e o onírico, o desejo voraz e a indiferença, o erótico e a castração, o místico e o profano, as regras do coração e o peso da ordem social e cultural, renovando a poesia e o teatro espanhóis como atitude vital e vigor artístico-revolucionário.

Nos onze poemas de “Sonetos del amor oscuro”, traços da vida do poeta insistem no fazer poético como simbolização ou como um resto na materialidade da linguagem do semblante ou do simulacro, marcando a causa do desejo no poemário: objeto e sujeito. O mesmo amante faz as vezes de amado e de ser odiado, sendo o amor como significante de identificação e o ódio como significante da rivalidade e de estrangeiridade. O erótico está na extrapolação do mundo homogêneo e do que foge à razão, mediante o interdito e a transgressão da norma requerida pela cultura, apagando as fantasias mais intensas da voz poética dos poemas, estabelecendo a não contenção das pulsões eróticas e subjetivas.

Ou seja, o erótico busca o mundo heterogêneo e a extrapolação dos princípios de utilidade. Na erótica dos amantes de Garcia Lorca, o desejo não se cala frente aos tabus, violando regras e cultura – o gesto poético e erótico arrebatava os sentimentos, como possibilidade de retirada do abismo de risco da morte, mesmo levando o sujeito pelo fascínio mortífero. Na celebração de encontro de corpos de homens, a atividade sexual e a morte provocam a transgressão social e a interdição. Eis a ânsia de plenitude, pois o interdito é sagrado, por ser fruto do fascínio e da angústia desse amor obscuro.

Duas notas importantes: por um lado, para o neurótico, há um “pavor de desejo”, é preciso investimento para que o desejo aconteça; por outro lado, a fantasia é pura insistência, mas existe a impossibilidade de plena realização do desejo, pois acabaria com a estrutura de falta, parte fundante do sujeito. O amor²¹, como paixão imaginária, é a maior invenção humana, por nos endereçarmos ao outro, livrando-nos um pouco do desamparo, ressaltando que só há desejo porque existe falta, incompletude, parte estruturante de todos nós. É o erotismo (a sexualidade pulsional) que nos torna humanos, ao buscarmos certo tipo de prazer e de gozo no lúdico do encontro sexual.

A atividade erótica está presente em todas as experiências de interdição e de transgressão, por tentativa de encontrar o objeto de desejo, isto é, objeto

20 Nossa tradução: “Para Lorca, o amor estará, por definição, em contato inseparável com a morte: verso e reverso da mesma realidade, sem escapatória possível”.

21 Sugerimos a leitura de: FERREIRA, Nadiá Paulo. **A teoria do amor na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

como desejo de fusão ou de destruição. Basta nos lembrarmos dos apaixonados, tentam criar sempre o “um”, mesmo não havendo essa possibilidade – só a morte permite isso. A experiência erótica é arriscar-se e entregar-se parcialmente ao todo, saindo da solidão do ser individual, sabendo que a experiência interior não alcança o outro: a beira do abismo, zona limítrofe. O limite da experiência interior²² é perder-se eroticamente.

Para discutirmos uma erótica no próximo poema de Garcia Lorca, “El poeta pide a su amor que le escriba” (2012, p. 20-21), retomamos as ideias de Georges Bataille acerca do erotismo dos corpos (desejo de físico, desejo carnal, relação sexual efetiva, um corpo que deseja outro corpo), do erotismo dos corações (desejo de fusão, desejo de amar o outro, desejo de autofagia – entrega ao outro e doação do outro para si) e do erotismo sagrado (aqui registramos o essencial: toda experiência erótica é sagrada; experiência entre o eu e o todo, experiência mística e religiosa). Ainda Georges Bataille (2014, p. 91) postula: “De maneira fundamental, é o sagrado o que é objeto de um interdito”. Para elucidar: ao abandonar a autoproteção, como entrega sem limites às finalidades sem fim, o indivíduo experiencia o erótico e o sagrado nas mais variadas vertentes de violação.

Mais uma vez, arte e vida se conjugam na erótica poética de Garcia Lorca, pois toda vida tem como motor uma dor ou um desejo nebuloso. O mistério é alma da essência da poesia. E “mistério” significa que a linguagem só pode indicar, mas jamais nomear, de maneira absoluta, o que desejamos, como se houvesse uma mendicância nos significantes. A poesia lorqueana mostra a impossibilidade de tudo dizer e a infelicidade se fosse possível alcançar essa plenitude.

Como sintoma de escritura, Garcia Lorca trabalha na dramaturgia e na poesia diferentes figuras do desejo: o impulso sexual, o amor homoerótico, desejo de casamento ou maternidade, o anseio por justiça social, o impulso para a realização pessoal a qualquer preço. Sobremodo, o desejo do poeta se firma, através da linguagem literária, para cercar a realidade externa e a mais íntima, como experiência interior e, portanto, erótica, com plena intertextualidade na mística de San Juan de la Cruz, ao poetizar a preparação para o encontro com Deus: “a noite obscura da alma”. Passemos ao soneto “El poeta pide a su amor que le escriba”:

22 Sugerimos a leitura de: BATAILLE, Georges. **A Experiência Interior**, seguida de Método de Meditação e Postscriptum 1953: Suma Ateológica, vol. I. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Amor de mis entrañas, viva muerte,
en vano espero tu palabra escrita
y pienso, con la flor que se marchita,
que si vivo sin mí quiero perderte.

(5) El aire es inmortal. La piedra inerte
mi conoce la sombra ni la evita.
Corazón interior no necesita
la miel helada que la luna vierte.

Pero yo te sufrí. Rasgué mis venas,
(10) tigre y paloma, sobre tu cintura
en duelo de mordiscos y azucenas.

Llena, pues, de palabras mi locura
o déjame vivir en mi serena
noche del alma para siempre oscura.

O poema lorqueano está direcionado a um outro como endereçamento e como demanda, não para um amor geral, mas para o específico e “seu” amado objeto. Essa erótica dos apaixonados impulsiona e os move pela urgência de que o outro tenha algo para uma plenitude que venha a saciar o amante. O mais curioso é que o solicitante trabalha artisticamente com a escrita, e será a escrita do amado que poderá trazer algum traço vivo da demanda de amor. Os amantes são fisgados pelo brilho ou prestígio que se supõe que o outro seja possuidor. Já fica sinalizada a secreciedade no desejo de escrita numa leitura atenta do traço (ou marca de uma presença em ausência) a ser decifrado como velamento mais do que registro, sendo possível perceber a rasura do desejo do “poeta”, isto é, alcançamos uma verdade não toda, pois o velamento é a ocultação da vida erótica real do ato fundador entre os amantes: os corpos que deixaram um trilhamento de Eros um no outro, reforçando a ideia psicanalítica de *Das Ding*²³ (a Coisa)²⁴.

O apelo ou demanda é enviado ao outro que se encontra interiorizado como parte integrante do corpo e da alma, recebendo a condição de oxímoro: “morte viva”. O amor, como demanda, tem um objeto, ou melhor, toda demanda, acima das demandas cotidianas, é sempre de amor, desde a infância. No caso, o amante é objeto de desejo. Lacan, nos “Escritos”, alerta sobre o enigma e a perturbação no desejo do “poeta” (1998, p. 269): “o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro, não tanto porque o outro detenha as chaves

23 Sugerimos ler: Projeto para uma psicologia científica (1895), de Freud, e o **Seminário 7**, de Lacan.

24 *Das Ding* é o que sobra ou fica de fora e deixa uma marca ou um traço que, por sua vez, desenha trilhamentos.

do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro.” A “morte viva”, além de indiciar as pulsões sexuais, põe em xeque o outro como sujeito do suposto saber. Como se minha vida dependesse de algo que tu tens e sabes sobre mim. Ao mesmo tempo, algo que me liga apaixonadamente às tuas pulsões de morte.

Em suma, o “poeta” denuncia a tentativa frustrada do erotismo fusional para ser “um” na relação amorosa. Para que o outro envie a “palavra escrita”, é preciso que haja um desejo de escrita para compor significantes de dizer, nem sempre o que se lê é o que se sente. Daí, há a presença da mascarada de discursos entre o dito e não dito. A minha palavra, de fato, alcança o desejo do outro? Mesmo sabendo que o desejo está sempre à deriva e que não se localiza ou se nomeia, é esquivada em determinado lugar e presença em outro espaço? A angústia amorosa passa a ser um tempo que maltrata e castiga o amante, frustrando-o na expectativa, porque a letra esperada não chega. O que é vivo ganha a face do esgotamento e da destruição com o passar do tempo “com a flor que se murcha”. É preferível abandonar o amado e o desejo por ele a ter de sofrer a despossessão de si mesmo. O eu se despontencializa sem o objeto de amor. Tal como a primeira estrofe do soneto cria ambiência representacional de uma morte em vida e sua insuportabilidade. O sujeito poético está face a face com a radicalidade do vazio.

Na segunda estrofe, os homens estão juntos e separados da natureza. A exemplo do “ar” e da “pedra”, ambos permanecem insensíveis ao que ocorre como turbulência num “coração interior”, metonímia do corpo e dos afetos veiculadores da demanda sem resposta. Esse amante e sofredor afasta a possibilidade da retórica dos românticos em noite enluarada, gozando das delícias como a doçura do encontro amoroso, do qual o mel seria indicial. No entanto, a relação de picada e de ferimento é sutil e silenciosa na metáfora, pois a abelha traz o doce e a dor da ferroadada. As relações amorosas²⁵ e seus desdobramentos, muitas vezes, perversos não eliminam a ideia de que o que o apaixonado busca imaginariamente está no outro, e esse outro, como objeto de amor, deve satisfazer sua demanda de amor; única e somente assim “os atritos do cotidiano” camonianos e do coração ficariam apassentados.

Altos ideais, baixas expectativas no amor-paixão: radical atração – fulminante repulsa. Coisa contrária, não menos arriscado do que o amor-paixão, é o amor-ser como oposição ao amor como aprisionamento do outro. É o ser do outro que está na demanda de amor como dom ativo, mesmo sendo o ser do outro uma instância de fantasia e de ficção. É um além que se pretende amar, além mesmo do objeto amado. Esse outro amado. Esse outro odiado. Esse outro enigmático, onde dorme meu desejo. O ideal é amar em troca do nada por nada.

25 Sugerimos a leitura de: “A palavra na transferência”, no **Seminário 1**, de Jacques Lacan.

Em psicanálise, quando toca a questão do desejo, é o confronto com o vazio para além do apego ao objeto que pode ser ofertado no lugar onde, supostamente, residiria o Bem e o Belo e suas possibilidades de satisfações plenas e de gozo.

A terceira estrofe traz a relação do “poeta” frente ao seu sofrimento e sua angústia sem espaço possível para existir, como violação do real de forma externa e interna, sem barreiras para impedir a avalanche de dores causadas pela ausência e pelo silêncio do amado, sem o outro ficam mudos os significantes para novas buscas. O “poeta” se desespera e diz que “eu te sofri”. O sofrer não é causa do martírio do apaixonado, esse amor já se confunde com a carne do amante e transgredir o último refúgio do demandador: o corpo. Lembramos: o gozo erótico só é possível através do corpo. A falta nada significa quando a fixação totaliza o espaço, sem a menor possibilidade de ventilação; é algo do desejo que move o amante no abismo das “entranhas” amorosas. O ato de rasgar, esfacelar, destruir e comer se equivalem na atitude de automutilação. Se o amor me habita, para destruí-lo, direciono todas a angústia e o ódio na minha própria direção. Ajo em pleno não saber que ignora a neblina das representações do outro em mim. No ritual de destruição e de violência, agrupam-se os significantes “tigre”, “paloma”, “cintura”, “mordiscos”, “açucenas” e “duelo”, como na tauromaquia espanhola, estamos na arena erótica com o toureiro e o touro frente a frente, a morte é tragédia anunciada. O ato sexual é o entrechoque de corpos. Transamos com nossas fantasias por meio do corpo do outro. O bestial e demoníaco nos invade nas mãos e pele, na língua e dentes, nos ouvidos, no cheiro, na bunda, no peito, na vagina e no pênis. Todo o corpo está erotizado para o encontro com a morte, como o gozo extremo; no nível sexual, apenas encontramos “la petite mort” pelo orgasmo.

Com o que sempre resta, pois toda satisfação é parcial, buscamos reencontrar com o amado a primeira grande cena de gratificação, que se preserva no campo do impossível. No final do duelo, nem sempre o toureiro é vencedor na tourada. Desse enfrentamento, podemos, muitas vezes, apenas reter alguns fragmentos dos gestos de mordiscos que resistem ao recalçamento. Parece haver certo tipo de trabalho para que o trauma, vivido passivamente e sem preparação, faça-se algo ativamente experimentado como símbolo do bestial e do demoníaco de um mundo sem sombra e sem crepúsculo, onde o contraditório do amor exista por instantes fugazes e bélicos – na paralisia do tempo da cena sintomática de finitude do ser amante.

Nesse percurso, movidos na leitura interpretativa e flutuante, chegamos à última estrofe dessa erótica languageira e poética de Garcia Lorca. Interpretamos à maneira francesa o final do soneto, como “le coup de grâce”, o tiro de misericórdia. O poeta, em desespero, suplica uma palavra do amante para que possa

dar destino ao seu sofrimento, mesmo antes sabendo que a espera era em vão, porque a força desatinada para o esquecimento se encontra impotente, e o amor sentido tem plasticidade infinita e resiste a ser esquecido ou a ser criado em novos modos de vitalidade em si e no Outro. Como recurso extremo, o “poeta” solicita o transbordamento de palavras que o acalmariam no estado delirante. Mais uma vez pede para se deixar viver, não vive, nem quer viver, necessita da beatitude do outro para a continuidade da própria vida. Eis o erotismo do excesso em plena carne que se mostra à luz da pele do corpo textual. Só desse modo, o fim da vida do “poeta” pode se encontrar em preparação para o encontro místico com o divino por meio de algo que se processa na “noche del alma”. O retorno do desamparo se manifesta enigmático e paradoxal, como o simbólico do erótico – a obscuridade. O título do poema “O poeta pede ao seu amor que lhe escreva” parece ser uma súplica numa carta. Como os corações amorosos sabem: toda carta encontra seu destinatário – um leitor ou o Outro.

O VAZIO COMO FURO E PROLONGAMENTO DA “NOCHE DEL ALMA”

+ 11 - 2: Há muito tempo lidamos com os imperativos e entreves da interpretação, pois quem analisa um texto, um quadro, uma peça teatral, uma vida, um filme diz mais sobre si do que o objeto ou bem cultural que se deixa perceber. Se algo sempre escapa do artista, os intérpretes são incapazes de oferecer sentidos únicos e totalizantes em sua investida interpretativa, porque, mesmo nas ruínas, algo de obscuro permanece indecifrável e pulsante – algo do enigma e dos rumores da linguagem. Freud e Lacan tentaram se manter na linha contra o psicobiografismo em suas análises, mas falharam; esse rateio (*le ratage*) é constituidor de nossa condição humana, mesmo quando estamos nos bosques das artes, da estética, da psicanálise e da filosofia.

Em “Sonetos del amor oscuro”, Garcia Lorca deixa seus traços na cultura espanhola e mundial, com sua poética enduendada: enigmática e fascinante. O “oscuro” vem com luz negra para trepidar o sono do leitor e dos desejos vivos em cada verso. Em sua erótica de arrebatamento, as tensões transformam o amante na coisa amada, o desejado em desejante. Confundem-se o desejo, o desejado e o desejante na obscuridade dos significantes do amor, levando os amantes a atos de loucura dionísica, de arroubos e de mudez além dos não flechados ou indiferentes. Outros pensam que o amor bom só serve para fazer poesia ou filme.

No entanto, mesmo com dor e sofrimento, o significante do amor não escapa das ruas, das telas de cinemas, das clínicas psicanalíticas, dos lençóis, das canções populares e das telas dos computadores e celulares. Esse tema nos fissa e nos rapta, provocando arruaças ou música. Não de modo diferente, a escritura

de Garcia Lorca é radical arrebatamento. Desposseção. Se o inconsciente é estruturado como linguagem, o amor também tem estrutura de ficção, assim como a verdade. Esse impossível que os poemas analisados apontam carrega a impossibilidade que se mostra nas demandas amorosas que sempre exigem, não pedem, e que o outro não consegue atender. A falta é o indicial do próprio desejo. O outro só tem a falta para oferecer, marca de sua singularidade e subjetividade. Nada posso ofertar, pois é só isso que tenho. No grau máximo da erótica, perguntamos: o que podemos fazer com os nossos “nada”?

- 2 + 11 - 1: Para Lacan (2005)²⁶, mesmo o amante se oferecendo em amor, ele terá apenas a falta como apoio para seguir amando. A matemática dos corações é perversa no cálculo amoroso, uma vez que é com mendicância que se ama. Se houvesse plenitude e completude, o amor ficaria enterrado no cemitério do esquecimento. A falta é o motor eletrizante do desejo. Somos sujeitos desejantes quando abraçamos o nada que é o que o outro oferece ou entrega como objeto perdido e que nunca existiu. O espaço da falta – a falha – é o lugar onde nos inscrevemos na relação amorosa, da infância até a morte. Tanto para Freud quanto para Lacan, o sintoma passa a ser saída para o mal-estar produzido pelo objeto de desejo.

Contudo, a maneira como essa saída se estrutura difere para um e outro, sendo que o intercâmbio de posição de amante para a de amado parece ser o signo maior de amor e de desejo, como ensinou Platão, em “O banquete”, no caso dos guerreiros viris Aquiles e Pátroclo, na Guerra de Troia. Eles encenam a metáfora (substituição) do amor como amor de transferência – o amado que segue o amante na morte, não como ato sacrificial, a saber, representam o amor que se encontra na dimensão do que falta ao sujeito em plena erótica desejante. Segundo Elizabete Siqueira (2014, p. 8)²⁷: “da busca de um bem, encontra-se a realização do desejo que não é a posse de um objeto, mas o efeito da emergência à realidade do desejo como tal que goza de desejar.”

Para que desçam as cortinas deste texto e que se acendam as luzes obscuras da experiência interior no palco da erótica lorqueana, invocamos mais um soneto de Garcia Lorca (2012, p. 30-31), pois o corte é necessário, artifício da castração e possibilidade de continuidade no erotismo da vida erótica e desejante, em busca de um objeto preciso e obscuro (em grego, *ágalma*) nos laços com o outro: “¡Ay voz secreta del amor oscuro!”

26 Sugerimos a leitura de: LACAN, Jacques. **O seminário**, livro 10 – A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

27 SIQUEIRA, Elizabete. **A metáfora do amor**. In: Opção Lacaniana online nova série Ano 5, Número 15, novembro 2014. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/A_meta_fora_do_amor.pdf. Acessado em: maio, 2022.

REFERÊNCIAS

- BATAILLE, Georges. **A Experiência Interior, seguida de Método de Meditação e Postscriptum 1953: Suma Ateológica**, vol. I. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- BIRMAN, Joel. **As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico**. 1a. ed., Rio de Janeiro: Best Seller, 2016.
- CRUXÊN, Orlando. **A sublimação. Psicanálise: Passo-a-passo**, n.51. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FERREIRA, Nadiá Paulo. **A teoria do amor na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Prefácio à transgressão**. In: Ditos e escritos. Vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução Ernani Chaves, revisão de tradução Pedro Heliodoro Tavares, revisão técnica Gilson Iannini. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Obras incompletas de Sigmund Freud, v. 4).
- FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- FREUD, Sigmund. **Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados**. Tradução Pedro Heliodoro Tavares, revisão técnica Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Obras incompletas de Sigmund Freud, v. 3).
- FREUD, Sigmund. **O infamiliar**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.
- GIBSON, Ian. **“Caballo azul de mi locura”**. Lorca y el mundo gay. Barcelona, Planeta, 2009.
- GIBSON, Ian. **Federico García Lorca volumen 2**. Barcelona: Editorial Grijalbo, 1987.
- LACAN, Jacques. **O Seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.
- LACAN, Jacques. **O Seminário livro 7: A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 8: A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LORCA, Federico García. **Conferências**. Seleção, tradução e notas: Marcus Mota. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. Série Mneumósi, 2000.

LORCA, Federico García. **Obra poética completa**. Tradução de William Agel de Melo. Brasília (DF): Ed. da UnB; Martins Fontes, 1989.

LORCA, Federico Garcia. **Sonetos do amor obscuro e Divã do Tamarit**. São Paulo: MEDIAfashion, 2012. Coleção Folha – Literatura ibero-americana, v. 2. Tradução de William Agel de Mello.

MAURER, Christopher. **Poetry**. In: BONADDIO, Federico (Ed.). A companion to Federico García Lorca. Woodbridge: Tamesis Books, 2007.

MARTINS, Luiz Renato. **Do Erotismo à parte maldita**, In: NOVAES, Aduato (org.) O Desejo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MEDINA, Roberto. **García Lorca e o duende na criação artístico-literária: Conferências**. In: Pires, V. L.; Knoll, G. F. [Org.]. Linguagens e(m) práticas discursivas: leituras plurais em tempos de pandemia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

MONTEMEZZO, Luciana Ferrari. **Trilogia da terra espanhola**/Luciana Montemeyzzo; traduzido por Luciana Ferrari Montemeyzzo; ilustrado por Federico García Lorca. Porto Alegre: Bestário/Class, 2022.

NADAL, Rafael Martínez. **El público. Amor, teatro y caballos en la obra de Federico García Lorca**. Oxford: The Dolphin Book Co., Ltd, 1970.

PÉREZ-LABORDE, Elga (org.). **Lorca Total. Textos sobre a poesia e o teatro de Federico García Lorca aos 80 anos de sua morte comemorada no Brasil – 1898-1936**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

PLATÃO. **O Banquete**. Tradução, introdução e notas de Anderson de Paula Borges. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.

PORGE, Erik. **La sublimation, une érotique pour la psychanalyse**. Toulouse: Érès, 2018.

RIVERA, Tânia. **Arte e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

RIVERA, Tânia. **O Averso do Imaginário**. Arte Contemporânea e Psicanálise. São Paulo: Cosac Naify. v. 1, 2013.

SIQUEIRA, Elizabete. **A metáfora do amor**. In: Opção Lacaniana online nova série Ano 5, Número 15, novembro 2014. Disponível em: http://www.opcaolacania-na.com.br/pdf/numero_15/A_meta_fora_do_amor.pdf. Acessado em: maio, 2022.

VALAS, Patrick. **As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo**. (Trad. Lucy Magalhães). Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

VIVÈS, Jean-Michel. **Para introduzir a questão da pulsão invocante**. In: Revista latino-americana de psicopatologia fundamental, volume 12 (2), junho, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/LXG4qQWF8Mxqm-JhnyMWhRXL/abstract/?lang=pt>. Acessado em: maio, 2022.



RESSONÂNCIAS E VAZIOS: UM EXAME DAS LACUNAS NAS NARRATIVAS LITERÁRIAS SOBRE O INCONSCIENTE

Eunice Nóbrega Portela¹

INTRODUÇÃO

O estudo do inconsciente humano é complexo e apaixonante, um domínio em que as fronteiras entre a realidade consciente e o mundo interior se entrelaçam de maneira enigmática. Desde os primeiros escritos de Sigmund Freud o conceito do inconsciente tem sido terreno fértil para reflexões profundas sobre a natureza da mente humana. No entanto, à medida que exploramos as vastas paisagens da psicologia da mente, surgem perguntas intrigantes e desafiadoras.

Essas questões, muitas vezes escondidas em entrelinhas das narrativas literárias, podem revelar ressonâncias e vazios na nossa compreensão do inconsciente. Isso ocorre porque narrativas literárias sobre o inconsciente levantam questões que não são totalmente explícitas, mas que têm impactos significativos na maneira como entendemos o conceito de inconsciente.

O conceito de inconsciente na teoria de Sigmund Freud é um dos pilares fundamentais da psicanálise. Ele representa uma parte intrincada e crucial da mente humana, repleta de pensamentos, desejos e memórias, que não estão acessíveis à consciência imediata.

Segundo Freud, o inconsciente é uma parte da mente que contém pensamentos, desejos e memórias reprimidas ou não acessíveis à consciência. Ele acredita que o inconsciente é uma fonte de impulso e motivação para o comportamento humano, e que nossas emoções e comportamentos são influenciados

1 Doutora em Educação com ênfase em Psicologia Social pela Universidade de Brasília. Mestre em Educação. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Neuropsicologia Clínica e Terapia Cognitivo Comportamental. Especialista em Orientação Educacional e Administração Escolar. Graduada em Pedagogia pela Universidade de Brasília. Pós-Doutorado Profissional em Psicanálise. Escritora, Pesquisadora, Palestrante, Consultora Educacional e Empresarial, Docente Universitária; Psicanalista Clínica, Neuropsicóloga. Terapeuta Cognitivo Comportamental- TCC. Presidente do Instituto de Pesquisa, Desenvolvimento e Apoio a Neurodivergentes-IPDAN. E-mail: contato@draeunicenobrega.com.

por essas forças ocultas, de impacto profundo nas ações e emoções.

O inconsciente desempenha papel intrigante e fundamental nas narrativas literárias. Muitos escritores e romancistas, ao longo da história, exploraram as profundezas do inconsciente humano, incorporando conceitos e temas psicanalíticos em suas narrativas.

Este ensaio tem como objetivo examinar lacunas em narrativas literárias sobre o inconsciente, apresentando ressonâncias e vazios encontrados nas obras analisadas. Não há pretensão de se esgotar o assunto, apenas de conduzir a uma reflexão inicial sobre diferentes representações do inconsciente na Literatura. Para isso, exploramos algumas formas como os autores abordam a complexidade do psiquismo humano, destacando elementos simbólicos, metáforas e dispositivos narrativos utilizados para dar voz aos recônditos da mente.

Além disso, analisamos, em certa medida, como tais representações do inconsciente dialogam com teorias psicológicas, enriquecendo a compreensão da *psiquê* humana. Este ensaio, ao lançar luz sobre tema tão fascinante e em constante evolução, convida o leitor a se aproximar deste campo vasto e fértil do inconsciente, por meio da Literatura, cientes de que essa jornada é apenas um ponto de partida que pode levar a investigações futuras e aprofundadas.

DESENVOLVIMENTO

Segundo a teoria psicanalítica de Freud, o inconsciente é uma parte da mente que contém pensamentos, desejos e memórias reprimidas, ou não acessíveis à consciência. Freud acreditava que o inconsciente é a fonte de impulso e motivação do comportamento humano, isto é, que nossas emoções e comportamentos são influenciados por essas relações ocultas existentes entre os atos conscientes. Ele afirma que “o que é ‘inconsciente’ não pode ser motivado pela busca de prazer. Mas ainda assim, não é inerte, agindo incessantemente em cada função mental que conhecemos” (Freud, 1900, 1940, 1996).

Freud (1996) argumenta que o inconsciente é formado por conteúdos reprimidos, constituídos principalmente por impulsos sexuais e agressivos, que foram suprimidos pela sociedade ou pela própria pessoa. Ele também ressalta que as experiências da infância têm papel fundamental na formação do inconsciente, e que traumas e eventos negativos podem se tornar reprimidos e inconscientes, afetando pensamentos e comportamentos.

Conforme Freud, a parte inconsciente da personalidade é depósito dos impulsos e experiências que foram esquecidos ou reprimidos. De lá, eles continuam a exercer influência poderosa sobre o comportamento. Para Freud, o conceito de inconsciente é central para a compreensão da abordagem da mente humana (Freud, 1923, 1940, 1996).

Nessa perspectiva, o inconsciente constitui-se em uma chave para o entendimento de muitos comportamentos e problemas psicológicos humanos. Freud desenvolveu a Psicanálise como um método para explorar e tratar as questões do inconsciente. Ele acreditava que ao trazer conteúdos ocultos para a consciência, as pessoas poderiam resolver conflitos internos e alcançar maior compreensão de si mesmas. Além disso, Sigmund Freud, nas “Cartas a Wilhelm Fliess” (1996) afirma que “o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, e que em sua profundidade repousa o núcleo do nosso ser”.

A Literatura, ao longo da história, tem explorado de maneira magistral, o complexo domínio da mente humana. Essa exploração, muitas vezes, transcende as palavras, criando espaço para ambiguidade e mistério. Dessas lacunas, onde o não dito e o não revelado residem, emergem miríades de narrativas intrigantes e significativas.

RESSONÂNCIAS E VAZIOS

As ressonâncias e vazios encontrados nas narrativas literárias sobre o inconsciente podem ser diversos e intrigantes. Elas podem se manifestar por meio da exploração da psicologia profunda, do estudo da intertextualidade, na variedade de vozes narrativas. Enquanto o vazio se revela na ocultação e na ambiguidade, no silêncio e no esquecimento, na incerteza e no mistério.

Algumas obras literárias mergulham profundamente no inconsciente, revelando camadas obscuras da mente humana, reveladas pelas ressonâncias exploradas pela psicologia profunda. Isso pode ser feito por meio de análise da complexidade dos personagens, como também pelo rico simbolismo do estudo dos sonhos, no acesso a memórias reprimidas. Nesse sentido, no campo da Literatura existem obras que mergulham de forma intensa e profunda no inconsciente humano, explorando camadas abstrusas da mente. Algumas dessas obras serão, a partir de agora, descritas ao longo deste estudo.

No romance existencialista “O Estrangeiro”, Albert Camus (2009) representa o protagonista Meursault como alguém completamente alheio a emoções e impulsos inconscientes. Nesse sentido, a estória retrata a falta de conexão emocional da personagem com o mundo ao redor, e as consequências advindas disso.

Outra obra ilustrativa da exploração do inconsciente humano é “Ulisses”, de James Joyce (1972), obra em que o autor mergulha profundamente na mente de seus personagens, utilizando uma técnica narrativa inovadora conhecida como “monólogo interior”, para explorar os pensamentos, sonhos e memórias dos personagens principais, sobretudo de Leopold Bloom e Stephen Dedalus, revelando suas complexas psicologias.

No clássico romance modernista, James Joyce utiliza, ao longo da prodigiosa narrativa, técnicas de fluxo de consciência e narrativas em terceira pessoa, para explorar perspectivas e experiências de Bloom e Dedalus, enquanto estes percorrem as ruas de Dublin.

Jerome David Salinger (2019) no livro “O Apanhador no Campo de Centeio” mostra o narrador, Holden Caulfield, oferecendo uma visão íntima de sua mente, enquanto luta contra seu descontentamento para com a sociedade e para com suas próprias complexidades emocionais. O livro é considerado um estudo de personagem profundamente psicológico.

Em “A Metamorfose” de Franz Kafka (1997), um conto surrealista, o autor realiza, numa trama permeada de incerteza e mistério, uma profunda exploração do inconsciente e dos sentimentos de alienação. O protagonista, Gregor Samsa, desperta um dia transformado em um inseto, desencadeando uma narrativa que mergulha nas reações psicológicas dele e nas implicações dessa transformação em sua mente.

Em “O Conde de Monte Cristo” de Alexandre Dumas (2017), apesar de ser uma emocionante aventura de capa e espada, a jornada do protagonista Edmond Dantès se desdobra como uma exploração profundamente psicológica, revelando suas motivações inconscientes enquanto busca vingança contra aqueles que o traíram. Esta obra não apenas entretém, mas também mergulha nas complexidades da mente do protagonista.

Nessas obras literárias os autores mergulham nas complexidades do inconsciente humano, explorando pensamentos, emoções e impulsos que muitas vezes estão ocultos na mente de seus personagens. Cada uma delas oferece uma perspectiva única sobre a psicologia profunda e como ela pode ser representada.

Por meio do recurso literário da intertextualidade, as obras muitas vezes aludem a teorias psicológicas, filosóficas ou obras anteriores, que exploram o domínio do inconsciente. Essas conexões têm o poder de aprimorar a compreensão do leitor e estabelecer ligações com seu conhecimento prévio, enriquecendo assim a experiência de leitura.

Por sua vez, Virginia Woolf (1980), em “Mrs. Dalloway”, romance modernista, faz uso extensivo de fluxo de consciência para explorar a mente de sua personagem principal, Clarissa Dalloway. Na obra, Woolf incorpora conceitos freudianos como a interpretação dos sonhos, para revelar complexidades psicológicas de Clarissa.

Nessa obra, ao empregar a técnica narrativa do fluxo de consciência, Woolf que transporta os leitores às mentes dos personagens, proporcionando entendimento detalhado de Clarissa Dalloway e de outros personagens, desvelando suas complexidades psicológicas.

Outro clássico literário que merece destaque é “Hamlet”, de William Shakespeare (1978), autor conhecido por sua capacidade de explorar temas psicológicos em suas tragédias. “Hamlet” embarca em uma jornada emocional tumultuada que levanta questões profundas sobre a mente humana, a sanidade e a moralidade, de impacto duradouro e significativo no campo da psicologia moderna. A obra de Shakespeare continua a ser referência fundamental para a compreensão das complexidades psicológicas do ser humano.

Fiodor Dostoiévski (2001), em “Crime e Castigo”, obra-prima da Literatura russa, explora a psicologia de seu protagonista, Raskolnikov, que comete um assassinato e luta com sua consciência. O autor incorpora elementos filosóficos como o niilismo, para enriquecer a exploração das complexidades da mente humana.

Outra obra ilustrativa e notável quando se trata de explorar a psicologia dos personagens, é “O Som e a Fúria” de William Faulkner (2003), obra que mergulha nas complexidades de uma família disfuncional. Nela, Faulkner adota abordagem narrativa inovadora, ao utilizar diferentes narradores, incluindo um personagem com deficiência intelectual, para nos levar diretamente às mentes dos personagens e suas percepções únicas do mundo.

As ricas referências introduzidas por Faulkner na trama enriquecem sobremaneira a experiência de leitura, permitindo que os leitores explorem a psicologia dos personagens, com seus significados e simbolismos.

O título “O Som e a Fúria” de William Faulkner não está diretamente relacionado a “Macbeth”, de Shakespeare no “solilóquio da futilidade”. Na verdade, Faulkner faz alusão às emoções intensas dos seus personagens, sugerindo que suas vidas são cheias de tumulto e ruído, com significados profundos e complexos.

William Faulkner (2014) também nos presenteia com uma narrativa única em seu clássico “Enquanto Agonizo”. Neste romance, contado através das vozes de 15 personagens diferentes, o autor nos oferece sua própria perspectiva sobre os eventos que se desenrolam durante a jornada da família Bundren para enterrar sua mãe. A diversidade de vozes revela uma ampla gama de percepções e motivações dos personagens, proporcionando uma exploração multifacetada do inconsciente humano. Faulkner nos convida a mergulhar profundamente na psicologia de cada personagem, enriquecendo assim nossa compreensão da complexidade das experiências humanas e das relações familiares.

José Saramago (1995) em “Ensaio sobre a Cegueira”, romance distópico, isto é, que descreve uma sociedade imaginária, geralmente no futuro, caracterizada por condições opressivas, caóticas, totalitárias ou indesejáveis, aborda questões psicológicas e filosóficas em um contexto em que uma epidemia de cegueira súbita afeta a sociedade. Saramago faz referências à filosofia existencialista e à psicologia da percepção para criar uma narrativa rica em significado.

Nesse sentido, percebemos que a Literatura tem a capacidade de empregar uma diversidade de vozes narrativas, em primeira ou terceira pessoa, por meio de narradores oniscientes ou monólogos interiores, a fim de retratar uma ampla gama de perspectivas e vivências do mundo interior e do inconsciente humano, ou seja, a multiplicidade de vozes narrativas na Literatura é uma ferramenta poderosa para representar diferentes perspectivas e experiências do inconsciente.

Trazemos a seguir, outros exemplos de obras literárias que empregam vozes narrativas diversas, para explorar o tema do inconsciente.

“O Sol Também se Levanta” de Ernest Hemingway (2015), é um romance modernista, narrado em primeira pessoa, o personagem Jake Barnes. A narrativa permite ao leitor mergulhar na mente de Jake e experimentar suas lutas emocionais e psicológicas, após ser ferido na Primeira Guerra Mundial.

Essa obra literária demonstra como a escolha da voz narrativa pode ter um impacto significativo na representação das experiências do inconsciente e na construção de personagens complexos. Cada voz narrativa oferece uma janela única para a mente dos personagens, permitindo ao leitor uma compreensão mais profunda de suas psicologias e motivações.

Adentrar nos territórios literários é uma jornada desafiadora, por que precisamos entender como a Literatura usa o vazio como ferramenta narrativa, convidando-nos a explorar o inconsciente humano e a nos confrontar com as incertezas que permeiam nossa existência.

Por meio dessas narrativas, é possível desvendar segredos, medos e desejos que se escondem nas sombras da *psique* humana, lembrando-nos de que, por vezes, são os espaços vazios que mais clamam por nossa atenção e compreensão, pois o vazio pode se manifestar em instâncias tríplexes como: ocultação e ambiguidade; silêncio e esquecimento; ou incerteza e mistério.

Algumas narrativas literárias podem optar por manter o inconsciente oculto e ambíguo, deixando para o leitor a tarefa de decifrar o que está nas entrelinhas. Isso cria vazios deliberados que convidam à interpretação. O inconsciente, frequentemente, lida com memórias reprimidas e traumas.

Algumas narrativas literárias podem escolher representar o vazio deixado pelo que foi esquecido ou reprimido, explorando o impacto disso nas vidas dos personagens. A incerteza e o mistério aparecem nas narrativas quando o inconsciente é retratado como um espaço de mistério e incerteza. Determinados autores podem optar por não fornecer respostas definitivas sobre as questões do inconsciente, criando vazios que desafiam a compreensão do leitor.

A Literatura explora o vazio deixado pelo que foi esquecido ou reprimido, bem como a incerteza e o mistério associados ao inconsciente. Encontramos obras literárias que abordam esses temas primorosamente, como as listadas a seguir.

Scott Fitzgerald (2011) na sua obra “O Grande Gatsby”, romance clássico americano, aborda o tema do esquecimento e do vazio deixados por eventos passados. O protagonista, Jay Gatsby, é assombrado por um amor perdido e vive em busca de um passado idealizado que ele reprimiu e não consegue recuperar.

Marcel Proust (2006) no clássico “Em Busca do Tempo Perdido”, monumental obra de sete volumes, explora a memória e o esquecimento de forma profunda. O narrador, Marcel, busca recuperar memórias perdidas e explorar o impacto do tempo na *psique* humana.

Outro livro que explora o mistério e a ambiguidade da mente de *serial killers* e psicopatas é “O Silêncio dos Inocentes”, de Thomas Harris (2015). Neste *thriller* psicológico, Hannibal Lecter é exemplo notável de um personagem que mantém seus pensamentos e motivos ocultos.

Essas obras literárias destacam como o esquecimento, a repressão, a incerteza e o mistério são temas recorrentes na Literatura, quando se trata de representar o inconsciente e as complexidades da mente humana. Cada uma delas oferece uma visão única desses aspectos, convidando os leitores a explorar o psiquismo humano.

Portanto, ao examinar as ressonâncias e vazios nas narrativas literárias sobre o inconsciente, podemos observar como os escritores exploram a complexidade desse fascinante tema. Eles escolheram amplificar certos aspectos, enquanto deixam outros na obscuridade, criando representações literárias do inconsciente humano.

LACUNAS NA NARRATIVA: O INEFÁVEL E O INCONSCIENTE

Conforme Freud, nas tramas da Literatura, há momentos em que as palavras se tornam insuficientes para capturar a enredamento das experiências humanas e os recantos mais densos da *psiquê*. Essas lacunas na narrativa muitas vezes refletem o encontro entre o inefável, o que não pode ser plenamente expresso em linguagem, e o inconsciente, o reino oculto da mente, que influencia nossos pensamentos e ações. Nesse cruzamento, os escritores revelam o poder da sugestão, do simbolismo e do subtexto, para evocar emoções e compreensões que transcendem as palavras.

A Literatura frequentemente explora momentos em que os personagens enfrentam emoções intensas, experiências transcendentais ou eventos profundos que desafiam a descrição verbal. Esses momentos podem ser marcados por uma sensação de silêncio ou inadequação linguística. Ao evocar o inefável, os escritores convidam os leitores a mergulhar na experiência subjetiva dos personagens, onde a linguagem tradicional não pode penetrar completamente.

As lacunas na narrativa também podem ser entendidas como um eco das influências do inconsciente. O inconsciente, cheio de desejos reprimidos, medos

e memórias esquecidas, muitas vezes não é diretamente acessível à consciência. Em vez disso, ele se manifesta através de símbolos, sonhos e outras formas indiretas. As lacunas na narrativa podem ser interpretadas como representações literárias desse fluxo subterrâneo de pensamentos e emoções.

Para preencher as lacunas entre o inefável e o consciente, os escritores frequentemente recorrem a metáforas e simbolismos. Uma paisagem desolada pode refletir a tristeza profunda de um personagem, enquanto um objeto aparentemente trivial pode ser imbuído de significados mais profundos. Esses elementos simbólicos atuam como pontes entre a experiência interna do personagem e a compreensão do leitor.

As lacunas na narrativa também podem ser deliberadamente deixadas pelos escritores, para permitir que os leitores preencham os espaços em branco com sua própria interpretação. Isso cria uma colaboração entre o escritor e o leitor, momentos em que a imaginação e as experiências pessoais do leitor contribuem para a construção da história. Esse subtexto sutil permite que as narrativas alcancem um nível mais profundo de conexão emocional e intelectual entre ambos.

Portanto, ao examinar as lacunas na narrativa, sob o prisma do inefável e do inconsciente, somos lembrados de que a Literatura é arte que vai além das palavras, ao explorar as complexidades da experiência humana, de formas que, muitas vezes, não podem ser plenamente expressas. Essas lacunas nos convidam a mergulhar na subjetividade dos personagens, a explorar fluxos do inconsciente e a encontrar significados nas entrelinhas, onde a linguagem tradicional cede espaço ao poder do simbolismo e da sugestão.

A Literatura, como espelho da complexidade humana, muitas vezes utiliza o que não é dito ou explícito na narrativa para revelar os cantos sombrios e as profundezas ocultas da mente. O silêncio literário pode ser um meio poderoso de representar pensamentos reprimidos, emoções não expressas e conflitos internos, nesse sentido, ecoa a teoria psicanalítica de que as camadas mais profundas da psique muitas vezes permanecem ocultas ao exame superficial.

Quando um autor escolhe omitir informações ou deixar lacunas na narrativa, os leitores são desafiados a preencher esses espaços com suas próprias interpretações. Esses subtextos, muitas vezes representando pensamentos não compartilhados ou sentimentos subterrâneos, podem espelhar as partes não exploradas da *psique* humana. Da mesma forma que o inconsciente influi nas ações e emoções, o subtexto literário revela motivações subjacentes dos personagens.

O silêncio na narrativa literária, frequentemente, reflete a repressão e os mecanismos de defesa da *psiquê*. Personagens que evitam falar sobre um determinado assunto podem estar refletindo um esforço inconsciente para evitar

memórias traumáticas ou emoções desconfortáveis. O silêncio pode ser uma manifestação literária da repressão psicanalítica, onde o que não é dito, é tão revelador quanto o que é dito.

Muitas vezes, os personagens literários enfrentam dilemas internos, em que suas ações não correspondem às verdadeiras intenções. Esses conflitos internos são refletidos no que não é dito - nas hesitações, nas palavras não ditas e nas escolhas ambíguas. Esses momentos literários nos lembram que o silêncio pode ser uma expressão dos conflitos e das tensões internas que ocorrem dentro de cada indivíduo.

A Literatura frequentemente busca transmitir a riqueza das experiências emocionais humanas, mesmo quando as palavras são insuficientes. O subtexto emocional é um terreno fértil onde os sentimentos não expressos encontram sua voz. Personagens que escondem suas verdadeiras emoções podem ser reflexos das complexidades do inconsciente, onde desejos e medos se entrelaçam.

Ao olharmos para o que não é dito ou explícito na narrativa literária, somos lembrados de que as palavras são apenas a superfície da experiência humana. A psicanálise nos ensina que há muito mais acontecendo na mente do que podemos ver ou ouvir diretamente. A Literatura, com sua capacidade única de explorar a complexidade humana, nos convida a ler nas entrelinhas, nos subtextos e nos silêncios para descobrir os aspectos ocultos da mente e da *psique* que moldam as vidas dos personagens e, por extensão, a nossa própria compreensão do ser humano.

A Literatura tem o poder único de capturar a complexidade da experiência humana de maneira que muitas vezes não pode ser adequadamente expressa por palavras simples. Na perspectiva psicanalítica, a habilidade da Literatura em abordar nuances da *psique* humana, é fundamental para a compreensão dos desejos, conflitos e emoções complexas, que muitas vezes permanecem ocultos sob a superfície (Freud, 1930,1996; 1927, 1996).

Na Literatura frequentemente são utilizados simbolismo e subtexto para transmitir nuances emocionais e psicológicas que não podem ser facilmente descritas. A perspectiva psicanalítica enxerga esses elementos literários como reflexos das operações do inconsciente. Assim como os sonhos são repletos de símbolos que revelam desejos reprimidos, os símbolos literários podem aludir a emoções e conflitos profundos que os personagens e os leitores podem não estar conscientemente cientes (Freud,1900,1996).

A Literatura, frequentemente, mergulha nas motivações ocultas dos personagens, desvendando os fatores inconscientes que impulsionam suas ações. A perspectiva psicanalítica ressalta a importância das motivações inconscientes na compreensão da psicologia humana. Ao explorar os desejos reprimidos,

traumas não resolvidos e conflitos internos dos personagens, a Literatura oferece um vislumbre das forças subjacentes que moldam a experiência humana (Freud, 1940, 1996).

As complexidades das relações humanas muitas vezes não podem ser plenamente compreendidas através de interações superficiais. A Literatura nos permite adentrar nos diálogos internos dos personagens e nos processos mentais que influenciam suas interações. A perspectiva psicanalítica enfatiza a influência do inconsciente nas relações interpessoais e na maneira como os desejos e as emoções inconscientes podem moldar as dinâmicas complexas entre as pessoas (Freud, 1940, 1996, 1930, 1996).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No vasto universo da Literatura, as narrativas sobre o inconsciente ecoam como uma sinfonia de ressonâncias e vazios. O estudo dessas lacunas revela um terreno fértil para a exploração da complexidade e da mente humana, onde as palavras muitas vezes falham em capturar a totalidade da experiência. Conforme mergulhamos nas profundezas das narrativas literárias sobre o inconsciente, somos lembrados de que, assim como na vida, há mistérios que resistem a explicações e segredos, e que permanecem ocultos nas sombras.

No entanto, é precisamente nesse terreno de ressonâncias e vazios, que encontramos espaço para a reflexão, a interpretação pessoal e a conexão com os temas universais da condição humana. Portanto, que continuemos a explorar essas narrativas, cientes de que, mesmo nas lacunas, encontramos o potencial para compreensão mais profunda e apreciação mais rica do que significa ser humano.

A Literatura é um meio eficaz de desvelar conflitos internos que muitas vezes permanecem escondidos sob a fachada social. Personagens literários frequentemente lutam com dilemas morais, traumas passados e emoções contraditórias. A perspectiva psicanalítica vê esses conflitos internos como manifestações da luta entre os impulsos conscientes e os conteúdos inconscientes.

Ao mergulhar nas narrativas literárias, os leitores são convidados a uma introspecção profunda, semelhante à análise psicanalítica. Ao testemunhar as jornadas emocionais e psicológicas dos diferentes personagens, os leitores são desafiados a refletir sobre suas próprias experiências e emoções. Isso espelha a natureza da terapia psicanalítica, que busca trazer à luz as complexidades do inconsciente para promover a autoconsciência e a cura.

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. tradução de Valerie Rumjanek. - 30ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2009. 126p.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor Mikhailovitch. **Crime e Castigo**. São Paulo: 34, 2001.

DUMAS, Alexandre. **O Conde de Monte Cristo**. trad., notas Alexandra Maria Matos de Amara Maria Ribeiro, Rute Mota. - Lisboa : Relógio d'Água, 2017.

FAULKNER. William, **O Som e a Fúria** - Editora Cosac Naify, 2003.

FAULKNER, William. **Enquanto Agonizo**; tradução de Wladir Dupont. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.

FITZGERALD, Scott. **O Grande Gatsby**. Bárbara, Vanessa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Esboço de psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. O Inconsciente** (1915) vol. XIV. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Volume VIII da edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **A dissolução do complexo de Édipo**. In: Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol.19, pp. 193-199, 1924). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Caráter e erotismo anal**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Fragmento da análise de um caso de histeria**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess** - carta 69.

Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HARRIS, Thomas. **O Silêncio dos Inocentes**. Tradução de Antônio Gonçalves Penna. 12ª edição. Rio de Janeiro. BestBolso, 2015.

HEMINGWAY, Ernest. **O sol também se levanta**. Tradução de Berenice Xavier. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

JOYCE, James. **Ulysses**” Londres / Oxford / Melbourne: Oxford University Press, 1972.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução e posfácio Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. No caminho de Swann. São Paulo: Globo, 2006.

SALINGER, Jerome David. O apanhador no campo de centeio. Kindle.Amazon,2019.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet, príncipe da Dinamarca**. In: Shakespeare – tragédias, vol. I. Trad. de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.



PROFUNDEZAS DA ALMA REVELADAS: UMA EXPLORAÇÃO PSICANALÍTICA DA COMPLEXIDADE HUMANA NA LITERATURA

Eunice Nóbrega Portela¹

INTRODUÇÃO

A psicanálise, uma abordagem inovadora e provocativa para compreender a mente humana, encontra terreno fértil na Literatura, onde os labirintos da *psique* são meticulosamente traçados. Neste ensaio, mergulharemos nas profundezas da alma humana por meio das lentes da psicanálise Freudiana, explorando como essa teoria revela nuances, conflitos e mistérios nos personagens literários e em suas narrativas. À medida que sondamos as camadas ocultas das mentes fictícias, desvendamos também as complexidades da nossa própria natureza humana.

A psicanálise é uma teoria complexa que busca compreender a *psique* humana, investigando os processos mentais, as emoções, os comportamentos e os conflitos internos que influenciam o indivíduo. Desenvolvida por Sigmund Freud no final do século XIX, a psicanálise revolucionou a maneira como entendemos a mente e teve um profundo impacto na psicologia, na psiquiatria e em diversas áreas das ciências humanas.

A principal premissa da psicanálise é que grande parte do funcionamento mental ocorre no nível inconsciente, ou seja, aspectos dos pensamentos, desejos e traumas são reprimidos e não estão acessíveis à consciência do indivíduo. Esses elementos inconscientes podem, no entanto, influenciar fortemente o comportamento, os relacionamentos e as escolhas pessoais.

1 Doutora em Educação com ênfase em Psicologia Social pela Universidade de Brasília. Mestre em Educação. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Neuropsicologia Clínica e Terapia Cognitivo Comportamental. Especialista em Orientação Educacional e Administração Escolar. Graduada em Pedagogia pela Universidade de Brasília. Pós-Doutorado Profissional em Psicanálise. Escritora, Pesquisadora, Palestrante, Consultora Educacional e Empresarial, Docente Universitária; Psicanalista Clínica, Neuropsicóloga. Terapeuta Cognitivo Comportamental- TCC. Presidente do Instituto de Pesquisa, Desenvolvimento e Apoio a Neurodivergentes-IPDAN. E-mail: contato@draeunicenobrega.com.

Antes de adentrarmos nos labirintos da *psique* nas narrativas literárias, vamos aquecer nossa memória sobre alguns conceitos fundamentais da psicanálise que ajudará a desvendar as nuances da teoria psicanalítica nas obras literárias.

A principal premissa da psicanálise é que grande parte do funcionamento mental ocorre no nível inconsciente, ou seja, aspectos dos pensamentos, desejos e traumas são reprimidos e não estão acessíveis à consciência do indivíduo. Esses elementos inconscientes podem, no entanto, influenciar fortemente o comportamento, os relacionamentos e as escolhas pessoais.

Para Sigmund Freud, o inconsciente é uma parte da mente que contém pensamentos, desejos e memórias reprimidas ou não acessíveis à consciência. Ele acreditava que o inconsciente é uma fonte de impulso e motivação para o comportamento humano e que nossas emoções e comportamentos são influenciados por essas forças ocultas e têm impacto profundo nas ações e nas emoções (Freud, 1900/1996).

Na concepção psicanalítica “o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua profundidade repousa o núcleo do nosso ser”, relatou o autor em “Carta a Wilhelm Fliess” (1895). Em outra obra “Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise” Freud afirma que “não há realidade psíquica que não seja também subjetiva” (Freud, 1897/1996).

Embora o inconsciente ocupe lugar central da teoria psicanalítica, outros conceitos permeiam os meandros que a fundamenta: a psicanálise explora os desejos e conflitos internos, muitas vezes inconscientes, que podem causar angústia mental e influenciar o comportamento; os mecanismos psicológicos inconscientes que as pessoas usam para lidar com pensamentos e sentimentos ameaçadores ou perturbadores, como a repressão, a negação e a projeção (Freud, 1940/1996).

O Complexo de Édipo é um conceito central que descreve os sentimentos de atração e rivalidade de uma criança em relação aos pais, influenciando o desenvolvimento da personalidade e dos relacionamentos. Enquanto a Transferência e Contratransferência são descritos como processos em que os sentimentos e experiências inconscientes do paciente são transferidos para o terapeuta (transferência) e vice-versa (contratransferência), influenciando a dinâmica terapêutica (Freud, 1924b/1996).

A interpretação dos sonhos é uma ferramenta importante na psicanálise para acessar conteúdos inconscientes e *insights* sobre a *psique* do indivíduo. No pressuposto da terapia psicanalítica busca trazer à consciência conteúdos reprimidos, promovendo a compreensão e a resolução de conflitos, e assim possibilitar o crescimento pessoal e a mudança (Freud, 1900/1996; 1908a).

A psicanálise acredita que a mente é composta por forças em conflito. Desejos inconscientes podem entrar em conflito com normas sociais, valores pessoais e outros aspectos da personalidade, resultando em tensões e angústias. A teoria psicanalítica freudiana postula que o desenvolvimento humano passa por estágios psicosssexuais (oral, anal, fálico, latência e genital), nos quais as experiências e os conflitos da infância influenciam a personalidade adulta (Freud, 1905/1996).

Na abordagem psicanalítica freudiana, os “Mecanismos de Defesa” são estratégias psicológicas inconscientes que a mente utiliza para lidar com conflitos internos, ansiedades e emoções perturbadoras. Esses mecanismos ajudam a reduzir a ansiedade e proteger o ego (a parte da mente consciente que lida com a realidade) do impacto emocional desses conflitos. É importante ressaltar que esses mecanismos de defesa são processos inconscientes e podem ser adaptativos em certas situações (Freud, 1923b/1996).

A teoria psicanalítica enfatiza a influência das relações familiares e das primeiras experiências na formação da personalidade. Traços de relacionamentos parentais podem ser transferidos para relacionamentos posteriores. Pressupõe que os comportamentos humanos são determinados por forças psíquicas, muitas vezes desconhecidas. Isso vai contra a ideia de livre arbítrio absoluto. A psicanálise também envolve a terapia psicanalítica, na qual o paciente explora o inconsciente por meio de conversas regulares com um terapeuta. A relação terapêutica e a análise das transferências são aspectos importantes deste processo (Freud, 1938/40; 1996).

Revisitar esses conceitos fundamentais traz à memória não somente a construção teórica freudiana, como também a sua importância. A psicanálise influenciou uma série de correntes da psicologia e inspirou a pesquisa sobre a mente humana, incluindo a terapia psicanalítica, que utiliza seus princípios para ajudar os indivíduos a explorar seus problemas emocionais e mentais. Apesar das críticas e evoluções ao longo dos anos, a psicanálise continua a ser uma abordagem significativa para a compreensão da *psique* humana e do comportamento e está presente em grandes obras literárias que revisitaremos nessa memória literária.

DESENVOLVIMENTO

No labirinto da mente humana existe um domínio misterioso onde os pensamentos, desejos e memórias se entrelaçam, sem o controle consciente. Esse território é conhecido como o inconsciente, um componente fundamental da teoria psicanalítica de Sigmund Freud. Em seu trabalho seminal “A Interpretação dos Sonhos” (1899), Freud delineou a concepção de que os processos mentais operam em níveis distintos de consciência, lançando as bases para a exploração posterior das profundezas da narrativa interior (Freud, 1907/1996; 1900/2019).

A partir da perspectiva psicanalítica, os pensamentos conscientes representam apenas a ponta visível de um *iceberg*, enquanto as vastas extensões do inconsciente permanecem ocultas. Como Freud expressou, “onde estava o Id, o Ego deve ser”. O Id, a parte mais primitiva da personalidade, abriga impulsos instintivos e desejos inatos que são muitas vezes inaceitáveis à sociedade. O Ego, mediador entre o Id e o mundo exterior, trabalha para satisfazer esses desejos de maneira socialmente aceitável (Freud, 1923b/1996).

As teorias freudianas sustentam que a exploração do inconsciente ocorre por meio de processos como a livre associação e a interpretação de sonhos. A livre associação, uma técnica terapêutica, envolve expressar pensamentos e sentimentos sem censura consciente, permitindo que conteúdos ocultos surjam. A análise de sonhos, por sua vez, é vista como uma “estrada real para o conhecimento do inconsciente”. Os sonhos são entendidos como manifestações simbólicas dos desejos reprimidos, e sua interpretação ajuda trazer à luz os conteúdos ocultos (Freud, 1907/1996; 1900/2019).

Além das contribuições de Freud, o psicanalista Carl Jung introduziu a ideia do inconsciente coletivo, um repositório de imagens arquetípicas e mitológicas compartilhadas por toda a humanidade. Essas imagens, chamadas arquétipos, emergem nas narrativas pessoais e culturais, influenciando a maneira como percebemos e interpretamos o mundo (Jung, 1986).

A aplicação do conceito de inconsciente à narrativa interior revela como os elementos ocultos moldam a experiência individual. Personagens literários, por exemplo, muitas vezes lutam contra conflitos internos e desejos reprimidos que se manifestam através de suas ações e escolhas. Ao analisar personagens como Édipo, cujo complexo de Édipo retrata desejos inconscientes de natureza incestuosa, ou Hamlet, que confronta seu próprio conflito interno entre a vingança e a moralidade, percebemos como o inconsciente enriquece e complexifica as narrativas (Freud, 1924a).

Nessa perspectiva, a interseção do inconsciente com a narrativa interior nos lembra da profundidade da experiência humana. Através da lente psicanalítica, a narrativa se desdobra como um terreno fértil para explorar os meandros

da mente, revelando os segredos enterrados e os conflitos que moldam as escolhas e a evolução dos personagens. A busca para compreender essa dinâmica oculta não apenas enriquece nossa compreensão da Literatura, mas também nos conecta à complexidade universal da *psique* humana.

De acordo com Freud, a teoria do inconsciente se manifesta na Literatura, ela desvela as profundezas ocultas da mente humana, e sua influência se estende além da psicologia, para penetrar as páginas da Literatura. Ao explorar personagens, tramas e simbolismos através da lente psicanalítica, testemunhamos a forma como a teoria do inconsciente ganha vida, lançando luz sobre as motivações e conflitos subjacentes nas narrativas literárias (Freud, 1915; 1996).

Um exemplo icônico da manifestação da teoria do inconsciente na Literatura é encontrado na peça “Hamlet”, de William Shakespeare. O protagonista, Hamlet, personifica o conflito interno inerente à teoria freudiana. Seus solilóquios são janelas para o seu inconsciente, revelando as batalhas entre o Ego e o Id. O dilema moral de vingar a morte de seu pai, combinado com o complexo de Édipo, latente em relação à mãe, é uma personificação vívida dos conflitos inconscientes que Freud explorou (Shakespeare, 1819/2008; Freud, 1915; 1996).

Outra obra que ilustra a teoria do inconsciente é “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll. Através do cenário surreal e das situações ilógicas enfrentadas por Alice, a história reflete os aspectos caóticos do inconsciente. O país das maravilhas é um terreno de sonhos e pesadelos, onde as regras da realidade são subvertidas. As transformações de tamanho de Alice, por exemplo, podem ser interpretadas como uma representação de suas flutuações internas de poder e autoestima, reflexos dos desejos e conflitos inconscientes (Carroll, 1988).

Na obra “O Estranho Caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde”, de Robert Louis Stevenson, a dualidade entre a persona civilizada e a selvagem é uma manifestação vívida dos conceitos freudianos. O Dr. Jekyll representa o Ego, enquanto Mr. Hyde personifica os impulsos e desejos reprimidos do Id. Através desse enredo, a história explora a luta interna entre o controle consciente e os impulsos inconscientes (Stevenson, 1996; Freud, 1923b/1996).

No conto “A Metamorfose”, de Franz Kafka, o protagonista Gregor Samsa acorda transformado em um inseto. A interpretação psicanalítica dessa metamorfose, sugere uma representação visual da alienação e repressão dos desejos e conflitos internos. A narrativa apresenta a ideia de que a mente humana pode se tornar tão estranha e incontrolável quanto a própria metamorfose (Kafka, 1997).

Ao examinar esses exemplos e muitos outros na Literatura, vemos a teoria do inconsciente de Freud como uma ferramenta poderosa para entender os elementos subjacentes das narrativas. O cenário literário é um terreno fértil onde os desejos reprimidos, complexos psicológicos e conflitos internos se manifestam

por meio dos personagens e suas jornadas. Através desse olhar psicanalítico, as histórias se tornam espelhos da *psique* humana, ecoando a complexidade que reside nas profundezas do inconsciente.

Ao explorar os personagens cujas motivações e ações são influenciadas por impulsos inconscientes, foi possível perceber que a literatura frequentemente nos mergulha nas complexidades da mente humana, revelando personagens cujas ações e motivações são guiadas por forças obscuras, aquelas que permanecem ocultas nas profundezas do inconsciente. Esses personagens, enquanto lutam contra conflitos internos e impulsos insondáveis, ilustram de maneira vívida a influência da teoria do inconsciente de Freud (1916; 1996).

Um exemplo notável é o personagem Heathcliff, do romance “O Morro dos Ventos Uivantes”, de Emily Brontë. Heathcliff é atormentado por um amor obsessivo e uma busca implacável por vingança. Sua infância traumática e a paixão incontrolável que sente por Catherine desencadeiam uma espiral de emoções reprimidas. A profundidade de seu amor e ódio é um reflexo dos impulsos inconscientes de desejo e agressão que Freud postulou (Brontë, 1976).

Outro exemplo é o protagonista Macbeth, da peça “Macbeth”, de William Shakespeare. À medida que ambiciona o poder e comete assassinatos para alcançá-lo, Macbeth enfrenta um conflito interno que espelha a teoria do inconsciente. Seus impulsos de ambição e agressão, ainda que reprimidos pela moralidade, emergem como forças incontroláveis que o conduzem à sua própria destruição (Shakespeare, 1978).

Na obra “Lolita”, de Vladimir Nabokov, o narrador Humbert é um exemplo fascinante de alguém cujas motivações são profundamente influenciadas por impulsos inconscientes. Sua obsessão sexual por Dolores Haze, uma jovem de quem ele se torna padrasto, é uma manifestação do complexo de Édipo, em que o desejo reprimido pelo pai rivaliza com a busca de um objeto de desejo proibido (Nabokov, 1994; 2006).

Cabe trazer à tona outro personagem que ilustra a influência do inconsciente, que é Raskólnikov, de “Crime e Castigo”, de Fiódor Dostoiévski. Raskólnikov comete um assassinato em busca de uma teoria de superioridade moral. Sua luta interna entre a justificativa consciente e os remorsos inconscientes revela a tensão entre as diferentes partes da personalidade que Freud descreveu (Dostoiévski, 2001).

A Literatura é um espelho da complexidade humana, e esses personagens se tornam veículos para explorar a teia intrincada de desejos, medos e conflitos que residem no inconsciente. Ao examinar suas motivações e ações, somos convidados a contemplar a profundidade do ser humano e a realidade das forças obscuras que influenciam nossas vidas. Através desses personagens, a teoria do

inconsciente ganha vida, nos lembrando que nossa *psique* é um terreno vasto e misterioso, repleto de impulsos que moldam nossa trajetória.

SONHOS E SÍMBOLOS

No silêncio da noite, quando os olhos se fecham e a mente vagueia, os sonhos surgem como um portal para o desconhecido, um reino onde os impulsos inconscientes encontram voz. Na Literatura e na psicanálise, os sonhos e os símbolos que eles carregam revelam camadas ocultas da *psique* humana, oferecendo uma janela para os desejos reprimidos, conflitos internos e aspirações profundas (Freud, 1899).

Na concepção desse teórico, os sonhos, frequentemente enigmáticos e fragmentados, ecoam as teorias de Sigmund Freud sobre o inconsciente. Os sonhos são a via direta para o Id, onde os desejos e impulsos inaceitáveis encontram uma expressão disfarçada (Freud, 1899). Em obras literárias como “A Tempestade”, de William Shakespeare, os sonhos são frequentemente usados para transmitir verdades internas que os personagens não conseguem enfrentar conscientemente (Shakespeare, 1982).

Os símbolos, por outro lado, formam a linguagem secreta do inconsciente, transmitindo significados profundos além das palavras. O “Grande Irmão” em “1984”, de George Orwell, não é apenas um líder político, mas também um símbolo do controle totalitário. Esses símbolos transcendem o enredo e atuam como portais para as profundezas da *psique* coletiva e individual (Orwell, 2009).

Carl Jung, um dos seguidores de Freud, expandiu a compreensão de símbolos na psicanálise, introduzindo o conceito de arquétipos. Esses elementos universais e compartilhados da *psique* humana permeiam a Literatura (Jung, 2002). Na “Odisseia”, de Homero, o arquétipo da jornada heroica é evidente à medida que Ulisses enfrenta obstáculos, refletindo os desafios e a autodescoberta do próprio herói interior de cada leitor (Homero, 2006).

Em “O Grande Gatsby”, de F. Scott Fitzgerald, o icônico símbolo do olhar do Dr. T.J. Eckleburg, representa um observador onipresente e inescapável, ecoando a noção de culpa e julgamento inconsciente (Fitzgerald, 2011).

A Literatura e a psicanálise compartilham um terreno comum na exploração dos sonhos e dos símbolos. Assim como os analistas de sonhos decifram as metáforas escondidas nas histórias noturnas, os leitores atentos decodificam os símbolos nas páginas literárias, desvendando as camadas profundas de significado e entendendo mais plenamente a experiência humana.

Nas entrelinhas dos sonhos e nas entrelinhas das palavras, descobrimos os fios que conectam nossa consciência à vastidão do inconsciente. O poder dos sonhos e dos símbolos é um testemunho da natureza multifacetada da mente

humana, um convite para explorar as profundezas daquilo que está além do alcance da vigília (Freud,1900, 1996; Jung,2002).

Revelando o papel dos sonhos como uma janela para os desejos reprimidos e conflitos internos, quase poético, na quietude do sono, quando a mente se liberta das amarras da vigília, os sonhos emergem como mensageiros das profundezas inexploradas da *psique* humana. Por trás da cortina noturna, eles atuam como narradores de histórias enigmáticas, uma janela para o mundo do inconsciente, onde os desejos reprimidos e os conflitos internos encontram uma voz singular.

Os sonhos, com sua teia complexa de imagens e enredos, são frequentemente a manifestação disfarçada dos impulsos reprimidos. De acordo com as teorias de Freud, os desejos mais profundos e muitas vezes socialmente inaceitáveis encontram um refúgio nos recantos dos sonhos. Eles são os rebeldes do inconsciente, expressando-se por meio de metáforas e simbolismo (Freud,1900, 1996).

Imagine um indivíduo que almeja poder e dominação, mas que reprimiu esses desejos na vida consciente. Em seus sonhos, ele pode se encontrar liderando um exército ou governando um reino, cenários onde seus desejos não encontram obstáculos. Os conflitos internos que surgem em sonhos desse tipo oferecem um espelho para as tensões entre o desejo e a moralidade, o que muitas vezes não é visível em nossa vida diurna (Freud, 1908,1996).

Os pesadelos também têm um papel vital em expor conflitos internos. Uma pessoa que vive sob o peso da culpa pode experimentar pesadelos intensos em que se encontra em situações de punição. Esses pesadelos podem estar associados a transgressões passadas ou à sensação de que há algo dentro de si que precisa ser confrontado e reconciliado (Freud,1900, 1996).

Os sonhos são frequentemente chamados de “a estrada real para o inconsciente”, porque permitem que os desejos reprimidos e os conflitos internos escapem das restrições do consciente. Eles não estão sujeitos às mesmas censuras que nossa mente consciente impõe a nós mesmos. Portanto, eles nos fornecem uma visão direta do que está acontecendo nas profundezas da *psique* (Freud,1900, 1996).

Na Literatura, os sonhos têm sido usados de maneira magistral para revelar o mundo oculto dos personagens. Em “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, os sonhos de Bentinho em relação à Capitu refletem seus medos e desconfianças, revelando sua luta interna contra os ciúmes e a possibilidade da traição (Assis, 1994).

Assim, os sonhos se destacam como uma ferramenta poderosa para a auto exploração e também como uma janela rica para os escritores e leitores compreenderem os conflitos subjacentes às vidas e personalidades dos personagens literários. Eles são as histórias não contadas, os desejos não expressos

e os dilemas não resolvidos que habitam nossas mentes enquanto dormimos, lembrando-nos de que as profundezas da *psique* humana são tão vastas quanto o próprio cosmos noturno.

Examinando símbolos recorrentes na Literatura, vê-se que sugerem camadas mais profundas de significados novos e profundas descobertas. É na tessitura das palavras e nas entrelinhas das histórias, que os escritores frequentemente tecem símbolos recorrentes que transcendem à trama, sugerindo significados mais profundos e universais. Esses símbolos são como chaves secretas, abrindo portas para camadas ocultas da *psique* e da condição humana, proporcionando aos leitores uma oportunidade de explorar temas essenciais que ecoam além das páginas (Jung, 2002).

Um dos símbolos mais antigos e poderosos na Literatura é a jornada heroica. Personagens que embarcam em jornadas épicas, enfrentando desafios, superando obstáculos e passando por transformações, são espelhos dos heróis e heroínas que habitam nossos próprios desejos e medos. Da “Odisseia”, de Homero, a “O Senhor dos Anéis”, de J.R.R. Tolkien, a jornada heroica ecoa o anseio humano por autodescoberta e crescimento pessoal, refletindo o eterno conflito entre o eu e o desconhecido (Tolkien, 2002).

A dualidade entre luz e escuridão é um símbolo recorrente que denota os conflitos internos, a moralidade e a busca pelo conhecimento. Em “Dr. Jekyll e Mr. Hyde”, a separação entre essas duas facetas do mesmo personagem encapsula a luta entre o bem e o mal dentro de todos nós. Esse símbolo ressoa com a compreensão universal das dualidades que existem dentro da *psique* humana (Stevenson, 1996).

A janela frequentemente simboliza a perspectiva e o desejo de escapar da realidade, enquanto o espelho representa a autoimagem e a autorreflexão. Em “Jane Eyre”, de Charlotte Brontë, a janela no sótão de Thornfield Hall representa a liberdade e os sonhos de Jane, enquanto o espelho na mesma sala reflete sua solidão e desejo de conexão. Esses símbolos revelam as aspirações e as lutas internas dos personagens (Brontë, 2018).

Enquanto a água é um símbolo fluido e versátil, muitas vezes associado à vida, purificação e transformação. Em “O Velho e o Mar”, de Ernest Hemingway, o oceano é tanto um terreno de desafios físicos quanto um símbolo da jornada interna do protagonista, refletindo suas esperanças, medos e a busca por significado (Hemingway, 1962).

O ciclo da morte e do renascimento é uma metáfora universal para a transformação e a renovação. Em “O Morro dos Ventos Uivantes”, os ciclos de morte e renascimento simbolizam a perpetuação dos desejos, paixões e conflitos ao longo das gerações, transcendendo a vida física (Brontë, 1976).

Esses símbolos, recorrentes na Literatura, operam como portais para significados mais profundos e universais, conectando leitores a questões fundamentais da existência humana. Eles transcendem a singularidade das histórias e se tornam espelhos que refletem nossas próprias experiências e anseios. Por meio desses símbolos, a Literatura se transforma em uma janela para os corações e mentes humanos, revelando as complexidades que ecoam em todos nós.

Retomando o Complexo de Édipo e as relações interpessoais, queremos enfatizar que no cerne das relações interpessoais reside um intrincado labirinto de emoções, desejos e influências que muitas vezes remontam à infância e à dinâmica familiar. Nesse contexto, o Complexo de Édipo, uma teoria fundamental da psicanálise, oferece uma lente perspicaz para entender a maneira como os relacionamentos são influenciados pelos laços emocionais e pelos conflitos inconscientes enraizados na história de cada indivíduo (Freud, 1996).

O Complexo de Édipo, nomeado após o personagem mitológico grego Édipo, aborda o desejo inconsciente de uma criança de se ligar emocionalmente a um dos pais do sexo oposto, rivalizando com o genitor do mesmo sexo. Esse complexo se desenrola em fases distintas, incluindo a Fase Oral, Anal e Fálica, cada uma com implicações únicas nas relações futuras (Freud, 1996).

Sendo assim, à medida que crescemos, esses desejos e conflitos são internalizados, moldando nossas percepções de amor, intimidade e identidade. Na vida adulta, o Complexo de Édipo continua a desempenhar um papel, muitas vezes inconscientemente, nas nossas interações com parceiros românticos, amigos e até mesmo figuras de autoridade.

Além disso, o Complexo de Édipo também lança luz sobre fenômenos como a escolha de parceiros românticos. O termo “complexo de Édipo invertido” descreve quando uma pessoa busca parceiros que se assemelham ao genitor do mesmo sexo. Ou seja, uma mulher que se sentia próxima de seu pai pode inconscientemente procurar parceiros que compartilhem características semelhantes, muitas vezes sem perceber a conexão. No entanto, é importante ressaltar que o Complexo de Édipo não é uma sentença definitiva para os relacionamentos.

Em última análise, o Complexo de Édipo oferece uma janela para a intrincada tapeçaria das relações interpessoais. Ao reconhecer a influência dos laços familiares, dos desejos inconscientes e das experiências infantis em nossos relacionamentos adultos, podemos adentrar nesse labirinto com uma perspectiva mais compassiva e enriquecedora.

Na vastidão da Literatura, as dinâmicas familiares e os conflitos de poder frequentemente se desdobram como tramas intrincadas, refletindo o prisma multifacetado do Complexo de Édipo. Através desse olhar, personagens e enredos ganham uma profundidade psicológica adicional, revelando

as complexas interações entre os membros da família e as lutas pelo poder subjacentes a essas relações.

O Complexo de Édipo, com suas camadas de desejo e rivalidade, arroja uma luz poderosa sobre os relacionamentos familiares. Na tragédia “Édipo Rei”, de Sófocles, o próprio Édipo é um exemplo clássico de como as dinâmicas familiares podem moldar a tragédia humana. Seu desejo inconsciente de estar próximo de sua mãe e o subsequente assassinato de seu pai torna-se a base de uma trama repleta de reviravoltas angustiantes (Sófocles, 2002).

O conflito entre pai e filho, tão presente no Complexo de Édipo, reverbera em inúmeras histórias literárias. No clássico “Hamlet”, de William Shakespeare, o príncipe Hamlet enfrenta uma luta interior angustiante ao descobrir a traição de seu pai e a subsequente união de sua mãe com seu tio. Seu desejo de vingança e sua luta pelo poder moral colidem em um turbilhão de emoções que ecoam a complexidade do Complexo de Édipo (Shakespeare, 1978).

As figuras maternas também desempenham papéis cruciais nesse contexto. Em “A Casa dos Espíritos”, de Isabel Allende, as dinâmicas entre mães e filhas são exploradas ao longo de gerações, revelando os traços herdados e os conflitos que se repetem. As filhas muitas vezes buscam reconciliar seus próprios desejos e identidades com os de suas mães, espelhando o desejo inconsciente de se identificar com a figura parental do mesmo sexo (Allende, 1995).

Além das narrativas familiares, o Complexo de Édipo também lança luz sobre as tramas de poder na Literatura. Em “Macbeth”, de Shakespeare, o desejo de poder de Macbeth e a influência das bruxas o levam a uma espiral de destruição. Seu desejo de governar e a luta interna contra a moralidade ilustram a batalha do ego com os desejos inconscientes, uma faceta intrínseca do Complexo de Édipo (Shakespeare, 1978).

Portanto, ao analisar as dinâmicas familiares e os conflitos de poder na Literatura sob o prisma do Complexo de Édipo, testemunhamos a ressonância profunda entre a teoria psicanalítica e a experiência humana retratada nas páginas. As histórias se tornam mais do que simples contos; elas se transformam em espelhos para nossas próprias batalhas internas, desejos reprimidos e complexos relacionamentos com aqueles que moldaram nossa jornada desde o início (Freud, 1996; Sófocles, 1976, 1993).

A busca de identidade e a construção de relacionamentos complexos são temas intrincados que ecoam profundamente na Literatura, refletindo as complexidades da experiência humana. Por meio de personagens que enfrentam desafios de autodescoberta e interações interpessoais intrincadas, somos convidados a explorar as várias facetas da jornada pela identidade e pela conexão.

A busca de identidade muitas vezes se desenrola como uma jornada de

auto exploração e compreensão. Em “O Apanhador no Campo de Centeio”, de J.D. Salinger, o protagonista Holden Caulfield busca desesperadamente por um senso de identidade em um mundo que ele vê como falso e superficial. Sua jornada é uma reflexão dos conflitos interiores e das dúvidas que muitos enfrentam ao tentar entender quem eles são e qual é o seu lugar no mundo (Salinger, 2019).

Outro exemplo poderoso é encontrado em “Mrs. Dalloway”, de Virginia Woolf. A protagonista Clarissa Dalloway enfrenta uma crise de identidade enquanto se prepara para uma festa. À medida que ela se move entre suas memórias e interações sociais, o leitor testemunha suas reflexões internas sobre sua vida passada e as escolhas que a trouxeram até o presente. A narrativa explora a complexidade da construção da identidade ao longo do tempo (Woolf, 1980).

Relacionamentos complexos, por sua vez, muitas vezes refletem as tensões e as dinâmicas que surgem quando as identidades individuais se entrelaçam. Em “Orgulho e Preconceito”, de Jane Austen, as interações entre Elizabeth Bennet e Mr. Darcy ilustram a complexidade das relações amorosas. As barreiras sociais, preconceitos e mal-entendidos criam um tecido intrincado de desafios que devem ser superados para que um relacionamento verdadeiro possa florescer (Austen, 2018).

Em “O Grande Gatsby”, de F. Scott Fitzgerald, a busca de Jay Gatsby por Daisy Buchanan revela como os relacionamentos complexos podem ser moldados por idealizações e expectativas não realizadas. Gatsby constrói uma imagem idealizada de Daisy em sua mente, que se choca com a realidade do relacionamento deles. A narrativa ilustra como as projeções de identidade e as aspirações podem afetar profundamente os relacionamentos (Fitzgerald, 2011).

Ao explorar esses temas na Literatura, os autores nos oferecem um espelho para nossas próprias lutas internas e conexões humanas. A busca pela identidade e a construção de relacionamentos complexos são intrínsecas à condição humana, e a Literatura nos permite refletir sobre essas experiências de maneira profunda e enriquecedora. Por meio das histórias desses personagens, somos convidados a explorar os cantos mais profundos de nossa própria jornada de autodescoberta e interações interpessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Emergindo do desafio de desvendar as profundezas da alma reveladas, por meio de uma exploração psicanalítica da complexidade humana na Literatura, entendemos que quando observada sob a perspectiva psicanalítica, torna-se uma ferramenta rica para explorar as profundezas da experiência humana.

Ela vai além das palavras superficiais, alcançando as partes mais obscuras e sutis da *psique* humana. A Literatura e a psicanálise juntas oferecem uma abordagem holística para compreender a complexidade dos desejos, medos, conflitos e emoções que compõem a rica tapeçaria da condição humana.

A jornada pela psicanálise na Literatura nos lembra que, assim como nas páginas dos romances e contos, nossas vidas são intrincadas histórias de desejo, conflito e autodescoberta. A psicanálise nos desafia a olhar para além da superfície e a abraçar a complexidade do ser humano. À medida que nos envolvemos com as obras literárias psicanaliticamente enriquecidas, encontramos não apenas personagens fictícios, mas também reflexos de nós mesmos, espelhando o universo da mente humana.

Em última análise, a Literatura desenha um paralelo vívido entre as narrativas dos personagens e a jornada terapêutica da psicanálise. Ao enfrentar o passado e explorar as profundezas do inconsciente, os personagens e os indivíduos na vida real podem encontrar cura, resolução e uma maior compreensão de si mesmos. Através das páginas da Literatura, somos convidados a testemunhar as jornadas emocionais dos personagens, lembrando-nos de que enfrentar o passado é muitas vezes o caminho para a libertação e a transformação interior.

REFERÊNCIAS

- ALLENDE, Isabel. **A Casa dos Espíritos**. 22. ed. Tradução de Carlos Pereira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. Kindle. Amazon, 2018.
- BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**: edição comentada e ilustrada: Uma autobiografia. Kindle. Amazon, 2018.
- BRONTË, Emily. **O morro dos ventos uivantes**. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.
- CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- DOSTOIÉVSKI, Fiodor M. **Crime e Castigo**. São Paulo: 2001.
- FITZGERALD, F. Scott. **O Grande Gatsby**. Bárbara, Vanessa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Esboço de psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **A dissolução do complexo de Édipo**. In: FREUD, Sigmund. Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. O Inconsciente** (1915) vol. XIV. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos, 1932-1936** ((Freud 1932d).

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. Vol. IV Obras Psicológicas. **Completas** de Sigmund Freud edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. Obras Completas volume 7: Ed Companhia das Letras, 2017.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Volume VIII da edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **A dissolução do complexo de Édipo**. In: Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol.19, pp. 193-199, 1924). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess - carta 69**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Neuroses de transferência: uma síntese** (manuscrito recém descoberto). Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, Sigmund. **Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Caráter e erotismo anal**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Fragmento da análise de um caso de histeria**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HEMINGWAY, Ernest. **O velho e o mar**. 8. ed. Trad. Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

HOMERO. **Odisséia**. São Paulo: Cultrix, 2006.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos e reflexões**. Editora Nova Fronteira, 1986.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução e posfácio Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NABOKOV, Vladimir. **Lolita**. Amazon, capa Comum, 2006.

ORWELL, George. **Grande Irmão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 414 p.

SALINGER, J.D. **O apanhador no campo de centeio**. Kindle.Amazon, 2019.

WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980. 187 p.

STEVENSON, Robert Louis Balfour. **O Estranho Caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde**. Rio de Janeiro: Clássicos Econômicos Newton, 1996.

SHAKESPEARE, William. **A tempestade**. In: Shakespeare – comédias. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1982.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet, príncipe da Dinamarca**. In: Shakespeare – tragédias, vol. I. Trad. de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SHAKESPEARE, William. **Macbeth**. In: Shakespeare – tragédias, vol. I. Trad. de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SHAKESPEARE, William. **O Rei Lear**. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

SÓFOCLES. **“Édipo em Colono”**. In: A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona. Trad. Mario da Gama Kury. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Trad. de Geir Campos. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

SÓFOCLES. **A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel**. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. 4ª tiragem. SP: Editora Martins Fontes, 2002.



EXPLORANDO MEMÓRIAS LITERÁRIAS: ANÁLISE DA DUALIDADE IDENTITÁRIA DE JACOBINA EM ‘O ESPELHO’ DE MACHADO DE ASSIS: UM CONFRONTO ENTRE O *EU-HOMEM E O EU-OUTRO*

Cirlene Pereira dos Reis Almeida¹

“Na jornada do autoconhecimento, o eu-homem e o eu-outro dançam em um intrincado equilíbrio, revelando a complexidade da identidade que se tece entre as linhas da individualidade e da interação social (Barros, 2004).”

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva fazer uma análise do comportamento humano do personagem Jacobina no conto “O espelho – esboço de uma teoria da alma humana”, escrito por Machado de Assis e publicado no ano de 1882, uma vez que percebe-se, no decorrer da construção do texto, como o olhar do outro dicotomiza a identidade do sujeito, a ponto de sucumbir-lhe o próprio “eu” em prol de outro “eu” nascido e construído socialmente.

“O espelho” tem como tema central a questão da identidade, ou melhor, o problema da divisão do eu ou do desdobramento da personalidade. O conto trata de um momento da vida de Jacobina, narrador e protagonista da história, que passa por um processo de (re) estruturação e que, inusitadamente, confronta-se com o Outro que lhe habita, ou seja, com seu próprio desejo (Barros, 2004).

A partir desse ponto de vista, serão ressaltados certos aspectos do texto, levando em consideração as metáforas que refletem o estado, as atitudes e o comportamento do personagem Jacobina.

Sabe-se que muitos seres humanos vivem de aparência em seu círculo social,

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Mestre em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ); Coordenadora dos Cursos de Letras e Pedagogia do Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro-Oeste (UNIDESC); Professora efetiva da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Uruaçu. E-mail: cirlene.almeida@ueg.br.

de forma a não deixar transparecer a sua real personalidade. Nessa perspectiva, “O espelho” narra a história de Jacobina que junto a um grupo de amigos discute assuntos metafísicos até iniciarem uma discussão a respeito da alma. Todos os presentes tinham uma opinião diferente sobre o assunto, abrindo uma brecha para uma investigação sobre de que forma as identidades construídas socialmente corroboram a dicotomização do ser humano no Eu-homem e no Eu-outro. O eu-homem seria a alma interior e o eu-outro a alma exterior do indivíduo. O conto traz reflexões sobre o homem e sua psique, posto que discute a relações do ser humano consigo mesmo, no entanto, preso a um contexto social e cultural determinado, que aborda o fato de que “o ser humano não consiste somente na ‘realidade psíquica’, mas habita um corpo e vive em sociedade – aspectos refletidos no espelho

No conto, Jacobina narra uma parte da história de sua vida quando tinha cerca de 20 anos de idade, trazendo à tona a ideia de que o ser humano possui duas almas. Durante a narrativa, Jacobina, cujo apelido de infância era “Joãozinho”, relembra a transformação que houve em sua vida desde que se tornara alferes do exército, cargo esse que lhe rendeu uma série de elogios. Na verdade, o enredo do conto remete ao indivíduo que começa a enxergar-se pelo olhar do outro.

Com isso, ocorre o apagamento do eu diante do espelho que é resultado de um processo interno que se dá em decorrência do não reconhecimento do sujeito, levando-o a se ver e a se enxergar pelo olhar de fora, gerando o conflito entre a identidade individual e a identidade social.

IDENTIDADE INDIVIDUAL *VERSUS* IDENTIDADE SOCIAL: QUANDO UMA CONFRONTA A OUTRA

Todo indivíduo tem aspectos que demonstram características grupais e características individuais, tais características são formadas através do convívio social que ajudam a construir a identidade de cada um. Para Goffman (1980, p. 5) “os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas”.

O sujeito tem a necessidade de criar uma identidade, pois com isso ele se diferenciara dos outros indivíduos e adquirirá uma imagem de si, sendo então capaz de exibir seu modo de ser ou o jeito como se comportará em diversas situações sociais.

A identidade faz com que o indivíduo tenha uma marca pessoal. Dentre a construção da identidade existem a identidade individual e a identidade social, ambas contribuem para a composição do “eu” de cada indivíduo.

Sobre a Identidade social, está relacionada a como o indivíduo se enxerga em relação a outros, todas as pessoas que ele encontra serão de extrema importância, visto que esse tipo de identidade é construída coletivamente, ela

dependerá até mesmo da classe social em que todos pertencem, isso devido ao comportamento que poderá ser adotado, ou seja, é a identificação de um ser com os outros.

Já a Identidade individual é mais específica que a social e se refere ao sentimento de unicidade (se sentir único entre muitas pessoas), é a identificação da diferença de um ser entre outros.

O conceito aproximado de unicidade e identidade individual está explicito no livro *Estigma* como:

Uma idéia implícita na noção de “unicidade” de um indivíduo é a de “marca positiva” ou “apoio de identidade”, por exemplo, a imagem fotográfica do indivíduo na mente dos outros ou o conhecimento de seu lugar específico em determinada rede de parentesco (Goffman, 1980, p.50.)

Tais identidades são consideradas opostas, porque a identidade social exige que o indivíduo esteja no mesmo nível social que o outro, buscando o crescimento do “nós”, do grupo, considera as consequências como um todo. Já a identidade individual leva em consideração apenas as diferenças existentes entre um ser e o outro, busca o crescimento pessoal, considerará apenas as consequências individuais de seus atos e as experiências pessoais. Essas identidades entram em confronto concernente ao contato com a sociedade, quanto maior for à desigualdade entre essas duas identidades, maior será o controle social para com o indivíduo.

No conto machadiano, é possível perceber a similaridade de concepções quando Jacobina afirma que “a perda da alma exterior implica a [a perda] da existência inteira” (p. 30). Essa assertiva deixa latente a visão da dualidade da alma humana na qual o indivíduo e a pessoa apresentariam dois lados, interior e exterior, sendo que essa última é que conferirá a consistência do primeiro.

Não tendo o olhar do outro, Jacobina se vê em um estado deplorável de solidão que se aproxima da angústia. Há pouco tempo tivera um reconhecimento do pequeno círculo de amigos que o rodeava e de repente se vê só. Esse momento de solidão ocupa boa parte da narrativa machadiana.

Nessa passagem, é que se percebe a perfeita analogia entre o espelho e o olhar do outro, a não existência desse olhar impede Jacobina de ver a si mesmo como acreditava que era visto. É algo tão forte que o próprio espelho parece ter perdido a capacidade de reproduzir nitidamente a imagem do protagonista.

A IDENTIDADE SOCIAL COMO FORMA DE INSERÇÃO E DE ACEITAÇÃO SOCIAL

A identidade social é caracterizada essencialmente pela forma como nós nos vemos, ou seja, é um sentido do “eu” conjugada com a forma como os outros nos veem. Segundo Dubar (2005, p.135), para se apresentar uma definição de identidade deve se considerar a noção de dualidade, ou seja, a “identidade para si” e a “identidade para o outro”.

Considerando a relação entre a identidade para “si” e a identidade para o “outro”, que acontece nos processos de socialização, Dubar (2005) explica que nossa identidade é formada pela interação entre a minha identidade para mim, que seria aquilo que eu penso (a minha autoimagem) e a minha identidade para o outro (aquilo que eu acho que os outros pensam que sou ou o julgamento que penso fazerem de mim). É importante destacar, que aquilo que eu acho que os “outros” pensam ao meu respeito, pode não ser necessariamente um julgamento correto.

A identidade social tem como particularidade a necessidade de ser reconhecida pelos outros. Para Tomasini (1998, p. 118), isso significa que “os valores que compõem a identidade de uma sociedade vão influenciar todas as relações entre os indivíduos, relações que se estabelecem em todo o cotidiano”. A autora destaca que ocorre um confronto entre o que é considerado diferente e o modelo de normalidade, surgindo daí “a imagem que o indivíduo tem de si mesmo e uma identidade social construída com base nos interesses e nas definições de outras pessoas”.

Segundo Hilka Machado (2003), o indivíduo, de forma a adquirir um sentimento de pertença a determinado grupo, abre mão de vários momentos de sua vida. De certo modo pode-se dizer que a identidade não é algo inata ao indivíduo, ela é socialmente construída no âmbito de suas relações com outras pessoas.

Segundo Brandão (1990), a identidade não é construída de uma forma singular, de maneira exclusiva, vai sendo progressivamente produzida. Desse modo, ao considerarmos a construção da identidade devemos vê-la, não como algo acabado, mas como um processo em andamento (Hall, 2006).

A construção da identidade é um processo que vai buscar significado nas relações vividas no dia a dia, onde o “outro” também faz parte do processo construtivo, porque cada pessoa possui uma identidade múltipla, que tem de manejar, combinar e modificar quotidianamente. Portanto, o processo de construção da identidade condiciona o comportamento do indivíduo em determinadas situações, intimamente relacionadas com a cultura e a sociedade em que esse indivíduo está inserido. Ao mesmo tempo, o indivíduo possui a sua própria identidade, o que lhe permite diferenciar-se ou identificar-se com o “outro”, numa ação contínua de aceitação e rejeição. Esse processo significa reconhecer-se a si próprio e também ser reconhecido.

Os termos identidade e social conduzem, de maneira recíproca, a representações e sentimentos que o indivíduo desenvolve a respeito de si próprio, adquiridos do conjunto de experiências vivenciadas, no qual ele constrói e reconstrói sua identidade. Isso representa a junção da percepção do próprio indivíduo em relação a si mesmo, do que o outro acredita que ele seja e daquilo que ele almeja ser, sendo que a percepção sobre si é alterada em função das mudanças ocorridas na sua história e nas relações sociais que esse indivíduo estabelece ao longo de sua vida.

Entretanto, a questão identitária é complexa, pois, as identidades implicam em procurar obter reconhecimento, que se faz frente à alteridade, pois é no encontro e no embate com o “outro” que se busca afirmação pelo reconhecimento daquilo que nos diferencia e que, por isso mesmo, pode, em simultâneo, desvelar uma máscara que seria mostrada ao outro (e a si mesmo), promovendo um conflito neste jogo social.

ENTRE O *EU-HOMEM* E O *EU-OUTRO* NO CONTO O ESPELHO: A DICOTOMIA ENTRE O SER E O TER

No conto machadiano, o eu-homem de Jacobina vai de encontro ao Eu-outro, que se trata do eu-social e esse fato ocorre quando o protagonista prestes a completar 25 anos é nomeado o “Alferes da Guarda Municipal”. A partir de então, se transforma no orgulho da família, passando a ser tratado de maneira diferente por todos da cidade, a ponto de receber todo o fardamento de presente e, ao mesmo tempo, ser invejado por outros os quais almejavam seu posto.

O personagem, anteriormente, chamado de “Joãozinho” passa a ser o “Senhor Alferes” bajulado por todos o que gerará a contradição entre o seu eu interior e o seu eu exterior.

O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra se dispersou no ar e no passado (Assis, 1994, p. 32)

No decorrer do conto, o Seu Alferes é convidado pela tia, Dona Marcolina, a passar alguns dias no sítio de propriedade dela, pois queria vê-lo. Chegando ao sítio, um lugar bem isolado e solitário, foi tratado muito bem por todos, inclusive pelos escravos da tia que o chamavam sempre de “Nhô Alferes”. Porém, o que mais lhe despertou a atenção fora um espelho que se encontrava no quarto que

lhe fora reservado para ficar. Jacobina descreve o espelho como “[...] obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples” (Assis, 1882; Assis, 1994).

Jacobina ficou alguns dias no sítio da tia. Nesse período, Dona Marcolina, teve de viajar para atender uma das filhas que já se encontrava em leito de morte, deixando então o Senhor Alferes cuidando do sítio com a responsabilidade de administrar as terras, os animais e os escravos. Esses últimos, aproveitando a situação, fogem logo após a partida de tia Marcolina, deixando Jacobina na mais completa solidão.

É nesse momento de solidão que o eu-outro entra em choque com o eu-homem diretamente. No dia seguinte à viagem da tia, o personagem fica na expectativa de o cunhado aparecer, fato que não aconteceu. Ficou uma semana sozinho no sítio e, nesse período, sentiu-se como um cadáver andando, sem sua identidade de Seu Alferes, se sentiu um débil com sensações de enlouquecer. Durante todo esse tempo, não havia se olhado no espelho, pois temia ver dois em um só.

Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois (Assis, 1994, p.34)

Logo, Senhor Alferes olha para o espelho e não consegue se identificar, apenas enxerga uma nuvem distorcida, uma sombra da sombra, o que o deixou desesperado vendo feições inacabadas no reflexo do espelho. É então que ele decide vestir sua farda de alferes e se olhar no espelho:

Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. [...] Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro (Assis, 1994, p.25)

A farda representa algo que existe fora do sujeito. No contexto das representações sociais² o fardamento representa o *status* ocupado pelo alferes. As representações já estão formadas e cristalizadas pela interação do universo familiar de Jacobina. Da mesma forma, o objeto do olhar do outro é também construído socialmente.

O Senhor Alferes se identificou com o seu Eu-outro completamente, viu que sua figura social era sua farda exaltando a sua imagem. A falta de bajulação constante o fez entrar em conflito com seu eu-homem e o seu eu-outro de forma que Jacobina sentiu alterações no seu sistema nervoso a ponto de transpassar sua alma para sua real personalidade.

O conto retrata, de forma abstrata, o comportamento humano. Na sociedade há muitos exemplos de pessoas que fingem ser o que não são ou que definem os indivíduos ao seu redor pelo que são ou pelo que possuem. Através desse pré-julgamento, o exterior ganha mais força do que o interior, visto que, para algumas pessoas o ser humano possui valor pelo que tem e não pelo que realmente é.

O protagonista, em meio a essa dicotomia e por intermédio da descrição de suas experiências, traz à tona a desconstrução de sua identidade ou da sua alma interior que é consumida paulatinamente. A ascensão social de Jacobina indica a construção social de sua pessoa, que surge como produto de relações hierárquicas que lhe proporcionam regalias, *status*, beleza e bens materiais; identidade ligada a um papel social e é essa que sobressai no decorrer da narrativa, visto que o personagem chega ao ponto de não se reconhecer mais sem a farda.

Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da guarda nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! Tão contente! Chamava-me o seu alferes. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados... e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que estes perderam... O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios fizeram em mim uma transformação que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. (p. 32-5).

2 As representações sociais, segundo definição clássica apresentada por Jodelet (1985), são modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. Representações sociais, numa abordagem psicossocial, referem-se a formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos □ imagens, conceitos, categorias, teorias, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/3V55mtPK8KXtksmhbkctkj/> Acesso em 30 de agosto de 2023.

A promoção e a conseqüente ascensão social do personagem sofrem uma mudança bastante contundente. Jacobina sai do papel de dominado socialmente transformando-se em dominante. E essa mudança de papel contribui para que o eu-homem perca o anterior sentido da existência e, passando a construir suas ações em conformidade com o que rege o senso comum daqueles que representam a autoridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou analisar o comportamento do personagem Jacobina, do conto machadiano “O espelho” de Machado de Assis, a partir do confronto entre a identidade social e individual do protagonista.

Considerando o objetivo acima, observou-se no texto machadiano que a identidade do sujeito eu-outro absorveu o eu verdadeiro de Jacobina, personagem do conto. Seu fardamento de alferes da guarda nacional era a única identidade reconhecida por aqueles ao seu redor, fato esse percebido quando o espelho de seu quarto não mais refletia o homem conhecido primeiramente como apenas Joãozinho, mas sim uma nuvem distorcida.

Nessa perspectiva, a vestimenta do Senhor Alferes retrata sua imagem social, o seu Eu-outro, predominando sobre o seu Eu-homem, que se refere ao seu interior. O personagem passa a viver uma pessoa que não é por influência de uma sociedade com pré-julgamentos de valores e ideais onde a conta bancária ou seus pertences definem sua personalidade no meio social.

Apesar de ser escrito em 1882, o conto exprime um sentimento presente até a atualidade, pois a sociedade ainda possui poder de persuasão sobre os indivíduos, já que o eu-outro continua a buscar reconhecimento perante as relações desenvolvidas ao longo de sua vida.

Post Scriptum

Machado de Assis merece todas as homenagens. O poema abaixo é uma singela homenagem a esse grande gênio da Literatura Brasileira, feito com o auxílio da Inteligência Artificial.

“Dança da Identidade: Teia do Eu-Homem e Eu-Outro”

*Na jornada do ser, em dança sutil,
Eu-homem e eu-outro, um jogo a tecer,
Equilíbrio intricado, traços a fluir,
Na busca profunda do eu conhecer.*

*Linhas da individualidade entrelaçadas,
Com a interação social a se mesclar,
Identidade complexa, vidas entrelaçadas,
Nessa trama de ser e de se revelar.*

*Passos no caminho do autoentendimento,
No palco da alma, um ballet sem fim,
Onde o eu e o outro, em harmonia se fundem,
E a essência da vida se revela enfim.*

*Nessa dança do eu, na busca persistente,
Desvendam-se mistérios em cada movimento,
E a teia da identidade, sutil e fluente,
Se tece na coreografia do pensamento.*

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado. **Machado de Assis: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. **O espelho – esboço de uma nova teoria da alma humana**, 1994.
- BARROS, Marta Cavalcante de. “O espelho”: entre o si mesmo e um outro. *Psyche* (Sao Paulo), São Paulo, v. 8, n. 13, p. 61-70, jun. 2004.
- BRANDÃO, Carlos. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª ed. Brasil: LTC, 1980.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- IGNATTI, Angela Sivalli. **O fantástico n’ “o espelho”, de Machado de Assis: observações freudianas sobre a dualidade da alma humana**. Disponível em: <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/insolito/angela.pdf> Acesso em: 30 de agosto de 2023.
- MACHADO, Hilka Vier. **A identidade e o contexto organizacional: perspectivas de análise**. Revista de Administração Contemporânea. Curitiba, Edição Especial, v. 51, n. 73, p. 51-73, 2003.
- SPINK, Mary Jane P. **O conceito de representação social na abordagem psicossocial**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Rua Monte Alegre 984, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/3V55mtPK8KXtks-mhbkctkj/> Acesso: 30 de agosto de 2023.
- TOMASINI, Maria Elisabete Archer. **Expatriação social e a segregação institucional da diferença: reflexões**. In: BIANCJETTI, Lucídio; FREIRE, Ida Mara.(Org.). Um olhar sobre a diferença – interação, trabalho e cidadania. (Série Educação Especial). Campinas: Papirus, 1998, p.111-133.

EIXO III



MULHERES NA LITERATURA



ENTRE PÁGINAS EM BRANCO E SILÊNCIOS LITERÁRIOS - A MULHER E SUA AUSÊNCIA: REFLETINDO SOBRE ‘UM QUARTO SÓ SEU’, DE VIRGINIA WOOLF

Maria Cristina Sebba¹

INTRODUÇÃO

Virginia Woolf (1882-1941) foi uma escritora britânica, considerada uma das ilustres e influentes do Modernismo no século XX. Durante o período entre guerras ela desempenhou um papel de extrema importância na sociedade literária londrina. Segundo os seus biógrafos, Woolf se ressentia de não ter se aprofundado nos estudos. Filha de um editor, casada com um crítico literário, com uma vida cercada pelo ambiente intelectual, não conseguira realizar o que almejava, no caso, seguir a carreira acadêmica, sonho não realizado.

Muitas mulheres estiveram nessa situação, de não estudar, e se mantiveram em trabalhos domésticos, dependentes financeiramente de seus maridos, por não terem a oportunidade de se expandir com as suas capacidades intelectuais e seus direitos.

Nesse sentido, o presente texto propõe um caminho metodológico crítico-descritivo, que aborda o impacto, sobretudo de gênero, na realização dos sonhos e aspirações intelectuais das mulheres. O objeto deste texto poderia ser aplicado, tranquilamente, em uma pesquisa ou ensaio, com o objetivo de compreender melhor as restrições enfrentadas pelas mulheres naquela época, e suas lutas para superá-las.

¹ Doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília. Mestrado em Psicologia pela Universidade de Brasília. Graduação em Psicologia pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília. Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Possui experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia do Ensino e da Aprendizagem E-mail: mariacsebba@gmail.com.

DESENVOLVIMENTO

Ao ser convidada por um grupo de jovens universitários para proferir palestras sobre o tema “As mulheres e a Literatura”, em 1928, Virginia Woolf, após exposições de debates, viu-se a refletir de forma mais constante sobre a mulher e sua ausência no convívio literário. Suas reflexões seguintes se dirigiram, principalmente, para a questão da falta da liberdade de se expressar, de agir, e sobre a insignificância da mulher na sociedade.

No texto “Um Quarto Só Seu,” ela chegou à conclusão de que “uma mulher, se quiser escrever literatura, precisa ter dinheiro e um quarto só seu”, ponto de vista ainda hoje um tanto quanto mal compreendido. Woolf, como forma de trazer mais luz ao seu texto, ela propõe o questionamento: “Mas o que tem a ver o tema “As mulheres e a Literatura” com isso?” Segundo ela,

O máximo que eu conseguiria seria lhes oferecer uma opinião sobre um ponto secundário. Uma mulher se quiser escrever literatura, precisa ter dinheiro e um quarto só seu; e isso, como vocês verão, não traz qualquer solução para o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da literatura. Dispensome o dever de chegar a uma conclusão sobre essas duas questões: as mulheres e a literatura, pois, no que me diz respeito, continuam a ser problemas não resolvidos (Woolf, 2019, p.6).

Neste livro, considerado um ensaio, a autora se debruça sobre a relação entre condição social das mulheres no ambiente acadêmico, que não são destacadas em livros como autoras e pensadoras.

Woolf faz uma minuciosa análise de condições sociais de mulheres na história, das limitações impostas a elas, fatos que demonstram a pouca representatividade feminina no universo intelectual ao longo dos séculos. Diante dessas constatações e fatos, Virginia Woolf passa a pensar em criar estratégias para as mulheres driblarem tais situações, de modo a conseguirem impor-se com mais força em seu ambiente social, daí o motivo do título

Ao falar do papel da mulher no ambiente literário, Woolf questiona sobre “qual seria a condição necessária para ter um quarto só seu?” Segundo a autora, “uma mulher que quer escrever literatura, precisa ter dinheiro e um quarto só seu”. Se hoje, a reivindicação de um quarto para si, bem como do direito de ter seu próprio dinheiro, pode ainda soar como uma afronta numa sociedade patriarcal e machista, a impossibilidade de aquisição de dinheiro e a falta de um local para fazer as necessárias reflexões, sem ser incomodada por seus afazeres domésticos, era um sonho ainda mais distante para a mulher dos séculos XVIII e XIX, pois tais privilégios eram reservados exclusivamente a homens.

Vemos que a exploração central de “Um Quarto Só Seu” gira em torno da disparidade flagrante entre os sexos, despertando contemplação profunda e

significativa. Nesse sentido, a frase de Jean-Paul Sartre, que oferece uma elegante concepção sobre a liberdade, pode ser alvo de interpretações errôneas ou usos controversos, soando um tanto quanto conformista. Sartre afirma que “a liberdade reside no desejo daquilo que está ao alcance de cada um.”

Mas o conceito geral de que a liberdade está ligada ao desejo do que está ao alcance de cada um é uma ideia central do Existencialismo, que pode ser encontrada em várias obras e ensaios de Sartre, como “O Ser e o Nada”, em que ele explora a relação entre liberdade, escolha e ação humana.

Nesse sentido, Virginia Woolf destaca, em seu magnífico ensaio, a indispensável necessidade de um espaço exclusivamente feminino, como refúgio sagrado, onde a mulher possa se desconectar do mundo e permitir que suas ideias fluam desimpedidas. A análise perspicaz de Woolf é bastante avançada para a época, ao argumentar que a mulher deve possuir tanto a autonomia financeira quanto o controle sobre sua própria existência, em adição ao espaço privado, a fim de nutrir seu poder criativo.

Felizmente, o cenário do século XXI trouxe a emergência de uma liberdade que se destinou um pouco mais às mulheres, incorporada de forma natural em suas rotinas, um justo imperativo. Sabemos que a necessidade de um recinto singular é importante, pois afazeres intelectuais como a leitura e a escrita solicitam ambientes sem interrupções que incomodam.

Mas não basta apenas existir. Esse lugar, de fato, deve ser respeitado. Enquanto a mulher estiver trabalhando, é justo não ser interrompida em seus pensamentos. Muitas vezes ela precisa trabalhar até tarde da noite, até a madrugada, pois, durante o dia há outras tarefas, nem sempre associadas aos interesses intelectuais, afazeres esses nunca ou raramente realizados pelo homem, como cuidar da casa e dos filhos.

Essa impossibilidade resulta na falta de produção por parte da mulher, o que não denota uma intelectualidade inferior. Pelo contrário, demonstra força e resiliência. É da natureza da mulher se ater aos cuidados da casa e dos filhos, enquanto os homens, afastados do cotidiano dos lares, sempre foram vistos como trabalhadores que exercem atividades superiores. Uma situação injusta! Sabemos que a superioridade não é inerente aos homens. O que ocorre é que mulheres, desde sempre, foram submetidas à escassez de chances, crescimento e desenvolvimento social fora do ambiente doméstico.

Os desdobramentos que emergem com base na leitura sobre o tema “Um Quarto só Seu” são imensas, porque as mudanças de lá para cá não foram tão abundantes. Ser vista sempre pelo olhar masculino, ainda é uma forma de não existir. A posição inferior imposta fazia com que muitas mulheres fossem levadas a registrar suas ideias, sentimentos e formas de ver o mundo em forma de

diários, cartas, que não poucas vezes, elas próprias rasgavam ou queimavam, como se não tivesse o seu devido valor. Talvez, no interior delas, encontrasse relatos de desabafos, conflitos internos, indignação da sua falta de liberdade como pessoa do sexo feminino.

Virginia Woolf chegou ao início do século XIX e encontrou, para sua surpresa, livros escritos por mulheres, em forma de romance, como os de Jane Austen, escritora inglesa.

Mesmo com toda desenvoltura, Austen relata que em seu romance “Orgulho e Preconceito”, quando escrevia em espaço recluso, gostaria que nele tivesse uma dobradiça na porta, que rangesse, pois assim daria tempo de esconder seu manuscrito, antes que alguém entrasse e lesse. Não se sentira bem em escrever sobre um tema assim, havia algo vergonhoso em escrever sobre orgulho, sobre preconceito. Nós, mulheres, nunca venceremos o preconceito se continuarmos a esconder nossas habilidades e quem somos.

Enquanto diversas mulheres se empenham conscientemente na prática da escrita, algumas ainda não se deram conta da riqueza de possibilidades que escapam de seu alcance devido à persistência do machismo e da misoginia.

Tanto na época de Virginia Woolf, como na sociedade contemporânea, existe ainda preconceito com a produção intelectual da mulher. Falta às mulheres, como citado anteriormente, chances iguais de educação e trabalho, pois, devido à ausência dessa liberdade de espaço e à sua constante participação em tarefas domésticas, as mulheres sempre foram privadas da oportunidade de se integrarem a um ambiente intelectual.

Em território brasileiro, certos campos, como medicina, engenharia e matemática foram, desde sempre, culturalmente dominados pelo gênero masculino, destacando-se, inclusive, como setores que mantêm ainda hoje grande disparidade de gênero.

Ainda vivemos numa sociedade em que a imagem da mulher que manda, que dá ordens, é ainda mal vista. Para o pensamento comum, se ela quer manter a sua feminilidade, ela tem que abrir mão de posições que exijam dela controle e poder. Quando uma mulher expressa opiniões sobre assuntos controversos é prontamente rotulada como uma “disseminadora do conhecimento”, revelando uma visão profundamente enraizada da perspectiva masculina. Essa abordagem não a reconhece como um indivíduo autônomo.

A dificuldade de aceitar essa disparidade de gênero é considerável, talvez até insuperável. Os seres humanos compartilham uma igualdade intrínseca, uma vez que são todos parte da mesma espécie e compartilham um mundo comum. No entanto, as diferenças individuais são inerentes à natureza humana, pois cada indivíduo é singular e único. Essa variação irrepetível entre os seres humanos,

referida como “pluralidade” pela psicologia, é o que os distingue uns dos outros.

A filósofa Hanna Arendt também defendia a “liberdade da mulher” na sociedade. Arendt discute a questão da liberdade das mulheres em várias de suas obras, mas uma das mais notáveis é “A Condição Humana”, publicada em 1958. Nessa obra, ela aborda a natureza da atividade política e o papel da ação pública na esfera política, discutindo como as mulheres historicamente foram excluídas dessas esferas, e como a busca pela igualdade e liberdade para as mulheres é uma parte essencial da política moderna.

Também nesse sentido, ha uma frase de Simone de Beauvoir que sempre me chamou bastante atenção. Em seu trabalho seminal “O Segundo Sexo”, de 1949, em que ela aborda questões de gênero, feminismo e a construção social do feminino, ela diz: “ninguém nasce mulher, mas se torna mulher”. Mas isso quer dizer, na realidade, que “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre macho e o castrado que qualificam o feminino”.

Vê-se claramente que Beauvoir defende a singularidade dos sexos. Simone de Beauvoir, filósofa, intelectual, ativista e professora. Integrante do movimento existencialista francês contribuiu com o feminismo, abrindo caminho para que as mulheres começassem a negar com firmeza a obrigação social de casar e ter filhos. Essa discussão se desenvolve até hoje, ao se colocar casamento e maternidade como uma escolha. Sem dúvida, sua grande contribuição no feminismo foi na luta de igualdade de gênero. Além disso, ela sempre foi adepta da liberdade como principal característica da sobrevivência do ser humano, especificamente na posição social da mulher. Dizer que uma mulher só se realiza ao formar uma família, engravidar e ter filhos, segundo ela, é um “pseudonaturalismo” conservador, que procura manter o patriarcado, conceito que até hoje é usado nas lutas feministas, no qual prevalecem atitudes machistas.

O machismo desautoriza o querer da mulher. É tão verdadeiro que basta ouvir os grandes compositores brasileiros, quando em suas músicas apresentam as mulheres num papel inferior. Na música, “Esse Cara”, de Caetano Veloso, “ele é quem quer, ele é o homem, eu sou apenas uma mulher”. Na canção, “Sem Açúcar”, de Chico Buarque, a letra traz: “na presença dele eu me calo, eu de dia sou uma mulher, eu de noite sou seu cavalo, a cerveja dele é sagrada, a vontade dele é mais justa”.

No livro de Graciliano Ramos, “São Bernardo”, se lê esta frase: “se a mulher não se encolhe e se arrepia, ela é safada; sim, é justo matar uma mulher infiel”. Isso nos mostra que o querer e o falar são do homem. O desejo feminino é ilegítimo. A honra masculina exige a violência e tende a fazer do homem um

assassino, um neurótico obsessivo pela postura machista.

Isso não quer dizer que o homem pode se apresentar como “macho sim senhor” e estabelecer uma diferença entre ele, como forte, bom e superior, e a mulher como fraca, má e inferior, pois, a mulher nesse universo não tem vez e nem voz, e a sua emancipação requer uma consciência crítica que a luta feminista sustenta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade testemunhamos a libertação que permitiu uma visão mais clara de nossa identidade como mulheres.

Em “Um Quarto Só Seu”, o tom de crítica à sociedade e aos papéis impostos às mulheres já começa pelo título e desenha toda narrativa até o fim. Na obra, identifiquei-me com sua personalidade em diversos momentos, sempre buscando a liberdade em aprender coisas novas e sempre se indignando com a falta de espaço da mulher na posição social, na posição de trabalho, enfim, em sua posição política no mundo.

Ao longo da narrativa a autora guia seus leitores a uma tomada de consciência de que o mundo de significados que fundamenta práticas sociais e pessoais vivenciadas no cotidiano não podem ser vistas como naturais e imutáveis, mas sim, passíveis de mudanças.

Com isso, Virgínia Woolf abre a possibilidade de que por meio do desenvolvimento de um pensamento crítico, cada indivíduo pode conseguir reformular os significados atribuídos à vida, aos outros e a nós mesmos. Para acelerar e internalizar esse processo de tomada de consciência, é necessário a introdução da Educação de Gênero nas escolas. Só assim conseguiremos mudar nossas práticas cotidianas, possibilitando com que todos alcancem, de fato, a cidadania plena a que Woolf se refere.

A autora teve coragem de abordar tais questões, do ponto de vista social e cultural, nos esclarecendo sobre o significado e a importância do movimento feminista, e evidenciando a permanência de uma ideologia patriarcal, dita contemporânea, que ainda prevalece e se articula com o processo de desenvolvimento psicológico, uma vez que fundamenta o currículo oculto das escolas, nas quais nossas meninas são socializadas para serem femininas, dóceis, obedientes, e nossos meninos para serem assertivos, valentes, corajosos. Em seus ambientes, os meninos são ensinados comumente a engolir a raiva e reprimir as lágrimas.

Dessa maneira, também nos calamos sobre os movidos como os pais estão criando as crianças e os adolescentes, e como estão reproduzindo para eles regras para esses mesmos papéis. Como cada um lida com essa realidade? Essa é a questão corajosa que este livro nos inspira a fazer. Para isso, e sem cair numa

exposição simplista, a Psicologia do desenvolvimento nos conduz pelos caminhos dos fundamentos teóricos, epistemológicos e filosóficos, para em seguida nos apresentar e discutir as grandes questões que hoje constituem a preocupação dos grandes pesquisadores que se dedicam ao tema do feminismo.

Podemos ver que os caminhos trilhados pela autora são essenciais para quem, como ela, almeja a desconstrução de significados, em especial, os que dizem respeito às relações de gênero, objetivando acelerar uma verdadeira mudança, tanto no interior de cada indivíduo, como na sociedade de modo geral.

Virginia Woolf foi considerada uma celebridade defensora da condição das mulheres na sociedade no século XX. Seus argumentos reverberam até os dias atuais nas discussões femininas e de gênero.

REFERÊNCIAS:

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960a.

BUARQUE, Chico. **Sem Açúcar**. Philips, 1975. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FXvWCEKPEdE>.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 46. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

VELOSO, Caetano. **Esse Cara**. Universal Music, 1972. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VH6a4Dr9gJs>.

WOOLF, Virginia. **Um Quarto só Seu**. Tradução: Denise Rottmann. Editora: Primeira edição na coleção L&PM POCKET, Porto Alegre. Fevereiro de 2019, página, 156.



REFLEXÕES SOBRE O QUE É SER MULHER BASEADAS NA PERSONAGEM ELIZABETH BENNET DE JANE AUSTEN

Aline Mayane Tavares de Melo¹

INTRODUÇÃO

Para se pensar acerca da soberania de liberdades individuais neste século XXI, é fundamental considerar a emancipação feminina e todo o debate sobre gêneros feito em séculos anteriores. Foi a luta das mulheres por mais voz que trouxe para o espaço público debates antes traçados no ambiente doméstico: o casamento, a violência nos casamentos, a escolha de querer ou não ser mãe, a desigualdade de oportunidades, etc. Foi o feminismo, sob a forma de quatro ondas, que começou a questionar os padrões de comportamento estabelecidos para homens e mulheres, tendo em vista as particularidades e desejos de cada indivíduo. E quando as mulheres reivindicaram o direito de não serem condenadas aos estereótipos do seu gênero, elas abriram novas possibilidades de estar no mundo.

Desenvolver um trabalho com essa temática traz um leque de questionamentos que podem ser feitos sobre o que realmente significava e significa ser mulher, pois a história de épocas, envolvendo mulheres que enfrentaram as resistências de seu tempo e que hoje têm seus nomes gravados na história, serviram de guia ao encontro com Jane Austen, uma das escritoras mais importantes da literatura inglesa do século XVIII. A questão da relação entre casamento e mulher é um dos temas centrais de suas obras.

Pensando nisso, o artigo visa levar à compreensão do ser mulher, a partir de Elizabeth Bennet, personagem da obra *Orgulho e Preconceito*. Para tanto, de forma mais específica, busca identificar as relações afetivas e sociais apresentadas pela personagem, a fim de mostrar como é feita a representação da mulher na literatura de Jane Austen.

¹ Mestra em Cognição, Tecnologias e Instituições pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Especialista em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte. Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Professora da Educação Básica no RN. Email: alinetavas2@gmail.com.

Sendo assim, por meio da pesquisa bibliográfica de autoras feministas como Beauvoir, dentro de uma visão bakhtiniana, foram possíveis algumas análises desse universo social.

REFLEXÕES SOBRE O QUE É SER MULHER BASEADAS NA PERSONAGEM ELIZABETH BENNET DE JANE AUSTEN

As lutas femininas em Quatro Ondas e o lugar de Jane Austen

Muito embora não haja ainda um consenso entre teóricos da academia, acredita-se que o movimento feminista se encontra na Quarta Onda, tendo feito um *upgrade* em sua pauta, acrescentando outras, tais como a cultura do estupro, a representação da mulher na mídia, abusos e discriminação vivenciados em ambientes acadêmicos e de trabalho, entre a denúncia e o silenciamento. O que caracteriza essa fase é o uso maciço das redes sociais. Contudo, para chegar a essa fase, existiram três ondas com pautas bem particulares em cada momento histórico.

A *Primeira Onda* surge no final do século XIX e permanece até metade do século seguinte, trazendo como exigência o direito ao voto, à medida que os direitos estavam sendo debatidos no que concerne à participação na vida pública e na política.

Deve-se lembrar que, no referido período, para o homem, o casamento é um modo de vida; para a mulher, um *destino*, por isso “[...] a jovem que procura um marido não atende a um apelo masculino: provoca-o” (Beauvoir, 2016a, p. 191) Sendo firmado o acordo, a mulher recebe seu passaporte para a coletividade. Por causa disso muitas jovens casavam: para serem livres, já que essa instituição jurídica se mostra uma carreira mais vantajosa que outras, pois as condições da vida moderna eram mais instáveis e incertas.

Simone de Beauvoir já vislumbrava uma saída, observando a presença da indústria moderna:

A igualdade só se poderá reestabelecer quando os dois sexos tiverem direitos juridicamente iguais, mas essa libertação exige a entrada de todo o sexo feminino na atividade pública. A mulher só se emancipará quando puder participar em grande medida social na produção, e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão numa medida insignificante (Beauvoir, 2016, p. 85).

Nessa fase em que as mulheres lutavam para ocupar os espaços públicos, na prática, ainda permaneciam submissas aos maridos ou aos seus pais.

Com a *Segunda Onda*, há uma discussão mais consistente sobre a condição feminina, tendo se iniciado em meados dos anos 1950 até meados dos anos 1990, buscando respostas para entender a raiz da opressão de gênero. Entre 1960

e 1970, mostrou-se mais radical, visto que explorou os aspectos biológicos, com ênfase na maternidade.

A partir desse momento, a discussão sobre sexualidade e direitos reprodutivos seria inevitável. Resta acrescentar que, em fins da década de 1970, a pílula anticoncepcional foi inventada. Os estudos que diferenciavam sexo e gênero têm início nesse período, conduzindo as mulheres a se enxergarem como uma construção social. Patricia Collins e Dorothy Smith foram nomes importantes na construção de uma ciência social feminista, defendendo que a teoria necessitava ser construída por mulheres, já que eram experienciadas por estas.

A elas, juntaram-se mulheres socialistas/marxistas, engrossando a discussão sobre a divisão sexual do trabalho, gerando uma crítica à diferença salarial. Sheila Rowbotham e Angela Davis acrescentaram ao debate questões raciais às de gênero que estavam em curso.

Os anos 1990 prepara a *Terceira Onda*, ao provocar mudanças nas sociedades. O muro de Berlim se dissolve à semelhança das ditaduras na América Latina, promovendo mudança de mentalidade. Com o advento da internet e o movimento punk, as garotas rebeldes incluem a negação a corporativismos e gritam seus ideais em zines, cujo conteúdo versava sobre patriarcado, estupro e empoderamento feminino.

Dentro dessa linha evolutiva de lutas e conquistas femininas, Jane Austen (1775 - 1817) vive o calor das chaminés das fábricas como autora profeminista, uma vez que se antecipa ao movimento feminista, porém abordando temas que se tornariam pautas de reivindicações. É contemporânea da Revolução Francesa que, de certa forma, denunciou a condição de opressão de gênero, destacando a superioridade e a dominação imposta pelos homens. Na Inglaterra, havia uma grande efervescência social e cultural, pois era uma época favorável às artes, chamado de Era Georgiana, passando-se durante os reinados de George I, II, III e IV. Nesse período, a autora começa a escrever suas histórias com toque de ironia, narradas com base no que ela observava em sua própria sociedade.

No período em que foram escritos os seus romances, muitas mulheres liam para se distrair. Tais mulheres viviam presas à trabalhos domésticos, esposo, filhos, a uma rotina diária muito cansativa, e que, muitas vezes, viam no casamento uma forma de sustento. Ler seus romances davam a elas novas perspectivas do que poderiam ser porque a escritora inglesa, de certa forma, abriu novos caminhos de desconstrução de ideias.

Além disso, suas obras tinham um estilo cômico muito comum, costuradas com ironias que construía a representação feminina, mostrando a desvalorização da mulher na época. Conforme Vivien Jones,

Os romances de Jane Austen são comédias românticas. Ou seja, elas são histórias de amor com finais felizes. ‘Comédia’ aqui não é somente usada para sugerir algo que faz rir, embora os romances de Austen geralmente façam isso também, mas como o oposto da ‘tragédia’. Em outras palavras, descreve uma positiva visão celebrativa da vida, representando felicidade e ideais. Os romances de Austen são frequentemente comparados com as comédias de Shakespeare. Sendo familiar como uma delas percebesse que terminam de maneira semelhante, com casamentos simbolizando reconciliação e harmonia (Jones, 1997, p. 50).

Ela esclarece que, ao chamar os romances de Austen de “comédias”, não se refere apenas ao humor presente em suas histórias, mas à estrutura narrativa geral, que se opõe à tragédia. Nas comédias românticas de Austen, os enredos giram em torno de relações amorosas, em que as protagonistas, geralmente mulheres, enfrentam diversos desafios e obstáculos para alcançar o amor verdadeiro e a felicidade. Embora os romances possam conter momentos de tensão e dificuldades, o desfecho é quase sempre feliz, com casamentos que simbolizam a reconciliação e a harmonia entre os personagens.

A comparação entre os romances de Jane Austen e as comédias de Shakespeare é muito apropriada, pois ambos os autores trabalharam com elementos cômicos, românticos e finais felizes em suas obras. Ambos os estilos literários celebram a vida, retratando os ideais e as aspirações humanas em um contexto positivo.

Correia e Pereira (2017) afirmam que Jane Austen, ao questionar o padrão inalcançável da mulher enquanto idealização, desloca o debate para o fenômeno da escrita feminina da literatura em um espaço majoritariamente masculino. E, apesar de que mulheres tenham sido retratadas em grandes obras escritas por homens, os modelos femininos eram sempre concebidos a partir do olhar masculino e os problemas inerentes à condição das mulheres eram sempre tratados superficialmente, quando não totalmente ignorados.

Algumas de suas personagens se negam a casar, pois preferem ficar sozinhas a terem que sustentar uma relação medíocre. Embora suas obras tragam o casamento como foco de discussão, Jane Austen não casou. Suas ironias para denunciar situações de opressão nas obras que produziu apontam para uma mulher real e uma mulher ficcional muito bem delineadas por Virgínia Woolf em *Um teto todo seu*:

Uma criatura muito estranha, complexa, emerge então. Na imaginação, ela é da mais alta importância; em termos práticos, é completamente insignificante. Atravessa a poesia de uma ponta à outra; por pouco está ausente da história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era escrava de qualquer rapazola cujos pais lhe enfiassem uma aliança no dedo. Algumas das mais inspiradas palavras, alguns dos mais profundos pensamentos saem-lhe dos lábios na literatura; na vida real, mal sabia ler e escrever e era propriedade do marido (Woolf, 1990, p. 56).

Woolf destaca a dicotomia entre a representação literária das mulheres e a sua realidade histórica. Ela observa que as mulheres na literatura frequentemente são retratadas como figuras poderosas e influentes, que desempenham papéis de destaque na poesia e na ficção. No entanto, na vida real, as mulheres muitas vezes eram relegadas a posições de submissão e opressão, limitadas por normas sociais restritivas e patriarcais. Ela enfatiza a importância da imaginação e da criação literária na construção de personagens femininas fortes e independentes, que possam desafiar as limitações impostas pela sociedade. Ela também aponta para a necessidade de mudanças sociais que permitam às mulheres terem suas próprias vozes, educação e independência financeira, para que possam transcender as limitações impostas a elas na vida real.

A autonomia na escolha de se casar ou não, na realidade, não fez parte da realidade de suas contemporâneas. De certo modo, Jane Austen é, na vida real, o ser ficcional de suas obras. Nesse sentido, é importante refletir sobre o conceito de mulher. Na visão de Funck (2011), o termo é estereotipado, ou seja, a mulher é um indivíduo cuja subjetivação ocorre dentro das normas e comportamentos socialmente definidos como femininos pelo seu contexto cultural.

Simone de Beauvoir (1967) compreende que ser mulher é uma categoria que existe na sociedade, assim como o ser homem. Mas, não é como se existissem duas categorias diferentes, como A e B, é como se existisse a categoria masculina sendo positiva e a feminina sendo negativa. Compreendendo-se que ser mulher é ser um não homem, então teríamos o homem compondo a categoria positiva e as mulheres compondo a categoria negativa. Mas o homem, além de ele compreender a categoria positiva, ele compõe a categoria neutra, porque, quando falamos de ser humano, o que nos vem à cabeça é um homem. A palavra é usada no português para abranger muitas vezes as mulheres, estamos nos referindo aos seres humanos de um modo geral. Ninguém fala mulheres, referindo-se aos seres humanos. Usamos essa palavra para nos referirmos a uma singularidade da espécie humana.

Para a autora, o homem não constitui uma singularidade da espécie humana porque ele é considerado sujeito e a mulher é considerada objeto, porque, na verdade, temos essa tendência: enxergamo-nos como sujeito e tudo aquilo que não é a gente, que é diferente, o não eu, o negativo, é o objeto. Ela traz a ideia de outro quando diz que as próprias mulheres se enxergam como outro, quando aceitam a submissão, quando aceitam a ideologia do homem.

Esse conceito de Outro trazido por ela é semelhante ao pensamento de Ribeiro (2017), quando esta diz que o lugar de fala é o lugar social de localização de poder dentro da estrutura e não a partir da vivência especificamente, ou de experiência individual. Ou seja, as autoras compreendem que o olhar masculino

coloca as mulheres no lugar de objeto e isso as impede de se tornarem um ser “para si”.

Beavouir (1967) também afirma que por muitas vezes é confortável ser o outro. Pode até ter o lado ruim, uma vez que o caminho de ser o outro pode constituir muitas vezes um caminho nefasto porque você se sente estranho em suas próprias vontades, porque você não transcende, não se constitui como sujeito. Contudo, por outro lado, é um caminho fácil, porque não existe uma angústia sentida quando se tem liberdade. Então, sem generalizações, as mulheres se comprazem em ser o objeto, de certa forma porque são condicionadas a isso.

A autora admite que as mulheres são, de fato inferiores, porém não por uma questão de natureza, ou por questão de essência, mas por uma questão de construção social. A existência feminina foi construída e, por isso mesmo, condicionante para que *o segundo sexo* fosse inferior.

Há quem diga que Jane Austen foi precursora do feminismo. Para Perrot (2008, p. 154), “em sentido muito amplo, ‘feminismo’, ‘feministas’ designam aqueles e aquelas que se pronunciam e lutam pela igualdade dos sexos”. Deve-se considerar que essas categorias não estavam em voga no tempo da escrita de Jane Austen. Schimidt (1999) pontua:

O feminismo, desde suas origens, sempre partiu de reflexões sobre a prática e a ênfase na experiência, prendendo-se ao fato de que, historicamente, essa categoria foi determinante na transformação de realidades no campo social. Sem cair na armadilha de um conceito a-histórico, reificado e unitário de experiência e sem incorrer no esvaziamento textual da experiência propiciada pela repercussão do pós-estruturalismo nas teorias do sujeito, é possível reconfigurar o conceito de experiência a partir da noção de efeito da interação entre a subjetividade e a prática social (Schimidt, 1999, p.38).

O uso dos conceitos “feminista” ou “não feminista” extrapola a possibilidade de categorização rígida e não pode ser dissociado de contextos mais complexos. A constituição de uma crítica feminista é o processo de desconstrução de leituras consagradas, como destaca Xavier (1999):

Apesar de ser chamada por muitos de revolucionária, Jane era uma autora conservadora, não queria revolucionar nada, não queria que a sociedade inglesa funcionasse de outro jeito, mas ela critica de dentro, a ironia se constrói justamente por não querer mudança, ela queria continuar naquele regime, porém tendo uma visão crítica do que acontece ali (Xavier, 1999, p.16)

Para início de conversa, Jane Austen adota o romance como gênero das suas narrativas, o qual figura dentro da lógica do entretenimento, ainda não considerado como gênero literário nesse período. Duzentos anos após sua morte, ela é uma das escritoras inglesas mais famosas, principalmente pelos romances:

Orgulho e preconceito (1813), *Emma* (1815), *Razão e Sensibilidade* (1811) e *Persuasão* (1818), conquistando admiradores pelo mundo inteiro.

Todos os seus romances publicados em vida eram anônimos. Seu nome só foi exposto após seu falecimento, pois o que era escrito por uma mulher não poderia ter credibilidade, respeito, não poderia ser vendido. O papel da mulher, nesse período, é o de subserviência. A única coisa que uma mulher podia fazer para assegurar sua existência material era o casamento. Quanto a isso, Perrot (2005, p. 78) afirma que: “ser mulher nunca é fácil, sobretudo naquele século XIX que, em sua realidade triunfante, provavelmente levou a seu paroxismo a divisão sexual dos papéis e dos espaços, definindo “o lugar das mulheres” com um rigor apoiado no discurso científico”.

Jane Austen já trazia, de forma implícita, traços que representavam uma violência simbólica nas suas obras, quando fala de casamento, por exemplo. Em todas as suas representações de mulher, a união entre o sexo feminino e masculino figura como foco central da trama. Bourdieu (2003a) e Beauvoir (1967) trazem o conceito de violência simbólica presente no casamento, mostrando que a mulher é preparada desde a infância para as relações matrimoniais: “A mulher está votada à perpetuação da espécie e à manutenção do lar, isto é, à imanência” (Beauvoir, 1967, pag. 169). Os ritos simbólicos do casamento são a exaltação da virilidade e a expressão do contrato que faz da mulher uma posse. Eles ditam os costumes da cultura dominante, a cultura masculina.

Sendo assim, as obras da autora inglesa tentam transmitir para leitor uma educação sentimental, de que casamento é difícil, chato, requer uma maturidade das partes e que, se os enamorados não vencem preconceitos, não ficam juntos. É revolucionária a forma com a qual ela apresenta a praticidade com que se deve lidar com sua vida material e afetiva. Em outras palavras, uma forma prática de olhar para o amor e para posses, distinguindo-os.

Em *Orgulho e Preconceito* (1813), vemos toda a estrutura do século XIX, por meio de mulheres que querem casar, expondo-se os motivos. Primeiro, por que a propriedade delas depende disso, ou seja, manter a vida material depende de ter um homem, conseguir um marido é como conseguir um emprego. Não importa se existe afeto.

O homem dirige a mulher que, por sua vez, é a responsável pela casa e garante o sucesso e a estabilidade dessa união na qual cada um faz jus à sua virtude: o homem no público, a mulher no privado. A mulher representa um papel importante a ser cumprido na casa: é ela que desempenha o trabalho que o marido não pode cumprir, pois está ocupado cumprindo seus deveres de cidadão (está trabalhando). Ela é levada a crer que o seu trabalho é igualmente importante e insubstituível (Foucault apud Caballero, 2016, pg. 69).

A voz de Foucault (2016) sobre atribuições dos papéis femininos é bastante precisa. Essa naturalização, ainda no século XIX, que é feita com a força produtiva movida pelo trabalho doméstico, aliena e aprisiona mulheres, camuflando funções de trabalho com atributos de feminilidade. Federici (2019), na obra *O ponto zero da revolução* teoriza sobre esse tipo de trabalho que, por muito tempo foi negligenciado na cadeia produtiva das sociedades. A recusa do trabalho doméstico como um destino natural das mulheres só veio ocorrer de fato, após a Segunda Guerra Mundial, revelando o trabalho das mulheres como o verdadeiro segredo da acumulação primitiva do capital.

O que a autora chama de ponto zero deve ser entendido, ao mesmo tempo, como um local de perda completa e de possibilidades, pois, somente quando todas as possibilidades e ilusões são perdidas, o ser humano é levado a encontrar, inventar, lutar por novas formas de vida e reprodução. Por sua vez, “a reprodução de seres humanos é o fundamento de todo sistema político e econômico, e a imensa quantidade de trabalho doméstico remunerado e não remunerado, realizados por mulheres dentro de casa, é o que mantém o mundo em movimento” (Federici, 2019, p. 17).

Em suma, a autora constata o lugar desse grau zero, não antes sem fazer justiça a teorias econômicas que deixaram de fora essa força produtiva que emana da mão-de-obra (quase em tempo integral) das mulheres.

Elizabeth Bennet: o ser mulher

Antes de serem feitas análises, é necessário recuperar uma fala como ponto de partida para a trama de *Orgulho e Preconceito*: o desejo da senhora Bennet (mãe de Elizabeth), a saber, ver suas filhas bem casadas. Segue o excerto:

“É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, possuidor de boa fortuna, deve estar necessitado de esposa. Por pouco que os sentimentos ou as opiniões de tal homem sejam conhecidos, ao se fixar numa nova localidade, essa verdade se encontra de tal modo impressa nos espíritos das famílias vizinhas, que o rapaz é desde logo considerado a propriedade legítima de uma de suas filhas” (Austen, 1982, p. 09).

O trecho descreve uma visão irônica e satírica da sociedade do século XIX, em que a busca por casamento era frequentemente guiada por interesses financeiros e convenções sociais, em vez de sentimentos verdadeiros. É mencionado que um homem solteiro com boa fortuna é considerado necessitado de esposa pelas famílias ao seu redor, e é logo visto como uma “propriedade legítima” para uma das filhas dessas famílias.

Entende-se por bem casada, segundo o entendimento da senhora Bennet, a mulher que consegue estabelecer um contrato matrimonial com um dono de boa

fortuna. Ademais, a matriarca via nisso um modo de assegurar suas filhas alguma riqueza. Isso demonstra um costume no período em que se passa o romance na Inglaterra, a saber, as mulheres não herdavam as fortunas. Então, nenhuma das cinco filhas ficaria com sua propriedade. Na verdade, elas herdariam uma parte da fortuna da mãe delas, que foi dada no dote, mas era uma quantia irrisória.

[...] — Como se chama ele? (pergunta o pai de Elizabeth)

— Bingley. (responde a mãe de Elizabeth)

— É casado ou solteiro?

— Oh, solteiro, naturalmente, meu caro. Solteiro e muito rico! Quatro ou cinco mil libras por ano. Que boa coisa para as nossas meninas, hein?

— Como assim? De que modo pode isso afetá-las?

— Meu caro Mr. Bennet —, replicou a sua esposa —, como você, às vezes, é enfadonho! Deve saber que ando pensando em casar uma delas...

— Será este o projeto do homem ao se instalar aqui?

— Projeto? Tolice... Como é que você pode dizer uma coisa destas? É até muito provável que ele se apaixone por uma delas. Portanto, assim que chegue você deve ir visitá-lo.

— Não vejo motivo para isto. Você pode ir com as meninas, ou pode até mandá-las sozinhas, o que talvez ainda seja melhor, pois como você é tão bela quanto qualquer uma delas, Mr. Bingley pode preferi-la [...] (Austen, 1982, p. 09-10).

O casal central Elizabeth e Darcy não tem uma relação muito afetuosa no início da trama, mas os diálogos tratados por eles são cheios de duplos sentidos. Percebe-se um misto de aversão, curiosidade e desejo entre os dois. Inicialmente, ela não havia “caído no gosto” de Darcy e o sentimento era recíproco, porque a primeira impressão entre eles foi desagradável: ela achava-o orgulhoso; ele não a achava tão bonita, a ponto de chamar sua atenção.

[...] — Você está dançando com a única moça realmente bonita que existe nesta sala — disse Mr. Darcy, olhando para a mais velha das irmãs Bennet.

— Oh, é a mais bela moça que já vi na minha vida, mas bem atrás de você está uma das suas irmãs, que é muito bonita e agradável. Deixe-me pedir ao meu par que o apresente a ela?

— Qual? — perguntou ele, voltando-se e detendo um momento a vista em Elizabeth até que, encontrando os seus olhos, desviou os seus e disse, friamente: — É tolerável, mas não tem beleza suficiente para tentar-me. Não estou disposto agora a dar atenção a moças que são desprezadas pelos outros homens. É melhor você voltar ao seu par e se deliciar com os seus sorrisos, pois está perdendo tempo comigo [...] (Austen, 1982, p. 17)

Elizabeth é apresentada no livro como uma jovem de personalidade forte, inteligente, e o pai dela descreve-a como a mais viva entre as irmãs: “Nenhuma delas tem muito o que se lhes recomende —, respondeu Mr. Bennet —; são tolas e ignorantes como as outras moças. Mas Lizzy é realmente um pouco mais viva do que as irmãs” (Austen, 1982, p. 10)

Ela não gostava de fazer o que a sociedade esperava e, de certa, forma, condicionava para que fizesse. Como boa moça, deveria aprender vários atributos para ser uma boa esposa, como: desenhar, pintar, tocar piano, várias qualidades que a sociedade achava necessário a uma mulher. Contudo, queria ser algo para além disso. Tinha uma boa relação com o pai, por isso ele a apoiava nas decisões, instigando-a a querer ser mais do que uma simples esposa. Elizabeth se preocupava com as irmãs mais novas e tinha uma relação muito próxima com a irmã Jane.

Questionadora, ela sempre reflete não somente sobre o papel da mulher naquele período, como também sobre a beleza, o casamento. Ela não se amedrontava com a superioridade das pessoas de classes mais altas, sobretudo quando tentavam intimidá-la, fato que acontece quando a tia de Darcy, Lady Catherine, questiona sobre sua idade e ela prontamente não a responde:

[...] — Sob minha palavra — disse Lady Catherine —, você dá a sua opinião muito decididamente para uma pessoa de tão pouca idade. Diga-me, quantos anos tem? — Com três irmãs mais moças já crescidas — replicou Elizabeth —, Vossa Senhoria não pode esperar que eu lhe dê uma resposta. Lady Catherine pareceu ficar atônita com a resposta e Elizabeth suspeitou que ela tinha sido a primeira pessoa que jamais ousara fazer pouco de uma tão pomposa impertinência.

— Você não pode ter mais de vinte anos, portanto não precisa esconder a sua idade.

— Ainda não fiz 21 anos [...] (Austen, 1982, p. 152).

Justa, ela não se conforma com o papel social que a mulher desempenhava no período. Era considerada como uma moça independente, pois gostava de caminhar sozinha e o livro sempre descreve isso. Naquele período, no qual a mulher era criada para aprender atributos para conseguir um marido, a possibilidade de ela caminhar sozinha, a pé, é uma grande relevância para o papel dela de independência.

Outra questão é sobre o casamento, uma peça central no período do romance na Inglaterra. Elizabeth acha tão ridículo da parte da mãe buscar estratégias para tentar casar suas filhas, quanto desnecessário, que rejeitou uma proposta feita pelo seu primo, já que não tinha nenhum tipo de sentimento por ele. Assim, ela faz uma escolha, deixando todos chocados, ao rejeitar uma oferta dessas.

Já em *Emma* (1815), temos uma personagem adorada por todos, que não quer casar. A maior ironia no romance reside no fato de Emma ter um poder doméstico, acreditando que, com ele, pode mudar o mundo ao seu redor na tentativa de controlar a vida de alguns outros personagens. Em *Razão e Sensibilidade*, vemos as tradições, os costumes que rodeiam a realidade feminina da classe *Gentry* (pequena nobreza rural) em que estão inseridas as irmãs Dashwood, Elinor e Marianne que são forçadas a enfrentar diversas dificuldades sociais e financeiras após a morte de seu pai, pois são deixadas em uma situação financeira precária.

A autora critica o casamento puramente por interesse financeiro ou social, mostrando que ele pode levar à infelicidade e à falta de realização pessoal. Ao mesmo tempo, Austen destaca que o casamento movido apenas pela paixão sem uma base sólida pode ser igualmente problemático. Em um breve diálogo com a Literatura brasileira, esse último elemento citado, presente no enredo de Jane Austen, dialoga com um momento vivido pela personagem Aurélia, protagonista da obra *Senhora*, escrita por José de Alencar (2007), na qual há uma transação comercial envolvendo o casamento. Aurélia foi criada por um homem e, por isso, no final da obra, acaba cedendo ao poder masculino, retroalimentando o sistema patriarcal à medida que acaba reproduzindo-o.

Em linhas gerais, tudo gira em torno do casamento, Federici (2019) aborda a ideia de que o capitalismo se beneficia da exploração do trabalho das mulheres, especialmente na função de criada ou dona de casa. Ela destaca que o trabalho desempenhado pelas mulheres em suas casas é complexo e abrange uma combinação de serviços físicos, emocionais e sexuais. No contexto patriarcal e capitalista, as mulheres foram historicamente confinadas aos papéis de donas de casa, encarregadas de cuidar da família, das tarefas domésticas e da reprodução.

Por isso, sua obra permanece, porque ela estabelece com clareza os contornos de uma sociedade profundamente machista. Contudo, ela não é determinista. Não é porque se vive em uma sociedade profundamente machista que não se pode ter relações significativas vindas de homens e mulheres sensíveis e que podem se encontrar. Nesse sentido, sua leitura é um clássico fundamental para se entender o que a sociedade vive hoje.

Da obra de Jane Austen para a sala de aula


Tendo em vista a pertinência dos estudos de gênero na atualidade, as mudanças na concepção de família e a luta pelos direitos civis, a obra de Jane Austen proporciona olhares sobre a condição das mulheres na trajetória historiográfica.

Sendo assim, o presente artigo propõe uma sequência didática, dentro de uma concepção dialógica de linguagem, como forma de materializar um trabalho de leitura, considerando que o gênero é um “instrumento que fornece um suporte para a atividade, nas situações de comunicação, e uma referência para os aprendizes” (Schnewly e Dolz, 2004, p. 75).

Nesse processo de elaboração do modelo, consideramos três princípios (Schnewly e Dolz, 2004): o da *legitimidade*, que consiste em referendar o conhecimento teórico sobre o gênero; o da *pertinência*, que diz respeito à capacidade do educando, bem como às finalidades pedagógico-escolares e ao processo de ensino-aprendizagem; finalmente, o da *solidarização*, que torna coerente o saber atrelado aos objetivos buscados.

Em suma, o docente seleciona o que se deve ensinar para, em seguida, criar várias sequências sobre um mesmo assunto, de acordo com as necessidades da turma. Cientes do que vem a ser uma sequência didática, apresentaremos o modelo didático criado para trabalhar a obra de Jane Austen com alunos de Ensino Médio.

FIGURA 1: Sequências Didáticas para o Clube de Leitura de Jane Austen

SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O CLUBE DE LEITURA JANE AUSTEN 			
GÊNEROS	DURAÇÃO	RECURSOS UTILIZADOS	CONTEÚDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA
1ª e 2ª semanas: (seis aulas) Romance (Para Estudo) Diário de Leitura (Orientações para o Blog)	SEIS SEMANAS	Obra: <i>Orgulho e Preconceito</i> , de Jane Austen. Filme: O clube de leitura de Jane Austen (2007) - Mostra cinco mulheres e um homem que decidem formar um grupo de leitura dedicado a estudar os trabalhos da autora do século XIX, Jane Austen. Ao mesmo tempo em que discutem as problemáticas das obras, passam por desafios semelhantes. Canções: Amélia (Mário Lago); Desconstruindo Amélia (Pitty); Dona de mim, de Iza; Dandara (Nina Oliveira); Realeza popular, de Enéas Dias e Marcos Moura. (Garantido 2019)	Sequências textuais narrativa e descritiva, atentando para o trabalho com os tempos verbais, referentes textuais e sequenciadores lógicos da narração, com ênfase em paragrafação e uso de conectivos (parte I). Análise semiótica e historiográfica dos quatro perfis de mulheres nas canções. Orientações para os Blogs ou fanpage no face.
3ª e 4ª semanas: (seis aulas) Elementos da narrativa Diário de Leitura		Elementos da narrativa para entender o romance. (Parte 1: narrador, personagens, tempo, espaço) Diário de leitura no BLOG: o que é, como se faz	Ironia e paródia.
5ª Semana: (Três aulas)		Elementos da narrativa para entender o romance. (Parte 2: enredo)	Sequência textual narrativa, atentando para o trabalho com os tempos verbais, referentes textuais e sequenciadores lógicos da narração (parte II).
6ª Semana: Avaliação da turma Discussões sobre os blogs dos alunos na rede		(Aula no laboratório) Resultados e discussões sobre o projeto. Premiação para os três primeiros lugares - blog.	Critérios de avaliação Coesão e coerência textual - (1,0 ponto) Gênero textual exigido (adequação da linguagem) - (1,0 ponto) Juízo de valor sobre o livro - (1,0 ponto) Aspectos gramaticais - (1,0 ponto) Recursos gráficos, visuais e sonoros (estética do blog) - (1,0 ponto)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho trouxe uma breve reflexão sobre o ser mulher, lembrando as pautas das ondas feministas iniciadas no final do século XIX, marcado pela luta por igualdade política e jurídica e levou para as ruas, especialmente, mulheres brancas e de Classe Média. Tais pautas, de forma embrionária e sem pretensões de um movimento em si, foram mencionadas por Jane Austen em suas obras, quando a autora inglesa decidiu pôr em foco o casamento e a condição da mulher na sociedade, deixando claro que as opressões atingem as mulheres de modos diferentes.

O ser mulher é resultado de um movimento em constante florescimento, marcado por diferentes grupos, práticas e ações. Por isso mesmo falar em condição feminina significa, cada vez mais, falar no plural. Sendo assim, o estudo buscou fazer uma leitura sobre o ser mulher, analisando a personagem Elizabeth Bennet, da obra *Orgulho e Preconceito*, da escritora inglesa Jane Austen. A partir dela, podemos ter uma melhor compreensão sobre como se davam as relações afetivas e sociais da personagem.

É válido pontuar o quão semelhantes são as situações narradas em suas obras e sua própria história de vida. Parece que Jane Austen escreveu sobre sua própria realidade, do período em que vivia, conferindo à voz da personagem uma crítica aos costumes e tradições do tempo, também mostrando preocupação com as pressões sobre as mulheres e as representações ideológicas sobre elas.

A personagem Elizabeth, que é confessadamente uma das mais queridas da autora, pode simbolizar os desejos e vontades da mulher de seu tempo, que queria apenas ser livre para fazer suas escolhas, viver sua vida, etc. Jane Austen não usa o modelo de mulher estereotipado da época, predominando a racionalidade em suas protagonistas. Isso mostra que há nela a base de todas as personagens fortes que já tivemos posteriormente na Literatura contemporânea.

Pode-se dizer que a literatura de Jane Austen oferece várias reflexões sobre o papel e a condição das mulheres em sua época, bem como sobre questões mais amplas relacionadas à feminilidade. Suas obras são ambientadas no século XIX, época em que as expectativas e os papéis sociais das mulheres eram fortemente definidos e limitados. Embora os contextos sociais tenham mudado significativamente desde os tempos de Jane Austen, muitos dos temas abordados em sua literatura ainda ressoam com questões contemporâneas relacionadas aos papéis e expectativas das mulheres na sociedade. Através de suas obras, Austen continua a ser uma autora relevante e uma fonte de inspiração para a discussão sobre o que significa ser mulher e como as mulheres podem buscar sua própria independência e felicidade.

REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Lúcio Cardoso. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade**. São Paulo: Editora Landmark, 2010. Edição bilingue: inglês/português.
- AUSTEN, Jane. **Emma**. São Paulo: Editora Landmark, 2010. Edição bilingue: inglês/português.
- ALENCAR, José. **Senhora: perfil de mulher**. São Paulo: Saraiva, 2007.
- AMARAL, J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. 2007. Disponível em: https://cienciassaude.medicina.ufg.br/up/150/o/Anexo_C5_Como_fazer_pesquisa_bibliografica.pdf. Acesso em: 20 de out. 2022.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**, vol. 1 (1949). Tradução Sérgio Milliet. – 3ª edição – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**, vol. 2 (1967). Tradução Sérgio Milliet. 3ª edição – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- CORREIA, L. M.; PEREIRA, R. C. M. **Mulher, Literatura e Feminismo: Orgulho e preconceito e o pensamento independente em evidência**. Artigo publicado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2017. Disponível em: http://www.usp.br/cje/jorwiki/exibir.php?id_texto=345. Acesso em: 30 de out. 2022.
- FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- FUNK, S. B. O que é uma mulher? In: **Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e literaturas, 2011. Revista Cerrados. Vol. 20, N. 31.
- GERHARDT, E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- JONES, V. **How to study Jane Austen**. London: The Macmillan Press, 1997.
- PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Corrêa. 1. ed. São Paulo: contexto, 2008.
- RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p.
- SCHIMDT, R. T. **Descentramentos/convergências: ensaios de crítica feminista**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2017.
- SCHNEUWLY, Bernard. DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros Oraís e**

Escritos na Escola. Campinas: Mercado de Letras, coleção de faces da linguística aplicada, 2004.

XAVIER, E. Para além do cânone. In: RAMALHO, C. (Org.) **Literatura e feminino**: propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999. p. 19-38.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.



ALÉM DO TEMPO: COMENTÁRIOS SOBRE ‘MEMÓRIAS DE ADRIANO’, DE MARGUERITE YOURCENAR

Dirce Maria da Silva¹

INTRODUÇÃO

Dentre autores de referência, reconhecidos por suas contribuições significativas para o gênero memorialismo, está Marguerite Yourcenar (1903-1987), escritora francesa, conhecida por obras históricas e autobiográficas, dentre elas “Memórias de Adriano”, livro com uma narrativa memorialística em primeira pessoa, situado entre o texto histórico e a biografia romanceada, de imaginação ficcional criticamente depurada, no qual Yourcenar assume a voz do personagem, numa ambientação cultural e psicológica que obedece a um majestoso processo de reconstituição arqueológica.

O romance é desenvolvido por meio de uma série de cartas escritas pelo Imperador Romano a seu amigo, Marco Aurélio, que seria mais tarde seu sucessor. As cartas compõem o núcleo narrativo desse romance epistolar, que servem

1 Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Estudos Sobre a Violência. Graduada em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas. O curso de Letras, minha primeira graduação, ofereceu-me compreensão da linguagem e das narrativas humanas, enquanto o Mestrado, com foco em Políticas Públicas, ajudou-me a melhor compreender o contexto social e político em que as questões de direitos ocorrem, fazendo-me melhor entender como cidadania, políticas públicas e linguagem estão intrinsecamente relacionadas. Membro (Técnico) do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas (POSlit / TEL) da Universidade de Brasília. Membro Fundadora do Instituto de Pesquisa, Desenvolvimento e Apoio a Neurodivergentes (IPDAN) (Instagram: ipdan.org.br). Atualmente trabalha como professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: dircem54@gmail.com.

como estrutura literária para o Imperador Adriano² contar a história de sua vida e de seu governo, situando-se próximo da narrativa de confissão.

Mémoires D’hadrien (*Suivi de Carnets de Notes de “Memoires D’Hadrien”*), título original em francês, foi publicado pela primeira vez em 1951. A edição da qual extraímos os excertos é a 11^a, publicada pela Editora Nova Fronteira/RJ, em 1980.

Cada uma das seis seções que compõem a obra: *Animula Vagula Blandula*; *Varius Multiplex Multififormis*; *Tellous Stabilita*; *Saeculum Aureum*; *Disciplina Augusta e Patientia*, desempenham papéis específicos na construção da narrativa e na exploração da personalidade de Adriano. Daremos ênfase aqui a excertos das três primeiras.

Os excertos elencados nesta modesta apreciação são recortes das passagens que destaquei durante a primeira leitura de *“Memoires D’Hadrien”*, às quais, ocasionalmente, retorno. Tomei a liberdade de acrescentar informações sobre algumas figuras dos excertos originais, explicando-as nas Notas de Rodapé, inseridas como informações gerais de pesquisa livre, apenas como forma de melhorar a fruição textual.

A primeira parte, *Animula Vagula Blandula*, a seguir, inicia a narrativa com uma atmosfera que evoca a essência das memórias que o Imperador está prestes a compartilhar. Trazem a sensação de nostalgia e introspecção.

DESENVOLVIMENTO DAS SEÇÕES

Animula Vagula Blandula (Pequena Alma Terna Flutuante)

De início, Adriano compartilha de reflexões filosóficas e pessoais sobre uma variedade de assuntos, incluindo a natureza da vida, o significado da morte e as responsabilidades de um Imperador. Ele é representado por Yourcenar como um líder intelectual e humanista, cujas preocupações vão além do poder e da política.

2 Em 24 de janeiro de 76 D.C, nasceu Publius Aelius Hadrianus (Adriano), em Roma, ou, segundo algumas fontes, em Itália, uma cidade na província romana da Hispania Betica, a 9 km da atual Sevilha, que foi fundada por Cipião, o Africano, ainda durante a 2^a Guerra Púnica, onde foram assentados colonos romanos de origem italiana, entre os quais provavelmente estava a família dos Élios. O pai de Adriano, Publius Aelius Hadrianus Afer, era um senador romano e primo de Marcus Ulpius Trajanus, seu conterrâneo de Itália que se tornaria, em 98 D.C, o imperador Trajano, foi o primeiro imperador nativo de uma província fora da Itália. A sua mãe, Domicia Paulina, também vinha de uma família da classe senatorial radicada na Espanha. Quando Adriano tinha apenas 10 anos de idade, no ano de 86 D.C, os seus pais faleceram e ele ficou sob a tutela de Trajano e de Publius Acilius Attianus, um conterrâneo de seu pai. Aos 14 anos de idade, Adriano, que estava em Itália, foi chamado para ir morar em Roma por Trajano. Na capital do Império, Adriano recebeu uma esmerada educação, em companhia de outros rapazes da alta aristocracia romana. Ele governou o Império Romano de 117 d.C. a 138 d.C. e é tido como um dos imperadores romanos mais cultos e intelectuais de sua época. Disponível em: <https://historiasderoma.com/category/adriano/> Acesso em: 28/08/2023.

Ao retornar de mais uma de suas incursões, escrevendo a seu amigo Marco, ele discorre, dentre os assuntos, sobre seu atual estado de saúde. A morte, inexorável, é tema explorado em boa parte das cartas retratadas ao longo da narrativa desenvolvida por Yourcenar.

Sobre a proximidade da sua morte, à página 13, o Imperador se descreve como “*um homem que avança em idade e prepara-se para morrer com uma hidropisia do coração*”³.

Adriano escolheu passar parte de seu reinado viajando pelas várias províncias do Império. Historiadores, a exemplo de Edward Gibbon⁴, em sua obra “A História do Declínio e Queda do Império Romano” (1776-1778), afirmam que isso talvez refletisse o desejo de Adriano de estabelecer uma comunidade global e ecumênica, fundamentada nos princípios da cultura helenista.

Mas seu quadro de insuficiência cardíaca congestiva não se deu por ser ele um glutão. Sobre questões alimentares, ele discorre nas páginas 17 e 18:

“Comer em excesso é hábito romano. Eu, porém, fui sóbrio por volúpia. [...] Comer um fruto é fazer entrar em si mesmo um belo objeto vivo, estranho e nutrido como nós pela terra. É consumir um sacrifício no qual nós nos preferimos ao objeto. Jamais mastiguei a crosta do pão das casernas sem maravilhar-me de que essa massa pesada e grosseira pudessem transformar-se em sangue, calor e, talvez, coragem”.

À página 19 ele escreve a respeito da carne, do vinho e do amor:

“A carne cozida nas noites das caçadas, possuía uma espécie de qualidade sacramental, que nos levava muito longe, quase além das origens selvagens das raças. O vinho inicia-nos nos mistérios vulcânicos do solo e nas riquezas minerais ocultas. Uma taça de Samos⁵ degustada ao meio-dia, em pleno sol, ou, ao contrário, saboreada numa noite de inverno, num estado de fadiga tal que nos permita sentir no fundo do diafragma seu fluxo quente, sua abrasadora dispersão ao longo das artérias, é uma sensação quase sagrada e, por vezes, demasiado forte para um cérebro humano”.

Experimentou rapidamente a abstinência de carne nas escolas de filosofia, pois nesses lugares, conforme descreve, acontece se provar todos os métodos de conduta. Ele fala, à página 21, sobre moral e cinismo:

“Os escríptulos religiosos dos gimnosofistas⁶ e sua repugnância pelas carnes sangrentas ter-me-iam impressionado, se não perguntasse a mim mesmo em que o sofrimento

3 Insuficiência cardíaca, descrita por vezes como insuficiência cardíaca congestiva.

4 Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Edward-Gibbon/The-Divine-Fall> Acesso: 27/08/2023.

5 Variedade de vinho produzida na ilha grega de Samos, localizada no Mar Egeu.

6 Do grego “gymnos,” que significa “nu,” e “sophistes,” que significa “sábio”. Conhecidos por sua prática de viver em simplicidade e austeridade, incluindo o hábito de vestir-se com pouca ou nenhuma roupa. Ascetas buscavam a sabedoria e a iluminação através de uma vida de contemplação, meditação e estudo.

da erva que se corta diferia essencialmente do sofrimento dos carneiros que se degolam. Os cínicos e os moralistas concordam em colocar a volúpia do amor entre os prazeres ditos grosseiros, como o prazer de comer e de beber, declarando-a, contudo, menos indispensável do que aqueles, visto que eles podem perfeitamente prescindir dela. Do moralista tudo se espera, mas espanto-me que o cínico se tenha enganado. Admitamos que uns e outros receiem seus próprios demônios, seja porque lhes resistam, seja porque se lhes entreguem, esforçando-se por aviltar o prazer a fim de lhes tirar o poder quase terrível, sob o qual sucumbem, e diminuir o estranho mistério no qual se sentem perdidos”.

Discorrendo sobre seu corpo que desvanecia, em tom de lúcida aceitação da fragilidade humana, da necessidade de repouso, e da finitude, ele reflete, à página 27:

“Começo a conhecer a morte; ela tem outros segredos, muito mais estranhos ainda à nossa atual condição humana. A divindade desse grande restaurador, o sono, quer que seus efeitos benéficos se exerçam sobre a pessoa adormecida sem qualquer indagação, da mesma forma que a água carregada de poderes curativos não se preocupa com a identidade de quem a bebe na nascente. Adormecidos, Caio Calígula e Aristides⁷ equivalem-se. Eu próprio renuncio a meus vãos e importantes privilégios e já não me distingo do guarda negro que dorme atravessado no umbral de minha porta. Que é a nossa insônia senão a obstinação maníaca da nossa inteligência em manufaturar pensamentos e formular uma série de raciocínios, silogismos e definições que lhe são próprios?”

Em outras palavras, o personagem nos diz que a existência humana diante do sono e da morte, independentemente de seu *status* ou inteligência, compartilha, ao final, da mesma experiência comum.

Na seção a seguir, **Varius Multiples Multiformis**, Adriano relata sentimentos e experiências de sua formação e educação, e no que isso influenciou sua vida como governador do Império Romano.

Varius Multiplex Multiformis (Diversificado, Múltiplo, Multiforme)

Neste momento do livro, a abordagem da autora enriquece sobremaneira a narrativa, tornando o personagem mais acessível, pois permite melhor compreensão de aspectos da personalidade e das motivações do protagonista. Ele relata na página 40:

“A convenção oficial exige que um imperador romano nasça em Roma, mas foi em Itália que nasci. Foi a esse país seco e, no entanto, fértil, que sobrepus mais tarde muitas regiões do mundo. A convenção tem a vantagem de provar que as decisões do espírito e da vontade transcendem as circunstâncias. O verdadeiro lugar de nascimento é aquele em

7 Caio Júlio César Augusto Germânico, mais conhecido pelo apelido “Calígula”, foi um Imperador romano que governou de 37 d.C. a 41 d.C. Aristides, também conhecido como Aristides, o Justo, foi um político e estadista ateniense do século V a.C.

que lançamos pela primeira vez um olhar inteligente sobre nós mesmos: minhas primeiras pátrias foram os livros. Em menos escala, as escolas”.

Adriano redefine a seu modo, no trecho em questão, o conceito de pátria e identidade, ao destacar que a essência de uma pessoa não está ligada a um lugar físico de nascimento, mas à jornada do conhecimento e da autodescoberta. Quando ele menciona que as suas “primeiras pátrias foram os livros”, está afirmando a importância da educação e do intelecto, que foram preponderantes em sua formação.

Afirmando a ideia de que a identidade de alguém pode ser forjada por meio da experiência intelectual, a despeito de onde tenha nascido, Yourcenar (Adriano) nos convida a considerar o papel da educação e do pensamento crítico na formação das identidades e na compreensão do mundo, pois somos moldados, para além do local de nascimento, pelas ideias que exploramos e pelas lições que aprendemos ao longo de nossa vida. Adriano nos encoraja, assim, a valorizar o poder do conhecimento e da reflexão em nossa busca da compreensão de nós mesmos e do mundo que nos rodeia.

Sobre a escola, educação, sedução do conhecimento, ele afirma, à página 41, que “o maior dos sedutores não foi Alcebiades⁸, mas, Sócrates”. E ainda:

“Os métodos dos gramáticos e dos retóricos são talvez menos absurdos do que eu imaginava, na época em que lhes estava sujeito. A gramática, com sua mistura de regras lógicas e de uso arbitrário, propõe ao espírito jovem um antegosto do que lhe oferecerão mais tarde as ciências da conduta humana, o direito ou a moral, todos os sistemas enfim, em que o homem codificou sua experiência instintiva. Quanto aos exercícios de retórica, em que éramos sucessivamente Xerxes e Temístocles, Otaviano e Marco Antônio, arrebatavam-me e eu me sentia um novo Proteu. Tais exercícios ensinaram-me a penetrar alternadamente no pensamento de cada homem e a compreender que cada um se decide, vive e morre segundo suas próprias leis. A leitura dos poetas surtiu efeitos mais perturbadores ainda: não estou certo de que a descoberta do amor seja necessariamente mais deliciosa do que a da poesia”.

8 Figura proeminente na Grécia Antiga, conhecida principalmente por seu envolvimento na política ateniense durante a Guerra do Peloponeso, que ocorreu no século V a.C. Ele nasceu por volta de 450 a.C. e faleceu em 404 a.C. Ele era notável por sua habilidade retórica e carisma, o que o tornou um influente líder político.

Compreende-se que nos exercícios de retórica os alunos assumiam papéis de figuras históricas como Xerxes e Temístocles, ou Otaviano e Marco Antônio⁹. Isso parece tê-lo cativado. A leitura dos poetas é descrita por ele como algo mais impactante, abrindo-lhe a mente para a profundidade emocional que rivaliza com a experiência do amor. Adriano enfatiza, dessa forma, o poder da literatura e da poesia em particular, em tocar a alma e despertar compreensão mais profunda do mundo e das emoções humanas.

Como acréscimo representativo da importância que ele dispensava ao papel fundamental dos estudos, ele afirma, à página 71: “*Um homem que lê, pensa ou calcula pertence à espécie e não ao sexo*”.

Sobre seu amor pela língua grega, ele escreve à página 42:

“Serei, até o final, reconhecido a Escauro¹⁰ por me haver iniciado desde jovem no estudo do grego. Era menino ainda quando ensaiei pela primeira vez traçar com o uso do estilete os caracteres de um alfabeto desconhecido: começava então minha grande emigração e minhas longas viagens e o sentimento de uma escolha tão deliberada e tão involuntária como a do amor. Amei essa língua por sua flexibilidade, sua elasticidade, sua riqueza de vocabulário, no qual se atesta, em cada palavra, o contato direto e variado com a realidade. Amei-a também porque quase tudo que os homens disseram de melhor foi em grego. Os sacerdotes egípcios mostraram-me seus antigos símbolos, antes sinais do que propriamente palavras, esforços muito antigos para classificar o mundo e as coisas, linguagem sepulcral de uma raça extinta. Durante a guerra judaica, o Rabino Joshua explicou-me literalmente certos textos dessa língua de sectários, tão obcecados pelo seu Deus a ponto de negligenciarem o lado humano. Familiarizei-me no exército com a linguagem dos auxiliares celtas; lembro-me especialmente de certos cantos... Mas os jargões bárbaros valem, no máximo, pelas reservas de palavras que eles acrescentam à linguagem humana e por tudo o que, sem dúvida, exprimirão no futuro. O grego, ao contrário, tem atrás de si tesouros de experiências, abrangendo a sabedoria do homem e a sabedoria do Estado. Dos tiranos jônicos aos demagogos de Atenas, da pura austeridade de um Agésilas¹¹ aos excessos de um Denys ou de um Demétrio, da

9 Xerxes I foi um Rei persa que comandou a Segunda Guerra Greco-Persa que tentou invadir a Grécia em 480 a.C.; Temístocles, estrategista ateniense, desempenhou papel crucial na Batalha de Salamina, onde a frota grega derrotou a frota persa de Xerxes. Otaviano, também conhecido como Augusto, primeiro imperador romano a estabelecer o Império Romano após a queda da República. Governou de 27 a.C. a 14 d.C.; Marco Antônio, político e general romano que se aliou a Cleópatra e desafiou Otaviano em uma guerra civil, que resultou em sua derrota na Batalha de Ácio em 31 a.C. O **Proteu**, mencionado por Adriano, era um deus marinho associado à mudança e à transformação, conhecido por assumir diferentes formas. Considerado profeta, para obter informações dele, os mortais precisavam prendê-lo ou enganá-lo. Proteu está na “Odisseia” de Homero, ao ser requisitado por Menelau, rei grego de Esparta, marido de Helena, quando do rapto desta por Páris, fato que desencadeou a Guerra de Troia.

10 Político e general romano que viveu no século I a.C.

11 Rei de Esparta (399-360 a. C.), considerado um dos mais brilhantes líderes militares da Antiguidade.

traição de Demarato à fidelidade de Filopemen¹², tudo que cada um de nós pode tentar para prejudicar os seus semelhantes ou para servi-los já foi feito, pelo menos uma vez, por um Grego. Sucede o mesmo com as nossas escolhas pessoais: do cinismo ao idealismo, do ceticismo de Pirro¹³ aos sonhos sagrados de Pitágoras¹⁴, nossas recusas ou nossos consentimentos já existiram, nossos vícios e nossas virtudes têm modelos gregos. Nada se compara à beleza de uma inscrição latina votiva ou funerária: umas poucas palavras gravadas sobre a pedra resumem com majestade impessoal tudo o que o mundo necessita saber de nós. Foi em latim que administrei o império; meu epitáfio será talhado em latim sobre a parede do meu mausoléu, às margens do Tibre¹⁵, mas em grego, terei vivido e pensado”.

Chega a ser comovente a profunda apreciação do Imperador pela cultura grega, sua conexão com a língua e a importância dela em sua vida e governança. Não poupando elogios, ele reconhece o valor de todas as línguas, mas destaca que apenas o grego consegue bem descrever a profundidade da sabedoria humana.

Nesse sentido, Marguerite Yourcenar nos oferece uma visão do homem, que revela sua complexidade, para além de seu papel político. Ele é alguém que questiona as convenções e os padrões estabelecidos; reflete sobre a própria jornada, busca entendimento mais profundo de si e do mundo ao redor. Alguém em busca de significado e sabedoria.

O trecho em que ele discorre sobre a razão, é um encantador exemplo que Yourcenar entrega na seção *Varius Multiplex Multiformis*, à página 92:

“É um erro ter razão cedo demais. Mais do que isso, duvidava de mim mesmo e sentia-me culpado daquela forma baixa de incredulidade que nos impede de reconhecer a grandeza de um homem que conhecemos excessivamente. Esquecia-me de que alguns homens alteram os limites do Destino, ou por outra, mudam a História”.

Vê-se que a maturidade trouxe ao Imperador compreensão mais profunda da vida e das ações humanas. Ele também duvidou de si mesmo, nada mais humano, afinal!

Sabemos que a reflexão e os questionamentos nos levam a explorar novos

12 Denis, variante do nome Dionísio, na mitologia grega era o deus do vinho, das festas, do teatro e da fertilidade. Mas pode ser uma possível referência a Dionísio de Halicarnasso, historiador e retórico grego que viveu durante o período de Adriano, conhecido por suas obras sobre a história de Roma e sua retórica. Demarato: rei de Esparta no século VI a.C. Filopemen, cujo nome completo era Tito Quíncio Flaminino Filopemen, foi um general e estadista romano que viveu no século II a.C. Ele é conhecido por suas campanhas militares na Grécia e seu papel na promoção da liberdade das cidades gregas contra a dominação macedônica.

13 Pirro: rei do Épiro, região no noroeste da Grécia, que viveu no século III a.C.

14 Pitágoras: filósofo, matemático e fundador de uma escola de pensamento chamada pitagorismo. Viveu na Grécia Antiga por volta do século VI a.C. Famoso por seu teorema geométrico, o Teorema de Pitágoras, que relaciona os lados de um triângulo retângulo.

15 Rio que corta Roma. É mencionado em várias obras literárias e artísticas ao longo dos séculos, como na “Eneida” de Virgílio; no “Decameron” de Boccaccio e em “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri.

caminhos, a buscar respostas, a refletir sobre nossas crenças e ações. A dúvida pode estar ligada a certa vulnerabilidade emocional. Mas a superação dela pode levar a um senso mais profundo de autoconhecimento e autoconfiança. Vemos que com o tempo o personagem passa a valorizar mais as pessoas que o cercam, e lança dúvida sobre o próprio legado.

A seção seguinte, *Tellus Stabilita* se concentra em questões de estabilidade do Império e em eventos políticos que moldaram seu reinado.

***Tellus Stabilita* (Terra Pacificada)**

A visão política de Adriano, conforme retratada por Yourcenar na presente seção é reveladora de um líder consciente dos limites do Império e das responsabilidades como governante. As políticas internas incluem suas tentativas de consolidar o poder imperial e equilibrar interesses entre o Senado Romano e os súditos. A abordagem é marcada pela moderação e pelo desejo de evitar conflitos desnecessários. Ele escreve:

“Minha vida havia entrado em ordem, mas não o Império [...]. Eliminei de vez as conquistas perigosas: não somente a Mesopotâmia, onde não nos teríamos podido manter, como também a Armênia, demasiado excêntrica e demasiado longínqua, que só conservei na categoria de Estado Vassalo” (p. 103).

A decisão de abandonar conquistas distantes e potencialmente problemáticas demonstra abordagem pragmática em relação ao poder que detém, pois a expansão territorial excessiva poderia sobrecarregar os recursos do Império, criando problemas de administração e segurança.

Ao manter a Armênia como um Estado vassalo ele demonstra abordagem flexível à governança, permitindo que territórios mais distantes mantivessem certa autonomia, sob a suserania imperial, o que também pode ser visto como estratégia para minimizar conflitos, mantendo o equilíbrio de poder na região, o que denota preocupação com a estabilidade e a eficiência na gestão do Império.

Em seguida, sobre a paz, ele declara: *“A paz era minha meta, mas não absolutamente meu ídolo”* (p. 105), demonstrando que estaria disposto a enfrentar desafios, se necessário, para manter a integridade e a segurança do Império.

Numa demonstração da preocupação em legar ao mundo identidade pessoal sólida, ele declara à página 112:

“Queria que meu prestígio fosse pessoal, colado à minha pele, imediatamente mensurável em termos de agilidade mental, de força, ou de atos realizados. Os títulos, se viessem, viriam mais tarde, acrescidos de outros títulos, testemunhos de vitórias mais secretas, às quais sequer ousava pretender ainda. Restava-me, no momento, a preocupação de me tornar ou de ser o máximo possível Adriano”.

Percebe-se aí o desejo de reconhecimento com base nas habilidades

e méritos individuais, demonstrando sua preferência por ganhar respeito por meio de ações e realizações tangíveis, em vez de depender apenas dos títulos ou posições. A menção à “agilidade mental” e “força” destaca a importância que tais aspectos possuem em sua vida. Nesse sentido, o Imperador expressa vontade de ser autêntico e único; ele preocupa-se em ser verdadeiro consigo mesmo, ressaltando a importância de manter a identidade de seu legado.

Numa reflexão comovente com respeito ao tempo em que viveu, o excerto disposto à página 119, demonstra perspectiva profundamente reflexiva e otimista:

“E agradecia aos deuses por me terem concedido viver num tempo em que a tarefa que me coube consistia em reorganizar prudentemente o mundo, e não em extrair do caos uma matéria ainda informe, ou em deitar-me sobre um cadáver para tentar ressuscitá-lo. Felicitava-me pelo fato de que nosso passado tivesse sido bastante antigo para nos fornecer exemplos, e não bastante pesado para nos esmagar; felicitava-me também pelo fato de que o desenvolvimento das nossas técnicas tivesse atingido tal ponto que facilitasse a higiene das cidades e a prosperidade dos povos sem os excessos que ameaçariam sobrecarregar o homem com aquisições inúteis; que nossas artes, árvores um tanto fatigadas pela abundância dos seus dons, fossem capazes ainda de produzir alguns frutos deliciosos. Alegrava-me que nossas religiões vagas e veneráveis, decantadas de toda intransigência ou de todo ritual selvagem, nos associassem misteriosamente aos sonhos mais antigos do homem e da terra, sem, contudo, proibir as explicações laicas dos fatos, numa visão racional da conduta humana. Agradava-me enfim que estas mesmas palavras Humanidade, Liberdade e Felicidade não tivessem ainda sido desvalorizadas pelo excesso de aplicações ridículas”.

Expressando apreço, o excerto transmite visão positiva de mundo, enfatizando a importância da estabilidade, da sabedoria adquirida com o passado, do equilíbrio e moderação entre avanços técnicos, da coexistência entre espiritualidade e racionalidade e valor dos ideais humanistas, denotando gratidão pelo contexto histórico e cultural em que se encontra.

Com relação ao campo do direito, à página 120, o Imperador é mais cético. Adriano revela desconfiança em relação à eficácia das leis, numa visão realista sobre a capacidade de controle do comportamento humano. Ele escreve:

“Devo confessar que acredito pouco nas leis. Quando demasiado duras são transgredidas com razão. Quando muito complicadas, o engenho humano encontra facilmente o meio de escapar por entre as malhas dessa rede frágil e escorregadia. O respeito pelas leis antigas corresponde ao que a piedade humana tem de mais profundo; serve também de travessão à inércia dos juizes. As leis mais antigas participam da selvageria que elas mesmas pretendem corrigir; as mais veneráveis são ainda um produto da força. A maioria das nossas leis penais não atinge, talvez felizmente, senão uma pequena parte dos culpados; nossas leis civis jamais serão bastante flexíveis para se adaptar à fluída variedade dos fatos. Mudam menos rapidamente do que os costumes; perigosas quando estes as ultrapassam,

o são ainda mais quando pretendem precedê-los. Contudo, desse amontoado de inovações perigosas que oferecem tantos riscos, ou de rotinas obsoletas, surgem aqui e ali, como na medicina, algumas fórmulas aproveitáveis. Os filósofos gregos ensinaram-nos a conhecer um pouco melhor a natureza humana: nossos melhores juristas vêm trabalhando há algumas gerações visando ao bom senso. Eu mesmo efetuei algumas dessas reformas parciais que são as únicas duradouras. Toda lei muitas vezes transgredida é má: cabe ao legislador revogá-la ou substituí-la antes que o desprezo por uma disposição insensata não se estenda a outras leis mais justas. Propus-me como meta uma anulação prudente de leis supérfluas e a promulgação, com firmeza, de um pequeno grupo de decisões sábias. Parecia chegado o momento de reavaliar, no interesse da humanidade, todas as prescrições antigas”.

Nesse sentido, numa mostra de visão sobre as complexidades inerentes ao sistema legal, ele reconhece os desafios e advoga por mudanças que sejam capazes de garantir justiça social.

Yourcenar o representa a seguir como profundo apreciador dos livros e sabedor da importância das bibliotecas, à página 131:

“Fundar bibliotecas era construir celeiros públicos, aprovisionar reservas contra o inverno do espírito cuja aproximação eu podia prever mesmo contra minha vontade. Tenho reconstruído muito: é uma forma de colaborar com o tempo sob seu aspecto de passado, é preservar ou modificar seu espírito, fazer dele uma espécie de reserva para o futuro; é reencontrar sob as pedras o segredo das origens. Nossa vida é breve; falamos sem cessar dos séculos que nos precederam ou daqueles que virão depois de nós como se uns e outros nos fossem totalmente estranhos; entretanto, tocava neles ao remanejar as pedras. Aquelas paredes que eu escorava estão quentes ainda do contato dos corpos desaparecidos; mãos que ainda não existem acariciarão um dia estes fustes de coluna. Quanto mais meditei sobre minha morte, e sobretudo sobre a morte de um outro, mais tenho desejado anexar às nossas vidas prolongamentos quase indestrutíveis”.

A bonita metáfora do “inverno do espírito” sugere períodos de ignorância ou esquecimento. O personagem entende que a sabedoria e o conhecimento são recursos valiosos que devem ser protegidos da decadência cultural, como forma de manter viva a herança intelectual da humanidade.

Sobre a importância da conexão entre passado e futuro, o Imperador deseja anexar à vida humana tais “prolongamentos quase indestrutíveis” que as bibliotecas representam. Ele percebe o conhecimento como uma forma de imortalidade, que transcende ao tempo e continua a influenciar e enriquecer a humanidade ao longo das eras. As bibliotecas são “guardiãs do conhecimento e da cultura”.

Ao expressar-se sobre a arte e a sua preferência pela representação do ser humano como tema central, eis alguns comentários seus a respeito, à página 135, a seguir.

“Meus contatos com as artes bárbaras levaram-me à conclusão de que cada raça

se limita a certos temas, a certos modos, entre os modos possíveis; cada época opera uma triagem entre as possibilidades oferecidas a cada raça. Vi no Egito deuses e reis colossais; encontrei no pulso dos prisioneiros sármatas braceletes que repetem ilimitadamente o mesmo cavalo a galope ou as mesmas serpentes que se entrededoram. Mas nossa arte (quero dizer, a arte dos Gregos) preferiu limitar-se ao homem. Nós, somente nós, soubemos mostrar a força e a agilidade latentes num corpo imóvel; nós, só nós, transformamos uma fronte lisa no equivalente a um pensamento sábio. Sou como nossos escultores: o humano me satisfaz plenamente; nele encontro tudo, até o eterno. A floresta, tão amada para mim se resume toda inteira na imagem do centauro; a tempestade nunca respira melhor do que nas echarpes enfunadas das deusas marinhas. Os objetos naturais, os emblemas sagrados nada valem se não forem carregados de associações humanas: a pinha fállica e fúnebre, a taça com as pombas que sugere a sesta junto às fontes, o grifo que arrebatava para o céu o bem-amado”.

Observa-se que ele entende a arte como forma de capturar a essência da humanidade, por meio de objetos e símbolos que ganham significado através de associações com a experiência humana.

No trecho a seguir, à página 148-149, Yourcenar faz uma reflexão sobre a harmonia entre a divindade e a humanidade na vida do Imperador romano e sua compreensão da divindade:

“Vislumbra de outro modo meu relacionamento com o divino [...]. Eu era um dos segmentos da roda, um dos aspectos dessa força única empenhada na multiplicidade das coisas, água e touro, homem e cisne, falo e cérebro simultaneamente, Proteu que ao mesmo tempo é Júpiter. Foi por essa época que comecei a sentir-me deus. Não faça confusão: era sempre, era mais que nunca o mesmo homem nutrido com os frutos e os animais da terra, devolvendo ao solo os resíduos desses alimentos, sacrificando ao sono a cada revolução dos astros, inquieto até a loucura quando faltava por muito tempo a cálida presença do amor. Minha força, minha agilidade física ou mental eram cuidadosamente sustentadas por uma ginástica toda humana. Mas que dizer senão que tudo isso era divinamente vivido? Aos quarenta e quatro anos, sentia-me sem impaciência, seguro de mim, tão perfeito quanto me permitia minha natureza. Eterno. Compreendo bem que se trata, neste caso, de uma concepção do intelecto: os delírios, se é preciso que lhes sejam dado tal nome, vieram mais tarde. Era deus simplesmente porque era homem”.

Adriano não entende espiritualidade e divindade como algo separado ou transcendental, mas como elementos intrínsecos à existência humana e da complexidade do mundo.

“PEQUENA ALMA TERNA FLUTUANTE”¹⁶”

Em seu leito de morte ele compôs o poema *Animula Vagula Blandula*, que dá nome à primeira seção na obra de Yourcenar:

“Animula vagula, blandula,
Hospes comesque corporis
Quae nune abibis in loca
Pallidula, rígida, nudula,
Nec, ut soles, dabis iocos...”

“Pequena alma terna flutuante
Hóspede e companheira de meu corpo,
Vais descer aos lugares pálidos duros nus
Onde deverás renunciar aos jogos de outrora...”

P. Aelius Hadrianus, Imp.

Lucidez e aceitação refletem o esperar da transição inevitável. É claro o tom de despedida, de alguém que está prestes a embarcar em uma jornada de transformação e novas descobertas. A alma, companheira inseparável, se prepara para o desconhecido.

A imagem “descer aos lugares pálidos duros nus” encerra metáfora resignada de alguém prestes a ser submetido a desafios, complexidades e responsabilidades típicas de outra existência.

Palavras como “pálidos,” “duros”, “nus”, parecem, a princípio, austeras, ao sugerir que a jornada pode não ser fácil, retratando alusões a mistérios sobre “o não aqui”. Mas a consciência de ser “pequena e terna”, representando delicadeza e vulnerabilidade, transforma a iminência do morrer em experiência subjetiva poética tocante.

CONCLUSÕES FINAIS

Este texto ofereceu uma análise apreciativa de alguns trechos de “Memórias de Adriano”, examinando momentos-chave na jornada de um dos imperadores mais icônicos da história romana. Nosso objetivo foi nos aproximar da narrativa de Marguerite Yourcenar, que habilmente mergulha nas complexidades da mente e do coração de seu personagem, destacando aspectos mais humanos do protagonista.

Marguerite Yourcenar nos brinda com uma experiência literária que

¹⁶ O poema abre a primeira seção do livro.

transcende a mera narrativa histórica, nos guiando por uma jornada introspectiva nas profundezas da psique humana. Através de sua obra, ela não apenas desvenda os eventos de um passado distante, mas também expõe os desejos, medos e incertezas que são inerentes à condição humana, ressaltando a perenidade desses sentimentos ao longo do tempo.

Dessa forma, esta obra de ficção autobiográfica impecável, com sua mestria na recriação do passado e a maneira pela qual suas palavras transcendem as barreiras do tempo, nos convoca à reflexão sobre questões universais. Por meio de sua narrativa exemplar, ambientada em uma época notável, e com um personagem que é amplamente considerado como um dos melhores exemplos dos atributos do Humanismo antigo, somos instigados a explorar temas atemporais que ecoam ao longo da história.

Adendo

Devido a limitações de diretriz de extensão de texto na presente obra, optei por destacar trechos das três primeiras seções do livro.

Os capítulos seguintes, *Saeculum Aureum*, permite ao leitor adentrar em outros momentos do reinado do Imperador Adriano e conhecer realizações notáveis durante seu império. A seção oferece um magnífico vislumbre das conquistas e feitos que moldaram sua visão de liderança e governo.

Na seção *Disciplina Augusta* o foco está nos valores e na filosofia de governo de Adriano. Ele compartilha suas estratégias para equilibrar o poder, revelando sua compreensão do papel de Imperador e líder.

Em *Patientia*, Adriano explora as complexidades da liderança e da vida, destacando como a virtude da paciência desempenhou papel fundamental em sua abordagem para enfrentar desafios e adversidades, o que nos fornece visão mais profunda de sua personalidade e de sua capacidade de resistência.

O *Caderno de notas das Memórias de Adriano* serve como apêndice que oferece informações adicionais sobre a meticulosidade da pesquisa e sobre o processo de escrita de Marguerite Yourcenar.

A seção *Nota*, à página 317, fornece esclarecimentos que contribuem para a compreensão do contexto histórico, bem como da personalidade do personagem.

Essas derradeiras seções enriquecerão ainda mais a compreensão da vida e do pensamento de Adriano. A estrutura fragmentada do livro permite que os leitores explorem diferentes facetas do Imperador e da época em que ele viveu, de maneira contextualizada, sem perdas de referentes.

REFERÊNCIAS

YOURCENAR, Marguerite. **Memórias de Adriano: seguido do caderno de notas das “Memórias de Adriano” e da Nota** / Marguerite Yourcenar; tradução de Martha Calderaro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, 325 p. (Coleção Grandes romances).

EIXO IV



MEMÓRIAS LITERÁRIAS,
EDUCAÇÃO E DIREITO



MEMÓRIAS LITERÁRIAS: O SIGNIFICADO DO ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA NA VIDA ESTUDANTIL

Débora Jesus de Queiroz¹

Cirlene Pereira dos Reis Almeida²

Às mestres da educação que contribuíram fortemente na minha aprendizagem: Professora Creuza, do 1º ano do Ensino Fundamental I; Professora Claicir de Jesus, do 5º ano do Ensino Fundamental I; Professora Cleusa Guimarães, da 2ª série do Ensino Médio (in memoriam); Professora Valéria Mônica Cotrim, do 3º semestre da Licenciatura. Os meus sinceros agradecimentos.

INTRODUÇÃO

Esta escrita tem como foco relatar breves acontecimentos das descobertas do gosto pela leitura e escrita, de como o ensino de uma forma mais significativa e formativa podem ser o empurrãozinho para o hábito de ler e o gosto pela escrita. Interagindo com falas de autores que reforçam o quanto é importante esse aprendizado na tenra infância, focando em conceitos de Lev Vygotsky (Desenvolvimento e Aprendizagem) e David Ausubel (Aprendizagem Mecânica e Significativa).

No mesmo sentido, pontuar questões relevantes que representam o significado base, que é a importância da escrita e leitura em todas as fases da vida humana, prestigiando aqui os mestres que em seus pequenos gestos mediadores

1 Licenciatura Plena em Pedagogia (2021), Pós Graduada em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica (2022), Pós Graduada em Docência da Educação Profissional e Tecnológica (2023). Pós graduanda em Alfabetização e Letramento (2024). Professora do 2º Ano do Ensino Fundamental I. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4825828201731085>. E-mail: deborajesusdequeiroz@gmail.com.

2 Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás; Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Pós-Graduada em Gramática, Gestão de Sala de Aula em Nível Superior, Orientação Educacional. Graduada em Letras pela Universidade Católica de Brasília. Graduada em Pedagogia pelo Instituto Brasileiro de Educação. Professora e Coordenadora no Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro-Oeste (UNIDESC). Membro do Núcleo docente Estruturante do mesmo curso. Professora efetiva da Universidade Estadual de Goiás (UEG) nos cursos de Direito e Pedagogia. Professora da Secretaria de Educação de Valparaíso de Goiás. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5384051819016083>. E-mail: cirlene21@yahoo.com.br.

e significativos puderam florescer mais uma entre tantos leitores e escritores da sociedade brasileira, bem como, elencar como está o comportamento da sociedade brasileira com seu hábito de ler e apresentar ações que fazem a diferença para o ensino e aprendizado voltado para a leitura e a escrita.

No tópico ERA UMA VEZ... COMO TUDO COMEÇOU! é descrito um relato de como foi essa descoberta e as fases que determinaram um aprendizado significativo, até os tempos atuais, com as evoluções, reflexões e percepções, em momentos e contextos em que a autora descobriu e continua a descobrir, descortinar horizontes, em toda a sua trajetória, além de abordar o ensino da literatura e a elaboração de texto, acontecimentos em sala de aula que apresentaram, de forma significativa e formativa, o ensino e aprendizado, bem como a didática e a interação de professor e aluno.

O segundo momento, O HÁBITO DE LER- PESQUISAR E LEITURA E ESCRITA E SEU ENSINO NA PRÁTICA, respectivamente, são dedicados à descrição de dados relevantes sobre o hábito de ler da população brasileira no ano 2019, trazendo reflexões e apontamentos de mediações, para além das realidades que a educação enfrenta.

O terceiro tópico, TECNOLOGIAS MUDIÁTICAS E A EDUCAÇÃO MEDIADORA, volta-se às tecnologias como ferramentas de aprendizagem, apresentando a visão da autora mediante sua experiência e olhar crítico sobre as ferramentas tecnológicas voltadas ao ensino e aprendizagem escolar, apresentando autores que dialogam e defendem o uso correto e formas de manuseio, práticas e intervenções para o ensino em sala de aula.

Nas considerações finais, reiteramos a importância da escrita e da leitura, ligando pontos que foram descritos ao longo do texto, no intuito de reforçar e propagar tais feitos, que merecem ser amplamente divulgados.

ERA UMA VEZ... COMO TUDO COMEÇOU!

Estudar para muitos pode ser cansativo ao longo da jornada, mas para quem está em seus primeiros dias de aula é totalmente incrível, nos meus primeiros anos sendo mais específica na 1º série do ensino fundamental I, em uma aula de Português, a professora observa que uma aluna não consegue ainda ler mas consegue codificar as letras para responder a atividade no livro sobre a raposa e a uva. Após esse ocorrido a professora pergunta se a aluna aprendeu a ler, onde ela prontamente responde que não, a professora chama o pai dessa aluna para uma conversa e dias depois em casa o pai a presenteia com gibis da Turma da Mônica sendo esse fator crucial para seu aprendizado prazeroso com a leitura. Desde então, mensalmente ele a presenteia com os gibis.

Sobre esse breve relato desde a observação da professora mediante o

aprendizado da aluna e sua ação para sua mediação, se relaciona a perspectiva de didática e os aspectos cognitivos da interação de professor e aluno que pela visão de Libâneo, sintetiza que:

Para atingir satisfatoriamente uma boa interação no aspecto cognitivo é preciso levar em conta o manejo dos recursos da linguagem (variar o tom de voz, fala com simplicidade sobre temas complexos): conhecer bem o nível de conhecimentos dos alunos: ter um bom plano de aula e objetivos claros: explicar aos alunos o que se espera deles em relação a assimilação da matéria (Libâneo, 1990 p. 250).

Essa breve ação mediadora transformou e melhorou o aprendizado da aluna que após essa atitude passou a ler mais e mais gibis, a medida em que foi crescendo modificou seu gênero literário, já em seu infanto-juvenil passou a ler livros de *Pedro Bandeira*³ entre outros autores, mas volta e meia se dedicava as obras desse escritor do qual se identificava muito com suas obras literárias.

Ler não é procedimento natural, porque supõe um aparato, constituído pela instrução recebida na escola e fora dela: mas a leitura, sim, é atitude simples, porque, no momento de sua prática, invocam-se os conhecimentos adquiridos, e na sua reelaboração se faz espontaneamente (Zilberman, 2001 p. 25).

Nos anos finais do Ensino Fundamental I no 5º ano especificamente a professora de matemática com fama de brava e disciplinadora, em seu primeiro dia ao exigir um caderno de 15 matéria para somente a sua disciplina, foi um momento de muita tensão mas que ao decorrer dos meses se mostrou extremamente necessário e significativo, mesmo utilizando em suas aulas a aprendizagem mecânica, houve também breves momentos para a aprendizagem significativa, principalmente quando os alunos superavam os desafios existentes na disciplina, as explicações que haviam aberturas para perguntas e erros dos alunos, onde a professora com muita sabedoria conduzia de forma mediadora mesmo sendo brava e disciplinadora ela conseguia em sua maioria ensinar a matemática. A sua forma de ensinar encaixa perfeitamente com o conceito de David Ausubel sobre a aprendizagem mecânica.

Ausubel diz que a aprendizagem mecânica é importante, necessária e inevitável para os casos de conceitos inteiramente novos para o aluno, entretanto, após esse primeiro momento de ineditismo, ela passará a se transformar em uma aprendizagem significativa, desde que o aluno se cerque de explicações e saia da memorização (Monteiro, 2012 p. 119).

A sua preocupação com a aprendizagem do aluno buscando que aprendessem o conteúdo de verdade principalmente o que era proposto em sala de aula vai em alinhamento no que defende Carvalho (2009), onde a aprendizagem

3 Pedro Bandeira de Luna escritor brasileiro de livros infanto-juvenis.

requer interpretação, pois é importante relacionar novas informações com conhecimentos prévios e experiências pessoais. A diversidade na sala de aula promove interpretações diferentes, atendendo às necessidades individuais dos alunos. Em vez de tentar eliminar as diferenças, é fundamental aceitá-las e usá-las como um recurso para o grupo. Essa ação foi bem trabalhada em sala durante todos os semestres, sendo evidente nas conversas informais entre colegas de sala que estavam de fato aprendendo a matemática.

Já na fase de adolescência se dedica a biografias e romances de banca de revistas, no Ensino Médio novamente nas aulas de Português a professora utiliza uma metodologia significativa, para ensinar a Literatura Brasileira em suas aulas, utilizando as rodas de conversa, resumos expandidos e uma vasta opção de leitura literária, bem como a escrita autônoma de cada aluno sobre seu entendimento da obra e do autor, aulas expositivas com seminários, debates e apresentações orais. Dando um novo significado e aprendizagem dos alunos, onde em sua maioria descreviam o seu entendimento real da obra.

Monteiro (2012) ao descrever a aprendizagem sob a visão de Vygotsky relata que a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento, destacando a importância do papel do professor nesse processo. A aprendizagem e o desenvolvimento ocorrem por meio da internalização, que é o processo pelo qual o sujeito interage com outras pessoas, seja de forma interpessoal ou intrapsíquica, sendo que nessa interação, o indivíduo constrói o conhecimento, que é produzido sócio culturalmente, tornando-o parte de sua estrutura interna ou intrapessoal, o processo de internalização é responsável por transformar o conhecimento externo em parte integrante do indivíduo.

Já na fase acadêmica duas professoras trazem inquietações em suas aulas, uma no sentido do entendimento voltado para a didática e a simbologia no contexto da tenra infância, trazendo em suas aulas o conceito de debates, leituras, ditados e escritas como resenhas, tópicos, resumos e seminários criativos onde os discentes necessitavam estudar e apresentar o seu real aprendizado do tema, a caracterizando como uma mediação simbólica.

Monteiro (2012), ao enfatizar na visão de Vygotsky o conceito de mediação simbólica nos mostra que existe um mundo abstratamente construído em nossa mente, possibilitado pelo acesso à cultura e às interações com outras pessoas. Essa mediação permite que as representações culturais sejam transportadas para nossa linguagem, pensamento e relações com os outros, demonstrando a capacidade de atribuir significados simbólicos que enriquecem e moldam nossa compreensão do mundo ao nosso redor.

A outra professora apresenta a importância da literatura Infantil fugindo do contexto padrão, apresentando outras obras e autores que também seguem

a linhagem da literatura mas que são poucos apresentados e estudados as suas obras, com aulas criativas em que os discentes aprendem a exercer sua parte literária com poemas, versos, arte e diálogos abertos. Conhecendo que a literatura infantil vai muito além dos contos em que são rotulados como o padrão.

Ainda pontuado a visão David Ausubel, Monteiro (2012) descreve a importância da aprendizagem cognitiva estar centrada na valorização dos conhecimentos prévios dos alunos. Dar atenção especial a esses conhecimentos pode ser crucial para melhorar a qualidade do ensino e, conseqüentemente, do trabalho final de ensinar. Reconhecer e utilizar os conhecimentos prévios dos alunos é uma abordagem significativa para potencializar o processo de aprendizagem.

Por fim as professoras relatadas em todo o texto se enquadram naquilo que Libâneo descreve sobre os aspectos sócio- emocional da interação entre professor e aluno.

O professor estabelece objetivos sociais e pedagógicos, seleciona e organiza os conteúdos, escolhe métodos, organiza a classe. Entretanto, essas ações docentes devem orientar os alunos para que respondam a elas como sujeitos ativos e independentes. A autoridade deve fecundar- a relação educativa e não cerceá-la (Libâneo, 1990 p. 251)

Ao analisar toda a trajetória estudantil da autora observa se que se passa por todas as fases da leitura sendo elas de acordo com Perissé (2005) começa pela recreativa aquela que é livre de preocupações, de narrativas leves, um passeio entre páginas abertas. Segue para a funcional que passa ter anotações pertinentes e acompanhadas de pequenos resumos. Vai para a reflexiva onde obtém uma alta reflexão tendo uma profundidade nos textos escolhidos. E chega na inspiradora que é quando utilizada para produzir novos textos.

Ações mediadoras, significativas e direcionadas contribuíram para uma aprendizagem que contribuem para toda a vida, pois foi feita como quando um semeador semeia a semente na terra, quando regada e cuidada, cresce forte e produz frutos que serão colhidos e levados para todo o campo. Como os valores que são ensinados e enraizados em nosso caráter, o que aprendemos com prazer e significado também é levado para toda uma vida, bem como o hábito de ler e escrever.

A motivação dos alunos para a aprendizagem através de conteúdos significativos e compreensíveis para eles, assim como de métodos adequados é fator preponderante na atitude de concentração e atenção dos alunos. Se estes estiverem envolvidos nas tarefas e dimensão as oportunidades de distração e de indisciplina (Libâneo, 1990 p.253)

Hoje em dia essa jovem trabalha a disciplina de Língua Portuguesa traz consigo a importância de passar a informação de forma clara e objetiva, mas sempre levando em consideração o conhecimento prévio de seus alunos, dando

espaço para suas dúvidas, dialogando sobre seus questionamentos, ouvindo suas ideias e sonhos (por que não?), enfatizando a importância da leitura, principalmente da nossa riquíssima literatura brasileira, fornecendo lhes feedbacks de suas produções textuais, mas ainda ao analisar em âmbito geral se depara com uma juventude sem interesse em ler e escrever, tema esse que será descrito no próximo tópico.

O HÁBITO DE LER-PESQUISAR

Ao trabalhar a disciplina de português que engloba Leitura e Interpretação de texto (Redação), Gramática e Literatura e na realização das pesquisas para organizar o material didático para a disciplina de Redação me atentei ao fato de que sempre foi presente na disciplina o desinteresse em ler e escrever, não em âmbito geral mas uma parte considerada em toda a vida estudantil houve colegas que reclamavam sobre o porquê e para quê escrever ou ler algo que era solicitado nas aulas de português.

Portanto, ao pesquisar principalmente em foco com as redações do *ENEM*⁴ foi observado o grande número de redações zeradas (95.788 redações), sendo que em branco (43.391), fuga do tema (28.408), cópia do texto motivador (7.551), texto insuficiente (6.215), não atendimento ao tipo textual (4.865), parte desconectada (2.818) outros motivos (2.540), redações nota mil, somente 22 dos inscritos.

Observando esse panorama é preciso elencar pontos extremamente relevantes sobre o hábito de ler e escrever do brasileiro e para isso ao pesquisar sobre, foram encontrados dados interessantes realizado no Brasil no ano de 2019 pelo Instituto Pró- Livro⁵ que verifica vários fatores sobre esse hábito peculiar além de várias outras informações pertinentes ao tema.

Baseando se nos dados mais recentes no ano de 2019 e em pontos específicos sobre a leitura e escrita como gênero, as barreiras para a leitura e o que gostam de fazer em seu tempo livre. A pesquisa é bem mais extensa do que se apresenta aqui, o foco principal a ser relatado está relacionado exclusivamente no hábito em geral, independente de gênero literário, classe social, raça ou preferência de autores, sendo esses quesitos apresentados na pesquisa no geral.

Sobre a questão de gênero as mulheres leem mais que os homens, sendo elas 54,2% e eles 45,9%; Crianças entre 05 a 10 anos são 11,7%; infanto-juvenil de 11 a 13 anos 6,5%; adolescentes entre 14 a 17 anos 9,8%; jovens entre 18 a 24

4 Dados do ENEM 2021. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2022/03/17/22-nota-maxima-quase-96-mil-zeraram-redacao-enem-2021.htm>> Acesso em 24 julho de 2023.

5 Pesquisa realizada pelo Instituto Pro- Livro em parceria com Itaú Cultural. Disponível em: < <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>> Acesso em: 19 de julho de 2023.

anos 13,8%; adultos 25 a 29 anos 8,7%; adultos de 30 a 39 anos 18,2%; de 40 a 49 anos 12,2%; 50 a 69 são 16,6% e de 70 ou mais 2,7%.

As barreiras que são enfrentadas para ler 47% dos entrevistados afirmam ser a falta de tempo, entre outras como preferir outras atividades, não ter paciência, por não gostar, pelas dificuldades em ler, a falta de lugar apropriado entre outros.

Quando questionados do que gostam de fazer em tempo livre dos 17 itens citados, escrever aparece na 8º posição com 46% e a leitura de livros físicos ou digitais está mais abaixo na 11º posição com 24% das escolhas.

Contudo ao descrever os breves detalhes desses itens da pesquisa geral é necessário observar que o hábito de ler se faz predominantes entre o gênero feminino, estando mais presente da maior parte da fase de vida adulta entre os 30 a 49 anos e entre os jovens nas fases da infância de 05 a 10 anos e no início da fase adulta entre os 18 e 24 anos e sobre os momentos de lazer, escrever está acima da leitura o que corroboram com o conceito de Terra (2005).

Uma coisa é certa as novas tecnologias não decretaram, como previam, o fim das práticas de leitura e escrita, pelo contrário. Nunca se escreveu e nunca se leu tanto como nos dias atuais. O tempo todo, seja em casa ou no trabalho ou até mesmo no ônibus que nos transporta, estamos diante de uma tela de computador, lendo mensagens, notícias, postagens e respondendo a mensagem, publicando em redes sociais, fazendo comentários em um blog (Terra, 2005 p. 200).

Em nossa história brasileira literária existem autores e escritores que muito contribuíram e contribuem para a produção de livros, e obras literárias que são base para as questões⁶ de português presentes no ENEM sendo: Tendências contemporâneas 23,7%; Preceitos básicos dos estudos literários 14,3%; Modernismo no Brasil 1º fase 9,5%; Origens do realismo, realismo machadiano e Pré Modernismo 4,8%.

Porém mesmo com tantas informações presentes na última era, cursos que podem ser assistidos e gravados dentro de casa, a propagação de forma rápida e imediata, amargamos índices ruins na produção textual como o próprio ENEM relata em seus levantamentos e consenquetemente a leitura de forma funcional, recreativa, reflexiva e por fim inspiradora. É preciso abordar e entender como se dá esse processo de ensino aprendizagem na prática, apresentado práticas que podem melhorar e impulsionar a escrita e a leitura na escola.

6 Questões do ENEM Literatura. Disponível em: < <https://descomplica.com.br/blog/literatura-enem/> > Acesso em: 27/06/2023.

LEITURA E ESCRITA E SEU ENSINO NA PRÁTICA

Até o momento foram abordados as ideias e conceitos sobre a prática, o ensino e aprendizagem é válido e significativo apresentar também ações que englobam a essência de uma aprendizagem significativa, ativa e criativa.

A produção de texto é uma habilidade fundamental que permite ao indivíduo expressar suas ideias de forma clara e coerente. No ensino, a prática de produção de texto é um elemento importante para o desenvolvimento da escrita e da comunicação, bem como para o aprimoramento da compreensão leitora e da capacidade crítica. É alerta, sobre as mudanças comportamentais também na questões de gêneros textuais:

Se os gêneros textuais / discursivos mais tradicionais presentes em nossa sociedade letrada, alcançaram o espaço de produção do ensino, também os *chats* brevemente alcançarão. Refletir sobre uma possível apropriação desse novo gênero da contemporaneidade pelo contexto do ensino, não é pois, tarefa para um futuro distante (Costa, 2011 p. 61)

Infelizmente, ainda existem muitos desafios na implementação efetiva de práticas de produção de texto no ensino. Muitos professores ainda se concentram em ensinar regras gramaticais e ortográficas, em vez de fornecer aos alunos oportunidades para escrever e revisar seus trabalhos. Os alunos às vezes são “ensinados” a escrever de forma rápida e mecânica, sem ter a chance de pensar e refletir sobre o que estão escrevendo.

Para as fases de Ensino Fundamental I e II o uso de ditado interativo, releitura com focalização, reescrita com transgressão ou correção podem desencadear a reflexão ortográfica tendo os textos como suporte, enfatiza Morais (1999);

No ensino médio por exemplo, trabalhar os textos (descritivos, dissertativos, narrativos e argumentativos) com temas os quais estejam relacionados diretamente com o cotidiano dos alunos, que consista na descrição de um objeto qualquer sem revelar sua identidade, que deveria ser descoberta pelos demais. Aqui se utiliza o texto descritivo. Um texto do tipo narrativo pode ser sobre o que os estudantes não haviam feito nas férias. Um texto argumentativo como uma proposta de produção de texto para o diretor-geral da escola, cuja escolha do gênero fique a critério dos alunos, reivindicando, dando sugestões, elogios entre várias outros. Um texto dissertativo, com temas emblemáticos como a presença feminina nas eleições presidenciais entre outros. Relatam Milanezi e Gontijo (2017).

Ainda sobre a fase do Ensino Médio é importante e necessário ensinar e incentiva a leitura literária bem como apresentar a sua magnitude não somente para fazer a prova do ENEM os preparando de forma mecanizada e direta sobre a Literatura, mas também como enfatiza Santos (2008), a leitura literária tem o poder de democratizar o ser humano, pois permite que conheçamos a diversidade

e complexidade do homem e da sociedade. Isso nos torna mais compreensivos e tolerantes, condições essenciais para a democracia cultural. A literatura traz para o seu universo histórias e perspectivas de estrangeiros, diferentes e excluídos, o que nos ajuda a ser menos preconceituosos e mais abertos às diferenças. Além disso, a leitura literária elimina barreiras de tempo e espaço, permitindo-nos viajar por diferentes épocas e lugares, conhecer povos e culturas distintas das nossas. Esse conhecimento nos torna menos pretensiosos e presunçosos, ao percebermos que há tempos, lugares e experiências além das nossas próprias.

No geral, a literatura desempenha um papel crucial na ampliação da nossa visão de mundo e no desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva, respeitosa e aberta às diversidades culturais e humanas.

No curso superior, as tecnologias podem ser um repositório de conhecimento, contendo uma infinidade de informações para auxiliar o leitor para a sua formação em seu processo de amadurecimento literário. As modalidades de texto também são variáveis: há web -aulas, entrevistas com escritores e especialistas, resenhas, resumos, análises acadêmicas e não acadêmicas, wikis, enfim, uma infinidade de textos multimodais que tratam de literatura.

Outra opção é uma plataforma digital na qual o professor centralize e organize um pouco mais esses links e conhecimentos a fim de auxiliar o aprendiz no momento de leitura literária. Seja de maneira controlada (em plataformas digitais), seja de maneira mais “anárquica” (mergulhando no oceano da rede), o acesso às tecnologias pode exercer papel de repositório de múltiplas informações que, como camadas, tornam a experiência literária mais robusta.

Outra oportunidade que surge quando lidamos com tecnologias digitais é a de usá-las como ferramenta de interação (síncrona e/ou assíncrona). Atualmente, a rede nos permite interagir de maneira menos ou mais direta com inúmeras pessoas em todo o planeta. Ferramentas como fóruns, *chats*, *Skype*, *Hangouts* permitem facilitar o diálogo entre indivíduos que queiram discutir qualquer assunto.

Explorar as tecnologias digitais como ferramentas para construção/produção de novos conhecimentos sobre um texto literário. É um híbrido de repositório de conteúdo e ferramenta de interação: o leitor pode compartilhar publicamente suas observações sobre a obra (ou suas releituras), seja por meio de textos escritos (resenhas, ensaios e outros gêneros, em blogs ou revistas digitais), seja por textos orais ou multimodais (vídeos, *podcasts*, animações ou ilustrações). Ao publicar suas impressões/leituras sobre uma obra, a rede também permite que outras pessoas dialoguem com esses novos autores, alimentando um processo de coautoria constante: eu leio, eu escrevo, o outro lê o que eu escrevi, ele escreve, eu leio o que foi escrito sobre o que escrevi (que era sobre o que li), escrevo de novo... e o processo dialógico e dialético se retroalimenta, em cadeia, novamente

encorparando as leituras feitas sobre o objeto estético, agregando camadas, leituras diversas sobre a mesma obra, exemplifica Ganzela (2017).

Por fim, para todas as modalidades estudantis presencial ou on-line, o feedback dos professores podem fornecer oportunidades para que os alunos escrevam de forma criativa, com temas relevantes e interessantes para eles. Além disso, o uso de atividades de revisão, comentários e orientações precisas dos professores pode ajudar os alunos a melhorar sua escrita e torná-la mais eficaz. Um fator que pode ser levado em consideração é o avanço das tecnologias e sua gama de aparatos em que jovens e adultos estão inseridos. Tema esse que será abordado em seguida.

TECNOLOGIAS MIDIÁTICAS E A EDUCAÇÃO MEDIADORA

A escola é o ambiente no qual passamos uma grande parte de nossas vidas, que é regido por normas e parâmetros que os professores em sala de aula necessitam planejar, explicar e avaliar mediante a esses documentos pertinentes da Educação Brasileira. Os recursos midiáticos estão cada vez mais presentes na sala de aula, mas e o método de ensino, bem como a ação mediadora e a autoavaliação conseguem acompanhar esse ritmo? Vejamos no que tange a questão do ensino, mais em específico os gêneros escolares.

Os gêneros escolares oferecem uma estrutura e um propósito específico para a comunicação escrita, permitindo que os estudantes desenvolvam habilidades de escrita adequadas a diferentes situações e contextos. Eles também ajudam os alunos a compreenderem as características distintas de cada tipo de texto, incluindo sua estrutura, estilo, vocabulário e intenção comunicativa.

As tecnologias mudaram o comportamento do professor, hoje eles projetam suas aulas em data show, planejam e descrevem seus planos de aula em seus notebooks, apresentam as aulas em slides e utilizam plataformas para produzir aulas, formulários entre várias outras ações midiáticas.

Os bons professores e orientadores sempre foram e serão fundamentais para avançarmos na aprendizagem. Eles ajudam a desenhar roteiros interessantes, problematizam, orientam, ampliam os cenários, as questões, os caminhos a serem percorridos. O diferente hoje é que eles não precisam estar o tempo todo junto com os alunos, nem precisam estar explicando as informações para todos. A combinação de aprendizagens personalizadas, grupais e tutoriais no projeto pedagógico é poderosa para obter os resultados desejados (Moran, 2017 p.48).

Mas e o aluno; como é esse aluno, com acesso a tantas informações, conteúdos e plataformas, nas palavras e observações de Ronaldo Casagrande, ele define como:

Hoje esse novo aluno passa horas na rede jogando complexos games de estratégia, montando táticas em conjunto com pessoas que nem conhece pessoalmente, ao mesmo tempo em que houve músicas em seu celular, troca mensagens eletrônicas com seus amigos e, de tempos em tempos, olha a série que está rolando na TV (Casagrande, 2019 p. 52).

Portanto, as práticas desempenhadas sofreram e sofrem adaptações bem como a leitura e a escrita em sala de aula. A diferença entre o tratamento exaustivo da escrita na escola e a liberdade criativa da internet pode, de fato, ter impactos nos resultados dos enunciados produzidos em ambos os contextos. Na escola, é comum que a ênfase seja colocada na correção gramatical, na estruturação formal e na organização das ideias, o que pode resultar em redações mais padronizadas e estruturadas.

Por outro lado, na internet, especialmente em plataformas mais informais como redes sociais e fóruns, a criatividade e a espontaneidade têm espaço para florescer. Os enunciados na internet muitas vezes são menos preocupados com regras gramaticais estritas e podem adotar uma linguagem mais coloquial, repleta de gírias, abreviações e emojis. A interação rápida e dinâmica online favorece uma comunicação mais fluida, com respostas imediatas e adaptadas ao contexto.

Navegando na rede, não estaremos, portanto, apenas nos apropriando de um novo instrumental técnico revolucionário ou de novos códigos sonoros – visuais ou gráfico – auditivo – comunicativo para escrever e ler, mas sim, construindo um novo objeto conceitual mediado por novos tipos de interação linguística, social e cultural (Costa, 2011 p. 26).

Mediar essa aprendizagem em volta com as tecnologias é portanto um novo desafio que professores tem a frente. Porém existem aqueles que potencializam o seu uso de forma inovadora e auxiliadora para a aprendizagem do ensino. A mediação entre o uso da tecnologia e o processo de ensino podem ser tornar atraente, divertido e significativo aos olhos dos alunos, sendo ele o protagonista de sua aprendizagem, na busca de que ele não se desconecte da escola atual, como enfatiza Casagrande (2019), quando descreve que o uso das tecnologias, bem como as metodologias ativas nesse processo de ensino aprendido.

A escrita na internet coloca nos mesmos planos a exterioridade da oralidade e a interioridade da escrita. O navegador pode se fazer autor de maneira mais profunda participando da estruturação do hipertexto, criando novas ligações, acrescentando ou modificando e conectando um hiperdocumento a outro. A partir do hipertexto, toda leitura pode tornar se escrita (Freitas, 2011 p. 35).

Embora a internet permita essa expressão criativa e imediata, é importante reconhecer que esse ambiente também pode gerar erros e desvios linguísticos. A falta de ênfase na correção gramatical pode levar a dificuldades de compreensão

e comunicação em contextos formais.

Os alunos aprendem ao serem desafiados a demonstrar seu desempenho em níveis mais avançados do que estão familiarizados em determinado momento. Essa oportunidade é alcançada por meio de envolvimento em projetos colaborativos com os colegas, permitindo que eles produzam significados mais profundos ao investigar assuntos, resultando em um maior desenvolvimento e complexidade dos conhecimentos envolvidos. (Moraes, 2012).

Vale ressaltar que é na escola que essas metodologias exercem sua eficácia, bem como defini, Delfillippe e Cunha (2011), enfatizam a compreensão e a sua preocupação em não criticar o trabalho da escola, e concorda que o ensino dos gêneros escolares é de extrema relevância, sendo ferramentas fundamentais para a organização e aprimoramento tanto da fala quanto da escrita dos alunos. A combinação dessas abordagens pode ser benéfica para um desenvolvimento completo das habilidades linguísticas dos indivíduos.

Assim, ambos os ambientes têm seus méritos e contribuições para o desenvolvimento da escrita e da comunicação. A escola busca fornecer aos alunos as bases sólidas e as habilidades necessárias para se comunicarem de forma clara e eficaz em diversos contextos, enquanto a internet proporciona um espaço valioso para a criatividade, a expressão pessoal e a interação social, embora também apresente desafios em termos de uso correto da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Memórias com boas recordações e reflexões feitas ao longo do processo da vida humana, podem mudar a visão sobre muitas coisas que acontecem na vida, no sentido educacional de tudo isso, as boas memórias de uma aprendizagem significativa e mediadora, apresenta a essência que esse ser humano desenvolveu ao decorrer de sua trajetória.

O professor que tem uma boa didática, prioriza o aprendizado do aluno em toda a sua magnitude bem como faz a mediação para um ensino verdadeiro de seu conteúdo, não vendo o erro como uma forma de traumatizá-lo mas sim conduzi-lo ao certo, respeitando seus limites e observando sua evolução essa que muitas vezes não estará sempre em suas aulas, sendo um fruto colhido bem mais a frente mas que germinou a semente ali numa conversa com os pais, numa indicação de leitura, na abertura para a escrita autônoma, na apresentação de novos conceitos fora do convencional entre tantas outras formas.

Esse processo de ensino e aprendizado visto no panorama quantitativo amarga números péssimos quanto ao hábito de ler e escrever porém, as mudanças começam com pequenos gestos em sala de aula, pois são esses seres extraordinários que estão á frente das salas, que estudam, capacitam e organizam para

ministra -lãs, tem o poder de acender essa pequena chama. Trabalho esse ardo e que requer muita criatividade, tempo e paciência, difícil porém não é impossível.

Tanto a leitura quanto a escrita tem importância significativa no processo educacional e no contexto de aprendizagem, ambas sendo trabalhada de forma significativa através de metodologias e planejamentos que favoreçam o aprendizado e a autonomia na escrita do aluno potencializa, ao utilizar as metodologias ativas como ferramenta de ensino aprendizado baseando-se em planejamentos que condizem com seu cotidiano e saindo da forma mecânica para a significativa da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Carolina. **Comunicações e interações sociais nas salas de Matemática**. Escritas e leituras na educação matemática / organizado por Celi Aparecida Espasandin Lopes e Adair Mendes Nacarato. 1 ed. 1 reimpr. – Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CASAGRANDE, Ronaldo. **Inteligência artificial e a educação da curva** / Ronaldo Casagrande. 1 – ed. – Curitiba, PR: Ed. do Autor, 2019. 80 p.

COSTA, Sergio Roberto. **Oralidade escrita e novos gêneros (hiper) textuais na Internet**. Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola / org. Maria Teresa de Assunção Freitas e Sérgio Roberto Costa. – 3 ed. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011. ISBN: 9788575261568.

COSTA, Sergio Roberto. **Leituras e escrita de hipertextos: implicações didático – pedagógica e curriculares**. Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola / org. Maria Teresa de Assunção Freitas e Sérgio Roberto Costa. – 3 ed. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011. ISBN: 9788575261568.

DELFULLIPPE, Juliana Gervason. CUNHA, Patrícia Vale. **Por que nickame escreve mais que realname? Uma reflexão sobre gêneros discursivo**. Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola / org. Maria Teresa de Assunção Freitas e Sérgio Roberto Costa. – 3 ed. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011. ISBN: 9788575261568.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **A escrita na internet: nova forma de mediação e desenvolvimento cognitivo?** Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola / org. Maria Teresa de Assunção Freitas e Sérgio Roberto Costa. – 3 ed. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011. ISBN: 9788575261568.

GANZELA, Marcelo. **O leitor como protagonista: reflexões sobre metodologias ativas nas aulas de literatura**. Págs (109 – 128). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico prática [recurso eletrônico] /Organizadores, Lilian Bacich, José Moran. – Porto Alegre: Penso, 2018.

LIBANEO, José Carlos. Didática, São Paulo, Cortez Editora, 1990.

MILANEZI, Cynthia Nunes. GONTIJO, Claudia Maria Mendes. **Práticas de produção de textos escritos no ensino técnico integrado ao médio.** Práticas pedagógicas na educação profissional: experiências em cursos técnicos integrados ao ensino médio / organizado por Lauro Chagas e Sá. – Vitória, ES: Edifes, 2017. Vários autores. ISBN: 978-85-8263-226-0 (pdf).

MONTEIRO, Mário Destro. **Psicologia do desenvolvimento da aprendizagem** / Mario Destro Monteiro. – São Paulo: Sol, 2012. IISN: 15179230.

MORAES, Roque. **Aprender e pesquisar: reconstruções propiciada em sala de aula em grupos de pesquisa.** Diálogos com a educação: intimidades entre a escrita e a pesquisa [recurso eletrônico] / org. Nilda Stecanela – Caxias do Sul: EducS, 2012. ISBN 9788570616487.

MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia: ensinar e aprender.** Artur Gomes de Moraes. São Paulo, Editora: Ática, 1999.

MORAN, José. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda.** Págs (35 – 74). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico prática [recurso eletrônico] / Organizadores, Lilian Bacich, José Moran. – Porto Alegre: Penso, 2018.

PERISSÉ, Gabriel. **Elogio da leitura** / Gabriel Perissé. – Barueru, SP: Manole, 2005. ISBN 8520420745.

SANTOS, Maria Aparecida | Paiva Soares dos. **Democratizando a leitura: pesquisas e práticas** / Aparecida Paiva ... [et al.] (org). – 1 reimp.- Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2008. ISBN 9788575261453.

TERRA, Ernani. **Práticas de leitura e escrita** / Ernani terra. – São Paulo: Saraiva Educação.2019. ISBN 9788571440050.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura e produção de conhecimento.** A leitura e escrita como práticas discursivas. [org] Aracy Ernst-Pereira, Susana Bornéo Funck. – Pelotas: Educat,2001. ISBN:



MEMÓRIAS DE LEITURA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA SOBRE A INFÂNCIA E O LÚDICO NA EDUCAÇÃO

Lilian Viviane Gonçalves Martins¹

Dirce Maria da Silva²

Acreditamos que a educação exige um constante esforço de reflexão horizontal. Nesse esforço reflexivo, sabe-se que há muito para ser pensado e rememorado, para não deixar morrer o sonho de que transformar é possível (Paulo Freire).

INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta uma sucinta revisão de literatura no que diz respeito à compreensão da infância, convergindo para a importância do lúdico na educação e na aprendizagem infantil.

Procura-se considerar aqui o valor do lúdico no contexto educacional, reconhecendo a infância como uma fase crucial de desenvolvimento, observando-se abordagens educacionais que evoluíram ao longo dos séculos, influenciadas por paradigmas sociais, filosóficos e psicológicos. Nessa trajetória, o lúdico emerge como um componente vital, moldando a compreensão de como as crianças aprendem e se desenvolvem.

1 Licenciada em Pedagogia. O excerto ora publicado é parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia intitulado: A Construção do Pensamento Matemático na Educação Infantil, apresentado no Instituto de Ciências Sociais e Humanas - Centro de Ensino Superior do Brasil: Instituto Superior de Educação, em Valparaíso de Goiás. E-mail: lilianane-martins@gmail.com.

2 Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Estudos Sobre a Violência. Graduada em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas. O curso de Letras, primeira graduação, ofereceu-me compreensão da linguagem e das narrativas humanas, enquanto o Mestrado, com foco em Políticas Públicas, ajudou-me a melhor compreender o contexto social e político em que as questões de cidadania e direitos, ocorrem, fazendo-me melhor entender como cidadania, direitos e linguagem estão intrinsecamente relacionadas e imbricadas. Membro (Técnico) do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas (POSlit / TEL) da Universidade de Brasília. Membro Fundadora do Instituto de Pesquisa, Desenvolvimento e Apoio a Neurodivergentes (IPDAN) (Instagram: ipdan.org.br). Atualmente trabalha como professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: dircem54@gmail.com.

O texto destaca que as atividades lúdicas não apenas promovem a alegria e a criatividade, mas também desempenham papel fundamental na formação de habilidades cognitivas, sociais e emocionais, contribuindo para uma educação significativa nos primeiros anos de vida, pois a exploração do lúdico na Educação Infantil não só promove um desenvolvimento holístico, mas também oferece uma abordagem eficaz para estabelecer as bases para o sucesso acadêmico futuro, incluindo o domínio da matemática, disciplina considerada como das mais desafiadoras.

A abordagem metodológica utilizada limita-se a uma revisão de literatura narrativa que envolveu a coleta, seleção e análise de um conjunto de estudos e trabalhos acadêmicos relevantes sobre o referido tema.

UM BREVE PANORAMA DA TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA INFÂNCIA

A perspectiva de compreensão da infância ao longo de diferentes períodos conduziu o tratamento voltado à criança a modificações de paradigmas. A maneira como os adultos passam a enxergar as crianças ao longo do tempo, faz com que a quebra de antigos padrões seja vista como algo natural e necessário. Até mais precisamente o início do século XX, a maioria das abordagens em relação à infância a considerava como uma construção tão somente do ponto de vista histórico.

O historiador francês Philippe Ariès, conhecido por suas contribuições à história da infância e à análise das mudanças nas atitudes culturais em relação às crianças ao longo do tempo, explica que a maneira como a sociedade ocidental percebe e trata a criança mudou significativamente ao longo das épocas. Em sua obra *História Social da Criança e da Família* (1981), ele defende a ideia de que a concepção moderna de infância como uma fase distinta e protegida da vida não era comum em sociedades pré-modernas.

Em épocas passadas, as crianças eram vistas como miniaturas dos adultos e eram integradas precocemente a atividades e responsabilidades. Não existia um estágio de infância claramente definido e as crianças eram consideradas parte da esfera adulta desde cedo.

Ariès argumenta que a ideia de uma infância separada e protegida emergiu gradualmente a partir do século XVII, como resultado de mudanças nas mentalidades, na educação e na estrutura familiar. Isso levou a uma crescente valorização da inocência e da vulnerabilidade infantis, assim como ao desenvolvimento de espaços e atividades dedicados exclusivamente às crianças, como creches, escolas e o lúdico na educação.

A perspectiva de Ariès provocou muitos debates, não sem contestações, sobre como a sociedade construiu a infância e como essa construção evoluiu historicamente. Mas Ariès não propõe estabelecer conclusões definitivas em suas

investigações, mas sim, contribuir para reflexões sobre a natureza complexa e multifacetada do estudo da história da infância.

Dessa forma, sua contribuição possui enorme relevância, pois existe um vazio histórico em relação ao assunto, pelo fato de a infância e a figura da criança não serem, em termos culturais, até o século XIX, consideradas como tópicos discursivos reconhecidos como relevantes.

Kuhlmann Jr e Fernandes (2012) endossam a abordagem de Ariès, pois entendem que a mudança da mentalidade sobre a infância precisa ser entendida como processo histórico. Os autores argumentam que é necessário buscar compreender as diferentes concepções sobre a infância, em variados momentos, entendendo que a história da infância se move por “linhas sinuosas” e que o discurso em torno dela possui variáveis que condizem com o contexto em tese, em que concepções são influenciadas pela economia, sociedade, política, cultura e pela disseminação de conhecimentos vigentes.

Conforme Kuhlmann Jr e Fernandes (2012), isso é importante para se evitar interpretações simplistas que possam resultar em entendimentos equivocados, pois a representação de crianças no passado pode ser, muitas vezes, um recurso intrigante, que nos oferece pistas sobre as dinâmicas sociais que prevaleceram em cada época.

Ariès discorre em sua obra sobre as diversas representações na arte sacra, como a amamentação em variados momentos e culturas diferentes. Na Idade Média, conforme explica, as crianças passam a não serem mais representadas na arte, o que pode ser um indicativo de que não existia uma consciência da infância tal como existe na modernidade.

Ademais, sabe-se que as crianças não tinham uma função social antes de serem iniciadas no trabalho, quando pobres. Já as crianças de famílias nobres tinham tutores e deveriam ser preparadas para suas funções futuras. Conforme Ariès, é a partir do século XVI que tem início o processo de maiores cuidados com as crianças, de uma forma geral.

Mas Andrade (2010) salienta que a escola que passa a separar a criança do adulto e a formar alunos, recai sobre as crianças das famílias abastadas, uma vez que as crianças de famílias pobres continuavam a serem destinadas, desde tenra idade, ao trabalho.

Nesse sentido, conforme Kishimoto (2002) emerge um deslocamento de paradigma na percepção da educação infantil, que começa a se manifestar na forma como a criança é tratada, e que passa a oferecer maiores indícios sobre a compreensão da infância como a concebemos hoje.

Nesse sentido, antes do Renascimento, os jogos e brincadeiras praticados pelas crianças eram interpretados como formas de recreação ou descanso das

atividades que exigiam esforço físico ou mental. Mas a partir da Renascença, houve um período denominado de “compulsão lúdica”, em que o jogo passa a ser utilizado também como meio para disseminar princípios de moral, ética e conhecimentos em história, geografia e outras áreas.

Philippe Ariès discute igualmente, em sua obra, a abordagem dos castigos na história da infância, explicando como a percepção de maus tratos evoluiu ao longo do tempo, com as atitudes em relação à disciplina imposta às crianças mudando significativamente em diferentes períodos históricos.

Com isso, vê-se que a história da infância está ligada à história das práticas disciplinares, percebendo-se como as mudanças nas abordagens em relação a castigos e disciplina refletem a evolução mais ampla da compreensão da infância ao longo do tempo.

A abordagem mais benevolente a partir do século XVII foi influenciada pelo pensamento humanista e pela sensibilidade crescente em relação à infância, o que levou a uma diminuição gradual da violência física nos métodos disciplinares, fortalecendo a ideia de que as crianças são seres mais vulneráveis e necessitados de cuidados e orientação específicos.

SOBRE A IMPORTÂNCIA DO JOGO E DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo Kishimoto (2002), renomados intelectuais, a exemplo de François Rabelais (1494-1553), consideravam a brincadeira como uma prática livre que promovia o avanço da capacidade intelectual e facilitava o processo de aprendizagem, ao reconhecer as necessidades naturais das crianças, passando a ver o jogo como um método eficaz para absorver conteúdos escolares.

Em contraposição aos métodos tradicionais centrados na instrução verbal e na abordagem punitiva, a perspectiva renascentista defendia que os educadores deveriam incorporar elementos lúdicos aos materiais de estudo. Isso é evidente em obra clássicas como “Gargantua e Pantagruel (1532-1534)³”, que apresenta o jogo tanto retratado como uma atividade de sorte e/ou decadência, quanto reconhecido por suas potencialidades educativas.

Conforme Kishimoto (2002), Rabelais não explora detalhadamente a

3 “Gargantua e Pantagruel” é uma série de romances escrita por François Rabelais no século XVI. Essas obras contêm histórias e anedotas que exploram temas diversos, incluindo a educação. O lúdico não é o foco central desses romances, mas algumas passagens sugerem a importância do elemento lúdico na educação. Pantagruel (c. 1532); Gargantua (1534); O terceiro livro de Pantagruel (1546); O quarto livro de Pantagruel (1552); O quinto livro de Pantagruel (c. 1564). As obras também apresentam uma visão crítica sobre os métodos de ensino tradicionais e a ênfase excessiva na memorização e na instrução formal. Rabelais defende a ideia de que a educação deve ser adaptada às necessidades individuais das crianças e que o lúdico pode ser uma ferramenta valiosa nesse processo (Kishimoto, 2002).

importância do lúdico na educação, mas algumas passagens sugerem a ideia de que a aprendizagem prazerosa, baseada em atividades lúdicas e interativas, pode ser mais eficaz e apropriada para o desenvolvimento das crianças. Em “Gargantua”, por exemplo, a história descreve como o personagem Gargântua, quando criança, teve um professor chamado Ponocrates, que adotou abordagem educacional baseada em brincadeiras e jogos. Gargântua é encorajado a aprender por meio de exercícios lúdicos, de forma a tornar o processo de aprendizado mais envolvente.

Também Michel de Montaigne (1533-1592), ensaísta e filósofo francês no século XVI, no mesmo sentido, ao abordar sobre a educação em seus ensaios, inclui a importância do lúdico no processo educacional. Montaigne acreditava que a educação não deveria ser um processo rígido e disciplinado, mas adaptado às necessidades e inclinações individuais.

Conforme Kishimoto (2002), Montaigne percebia a educação/ludicidade com relevância para a possibilidade de desenvolvimento da linguagem e do imaginário que o jogo infantil proporciona, revelando as características da mente da criança e possibilitando sua observação. Esta visão se alinha à nova percepção sobre infância e a criança como dotada de valores positivos, que precisa ser incentivada a se exprimir espontaneamente através do jogo, pensamento que irá se consolidar no período do Romantismo.

Neste momento histórico, pensadores e intelectuais recorrem à analogia do desenvolvimento infantil como uma síntese da história do conjunto da humanidade, reconhecendo na criança uma alma semelhante à do poeta e considerando o jogo como a expressão desta criança. A criança não é mais vista apenas como um ser em desenvolvimento com características passageiras, mas sim, como alguém que imita e brinca, é espontânea e livre (Kishimoto, 2002).

Conforme Andrade (2010), a partir do século XVII começa a emergir a distinção entre a esfera pública e privada, ficando a primeira a cargo do Estado e a segunda a cargo da família, a quem caberia garantir a sobrevivência, física, social e psicológica da prole, enquanto a necessidade de formar futuros cidadãos estava pautada por uma visão moralista, pública, que passa a atribuir à infância a necessidade de estudo, instrução e escolarização.

Jean Jacques Rousseau (1712-1778), também contribui sobremaneira com essa perspectiva, por meio de suas elaborações sobre uma equivalência entre a infância e os povos primitivos, denominada de teoria da Recapitulação. De forma resumida, nela, entendia-se a infância como a fase do imaginário, da poesia, à semelhança dos povos dos tempos da mitologia e surge, a partir disso, a visão de que o jogo é uma conduta espontânea, livre, de expressão de tendências infantis (Kishimoto, 2002).

Friedrich Fröbel (1782-1852), pedagogo alemão do século XIX, via o jogo

como uma maneira fundamental pela qual as crianças interagem com o mundo ao seu redor e constroem conhecimento. Ele acreditava que o lúdico era a forma pela qual as crianças expressavam sua criatividade, curiosidade e imaginação. Em suas palavras, “O brincar é a atividade mais elevada da criança, pois é a mais próxima do processo criativo em si mesmo” (Kishimoto, 2002).

Fröbel defendia que o lúdico não era apenas uma atividade secundária, mas o próprio cerne da educação infantil. Sua abordagem influenciou a pedagogia moderna, ressaltando a importância de proporcionar às crianças um ambiente onde o lúdico fosse valorizado e integrado ao processo educativo.

No século XX, o jogo e as atividades lúdicas passaram a desempenhar papel crucial na educação, contribuindo de diversas formas para o desenvolvimento integral das crianças. A importância do jogo e do lúdico na Educação Infantil é vasta, pois abrange aspectos cognitivos, emocionais, sociais e físicos.

O advento da modernidade tornou mais nítidos tais processos, com cobranças maiores da sociedade no que diz respeito à educação formal, como podemos ver a seguir:

Se, na Idade Média, a criança ingressava no “mundo dos adultos” para ali fazer a sua aprendizagem, com a modernidade, a defesa da necessidade de uma educação fundada nas instituições familiar e escolar fez dessas instituições o novo “mundo dos adultos” pelo qual elas deveriam passar. Com isso, a transformação da criança em aluno seria, ao mesmo tempo, a definição do aluno como a criança, nesse processo em que o critério etário se torna ordenador da composição e da seriação do ensino nas classes escolares (Kuhlmann Jr. e Fernandes, 2004).

Surgem então, nos Estados Unidos e Europa, instituições filantrópicas que retiravam as crianças das ruas, onde eram frequentemente abandonadas, e tinham como principal enfoque não o desenvolvimento, mas a guarda, higiene, alimentação e cuidados físicos.

Conforme Paschoal e Machado (2009), tais instituições já se apresentavam como tendo um caráter pedagógico, posto que em muitos desses espaços as crianças deveriam aprender habilidades, adquirir hábitos de obediência, bondade, identificar as letras do alfabeto, pronunciar bem as palavras e assimilar noções de moral e religião, além de tricotar e desenvolver habilidades manuais. Paschoal e Machado defendem que tais instituições teriam caráter precipuamente educacional e não somente assistenciais.

No Brasil, Garcia (2002) afirma que o país passava pelas dinâmicas específicas de uma sociedade recém-saída da escravidão e construída pela expropriação de territórios e extermínio dos povos indígenas. Para a autora, a maneira de compreender uma história depende de como a contamos. A história das Américas, e no que nos diz respeito, da América Latina, sempre nos foi contada

do ponto de vista dos que pretenderam descobri-la, colonizá-la, “civilizá-la”, já que se acreditavam portadores da Civilização.

Nesse sentido, de acordo com Rizzo (2003), a educação infantil no Brasil surge em meio a profundas dificuldades e, devido a isso, tem caráter exclusivamente assistencialista, a princípio. De modo geral, o seu objetivo era o de ajudar viúvas e mulheres que precisavam trabalhar fora de casa. Parte deste mesmo processo determinou a criação de instituições de acolhimento de órfãos abandonados, onde se depositavam os filhos indesejados de mães solteiras oriundas de famílias da corte, como a Roda dos Expostos das Santas Casas de Misericórdia.

Cabe assinalar que as diferenças sociais estabeleceram, desde sempre, privilégios a uns em detrimento de outros. Conforme Andrade (2010), no Brasil as diferenças sociais, raciais e de gênero foram centrais para estabelecer múltiplas vivências de infância, com a criança indígena passando por um processo de aculturação, promovida pelos jesuítas, que enxergavam na infância um período de “iluminação e revelação”.

A criança negra, filha de pessoas escravizadas, era destinada ao trabalho antes mesmo dos sete anos. A criança branca, de famílias abastadas, era designada para os estudos. Não havia aqui, portanto, uma noção universal de infância, mas múltiplas vivências do ser criança em meio a uma só cultura.

Conforme Paschoal e Machado (2009) a implementação de creches e jardins de infância no final do século XIX e durante as primeiras décadas do século XX, no Brasil, foram acompanhadas por tendências com percepções diferenciadas. A jurídico-policia defendia a infância moralmente abandonada, enquanto a visão médico-higienista e a concepção religiosa tinham o intuito de combater a alta mortalidade infantil, que ocorria tanto no interior das famílias como nas instituições de atendimento à infância.

De acordo com Andrade (2010), a escola torna-se, também por aqui, uma instituição essencial para a sociedade, local onde as crianças seriam submetidas a um regime disciplinar cada vez mais rigoroso.

O desenvolvimento da psicologia infantil no século XIX foi fortemente influenciada pela biologia, fazendo transposições dos achados dos estudos com animais para os entendimentos sobre as crianças. Com isso, Kishimoto (2002) esclarece que adotando-se o pressuposto da necessidade da espécie, não se devia perder de vista a vontade e consciência infantis em busca do prazer como justificativa psicológica.

Nesse sentido, Kishimoto acrescenta que o jogo seria, então, uma ação espontânea, natural (influência biológica), prazerosa e livre (influência psicológica), ligada à educação, dada a ligação com o treino de instintos. Mesmo com esta justificativa biológica, a importância do jogo continua sendo destacada a

partir de um paralelo que não apresentava evidências de ser real, tornando-o um conceito pouco objetivo e, portanto, questionável.

No século XX, a visão sobre o jogo e sua importância ganha outros contornos. Édouard Claparède (1873-1940), neurologista e psicólogo suíço que se destacou pelos seus estudos nas áreas da psicologia infantil, da pedagogia e da formação da memória, procurou conceituar cientificamente a brincadeira, contando com influências da biologia e do Romantismo. Para Claparède, o jogo exerce papel importante como motor do autodesenvolvimento e, por conseguinte, é um método natural de educação e desenvolvimento.

Claparède via o jogo como uma atividade que permite às crianças explorar o mundo, testar hipóteses, resolver problemas e adquirir novas habilidades. Ele acreditava que o lúdico era um meio pelo qual as crianças podiam experimentar, praticar e internalizar conhecimentos de maneira ativa e envolvente.

Conforme Kishimoto (2002), Lev Semionovitch Vigotski (1896-1934), psicólogo bielorrusso, autor da psicologia sócio-histórica, fez contribuições significativas para a compreensão da importância do lúdico no desenvolvimento infantil e na aprendizagem. Ele enfatizava como o brincar desempenha um papel crucial na construção do conhecimento, nas interações sociais e na formação de habilidades cognitivas.

Vygotsky tem como base de compreensão do jogo infantil a filosofia marxista-leninista, que preconiza que a construção dos processos psicológicos se dá a partir do contexto sociocultural. Assim, são os processos histórico-sociais que alteram não apenas a vida social, mas também o pensamento humano e, por consequência, as brincadeiras e a conduta, predominante a partir dos 3 anos, no jogo de desempenho de papéis, que resulta de influências sociais recebidas previamente.

Kishimoto (2002) explica também que Jean Piaget (1896-1980) defende que é por meio da brincadeira e da imitação que ocorre o desenvolvimento natural. Mesmo não se debruçando sobre o desenvolvimento de um conceito de brincadeira, Piaget dá destaque ao aspecto da imitação, que participa de processos de acomodação, na forma de ação assimiladora para a expressão da conduta, que tem características metafóricas, espontâneas e prazerosas. Para Piaget, a brincadeira, enquanto processo assimilativo, participa do conteúdo da inteligência, assim como da aprendizagem.

Conforme Kishimoto, Jerome Seymour Bruner (1915- 2016), psicólogo e educador americano, também abordou a importância do lúdico na educação infantil. Ele enfatizava como o brincar desempenha um papel crucial no aprendizado, na construção de conhecimento e no desenvolvimento das habilidades cognitivas das crianças.

Bruner acreditava que o lúdico não era apenas uma atividade recreativa, mas sim uma forma de aprendizado ativo e envolvente. Ele defendia que as crianças aprendem melhor quando estão ativamente envolvidas em atividades que as desafiam e as motivam. O brincar proporciona um ambiente onde as crianças podem explorar, experimentar, questionar e descobrir por si mesmas.

Para Pierre Bourdieu (1930-2002), sociólogo francês que influenciou de maneira significativa o campo da educação, por meio de suas teorias e análises críticas sobre as estruturas sociais, desigualdades e poder na sociedade, especialmente no que diz respeito à reprodução das desigualdades sociais através do sistema educacional, o jogo serviria como parâmetro para entender relações sociais.

George Herbert Mead (1863-1931), filósofo e psicólogo social americano, não tratou explicitamente da importância do lúdico na educação em suas obras. No entanto, suas ideias sobre o desenvolvimento social e a formação da identidade têm implicações que podem ser relacionadas à valorização do lúdico na educação.

A educadora brasileira Jussara Hoffmann (2001) fala sobre a importância do lúdico na educação em várias de suas obras. Em “Avaliar para Promover: As Setas do Caminho” Hoffmann discute diferentes abordagens de avaliação educacional, incluindo a avaliação formativa e a importância de tornar o processo de avaliação mais significativo para os alunos. Ela enfatiza como o lúdico pode ser um elemento fundamental para promover uma avaliação mais autêntica e construtiva, permitindo que os alunos se envolvam ativamente no processo de aprendizado.

Hoffmann ressalta que o lúdico pode promover a criatividade, a curiosidade e a autonomia. Ao se envolver em atividades lúdicas, as crianças são incentivadas a tomar iniciativa, a fazer escolhas e a expressar suas ideias de maneira livre, o que contribui para um aprendizado mais autêntico e profundo. Para ela, o lúdico pode ser utilizado como ferramenta valiosa e autêntica, porque, por meio de jogos, projetos e atividades práticas, os educadores podem observar e compreender melhor o processo de aprendizagem, capturando *insights* sobre habilidades, interesses e necessidades das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O panorama de paradigmas e referências que cercam a brincadeira infantil ilustra a complexidade de sua interação com os comportamentos sociais e naturais. Essa abordagem multifacetada enriquece nossa compreensão da importância do lúdico na formação das crianças, abrindo portas para um entendimento mais profundo de suas implicações nas esferas psicológicas, culturais e

sociais. Em meio a esse cenário, a aprendizagem de disciplinas como a matemática ganha destaque especial.

O valor do lúdico no aprendizado da matemática se manifesta como uma ponte entre a teoria e a prática. Ao oferecer às crianças a oportunidade de explorar conceitos matemáticos de maneira concreta e envolvente, a brincadeira transforma a abstração em algo tangível. Jogos, quebra-cabeças e atividades lúdicas não apenas tornam os princípios matemáticos acessíveis, mas também estimulam o pensamento crítico, a resolução de problemas e a compreensão das relações numéricas.

Assim como a brincadeira infantil em geral, o lúdico na aprendizagem da matemática transcende a mera superficialidade. Ele se torna uma ferramenta poderosa para fomentar a curiosidade, a criatividade e a motivação intrínseca das crianças em relação a uma disciplina frequentemente considerada desafiadora. Ao considerar o caráter metafórico que a brincadeira muitas vezes assume, é possível enxergar como a ludicidade ilumina o caminho para uma compreensão mais profunda e duradoura das complexidades da matemática.

A exploração da brincadeira infantil e do lúdico como instrumento de aprendizagem nos lembra que há riquezas inexploradas nos vínculos entre a diversão e o conhecimento. Ao compreender e cultivar essa conexão, abrimos possibilidades notáveis para moldar a educação de maneira mais eficaz e holística, preparando as gerações futuras para um aprendizado que transcende a sala de aula e se estende para a vida.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2a ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais**. Cultura Acadêmica, 2010.
- GARCIA, Regina Leite. **Teórico e o campo currículo: relendo uma história mal contada- suas repercussões no currículo**, 2012. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/gtcurriculoanped/33RA/trabalhos/REGINA_LEITE_GARCIA_UFF.pdf Acesso: 12, ago, 2023.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para Promover: As Setas do Caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013b.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2002.

KUHLMANN Moysés Jr.; FERNANDES, Fabiana Silva. **Educação Infantil e Sociedade: questões contemporâneas**. Editora Nova Harmonia Ltda, 2012. Capítulo 2, Infância: construção social e histórica.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A história da Educação Infantil do Brasil: Avanços, Retrocessos e Desafios dessa Modalidade Educacional**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.33, p.78-95, mar.2009.

PIAGET, Jean. **Coleção Educadores**, Ed. Massangana, 2010.

RABELAIS, François. **Gargântua e Pantagruel**. Belo Horizonte (Minas Gerais): Editora Itatiaia, 2003. [1532-1564].

RIZZO, Gilda. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

VYGOTSKY, Lev. **Coleção Educadores**. Ed. Massangana, 2010.



REVISANDO CONCEITOS E TECENDO REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE NO BRASIL

Horácio Lessa Ramalho¹

Dirce Maria da Silva²

A pessoa que conhece apenas uma língua, não a conhece de fato (Goethe).

Emily Dickinson's Poem

*Essential Oils - are wrung -
The Attar from the Rose
Be not expressed by Suns - alone -
It is the gift of Screws -
The General Rose - decay -
But this - in Lady's Drawer
Make Summer - When the Lady lie
In Ceaseless Rosemary...
...that is...*

*Óleos Essenciais - estão torcidos -
O Aroma da Rosa
Não seja expresso pelos sóis - sozinho -
É o presente dos Parafusos -
Uma rosa geral - decadência -
Mas isso - na gaveta da senhora
Faça o Verão - Quando a Senhora mente
Em Alecrim Incessante.*

-
- 1 Graduado em Ciência Política com Ênfase em Políticas Públicas, com Master Business Administration pela Fundação Getúlio Vargas em Relações Governamentais. E-mail: horacio.lessar@gmail.com.
 - 2 Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Estudos Sobre a Violência. Graduada em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas. O curso de Letras, primeira graduação, ofereceu-me compreensão da linguagem e das narrativas humanas, enquanto o Mestrado, com foco em Políticas Públicas, ajudou-me a melhor compreender o contexto social e político em que as questões de cidadania ocorrem, fazendo-me melhor entender como cidadania, direitos e linguagem estão intrinsecamente relacionadas e imbricadas. Membro (Técnico) do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas (POSlit / TEL) da Universidade de Brasília. Membro Fundadora do Instituto de Pesquisa, Desenvolvimento e Apoio a Neurodivergentes (IPDAN) (Instagram: ipdan.org.br). Atualmente trabalha como professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: dircem54@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O Brasil é uma nação de dimensões continentais, identificada como um país “monolíngue”. Conforme Cummins (2003), definir bilinguismo depende de questões de ordem política, social e cultural. O conceito é amplo, mas de forma sucinta, refere-se à capacidade de uso de duas línguas de forma proficiente. A eloquência, ou proficiência, pode variar desde a fluência equilibrada em ambas as línguas até diferentes níveis de habilidades em cada uma delas.

As políticas linguísticas em nosso país tendem a subtrair as línguas, ao invés de utilizar políticas linguísticas ‘aditivas’, isto é, olvida-se, por vezes, em termos político-culturais e linguísticos, que convivemos com falantes imigrantes de todos os cantos do mundo, como espanhóis, japoneses, italianos, alemães, para citar apenas alguns, sem falar nas mais de 170 línguas indígenas, de famílias diferentes existentes em solo brasileiro, e ainda, a Língua Brasileira de Sinais³.

A diversidade linguística no país deve ser incentivada e respeitada, pois o domínio de uma língua para além da nativa facilita a comunicação direta com pessoas de outras origens e promove um entendimento mais profundo das diversas culturas que compõem a sociedade global.

Nesse sentido, o presente texto propõe uma breve revisão de literatura, a partir de autores como Krashen (1989), Cummins (2001), Kramsch (2009), dentre outros, concomitante a uma análise introspectivo-reflexiva, de pretensão ensaística, sobre a importância do aprendizado de outros idiomas. De acordo com Quadros (2010), “em uma perspectiva “aditiva”, saber outras línguas apresenta vantagens tanto no campo cognitivo quanto no campo político, social e cultural”. De forma concomitante, discorreremos sobre a importância e necessidade de uma sociedade efetivamente bilíngue em nosso país.

CULTURA, LINGUAGEM, LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE MUNDO

De acordo com Kramsch (2009, p. 4), pesquisadora americana na aquisição de segunda língua e teoria social e cultural, o poema de Emily Dickinson retrata, de maneira artística, a interligação entre natureza, cultura e linguagem. O poema sugere a representação de uma “Rosa Geral”, como elemento natural presente num jardim de flores, belo, porém anônimo entre outras rosas da mesma espécie, transitório e facilmente esquecível, pois,

3 MEC. Parecer CNE/CEB nº 2/2020, aprovado em 9 de julho de 2020 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a oferta de Educação Plurilíngue.

A natureza, sozinha, não consegue capturar nem preservar a singular beleza de uma rosa específica em um momento específico, sendo impotente perante o declínio biológico e a inevitável morte das rosas e das mulheres. Ela apenas pode trazer o verão quando a estação o permite. Em contraste, a cultura transcende a temporalidade biológica, sendo também um “presente”, mas com características distintas. Mediante um processo tecnológico sofisticado elaborado para extrair a essência das rosas, a cultura induz a natureza a revelar suas capacidades “essenciais” (Kramsch, 2009, p. 4).

Nesse sentido, sabemos que a aquisição de uma segunda língua é processo complexo. Recomenda-se, mediante isso, desde tenra idade, a exposição constante a outras línguas-alvo, pois assim os estudantes têm a oportunidade de começar, logo cedo, a expandir o vocabulário, aprimorar a compreensão gramatical e desenvolver as habilidades comunicativas.

Conforme Krashen (1989), renomado linguista na área da aquisição de segunda língua, educação bilíngue e compreensão de textos devem caminhar juntas desde cedo, promovendo o processo de “*input*”, em que alunos são expostos a material desafiador, mas já compreensível e fundamental para a aquisição natural do idioma. Isso se dá por que a leitura com seus diversos tipos, específicos para cada ocasião e contexto, permite, mediante mediação, que os alunos absorvam estruturas linguísticas de maneira natural.

A leitura é uma janela para compreender e apreciar diferentes culturas. Em escolas bilíngues, onde os alunos frequentemente estão expostos a duas ou mais línguas, a leitura oferece uma maneira rica e envolvente de explorar as nuances culturais associadas a cada idioma.

Autores como Jim Cummins (2001), renomado pesquisador na área da educação bilíngue, destaca que a leitura de textos autênticos, como literatura, contos populares e jornais, permite que os alunos mergulhem nas tradições e perspectivas culturais ligadas aos idiomas que estão aprendendo.

Sem dúvidas, há benefícios claros da leitura no aprendizado de idiomas em escolas bilíngues públicas, mas também há desafios a serem enfrentados, tais como dificuldades de acesso a materiais de leitura adequados em ambas as línguas, bem como a falta de apoio para desenvolver habilidades de leitura crítica. Para superar esses desafios, é essencial adotar estratégias como a seleção cuidadosa de materiais de leitura diversificados e culturalmente relevantes, além de incorporar atividades de discussão e análise de textos para aprofundar a compreensão.

A IMPORTÂNCIA DO BILINGUISMO EM UM MUNDO MULTICULTURAL

Conforme a Cambridge Assessment International Education, “educação bilíngue refere-se ao uso de duas ou mais línguas para o ensino de matérias de conteúdo”. Um “aluno bilíngue” é, no sentido mais amplo do conceito, um aluno que usa a primeira língua em casa/na comunidade e uma segunda língua, como o inglês, na escola. O documento também explicita sobre vantagens da educação bilíngue,

- 1. Desenvolvimento de habilidades linguísticas:** O aprendizado de uma segunda língua é uma habilidade valiosa que pode ajudar os alunos a se comunicarem com pessoas de diferentes culturas e contextos, além de abrir portas para oportunidades futuras de trabalho.
- 2. Aumento da compreensão cultural:** O ensino em duas línguas pode ajudar os alunos a compreender melhor as diferentes culturas e a apreciar a diversidade do mundo.
- 3. Melhora do desempenho acadêmico:** Estudos mostram que alunos que frequentam escolas bilíngues têm um desempenho acadêmico melhor do que aqueles que frequentam escolas monolíngues.
- 4. Preparação para o mercado global:** Em um mundo cada vez mais conectado, a capacidade de falar mais de uma língua é uma habilidade valiosa para o mercado global.
- 5. Maior flexibilidade cognitiva:** O aprendizado de uma segunda língua pode ajudar os alunos a desenvolver habilidades cognitivas, como a capacidade de resolver problemas e a flexibilidade mental (Mehisto, 2012; Cambridge, 2020; **Grifos Nossos**).

Nesse mesmo sentido, para a educadora Selma Moura, pedagoga, Mestre em Linguagem e Educação e Especialista em Linguagem das Artes pela Universidade de São Paulo (USP), o bilinguismo traz apenas vantagens. Os excertos abaixo fazem parte de uma entrevista por ela concedida à Revista Educação.

Criança precisa mesmo começar a estudar outra língua tão cedo?

O ser humano nasce com potencial para aprender qualquer língua e, dependendo do contexto em que se insere, pode tornar-se bilíngue desde muito cedo. Dados indicam que mais da metade da população mundial é bilíngue, então o bilinguismo, ao invés de ser a exceção, é a regra na maior parte do mundo.

Quais as principais vantagens oferecidas pelas escolas bilíngues?

Quando feita com qualidade, a educação bilíngue, além de favorecer a proficiência em duas ou mais línguas, desenvolve a flexibilidade cognitiva, a sensibilidade comunicativa, a apreciação por outras culturas e o conhecimento acadêmico em todas as áreas. Dá aos alunos a oportunidade de se comunicar com um número muito maior de pessoas e, assim, ter sua voz e

visão visibilizadas. Pode contribuir com a empregabilidade e com a colocação profissional ou acadêmica em outros países. O bilinguismo é, comprovadamente, uma das habilidades essenciais aos cidadãos do século 21.

E desvantagens?

Não há desvantagens intrínsecas à educação bilíngue, da mesma forma como não há desvantagens sobre o ensino de matemática, ou ciências. Mas pode haver em relação à forma como essa educação for feita, caso os professores não sejam bem formados, o currículo não seja bem desenvolvido e a avaliação não seja coerente e integrada, da mesma forma como pode ocorrer com uma educação monolíngue. O desafio, na verdade, é a qualidade do ensino (Revista Educação, Entrevista publicada em 22 de agosto de 2018; **Grifos Nossos**).

Uma escola bilíngue é uma instituição educacional que oferece um programa de ensino em duas línguas diferentes, com o objetivo de desenvolver a proficiência linguística e a compreensão cultural dos alunos em relação a ambas as línguas. Essa definição de escola bilíngue pode variar de acordo com a região ou país, mas em geral, tal instituição oferece ensino em duas línguas durante todo o período escolar, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

A presença de mais escolas bilíngues no país é de suma importância na formação das novas gerações, que farão cada vez mais parte de um mundo globalizado e multicultural. Instituições de ensino bilíngues não apenas proporcionam o aprendizado de um segundo idioma, mas também promovem compreensão mais profunda das culturas associadas às línguas estudadas.

Krashen (1989) afirma que, “a língua é mais do que uma ferramenta de comunicação; é a expressão de nossa cultura e identidade.” Escolas bilíngues oferecem a oportunidade de cultivar essa conexão entre língua e cultura desde cedo, contribuindo para a formação de cidadãos globalmente conscientes.

Cummins (2001) é categórico ao afirmar que “o aprendizado em um ambiente bilíngue pode melhorar o desempenho acadêmico geral, pois promove habilidades cognitivas avançadas, flexibilidade mental e capacidade de resolução de problemas”. Isso é especialmente relevante para crianças em idade escolar, pois a exposição precoce a diferentes línguas estimula a plasticidade cerebral, facilitando a aquisição de múltiplas línguas ao longo da vida e facilitando a aprendizagem em outros componentes curriculares.

A comunicação transcende fronteiras, logo, a importância de escolas bilíngues é inegável. García (2014) também destaca que “a proficiência em mais de uma língua amplia as oportunidades profissionais, fortalece a compreensão intercultural e promove a tolerância e a diversidade”.

VANTAGENS E DESAFIOS DE UMA ESCOLA BILÍNGUE

Nas **escolas bilíngues com imersão total** todo o ensino é ministrado em ambas as línguas, sem distinção clara entre ambos os idiomas. É comum que uma das línguas seja predominante no início, mas com o tempo, elas passam a ser igualmente enfatizadas.

No modelo da **escola bilíngue com imersão parcial**, o ensino é ministrado em ambas as línguas, mas com uma distribuição desigual do tempo de aula. Por exemplo, uma língua pode ser ensinada durante um período específico do dia, enquanto a outra é usada em outras atividades.

Já nas **escolas bilíngues de transição**, a escola oferece ensino nas duas línguas, mas com a expectativa de que os alunos eventualmente passem a frequentar uma escola que ensina exclusivamente em uma das línguas.

No Brasil, um dos principais desafios é a formação de professores qualificados para lecionar nesse contexto. Muitos profissionais não possuem o domínio adequado das habilidades comunicativas, quais sejam, em inglês, por exemplo: 1) *Listening*: capacidade de entender o que é dito em inglês, distinguindo palavras e frases, compreendendo rapidamente o significado. 2) *Speaking*: a capacidade de falar, de modo a ser compreendido pelos interlocutores. 3) *Reading*: a capacidade de ler textos em inglês, uma das habilidades linguísticas mais buscadas, pois é cada vez mais exigida em diversos campos de atuação e estudos. 4) *Writing*: habilidade que possibilita que a pessoa escreva em inglês, além do imprescindível conhecimento de gramática do idioma em questão (Cultura Inglesa, 2022).

Outro desafio para a implementação da escola pública bilíngue no Brasil é a falta de material didático adequado. O desenvolvimento de material de qualidade para o ensino bilíngue é fundamental para garantir que os alunos tenham acesso ao conteúdo de forma clara e eficaz. Isso é de suma importância porque o material disponível pode não estar adaptado à realidade brasileira, gerando dificuldades no processo de ensino e aprendizagem.

A falta de infraestrutura adequada também é um desafio para a escola pública bilíngue. A maior parte dos estabelecimentos escolares não possui estrutura necessária para acomodar aulas de língua estrangeira, com salas de aula equipadas por recursos tecnológicos e bibliotecas especializadas, pelo menos, o que pode comprometer a qualidade do ensino e prejudicar o desenvolvimento dos alunos.

Além desses desafios iniciais, a diversidade cultural e linguística do Brasil é fator que deve ser considerado na implementação da escola bilíngue. Conforme mencionado anteriormente, de acordo com Ronice Quadros (2010), “é preciso levar em conta as diferentes línguas, como as indígenas, e culturas estrangeiras presentes no país, de forma a garantir que todas as comunidades sejam atendidas de maneira adequada e justa”. Nesse sentido, a implantação da escola pública

bilíngue no Brasil requer um esforço conjunto e integrado entre os governos, as escolas e a sociedade em geral.

Estudos mais aprofundados de experiências bilíngues exitosas em outros países, como Canadá e Estados Unidos, guardadas as devidas especificidades contextuais, podem ser bastante proveitosos.

Numa rápida pesquisa pode-se ver que no Canadá, escolas bilíngues são encontradas em todo o país e oferecem programas de ensino em inglês e francês. O ensino bilíngue é obrigatório em algumas províncias do país, como Quebec e New Brunswick, e opcional em outras. Além disso, muitas escolas públicas e particulares oferecem programas de imersão em uma das línguas oficiais, permitindo que os alunos aprendam em ambiente totalmente imersivo.

Nos Estados Unidos, o ensino bilíngue não é tão comum quanto no Canadá. Embora o país tenha grande número de falantes de espanhol, o ensino bilíngue é oferecido apenas em algumas escolas de áreas com grande população de falantes da língua espanhola, especialmente na Califórnia e no Texas. Mas algumas escolas particulares nos Estados Unidos oferecem programas bilíngues em outras línguas, como francês, alemão e mandarim. Essas escolas geralmente usam o método de imersão total, no qual os alunos aprendem em um ambiente que usa a língua estrangeira como língua de instrução.

De maneira geral, a experiência bilíngue no Canadá é mais abrangente e comum do que nos Estados Unidos, devido à obrigatoriedade do ensino bilíngue em algumas províncias do país e à presença do francês como língua oficial. No entanto, em ambos os países, as escolas bilíngues e programas bilíngues têm como objetivo promover a diversidade cultural e linguística, e fornecer aos alunos habilidades valiosas para o mercado de trabalho global (Marini, 2018; Salles, 2020).

FUNDAMENTOS LEGAIS PARA A EDUCAÇÃO PLURILÍNGUE NO BRASIL - UMA *OVERVIEW*

O Conselho Nacional de Educação (CNE) em 2020 aprovou as Diretrizes Nacionais para a Educação Plurilíngue no Brasil (Parecer CNE/CEB nº 2/2020, aprovado em 9 de julho de 2020). A resolução trouxe definições e regulamentações para orientar a comunidade escolar e esclarecer a população a respeito da concepção de escola bilíngue.

O Parecer trata da Educação Plurilíngue como um todo, conforme normativas internacionais e nacionais sobre a Educação Escolar Indígena, a Educação de Surdos e a Educação em regiões de fronteiras. Sobre a Educação Bilíngue na América Latina, o Parecer esclarece:

O continente latino-americano vem se esforçando para atingir níveis de proficiência em língua inglesa mais adequados às exigências em curso. As motivações que impulsionaram tentativas de incremento são comumente relacionadas às necessidades de comunicação internacional, à competitividade econômica e à globalização dos negócios. Mas são diferentes as estratégias, os programas e os investimentos.

Um estudo sobre a qualidade do aprendizado de língua inglesa na América Latina identificou avanços e desafios nas escolhas feitas em países como Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, México, Panamá, Peru e Uruguai. Esses países concentravam 84% da população e 87% do Produto Interno Bruto (PIB) da região em 2015. Mesmo sendo marcadamente hispanófono, 68% dos executivos apontam o inglês como a principal língua dos negócios, contra 6% do espanhol e 8% do Mandarim. Os indicadores utilizados no estudo se basearam na existência de política de ensino da língua inglesa na rede pública que integrasse:

- plano nacional;
- qualificação de professores;
- objetivos de aprendizagem;
- padrões de ensino-aprendizagem;
- avaliação de proficiência de professores e estudantes.

Brasil e Argentina eram apontados como os únicos a não terem definido padrões de aprendizagem específicos para a língua inglesa – isso foi antes da BNCC. De um lado, Colômbia, Panamá e Peru apostaram no treinamento de professores no exterior. O Peru, em especial, tinha somente 27% dos professores do Ensino Fundamental habilitados para o ensino de língua inglesa. Chile (Programa Inglés Abre Puertas – PIAP) e Uruguai (Plan Ceibal) empreendem esforços na educação bilíngue na rede pública há mais de uma década, e colhem os frutos desse trabalho. Em termos de longevidade são exceções no continente. Iniciativas análogas que objetivam desenvolvimento consistente em língua inglesa para os estudantes da educação básica ocorrem na Colômbia (Colombia Bilingüe); na Costa Rica (Enseñanza del Inglés como Lengua Extrajeira – EILE); e no México (Programa Nacional de Inglés – PRONI).

Decorrentes das limitações dos modelos tradicionais de ensino, o ponto de partida que fomentou essas opções de enfrentamento ao baixo nível de proficiência em língua inglesa se assemelha a motivações análogas na Europa. Em 1996, a Espanha focou na Educação Infantil, ofertando inicialmente educação bilíngue para aproximadamente 1.200 crianças a partir de 3 anos de idade em pouco mais de 40 escolas públicas, tendo posteriormente alcançado mais de 200 mil estudantes.

A insatisfação com os resultados frente às exigências econômicas e às necessidades de aprender continuamente mobilizam ações em vários países. De um lado, vê-se a consolidação da língua inglesa como língua da globalização dos mercados; de outro, a sua ampla utilização como língua de pesquisas científicas e do fenômeno. Nesse sentido, essas experiências educativas, especialmente na educação pública, destacam:

- Busca pela integração da língua adicional ao currículo da escola;
- **Incentivo à diversidade cultural;**

- Estímulo ao uso de metodologias e tecnologias contemporâneas;
- Eventual uso de certificação de proficiência;
- **Foco nos primeiros anos da educação básica;**
- Oferta da língua adicional a todos os estudantes das instituições que desenvolvem o programa;
- Construção de referenciais e guias de boas práticas;
- Envolvimento de professores, pais, estudantes e especialistas na arquitetura dos projetos educacionais;
- **Leitura, escrita, audição e fala, introduzidas desde o início do programa;**
- Participação de especialistas no assessoramento das escolas (Parecer CNE/CEB nº: 2/2020; **Grifos Nossos**).

[...]

As escolas bilíngues devem trabalhar as mesmas disciplinas de escolas convencionais, seguindo as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É crescente a demanda pela educação bilíngue, dentro do escopo da Educação Plurilíngue, pela necessidade de formar cidadãos mais preparados para um mundo globalizado

Através do aprendizado de um segundo idioma as barreiras linguísticas são derrubadas, permitindo a troca de ideias, experiências e perspectivas entre pessoas de diferentes partes do mundo. Isso não apenas enriquece a nossa compreensão geral, mas também contribui para a construção de relações interpessoais e interculturais mais fortes, promovendo a tolerância, empatia e respeito pela diversidade.

A leitura, o contato com o livro, com as letras, desde tenra idade, desempenha papel crucial no aprendizado de idiomas. Além de servir como veículo para aquisição linguística, ela também é porta de entrada para a compreensão cultural e a apreciação das diferentes linguagens e das formas de comunicação presentes na comunidade educacional. Ao abordar os desafios e implementar estratégias eficazes, as escolas bilíngues podem transformar a leitura em uma ferramenta poderosa para conectar diferentes culturas e modos de vida.

Habilidades linguísticas ampliadas oferecem vantagens profissionais. Com a globalização, empresas tendem a valorizar mais os profissionais que conseguem se comunicar eficazmente em mais de um idioma. Em última análise, o aprendizado de um segundo idioma transcende as palavras e se torna um veículo para a promoção da unidade global em busca de uma coexistência pacífica.

Finalizando, apresentamos um poema que enseja nosso desejo de desenvolvimento e ascensão do ensino e aprendizagem de idiomas no Brasil:

*Nas margens onde a língua se desenha,
Em suas matizes, a mente se banha,
Aprender, em dois idiomas, é a façanha,
Desvendar horizontes, a vida ensaja.*

*Escolas bilíngues, sabedoria em ascensão,
No Brasil, terra diversa, a comunhão,
Dois mundos se abraçam, em fusão,
Aprendizado duplo, amor em expansão.*

*Nas páginas da leitura, o encanto floresce,
O segundo idioma em cada verso se aquece,
Palavras que dançam, a mente engrandecem,
Nas mãos do leitor, o mundo se oferece.*

*A língua é a chave que o mundo desvenda,
Bilíngue é o coração que a cultura estende,
No Brasil, nas escolas, a visão se expande,
Leitura e idiomas, janelas que se abrem e se acendem.*

Nesse sentido, o poema de Emily Dickinson traz à tona a importância da multiculturalidade. Ao explorar a essência da rosa e sua transformação em óleos essenciais, a poesia sugere que a verdadeira beleza e valor não podem ser capturados por um único elemento. A referência aos “screws” (parafusos) como doadores do “attar” (essência) ressalta a colaboração e a união de diversas partes na criação de algo precioso. Nesse sentido, o poema evoca uma metáfora para a interação entre diferentes culturas e identidades no mundo multicultural.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAMBRIDGE. **Educação para alunos bilíngues**. Disponível em: <https://www.cambridgeinternational.org/Images/582301-education-brief-bilingual-learners-portuguese-.pdf> Acesso em: 27 de agosto de 2023.

CULTURA INGLESA. **Habilidades Linguísticas: Como Desenvolvê-las no Inglês?** Disponível em: <https://blog.culturainglesa.com.br/habilidades-linguisticas> (Publicado em: 3 de junho de 2020). Acesso em: 26 de agosto de 2023.

CUMMINS, Jim. **Negotiating identities: Education for empowerment in a diverse society**. California Association for Bilingual Education, 2001.

GARCÍA, Ofelia; LI, Wei. **Translanguaging: Language, Bilingualism and Education**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.

- KRAMSCH, Claire. **Language and Culture**. Oxford Introductions to Language Study. Series Editor H. G. Widdowson; Oxford University Press, 2009.
- KRASHEN, Stephen D. **We acquire vocabulary and spelling by reading: Additional evidence for the input hypothesis**. *Modern Language Journal*, 1989.
- MARINI, Eduardo. **A expansão das escolas bilíngues no Brasil**. Página EDUCAÇÃO (Publicado em 06 de agosto de 2018). Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2018/08/06/expansao-das-escolas-bilíngues-no-brasil/> Acesso em: 28 de agosto de 2023.
- MEC. **Parecer CNE/CEB nº 2/2020**, aprovado em 9 de julho de 2020 – Diretrizes Curriculares Nacionais para a oferta de Educação Plurilíngue.
- MEHISTO, Peeter. **Excellence in Bilingual Education: A Guide for School Principals**. Cambridge: CUP/Cambridge International Examinations, 2012.
- QUADROS, Ronice Muller de. **O ‘BI’ em bilinguismo na educação de surdos**. In: *Surdez e Bilinguismo*. Eulalia Fernandes (Organizadora). Editora Mediação, 3ª Edição, Porto Alegre, 2010.
- REVISTA EDUCAÇÃO. **Novas Diretrizes para a Educação Bilingue** - Aprovado pelo Conselho Nacional de Educação, documento aguarda homologação do MEC. *Educação Brand Content*, 1 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2021/02/01/educacao-bilíngue-edify/> Acesso: 25 de agosto de 2023.
- REVISTA EDUCAÇÃO. **Seja em que momento for, o bilinguismo traz inúmeros benefícios cognitivos, sociais, culturais e econômicos**. (Publicado por Eduardo Marini, 22 de agosto de 2018). Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2018/08/22/bilinguismo-traz-inumeros-beneficios/> Acesso em: 28 de agosto de 2023.
- SALLES, André. **Sistema educacional no Canadá: Seu guia completo**. Página Neway for you. Publicado em: 22 de outubro de 2020. Disponível em: <https://newayforyou.com/sistema-educacional-no-canada-seu-guia-completo/> Acesso: 26 de agosto de 2023.



REVISITANDO CONCEITOS: SOBRE A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS DIREITOS HUMANOS

Larissa Argenta Ferreira de Melo¹

Dirce Maria da Silva²

*As marcas das lutas do passado contribuem para a construção do presente e do futuro que se quer
(As autoras).*

INTRODUÇÃO

A memória desempenha um papel fundamental no desenvolvimento dos Direitos Humanos, atuando como um fio condutor que conecta o passado ao presente e molda o futuro. Através da lembrança das lutas e conquistas do passado, a memória inspira ações e orienta a evolução dos Direitos. Ela não nos deixa esquecer das batalhas travadas para garantir dignidade, liberdade e igualdade para todos.

A história das violações passadas alerta contra a repetição de erros e promove a responsabilização por transgressões cometidas. Ao preservar a memória histórica, as sociedades podem construir um alicerce sólido para a promoção contínua dos Direitos Humanos, com base no entendimento das lutas e triunfos que moldaram o presente.

1 Mestranda em Direitos Sociais e Processos Reivindicatórios pelo Centro Universitário IESB. Pós-Graduada em Direito Processo Civil. Graduada em Direito pela UniDF e em Administração pela Universidade de Brasília. Advogada e Bancária. E-mail: laruargenta1@gmail.com.

2 Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Estudos Sobre a Violência. Graduada em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas. O curso de Letras, primeira graduação, ofereceu-me compreensão da linguagem e das narrativas humanas, enquanto o Mestrado, com foco em Políticas Públicas, ajudou-me a melhor compreender o contexto social e político em que as questões de cidadania e direitos, ocorrem, fazendo-me melhor entender como cidadania, direitos e linguagem estão intrinsecamente relacionadas e imbricadas. Membro (Técnico) do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas (POSlit / TEL) da Universidade de Brasília. Membro Fundadora do Instituto de Pesquisa, Desenvolvimento e Apoio a Neurodivergentes (IPDAN) (Instagram: [ipdan.org.br](https://www.instagram.com/ipdan.org.br)). Atualmente trabalha como professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: dircem54@gmail.com.

O conceito de “Direitos Humanos” sofreu alterações terminológicas e interpretativas ao longo da evolução histórica, em especial pelo fato de configurar-se em normas abstratas, que carregam em seu bojo o conceito histórico-social do que significam “direitos” e “humanos”.

A terminologia enfrenta dificuldades, principalmente porque as definições estão ligada à teoria usada para limitar a compreensão sobre o assunto.

Verifica-se, assim, a existência de variadas correntes buscando realizar a tarefa, cada qual utilizando fatores delimitadores do rol de situações que enquadrariam no conceito de “Direitos Humanos”, não raro utilizando nomenclaturas distintas para as definições e conceituações.

O presente artigo objetiva apresentar breve reflexão sobre esse processo evolutivo, que tem como marco de maior relevância, o advento da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), e o fortalecimento da Organização das Nações Unidas (ONU).

O SURGIMENTO DA NOÇÃO DE DIREITOS HUMANOS

Os filósofos gregos, em especial Aristóteles, já elaboravam reflexões acerca da existência de direitos vinculados ao Estado (*polis*), mas também de regras aplicáveis à toda humanidade. O conceito, inicialmente latente no espectro filosófico, foi sendo desenvolvido, de modo a consolidar-se também nos aspectos morais, teológicos e legais.

Ao longo da história das sociedades diversas atrocidades foram cometidas contra grupos populacionais e segmentos sociais, com especial destaque à escravidão e ao genocídio praticado pelos nazistas. Tais situações geram dúvidas e questionamentos sobre como se conciliou a onipresente noção da existência de direitos inerentes à condição humana, construída a partir de constantes práticas de violações aos mais diversos povos, muitas vezes através da aniquilação e exploração.

No contexto do poder religioso cristão, que teve como seu ápice (ainda que com atores distintos) na Idade Média, com suas Cruzadas, buscava-se combater todos aqueles que eram definidos como “não cristãos”, direcionando-se a grupos sociais específicos, como as folclóricas bruxas, países e territórios que praticassem religiões distintas. Para tal utilizou-se, basicamente, de conquista e submissão da população local ao Cristianismo, sob pena de extermínio. Nota-se, assim, que a condição de “humano” vinculava-se à prática do Catolicismo. Situação semelhante ocorreu no âmbito da reforma protestante e também de guerras civis.

O Absolutismo rompeu com a crença na existência de um direito natural dos homens, reconhecendo tão somente a vontade do monarca como fonte de direitos e obrigações.

Com o advento das Revoluções Americana e Francesa, retomou-se a noção de existência de direitos inerentes a todos os indivíduos, sem limitações religiosas ou fronteiras nacionais. Na ocasião, reconhecia-se neste rol de direitos aqueles atualmente intitulados de “1ª geração”, com destaque à propriedade, vida e liberdade.

Em 1948, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a ‘Declaração Internacional dos Direitos Humanos’, que atualmente serve como marco teórico à existência da Teoria Internacional de Direitos Humanos, estendendo a todos os indivíduos, sem discriminação de raça, gênero, nacionalidade ou religião, a condição de “humano”, portador de direitos advindos desta condição, que devem ser preservados pela totalidade dos países, vedando-se interpretação restritiva dos mesmos, ou sua diminuição.

DIREITOS HUMANOS - UMA CONCEITUAÇÃO INICIAL

Conforme entendimento atualmente predominante, estudiosos apresentam proposições sobre a conceituação de “Direitos Humanos”, as quais se complementam no sentido da busca de uma definição que efetivamente contemple o tipo de garantia que se pretende assegurar a todas que se enquadram na condição humana.

Peres Luño (2016, p.48) considera-os como o “conjunto de faculdades e instituições que, em cada momento histórico concretiza as exigências de dignidade liberdade e igualdade humanas, as quais devem ser reconhecidas positivamente pelos ordenamentos jurídicos em nível nacional”.

Carvalho Ramos (2016, p. 40), em complemento à definição anteriormente relacionada, entende os Direitos Humanos como “conjunto mínimo de direitos necessários para assegurar a vida do ser humano baseada na liberdade, igualdade e dignidade”.

Nota-se a semelhança entre as conceituações, que refletem o momento histórico vigente, que busca uma sistematização que permita entendimento global quanto a esses direitos, a despeito das características culturais e ideológicas de cada povo. Os direitos a serem assegurados e protegidos são entendidos como inerentes à natureza humana, conforme conscientização temporal da existência desses direitos e a imprescindibilidade destes para a existência de forma livre e digna.

ABORDAGEM INICIAL DAS CORRENTES EVOLUTIVO-FORMATIVAS NOS DIREITOS HUMANOS

Sobre os Jusnaturalistas

A corrente Jusnaturalista defende que o direito é independente da vontade humana, ele existe antes mesmo do homem e acima das leis do homem, para os jusnaturalistas, o direito é algo natural e tem como pressupostos os valores do ser humano, e busca sempre uma ideal de justiça. Sendo este um Direito Universal, imutável e inviolável. Um tipo de lei que é imposta pela natureza.

Isso vai ao encontro do pensamento de São Tomás de Aquino, baluarte desta corrente, que entendia os Direitos Humanos como aqueles advindos da razão divinal e coexistentes com a humanidade desde a sua criação (direito natural de razão divina). Por consequência, utilizava a denominação “direito natural”, tendo em vista o entendimento de que estes direitos são inerentes à própria natureza humana.

Tal entendimento ignora o aspecto histórico inerente à identificação do que seriam tais direitos, e sua consequente mutação ao longo do tempo. Segundo Kant, a liberdade constituía um direito inato; de acordo com Aristóteles, a escravidão era intrínseca à natureza; e conforme Locke, a propriedade privada representava um direito inerente. Ora, se os direitos são intrínsecos à existência da humanidade, presume-se que estes se manteriam inalteráveis desde sempre, o que não se verifica em experiência prática.

Norberto Bobbio (1999, pp. 22-23) vislumbra duas teses básicas do movimento *jusnaturalista*: A pressuposição de duas instâncias jurídicas: o direito positivo e o direito natural. A segunda tese do *jusnaturalismo* é a superioridade do direito natural em face do direito positivo. Neste sentido, o direito positivo deveria, conforme a doutrina jusnaturalista, adequar-se aos parâmetros imutáveis e eternos de justiça. O direito natural enquanto representativo da justiça serviria como referencial valorativo e ontológico, perante pena da ordem jurídica identificar-se com a força ou o mero arbítrio. Neste sentido, o direito vale caso seja justo e, pois, legítimo, daí resultando a subordinação da validade à legitimidade da ordem jurídica.

Os *jusnaturalista* do direito natural moderno utilizam a expressão “direitos do homem”, vinculando-a ao termo “humanos”, deliberadamente masculino, e que dependendo do contexto interpretativo, exclui mulheres e crianças. Destacase, inclusive, que à época do surgimento desta corrente, as mulheres e crianças não usufruíam da proteção jurídica, submetendo-se à proteção dos homens, que sobre eles tinham poder de vida e morte. Então o conceito de “direitos do homem”, de fato, se aplicava tão somente aos homens, assim como todo o rol de

direitos existente à época. No atual momento, que busca a universalidade dos Direitos Humanos a todos pertencentes à condição humana, tal entendimento perde seu valor.

Sobre os Positivistas

O Positivismo teve sua influência nos mais variados aspectos sociais, marcando o período de ascensão do pensamento racional. Por consequência, o direito passou a se confundir com a normatização, de modo que sua existência se condicionava ao reconhecimento formal pelo Estado. Não se compreendia a existência de direitos que não houvessem sido identificados e compilados, de modo que situações que fugissem desta condição se enquadrariam no não-direito, o que reflete a dualidade desta corrente.

Em decorrência deste entendimento, tem-se que o conceito de “direitos humanos” compreendido neste contexto se presta a um retrato fiel do entendimento vigente naquele momento histórico, que tinha por premissa os direitos de primeira geração (igualdade, liberdade e fraternidade), e a interpretação destes por cada Estado.

A mais grave crítica a esta corrente é a mesma que se faz, no contexto atual, à diferença entre Direitos Humanos constantes no ordenamento jurídico interno de determinado Estado, e qualquer outro não positivado, mesmo que vigente em contexto internacional.

Partindo da premissa de reconhecer somente o que está positivado internamente, sem nenhum tipo de visão “de fora”, permite-se a prática de verdadeiras violações aos Direitos Humanos. O exemplo mais proeminente desta situação ocorreu na Alemanha nazista. O extermínio de judeus se deu em conformidade aos direitos positivados no ordenamento jurídico alemão, dos quais os judeus foram excluídos, por entendimento de que não eram parte da “humanidade”.

Sobre a Fundamentação Moral

Carvalho Ramos (2016, p. 57), ao citar Dworkin, nos diz que “os direitos morais consistem no conjunto de direitos subjetivos originados diretamente de valores (contidos em princípios) independentemente da existência de regras postas”.

Esta “moralidade” não necessariamente seria positivada, mas explícita por princípios. Seriam, portanto, uma reflexão acerca de diretrizes, levando-se em consideração os valores vigentes em determinado contexto histórico, adaptando-se a aplicação (pela via jurisdicional) às necessidades de cada povo.

Ressalta-se que o fato de se permitir aos Estados adaptarem os princípios e normas internacionais de Direitos Humanos ao seu contexto particular

não supõe a possibilidade de qualquer tipo de interpretação. Ao contrário, serve como base norteadora da qual não se poderá afastar, em nenhum aspecto, nem mesmo sob alegação efetivação da soberania interna.

Carvalho Ramos (2016, p. 59), adepto da base moral para definição dos direitos humanos, afirma que “a fundamentação de direitos humanos como direitos morais busca a conciliação entre os Direitos Humanos entendidos como exigências éticas ou valores e os direitos humanos entendidos como direitos positivados” A partir deste entendimento, fundamenta a existência de sua Teoria Internacional dos Direitos Humanos.

DA TEORIA INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS

Segundo Carvalho Ramos, (2016, p.28) “[...] as normas de Direitos Humanos, vagas ou repletas de conceitos indeterminados, necessitam incessantemente da concretização judicial de seu alcance e sentido”. Assim, pode-se perceber a ligação entre o conceito de Direitos Humanos, vigente em determinado contexto histórico-cultural, e sua transmutação em decisão jurisprudencial.

A fundamentação internacional do que se entende como Direitos Humanos, conflita, não raro, com o entendimento de determinado estado sobre estes direitos. Nestes casos, surge o dilema a ser combatido pela Teoria Internacional dos Direitos Humanos, e externado por Carvalho Ramos (2016, p. 53): “Se os direitos humanos são aqueles declarados e reconhecidos pelo Estado, o que fazer quando não existe esse prévio reconhecimento pelo Estado? Como protegê-lo com efetividade, então? ”

Tal resposta, ainda segundo Carvalho Ramos (2016, p.55) “está no referencial ético que justifica terem os Direitos Humanos posição superior no ordenamento jurídico, capaz inclusive de se sobrepor a eventual ausência de reconhecimento explícito por parte do Estado”.

Principalmente após o fim da Segunda Guerra Mundial (e os horrores do nazismo), criou-se no ambiente internacional um desejo por paz, de defesa da democracia e dos Direitos Humanos. Para tal intento, houve a necessidade da existência de normatização supranacional que estabelecesse um núcleo mínimo de direitos dos quais não se poderia abdicar em função da condição de humanidade inerente a todos os indivíduos, sem distinção.

O surgimento da Organização das Nações Unidas (ONU) e os tratados e decisões decorrentes de sua existência, são os principais reflexos da concretização do caráter de universalidade das discussões acerca dos Direitos Humanos e da manutenção da paz mundial.

O marco teórico de maior relevância, neste contexto, é a criação conjunta da documentação que possibilitou a Declaração Universal dos Direitos

Humanos, aprovada em 10 de dezembro de 1948, e que serve como ancoragem a manutenção da existência dos Direitos Humanos, com caráter internacional, supranacional, originados tão somente da condição humana do indivíduo.

Carvalho Ramos (2016, p. 68) destaca que “A soberania dos Estados foi, lentamente, sendo reconfigurada, aceitando-se que a proteção de Direitos Humanos era um tema internacional, e não um mero tema de jurisdição local”. Nesse sentido, ele acrescenta.

Sem uma teoria sistematizada de direitos humanos repleta de marcos de orientação para decisões futuras, deslegitima-se o próprio intérprete internacional, que muitas vezes terá que avaliar atos estatais aprovados por maioria democrática, mas violadores de direitos humanos de minorias (Carvalho Ramos, 2016, p.38).

Por esta razão, busca-se, no contexto histórico-cultural vigente em âmbito mundial, a elaboração de uma Teoria Geral Internacional de Direitos Humanos, de modo que as oscilações interpretativas de determinado Estado não impactem no respeito aos Direitos Humanos, conforme são reconhecidos em contexto global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme explanado, a definição de “Direitos Humanos” reflete o entendimento preponderante em determinado contexto histórico, econômico e social. Em especial, no que se refere ao conceito de humanidade, e dos indivíduos que gozam desta prerrogativa. Felizmente, na atualidade, consolidou-se o entendimento de que todos os seres humanos, independente de especificidades concernentes à sua individualidade, são portadores de Direitos Humanos,

Verificou-se a existência de diversas correntes, que buscaram definir quais seriam os Direitos Humanos, e a respectiva nomenclatura que os definiriam, dentre as quais destacou-se os negacionistas, jusnaturalistas, positivistas e de fundamentação moral, corrente esta adotada por André de Carvalho Ramos, autor referência neste artigo.

A despeito das críticas a cada um dos entendimentos, mostra-se inegável a contribuição dos mesmos para o atual entendimento e conceituação dos Direitos Humanos.

Percebe-se que a conscientização social, quanto aos valores e garantias, que deveriam ser contemplados no rol de Direitos Humanos, coaduna-se com a evolução do pensamento social. Comportamentos que, até pouco tempo, eram entendidos como legítimos e não violadores de Direitos Humanos (inclusive pelos que padeciam em função deles como, por exemplo, os escravos), hoje são abominados de maneira global pela humanidade, incluindo aqueles que sequer estão submetidos à violação. Não raro, tem-se, por exemplo, genocídios sofridos

por determinados povos que não se manifestam no âmbito internacional quanto à violação de seus direitos, mas que os têm representados por Estado diverso daquele em que o fato ocorre. Tal comportamento é reflexo do anseio mundial de busca por paz social.

A proteção aos Direitos Humanos passa, então, a ser entendida como responsabilidade de todos, que se comprometem a deles zelar no âmbito do ordenamento interno de seus países, mas também em contexto mundial, impedindo ou denunciando atos que os violem. Tal situação não se opõe à manutenção das soberanias nacionais. Presta-se mais a uma espécie de regulação que impeça que o exercício do poder soberano ocorra às custas do sacrifício dos Direitos Humanos do povo a ele submetido, como ocorreu, por exemplo, no caso da escravidão.

“Os Direitos Humanos nascem como direitos naturais universais, desenvolvem-se como direitos positivos particulares (quando cada Constituição incorpora declaração de direitos) para finalmente encontrar a plena realização como direitos positivos universais” (Bobbio, 2004, p.30), pois,

*Ao longo da corrente do tempo em fluxo,
Os Direitos Humanos entrelaça e transforma,
Um conceito de significado profundo,
Em constante dança, pois evolução é a norma.*

REFERÊNCIAS

- BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 2004, pág.30.
- PERES LUÑO, Antônio. **Derechos humanos, Estado de derecho y Constitución**. Ed. Madrid: Tecnos, 1995, p.48.
- RAMOS, André de Carvalho. **Teoria geral dos direitos humanos na ordem internacional**. Ed Saraiva Jur, 2016.

EIXO V



A ESTÉTICA DA MEMÓRIA E
DA EXPRESSÃO



UMA BREVE PRELEÇÃO SOBRE O BELO COMO REPRESENTAÇÃO DO BEM

Dirce Maria da Silva¹

Francisco Ronaldo Frazão de Lima²

*Para os puros, todas as coisas são puras
(São Paulo, o Apóstolo das virtudes, e do bem).*

INTRODUÇÃO

O conceito de belo tem sido explorado ao longo dos séculos por poetas, filósofos e pensadores de culturas e épocas diversas, com a beleza sendo celebrada como representação do bem.

No presente texto, uma preleção ensaística sobre o belo na natureza, aborda-se visões que se relacionam com a ideia do belo e do bem, valendo-se de leituras de filósofos clássicos, modernos e contemporâneos, como esteio e inspiração, para apresentar ao final uma sucinta exegese do poema musical “Só Há o Belo”.

- 1 Mestre em Direitos Humanos e Estudos Sobre a Violência. Graduada em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas. O curso de Letras, minha primeira graduação, ofereceu-me compreensão da linguagem e das narrativas humanas, enquanto o Mestrado em Direitos Humanos, com foco em políticas públicas, ajudou-me a melhor compreender o contexto social e político em que as questões de cidadania ocorrem. Essa interseção multidisciplinar mostram-me cada vez mais como áreas diferentes do conhecimento dialogam, nas diferentes e complexas questões da sociedade contemporânea. Membro (Técnico) do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas (POSlit / TEL) da Universidade de Brasília. Membro Fundadora do Instituto de Pesquisa, Desenvolvimento e Apoio a Neurodivergentes – IPDAN/DF (Instagram: ipdan.org.br; contato@ipdan.org.br)). Atualmente trabalha como professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: dircem54@gmail.com.
- 2 Pós-doc em Engenharia Elétrica. Professor Adjunto do Departamento de Engenharia Elétrica da Universidade de Brasília (Aposentou-se em 1996). Engenheiro Elétrico na área de Planejamento da Expansão da Rede Elétrica da Companhia Energética de Brasília (Aposentou-se em 2014). Psicólogo Clínico (UNICEUB/2014), com TCC sobre o tema Psicoterapia e Espiritualidade, segundo a Gestalt Terapia. CRP-18659. Pós-graduado em Psicologia Pré-perinatal. Helper in Pathwork. Formação em andamento na área da Saúde em Biodecodáge-Decodificação biológica de doenças pelo Instituto Cintia Chiarelli/PR. E-mail: frazaofran@hotmail.com.

Em termos literários, o presente texto vale-se, sobretudo, da riqueza conceitual e legado da obra “Teoria Literária”, de Hênio Tavares (1991), para explorar conceitos e premissas que moldam a presente palestra.

SOBRE A BELEZA – *EN PASSANT*

A Beleza é um conceito multifacetado. A ideia de beleza está relacionada à harmonia e à simetria e tem raízes em tempos imemoriais. Para nos atermos ao escopo estético-literário, abordaremos o conceito a partir dos gregos.

Platão (427-347 a. C.) acreditava que a Beleza era a forma ideal e transcendental, não encontrada na realidade material, mas apenas no mundo das ideias. Em sua obra “A República,” ele descreveu o “Mundo das Ideias” ou “Mundo das Formas,” descrevendo a beleza como forma pura e eterna que servia como modelo para todas as manifestações de bem na realidade material. Segundo Platão, a beleza estava intrinsecamente ligada à verdade e à virtude, e mediante sua contemplação poderíamos ser conduzidos à ascensão espiritual.

De forma distinta, Aristóteles (384-322 a. C.) tinha abordagem mais empirista e centrada na realidade em relação ao conceito. Ele argumentava que a beleza não era forma ideal, mas uma qualidade presente nos objetos do mundo real. Ele desenvolveu a ideia de “katharsis” (purificação ou purgação) em sua “Poética,” sugerindo que a experiência da tragédia, que envolve elementos estéticos, poderia gerar emoções purificadoras no público. Para Aristóteles, a beleza estava relacionada à harmonia, proporção e equilíbrio.

Em seu texto seminal, “A Poética”, Aristóteles discute a beleza da tragédia e do drama, explorando elementos que tornam uma obra literária esteticamente agradável. Seus conceitos de *Mimese* (imitação da vida real) e *Catharsis* (purificação das emoções do público através da experiência da tragédia), *Complexidade/Unidade* (interação de personagens e eventos e estrutura coerente que liga todos os elementos da história), perduram até nossos dias.

De forma sucinta, listamos abaixo características que diferem os dois filósofos gregos no que diz respeito ao conceito de Beleza:

Tabela 1: A Beleza em Platão e Aristóteles

<i>Platão: beleza como aspecto transcendental, forma ideal não encontrada na realidade;</i>	<i>Aristóteles: beleza como qualidade presente no mundo material.</i>
<i>Platão: relacionava a beleza à verdade e à virtude;</i>	<i>Aristóteles: enfatizava a harmonia e a proporção.</i>
<i>Platão: acreditava que a contemplação da beleza era uma busca espiritual;</i>	<i>Aristóteles: associava a apreciação da beleza à experiência estética e à catarse emocional.</i>

Fonte: Os autores, 2023.

Abordagens diferentes que se locupletam. Ambos os filósofos reconhecem a importância do conceito de Beleza para a experiência humana.

Na transição entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, encontram-se Agostinho e Aquino. Ambos os filósofos viam a beleza como algo significativo em termos espirituais e teológicos. Mas enquanto Santo Agostinho enfatizava a beleza como uma via para a conexão com Deus, Santo Tomás de Aquino a tratava como uma qualidade intrínseca às coisas e à criação divina.

Santo Agostinho (354-430) explorou a ideia de beleza em várias de suas obras, sobretudo em “Confissões”. Agostinho argumenta que a beleza era uma qualidade intrínseca de Deus e que toda beleza terrena era apenas um reflexo da beleza divina. Valendo-se mais detidamente da filosofia de Platão, ele associava a busca da beleza à verdade e a Deus. Para ele, a beleza era uma forma de nos aproximarmos mais de Deus e de encontrar significado espiritual na criação.

Por sua vez, Santo Tomás de Aquino (1225-1274) também discutiu o conceito de beleza em suas obras, principalmente na “*Summa Theologiae*.” Ele definiu a beleza como uma das três propriedades da forma, juntamente com a integridade e a proporção. Concordando com Aristóteles, para Aquino a beleza estava relacionada à harmonia e à proporção, com algo sendo considerado belo quando suas partes estavam em equilíbrio e harmonia.

Mais recentemente, Edmund Burke, orador irlandês do século XVIII, em sua obra “Uma Investigação Filosófica sobre a Origem de Nossas Ideias do Sublime e do Belo” (1757), argumenta que a beleza na literatura é uma experiência subjetiva e pessoal, relacionando-a a sentimentos de prazer e satisfação estética.

Burke distingue grandezas como sublime/grandezas, terror/poder, belo/suavidade, simetria/harmonia, significado/transcendência, argumentando que tais sentimentos estéticos são inerentes à natureza humana e são evocados por experiências diversificadas. Suas análises dos conceitos de beleza e sublime e como eles se relacionam à experiência humana, influenciaram sobremaneira a teoria estética.

Já no século XX, o pensador russo Roman Jakobson propôs a teoria das Funções da Linguagem, que descreve diferentes aspectos da comunicação linguística. Uma dessas funções é a “poética,” na qual a linguagem é usada de maneira especial para chamar a atenção para a própria forma e expressividade, o que pode ser considerado forma de buscar a beleza, ao destacar suas características estilísticas.

Mikhail Bakhtin, crítico literário russo, explica-nos que a beleza na literatura está vinculada à *verossimilhança*, isto é, à capacidade de uma obra de arte criar um mundo fictício que pareça real e autêntico para o leitor. Segundo Bakhtin, a beleza em uma obra literária está intrinsecamente ligada à capacidade

dessa obra de criar um mundo fictício que parece verossímil a quem o leia. Ele argumenta que a literatura ganha seu poder estético quando consegue refletir a vida de maneira convincente, fazendo com que os personagens, diálogos e cenários pareçam verdadeiros e palpáveis.

Roland Barthes argumenta que a beleza na literatura pode ser subversiva e desafiadora, isto é, o que é percebido como belo pode ser usado para questionar normas e valores sociais, ou seja, Barthes acredita que o que é percebido como belo em uma obra literária pode ser usado de maneira desafiadora, muitas vezes desconstruindo as expectativas do leitor e desafiando a ordem estabelecida. Para Barthe, a beleza não é estática, mas dinâmica, capaz de provocar reflexão e estimular a mudança na percepção das convenções sociais, tornando-se assim força subversiva e revolucionária na literatura.

John Keats, “o último romântico”, demonstra como a beleza está associada à pureza em suas “Odes,” que expressam, em forma de poesia, beleza e verdade. Para Keats, a beleza não é qualidade superficial, mas forma elevada de expressão artística.

As “Odes” de Keats “encapsulam a exploração da beleza como caminho em direção à transcendência, em que a poesia se torna veículo para a busca do sublime e da compreensão mais profunda do mundo”. Em “Ode a um Rouxinol”, ele nos fala no canto V:

Não posso ver as flores a meus pés se abrindo,
Nem o suave olor que desce das ramagens,
Mas no escuro odoroso eu sinto defluindo
Cada aroma que incensa as árvores selvagens,
A impregnar a grama e o bosque verde-gaio,
O alvo espinheiro e a madressilva dos pastores,
Violetas a viver sua breve estação;
E a princesa de maio, A rosa-almíscar orvalhada de licores
Ao murmuro zumbir das moscas do verão
(Keats, 1819; Trad. de Augusto Campos, 1987, p. 130-149).

Keats parece nos transportar para um lugar onde os sentidos possuem íntima, ampla e profunda conexão com a natureza, numa demonstração do poder da poesia em evocar experiências sensoriais e de transmitir a sensação de se estar imerso na beleza natural.

SOBRE A FILOSOFIA DO BEM

A “Filosofia do Bem e do Belo”, que no mundo ocidental tem suas raízes na filosofia grega antiga, é campo que se dedica à investigação e reflexão sobre a natureza do bem e sua relação com o mundo e os seres humanos.

Herdeira da ética e da moralidade, a “Filosofia do Bem” postula que ações virtuosas, como a bondade, a justiça e a compaixão, são a essência da natureza humana e que a busca do bem moral é uma jornada fundamental na vida. As correntes filosóficas que abraçam essa ideia veem a busca do bem como um caminho para uma conexão espiritual mais profunda, pois acreditam que ao viver de acordo com valores morais, as pessoas se aproximam de uma verdade espiritual ou transcendental.

A “Filosofia do Bem” promove o altruísmo e o serviço aos outros como meio de manifestar o bem na criação. Isso envolve ajudar e cuidar dos necessitados, contribuindo para o bem-estar da humanidade como um todo. Nesse sentido, a busca do bem como processo de purificação e transformação pessoal, envolve superar características negativas e cultivar virtudes que refletem o bem.

A “Filosofia do Bem” se estende à apreciação e completo respeito pela natureza. A ideia *de que só há o bem em toda criação* lembra-nos que há uma ética ambiental, que busca a preservação e a harmonia do meio ambiente.

É importante observar que a concepção do bem e sua relação com a criação podem variar amplamente entre diferentes sistemas de crenças e correntes filosóficas. No entanto, a “Filosofia do Bem” inspira indivíduos a buscar uma vida mais significativa e altruísta, contribuindo para um mundo mais justo e harmonioso.

SOBRE A ILUSÃO DO MAL

“A Ilusão do Mal” é uma ideia que sugere que o mal, em sua essência, como uma distorção da realidade. Essa perspectiva é explorada em diversas tradições filosóficas, religiosas e espirituais e tem implicações na forma como enfrentamos desafios e adversidades.

Uma das maneiras pelas quais essa perspectiva pode nos ajudar a superar desafios e adversidades é promovendo uma visão de que o sofrimento e a negatividade não são inerentes à existência, mas sim produtos de nossas percepções e apegos. Isso pode levar a uma maior aceitação das dificuldades e a uma abordagem mais tranquila diante das adversidades.

A crença na ilusão do mal também pode encorajar a responsabilidade pessoal. *Se o mal é visto como uma ilusão*, isso pode nos motivar a assumir a responsabilidade por nossas ações e escolhas, reconhecendo que somos capazes de

superar padrões prejudiciais de pensamento e comportamento.

Essa perspectiva muitas vezes promove a empatia e a compaixão em relação aos outros, pois reconhece que as pessoas podem ser levadas a cometer atos prejudiciais devido a suas próprias ilusões e sofrimentos, o que pode abrir espaço para a compreensão e o perdão.

A ilusão do mal pode motivar a busca pelo bem e pelo conhecimento, pois sugere que a verdadeira natureza da realidade está ligada à bondade e à sabedoria. Isso pode também nos **encorajar a procurar a iluminação espiritual e o aprimoramento pessoal**.

É importante não se perder de vista que essa perspectiva não nega a existência do sofrimento e da injustiça no mundo, mas oferece uma maneira de reinterpretar essas experiências à luz de uma compreensão mais profunda da realidade. Cada pessoa pode abordar essa crença de maneira única. Para muitos, ela pode servir como uma fonte de conforto, esperança e orientação, em face das adversidades da vida.

A CONEXÃO ENTRE A NATUREZA E O BEM

A conexão entre a natureza e o bem-estar humano é tema amplamente apreciado. A contemplação da natureza pode promover uma mentalidade positiva, contribuindo para o bem-estar emocional e mental.

A beleza encontrada na natureza frequentemente evoca emoções positivas e uma sensação de admiração. Observar paisagens naturais, flores, árvores e animais, pode inspirar sentimentos de gratidão e apreciação, que são componentes-chave do bem-estar emocional.

A natureza nos lembra da constante renovação e do ciclo da vida. Isso pode ser inspirador, especialmente em momentos de perdas ou dificuldades, ajudando pessoas a lidar com eventos difíceis de maneira mais resiliente, pois a natureza desperta a sensação de conexão com algo maior. Essa sensação de pertencimento pode contribuir para um sentimento de propósito e significado na vida, fatores que também são fundamentais para o bem-estar emocional e mental.

Em síntese, a conexão entre a natureza e o bem-estar emocional e mental é profunda e bem documentada. A contemplação da natureza oferece oportunidade de se encontrar conforto e cultivar mentalidade positiva, incorporando a natureza em nossas vidas diárias, mesmo que seja apenas por breves momentos, o que pode ter um impacto bastante significativo em nossa saúde.

O BEM COMO CAMINHO DO DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL

Conforme podemos constatar, no caminho da experiência humana existe a busca incessante pela compreensão da dualidade bem e mal, dilema que atravessa os séculos, desafiando filósofos, teólogos e pensadores de todos os matizes.

O verso “Só há o bem em toda natureza,” excerto do poema de Francisco Frazão, que conta com versão musicada por Dirce Salomé em ritmo de valsa, cantada durante as sessões terapêuticas, momentos em que nos conectamos de forma mais próxima com nossas subjetividades, em busca de autoconhecimento, por meio da musicoterapia, da fruição musical, ressoa o excerto poético como uma declaração-afirmação-desejo, que nos convida a refletir sobre a natureza dessa dualidade e a possibilidade de que o mal seja, de fato, tão somente uma ilusão.

À medida que exploramos essas palavras, embarcamos em uma jornada rumo à compreensão da natureza essencial do bem e do mal, questionando nossas percepções e crenças arraigadas em busca da verdade subjacente à existência humana.

Nesse sentido, o hino-excerto poético nos convida também a refletir sobre as implicações que essa dualidade pode ter em nossas vidas, a forma mesmo como percebemos o mundo que nos cerca. Apresentamos a seguir o hino-poema na íntegra.

*Só Há o Belo*³

Só há o belo em toda natureza
Lindas flores amarelas e azuis
Folhas verdes que flutuam no espaço
Sob um céu ensolarado, azul de anil
Folhas verdes que flutuam no espaço
Sob um céu ensolarado, azul de anil

Só há o bem em toda natureza
Que com amor nos preenche o coração
Todo mal é irreal, é fruto da ilusão
Só há o bem em toda criação
Todo mal é irreal é fruto da ilusão
Só há o bem em toda criação⁴

Francisco Frazão, Psicólogo, *Helper Password*/DF

- 3 O **Hinário Guiaça Divina** de Francisco Ronaldo Frazão de Lima é composto dos hinos: 1. Só há o belo (Valsa); 2. Processo interno (Valsa); 3. Vontade consciente (Marcha); 4. Aceitar a correção (Marcha); 5. Eu Sou Fonte (Valsa); 6. Flores do meu Jardim (Marcha); 7. Guiaça Divina (Marcha e Valsa); 8. Contemplando a Estrela D'alva (Valsa); 9. Emoções (Valsa); e 10. Estar na Mansão de Deus (Marcha).
- 4 Escrito há mais de uma década, se transformou em um hino, musicado em ritmo de valsa por Dirce Salomé, cantado nas sessões terapêutico-musicais.

Nesse sentido, a dualidade entre bem e mal, em termos espirituais, refere-se à concepção de que há uma luta constante entre forças opostas que representam a virtude e a negatividade, questão fundamental nas tradições espirituais e religiosas, contextos em que o bem muitas vezes é associado à luz, à pureza, à bondade e à moralidade, enquanto o mal é relacionado à escuridão, à impureza, à maldade, às trevas.

Essa dualidade desafia indivíduos a fazerem escolhas que promovam o bem e a superar as tentações ou influências negativas em suas vidas, em busca da elevação espiritual e da harmonia com o divino.

No contexto espiritual, o bem está frequentemente associado à moralidade e à ética, visto como princípio que orienta a conduta e nos leva a escolher ações que promovam a bondade, a compaixão e a virtude. Nesse contexto, a busca pelo bem envolve a purificação do coração e a adesão a códigos morais que ajudam a pessoa a se aproximar de uma vida mais significativa e em harmonia com os valores espirituais e subjetivos.

O bem muitas vezes é considerado o objetivo final do desenvolvimento espiritual. Buscar o bem é buscar a iluminação, a realização espiritual e a conexão profunda com o divino ou com uma dimensão espiritual superior. Essa busca pode levar à compreensão de que o bem é inerente à natureza essencial de todas as coisas e que a realização espiritual é, em última análise, a realização do bem.

Conceitos perenes, inerentes à existência humana, a dicotomia entre bem e mal é trabalhada ainda por alguns autores ao longo da história que não podemos deixar citar, tais como Paramahansa Yogananda, que enfatiza a vitória do bem no nível anímico, argumentando que a busca da espiritualidade e da meditação pode purificar a alma, afastando influências negativas.

No nível mental, filósofos como Immanuel Kant argumentam que a moralidade e a razão podem triunfar sobre impulsos mentais negativos, promovendo o bem na tomada de decisões.

Na esfera psíquica, psicólogos como Carl Jung exploraram a psicologia do bem e do mal e destacaram a importância da integração das partes sombrias da *psique* para alcançar a harmonia psíquica, favorecendo o bem.

Em termos matérias e sociais, Mahatma Gandhi defendia a não violência como um caminho para a vitória do bem sobre o mal no plano material, promovendo a justiça e a igualdade.

MAS, AFINAL, O QUE É O BELO?

“Etimologicamente, a palavra Estética vem do grego, significa “sensação”. É uma parte da Filosofia que se ocupa de uma teoria geral da sensibilidade” (Tavares, 1991, p. 9). Então, segundo esse objeto, pode-se afirmar ser a Estética a ciência do Belo ou a filosofia da Arte.

A partir desse ponto, Hênio Tavares (1991) em Teoria Literária, traz à luz premissas que nos fazem pensar a respeito do assunto, quando nos relembra que Kant, na “Crítica da Razão Pura”, deu-lhe por objetivo o estudo da sensibilidade e das formas puras do sentimento. Também outro alemão, Alexandre G. Baumgarten (1714-1762) diz, “a Estética é uma ciência psicológica, limitando seus confins pelas balizas do belo subjetivo”.

Platão afirmava ser “o Belo o esplendor da verdade”. Santo Tomás escreveu que “belas são as coisas que vistas, agradam”. Para Aristóteles, no capítulo VII de sua “Poética”, “o Belo consiste na ordem e na grandeza” (Tavares, 1991, p. 10).

Olavo Bilac, em seu texto “A Beleza e a Graça”, em Conferências Literárias (1906) nos diz que Voltaire, quando lhe pediram que definisse o Belo, respondeu, com graça e razão: “*le beau pour le crapaud, c’est sa crapaude*.”. E Malba Tahan, por sua vez, em “Uma Lenda Sobre a Beleza” afirma que “o Belo é a unidade na variedade” (Tavares, 1991, p. 14).

Entretanto, ainda conforme Tavares (1991), se o belo é o que nos agrada, segundo afirma a teoria sensorial, pela qual tudo aquilo que causa satisfação aos sentidos é belo, também há as coisas que, embora sejam agradáveis, nada encerram de beleza, tais como as histórias que caracterizam o belo-trágico. Então, nesse sentido, a estética nos convida a pensar ainda mais sobre a complexidade do belo, pois “há mentiras e desacordos belíssimos nas lendas e mitologias”.

Isso, certamente, nos desafia a ampliar nossa compreensão a respeito do belo, que pode residir não apenas nos prazeres sensoriais, mas também na riqueza da narrativa, na reflexão filosófica e na capacidade de despertar emoções profundas, o que nos incentiva a explorar a diversidade das formas que o belo pode assumir, além da superfície do que nos agrada visualmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As virtudes do belo não estão circunscritas ao aspecto estético. O conceito é amplo. Pode ser visto como um reflexo do bem, a inspirar nossas vidas, a despertar nosso desejo por virtude, a nos conectar com o divino, pois, à medida que continuamos a explorar a conexão entre o belo e o bem, somos convidados a contemplar como a percepção da beleza pode nos conduzir a outras compreensões, igualmente significativas.

Ao dizer que “O belo é o esplendor da verdade”, Platão pauta a Beleza em si mesma, no mundo das ideias, separada do mundo sensível no qual vivemos. Assim, as coisas seriam mais ou menos belas a partir de sua participação nessa ideia suprema de Beleza, que independem da interferência ou do julgamento humano.

Aristóteles, por sua vez, entende que o Belo não pode ser desligado do homem, já que ele está em nós, é uma fabricação humana. Para ele, as artes podem imitar a natureza, como também podem abordar o impossível, o irracional e o inverossímil. Isto é, para Aristóteles as artes podem ter uma utilidade prática, que é completar o que falta na natureza.

O belo e a esperança costumam andar de mãos dadas, alimentando-se mutuamente. Dessa forma, esta preleção é um pequeno exercício pessoal de cultivo à esperança; uma ode mesmo à esperança⁵, a nos ensina que, apesar das lutas e desafios, o belo pode prevalecer em nossa existência, nutrindo-nos, conduzindo-nos a caminhos mais plenos, significativos, e com mais propósitos.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Augusto. **Vialínguem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 130-149.

MLA. Aristóteles. **A Política de Aristóteles**. Oxford: Clarendon Press, 1905.

PLATÃO. **Banquete, Fédon, Sofista e Político**. [Tradução José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa]. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

TAVARES, Hênio. **Teoria Literária**. Villa Rica Editoras Reunidas Limitada. Belo Horizonte, Rio de Janeiro, 1991.

5 O Culto à Esperança pode se manifestar na religião e na espiritualidade; na política e nos movimentos sociais; na psicologia do bem-estar; na Literatura e na Arte; na Educação; na terapia e aconselhamento. Na Literatura, Gabriel García Márquez em sua mágica obra “Cem Anos de Solidão” explora o tema da esperança. Na narrativa, em meio a circunstâncias desafiadoras, Márquez faz uso do realismo mágico para transmitir mensagens profundas sobre a natureza humana e a busca por um futuro melhor.



MEMÓRIAS AFETIVAS NA ARTETERAPIA

Elizabete Adelaide da Silva¹

Dirce Maria da Silva²

O reconhecimento interno e a conexão com lembranças afetivas positivas resultaram para mim em sentimentos de gratidão.

INTRODUÇÃO

Na Arteterapia, os processos envolvem o uso da criação artística como ferramenta terapêutica para explorar e expressar emoções, pensamentos e memórias.

As memórias afetivas desempenham papel crucial nesses processos, pois estão intrinsecamente ligadas a experiências emocionais que podem influenciar a forma como as pessoas se relacionam consigo mesmas e com os outros. Elas podem ser tanto positivas quanto negativas, e frequentemente moldam nossos padrões de pensamento, comportamento e relacionamentos. Elas são suscitadas nos processos arteterapêuticos para a promoção da autoexploração, cura emocional e crescimento pessoal.

- 1 Arteterapeuta. Pós-Graduada em Arteterapia, Educação e Saúde (Especialização); Pós-Graduada em Musicoterapia com ênfase em Práticas Integrativas na área da Saúde (Especialização). Graduada em Estudos Sociais com habilitação em História (Licenciatura Plena pela UPIS/DF). Servidora pública da Secretaria de Saúde do Distrito Federal, com atuação concomitante nas Práticas Integrativas de Saúde, desenvolvendo ações junto à comunidade com Arteterapia e Musicoterapia. E-mail: betaadelaide@hotmail.com.
- 2 Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Estudos Sobre a Violência. Graduada em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas. O curso de Letras, primeira graduação, ofereceu-me compreensão da linguagem e das narrativas humanas, enquanto o Mestrado, com foco em Políticas Públicas, ajudou-me a melhor compreender o contexto social e político em que as questões de cidadania e direitos, ocorrem, fazendo-me melhor entender como cidadania, direitos e linguagem estão intrinsecamente relacionadas e imbricadas. Membro (Técnico) do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLe), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas (POSlit / TEL) da Universidade de Brasília. Membro Fundadora do Instituto de Pesquisa, Desenvolvimento e Apoio a Neurodivergentes (IPDAN) (Instagram: ipdan.org.br). Atualmente trabalha como professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: dircem54@gmail.com.

O autoconhecimento permite que o arteterapeuta reconheça suas próprias emoções, preconceitos e experiências pessoais. Isso possibilita a criação de uma relação autêntica e empática com os clientes, tornando mais fácil para eles sentirem que são compreendidos e aceitos.

Por conseguinte, o presente texto tem como objetivo fazer um sucinto recorte de um processo arteterapêutico pessoal desenvolvido para uma das disciplinas do curso de especialização em Arteterapia, trazendo uma análise de literatura descritiva e pessoal, com ênfase na importância da autoexpressão e das memórias afetivas, por meio da criação artística.

DESENVOLVIMENTO

Embora possa ser desenvolvida a partir de diferentes referenciais teóricos, conforme Ciornai (1995), a Arteterapia é definida em todos eles por um ponto em comum: o uso da arte como meio à expressão da subjetividade. Sua noção central é que a linguagem artística reflete (em muitos casos melhor do que a verbal) nossas experiências interiores, proporcionando uma ampliação da consciência acerca dos fenômenos subjetivos.

De acordo com Angela Philippini (1995), “a Arteterapia reflete possibilidades de construir, expandir e multiplicar espaços de criação, a princípio internos e materializados externamente, em formas expressivas”.

Os processos arteterapêuticos geralmente seguem um ciclo que envolve a criação artística, a reflexão sobre a obra produzida e a exploração das emoções, memórias e significados associados a essa criação. A arte serve como uma linguagem simbólica, que permite aos indivíduos comunicar aspectos de suas experiências, muitas vezes difíceis de expressar verbalmente. A interação entre o processo criativo e a obra de arte resultante pode levar à autoconsciência, à compreensão das próprias emoções e ao desenvolvimento pessoal.

Nesse sentido, o arteterapeuta, por meio da prática autoreflexiva concomitante, vai construindo, ao longo do caminho, uma simbiose de conhecimentos e autoconhecimento que funciona como, de acordo com Filippini (1995), “recursos auxiliares na preparação e estruturação de um espaço criativo interno”, tarefa essencial que permite a expressão e produção simbólica, numa construção artesanal, que vai resgatando, ativando e expandindo possibilidades criativas individuais.

Conforme Pereira (2008), processos terapêuticos evocam memórias afetivas da infância e desempenham papel crucial na psicoterapia e crescimento emocional dos indivíduos, pois as memórias estão profundamente enraizadas em nossa experiência inicial, moldando significativamente nossa personalidade, crenças e padrões comportamentais ao longo da vida. O acesso a memórias da infância são considerados bastante salutares, pois,

O mundo infantil remete a um universo de espontaneidade, curiosidade, brincadeiras, imaginação e lembranças, sendo estas não apenas de coisas boas ou positivas, mas também de recordações que feriram, que ficam gravados internamente como herança da história individual. Logo, o mundo que envolve a criança remonta aos fatos reais e simbólicos, que foram salvos na memória afetiva (Pereira, 2008).

Então, a infância pode ser concebida como “um período que contém algo mágico, em função da capacidade de criação e imaginação dos indivíduos. A criança interior guarda ainda o potencial de todas as infâncias que ainda permanecem no íntimo de cada indivíduo” (Pereira, 2008).

Nesse sentido, através da expressão artística, os indivíduos podem acessar emoções de forma segura e simbólica, permitindo que as experiências emocionais sejam exploradas mais profundamente, pois o autoconhecimento proporcionado ao se trabalhar memórias afetivas na Arteterapia nos permite ter *insights* profundos.

Por conseguinte, as recordações desempenham um papel de extrema relevância na prática terapêutica, com a ampliação e acesso à autoconsciência, podendo levar a uma melhor compreensão de padrões de comportamento desencadeadores de registros emocionais em áreas que precisam de tratamento e cura.

A CONSTRUÇÃO DE UMA MANDALA-ÁRVORE DO FILTRO DOS SONHOS

No simbolismo ancestral o círculo é o símbolo do espaço infinito, sem começo e sem fim. Representa a eternidade e a totalidade, começando onde termina e terminando onde começa (Fraisse, 1997).

A história/lenda a seguir, inspirou-me a desenvolver o processo de uma *Mandala-Árvore do Filtro dos Sonhos*.

A Mandala do Filtro dos Sonhos

Conta uma antiga lenda dos nativos norte-americanos, que um velho índio, ao fazer uma Busca da Visão no topo de uma montanha, lhe apareceu Iktomi, a Aranha, e comunicou-se em linguagem sagrada. A Aranha pegou um aro de cipó e começou a tecer uma teia com cabelo de cavalo e as oferendas recebidas. Enquanto tecia, o espírito da Aranha falou sobre os ciclos da vida, do nascimento à morte e das boas e más forças que atuam sobre nós em cada uma dessas fases. Ela dizia:

“Se você trabalhar com forças boas, será guiado na direção certa e entrará em harmonia com a natureza. Do contrário, irá para direção que causará dor e infortúnios”.

No final a Aranha devolveu ao velho índio o aro de cipó com uma teia no centro, dizendo-lhe: “No centro está a teia que representa o ciclo da vida. Use-a para ajudar seu povo a alcançar seus objetivos, fazendo bom uso de suas ideias, sonhos e visões. Eles vêm de um lugar chamado Espírito do Mundo que se ocupa do ar da noite com sonhos bons e ruins. A teia quando pendurada se move livremente e consegue pegar sonhos, quando eles ainda estão no ar. Os bons sonhos sabem o caminho e deslizam suavemente pelas penas até alcançar quem está dormindo. Já os ruins ficam presos no círculo até o nascer do sol, e desaparecem com a primeira luz do novo dia”.

Esse círculo é conhecido como “Dream Catcher” (Apanhador de Sonhos). Aqui no Brasil é chamado de Filtro dos Sonhos ou Coletor de Sonhos. Trata-se de um instrumento de poder para assegurar bons sonhos para aqueles que dormem debaixo dele, e também para trazer visões. Geralmente são colocados onde a luz bate pela manhã, em frente à janela. Os nativos nos ensinam que os sonhos passam pelo furo no centro e os maus sonhos ficam presos na teia e se dissipam à luz do amanhecer³.

Nesse sentido, em sonhos ou em estados alterados de consciência, o encontro *de si* pode aparecer personificado em figuras das quais emana sabedoria e superioridade, como deuses e deusas e a figura do Velho Sábio, no caso em tela, a figura da aranha, sábia tecelã. Pode ainda expressar-se por meio de figuras quaternárias como o quadrado, a cruz e o próprio número quatro (as quatro estações do ano, os quatro pontos cardeais), bem como símbolos que exprimem a totalidade, como o círculo ou a mandala (Hall, 2003, p. 219).

Conforme Chevalier e Gheerbrant (1995), o “círculo mágico” é uma parte fundamental da mandala, forma geométrica circular utilizada desde tempos imemoriais em práticas artísticas, espirituais e terapêuticas. O “círculo mágico”, também conhecido como “círculo sagrado” ou “fronteira protetora”, é a linha que delimita o espaço interno da mandala. Ele é considerado um espaço especial, seguro e simbolicamente significativo. É considerado o símbolo da totalidade da mente.

3 Disponível em: http://pensamentomatematizado.blogspot.com/2014/11/mandala-e-filtro-dos-sonhos_73.html. Acesso em: 12 de agosto, 2022.

Durante muito tempo a mandala foi usada como expressão artística. Modernamente passou a ser também bastante utilizada em processos terapêuticos, com a qual se desenvolvem trabalhos de acesso a subjetividades e sentimentos muitas vezes adormecidos.

Conforme Jung (2000), “a mandala pode ser compreendida como símbolo que expressa o *si mesmo*, o *arquétipo da totalidade* e o *processo de individuação*, ou seja, uma representação simbólica da *psique*”. De acordo com Jung, existem vários tipos de mandalas, desde sua forma mais simples, como círculo, ou com seus desdobramentos em cruz, flor ou *quaternidade*.

Nesse sentido, a mandala é considerada uma técnica da Arteterapia de abordagem junguiana, que possibilita a estimulação de funções psíquicas menos desenvolvidas a iluminar aspectos sombrios da psique. Isso ocorre porque ela permite o distanciamento emocional, trabalha a racionalidade, além de auxiliar na organização de ideias.

Na perspectiva junguiana, a mandala apresenta dupla eficácia: a de promover a ordem psíquica ou restabelecê-la. Mas as mandalas não são produtos de sonhos e sim resultados de uma imaginação ativa. Ao desenhar uma mandala, o sujeito entra em contato com seu inconsciente e, através desse contato, surgem sentimentos que serão expressos. Essas informações irão ajudar na construção do seu *self*.

É nesse contexto que Jung verifica que o centro primeiramente pertence à consciência, depois, ao chamado inconsciente pessoal, e, finalmente, a um segmento de tamanho indefinido, chamado *inconsciente coletivo*, cujos arquétipos são comuns a toda humanidade (Dibo, 2006, p. 66-73).

Para fecharmos a ideia que precisamos da importância do símbolo da mandala, Neihardt (2004) nos explica:

Tudo o que o poder do mundo faz, é feito num círculo. O céu é redondo e eu ouvi dizer que a Terra é redonda como uma bola, e as estrelas também. O vento em seu maior poder, rodopia. Os pássaros fazem seus ninhos em círculos. O sol se levanta e se põe novamente em círculo. A lua faz a mesma coisa, e ambos são redondos. Até as estações formam um grande círculo em suas mudanças, e sempre voltam novamente para onde estavam. A vida de um homem é um círculo, da infância até a velhice, o mesmo acontecendo onde o poder se movimenta” (Neihardt, 1832/2004).

Figura 1: Mandala-Árvore do Filtro dos Sonhos



Fonte: Acervo da Autora, 2022.

A Mandala-Árvore representa a busca pela fundamentação, através da teoria e da empiria, dos processos realizados. Procurei simbolizar em seu firme caule, a minha caminhada durante o curso. Os galhos voltados para cima são os aprendizados; seus frutos gerarão futuras sementes que alimentarão o meu *eu*. A cor do ouro, colocada no arco, também faz referência à alquimia, numa alusão à transmutação que o filtro representa. Os frutos estão dentro do arco dourado.

A imagem da árvore, conforme Chevalier e Gheerbrant (1995) é frequentemente usada para representar a conexão entre diferentes níveis de existência, a interligação de todas as coisas e a busca pelo conhecimento, crescimento e transcendência. Sua simbolização é encontrada nas mitologias antigas, na Cabalá judaica, nas tradições esotéricas e alquímicas e religiões indígenas como um simbolismo Universal.

Jung (2007) afirma que a alquimia lhe trouxe a confirmação que ele buscava, ou seja, as descrições dos processos da matéria que os alquimistas presenciavam eram as mesmas que se constatavam com os fenômenos psíquicos observados por ele. Dizia ele: “A meu ver, a ajuda dada pela alquimia para a compreensão dos símbolos do processo de *individuação* é da maior importância”.

Jung comparava a psique humana com a alquimia, pois a alquimia traz a imagem, o pensamento por imagens, e as linguagens metafóricas. Portanto, a alquimia fala da *psique*, pois a imagem é um dado psíquico por excelência. De acordo com Franz (1990),

Pode-se abordar um arquétipo de diversas maneiras, e qualquer fato pode levar a tudo. Se você começa com a árvore do mundo, você pode facilmente provar que cada tema mitológico conduz finalmente à árvore do mundo. Se você começa com o sol, você pode facilmente provar que tudo é sol, e, finalmente, que tudo é um tema solar (Franz, 1990, p. 10).

Franz acrescenta que “se você escolher a Grande Mãe, ou a Árvore do Mundo, ou o Sol, o mundo subterrâneo, ou o Olho, ou qualquer outra coisa, como tema, você pode compilar um material comparativo que irá se adequando ao seu objetivo e ponto de vista” (Franz, 1990, p. 11).

Dessa forma, para Jung, a concepção de terapia situa-se dentro de uma abordagem que leva o homem à confrontação consigo mesmo, até o encontro dos dinamismos inconscientes de ordem coletiva, pois considerava que o crescimento da personalidade se faz a partir do inconsciente.

Então, o processo que comumente denominamos de humanização, Jung chama de *Individuação*, não pelo fato do indivíduo ser o centro, mas porque a relação entre individual e coletivo torna-se melhor resolvida. Isto quer dizer que, “o processo de *individuação* é o processo pelo qual um ser torna-se um “*In-dividuo*” psicológico, ou seja, uma unidade autônoma e indivisível, uma totalidade”.

Dentre esses importantes e amplos conceitos aqui abordados, de forma apenas inicial, Chevalier e Gheerbrant (1995, p. 585) reiteram que “a mandala é, concomitantemente, imagem e motor de ascensão espiritual, que incentiva o caminhar para uma interiorização cada vez mais profunda da vida”.

Nesse sentido, é por meio de uma concentração progressiva do múltiplo no *uno* que o *eu* pode ser integrado no todo e o todo reintegrado no *eu*.

Jung (2000), então, recorre à imagem da mandala para designar a representação simbólica da *psique*, cuja essência nos é desconhecida. Ele observou que essas imagens são utilizadas para consolidar o mundo interior e para favorecer a meditação em profundidade.

Dessa forma, concordando com as palavras de Jung, citado por Franz (1990), “podem-se compilar todas as Grandes Mães do mundo, e todos os santos, e tudo o mais, e o que se conseguir juntar significará absolutamente nada, caso se deixe de lado a experiência afetiva do indivíduo”.

Assim como nos fala Marie-Louise von Franz⁴ no conto “A Fiandeira”, que toca em temas de sacrifício, poder, desafios e a importância de conhecer o nome verdadeiro das coisas (ou seja, de confrontar e entender a própria sombra), em minha história a fiandeira sou eu e a minha mandala é “*a palha transformada*”

4 Estudiosa, psicoterapeuta analítica, alemã, discípula de Carl Gustav Jung, conhecida por suas análises de contos de fadas e mitos sob uma perspectiva psicológica e simbólica. “A Fiandeira” foi publicado em seu livro “Shadow and Evil in Fairy Tales” (Sombra e Mal em Contos de Fadas), em 1974.

em ouro”, que representa aqui a figura do meu *Self*, em possibilidades, desafios, retrocessos e árduas progressões (Franz, 1990, p. 159).

Figura 2: Mandala-Árvore do Filtro dos Sonhos



Fonte: Acervo da Autora, 2022.

A Mandala-Árvore do Filtro dos Sonhos foi feita para simbolizar as 21 aulas do curso de pós-graduação em nível de Especialização em Arteterapia, e ainda para homenagear e agradecer. Cada frutinha vermelha representa uma das aulas; nas raízes estão os nomes dos professores e das respectivas disciplinas. Eu a fiz com cordões de algodão, com uma árvore ao centro, em alusão à localidade de nascimento dos meus pais, no município pernambucano de Floresta, distante 433 km da capital, Recife. Floresta fica próximo da cidade de Algodões, ambas localizadas na Microrregião de Sertão do Moxotó, no estado do Pernambuco (PE), Brasil.

No momento que eu fui fotografar, veio-me à memória a imagem das fitinhas do Senhor do Bonfim, que são amarradas no gradil em volta da Igreja, em Salvador, e também no braço ou tornozelo. Costuma-se dar três firmes nós, durante os quais se fazem pedidos a serem realizados. Cada um dos cordéis dispostos na Mandala-Árvore do Filtro dos Sonhos, em meio a recordações e lembranças, foram firmados com pedidos para força, sabedoria, saúde resiliência e agradecimentos.

Sabemos que memórias afetivas e individuação são conceitos-chave na Arteterapia. Ao trabalhar com memórias carregadas de emoção, podemos nos aproximar de aspectos escondidos ou reprimidos de nós mesmos. A expressão artística permite que abordemos essas memórias de maneira simbólica, não linear e intuitiva, de forma mais autêntica, autoconsciente e integrada.

Conforme Jung (2000) nos explica, “o inconsciente é criativo, guarda emoções que não conseguem ter acesso à consciência e precisam ser liberadas”. Nisso entra a arte com sua essência lúdica e saudável, a nos ajudar a descobrir que temos um banco de dados com informações do nosso passado que, somadas a ideias do presente, formarão pensamentos novos, criativos, reveladores e curadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de pós-graduação em Arteterapia foi permeado por vivências próprias em busca de autoconhecimento. Os processos pessoais durante o desenvolvimento do trabalho acadêmico foram de grande importância, pois em momentos críticos fui chamada a buscar mais forças, compreensão, treinar o exercício da resiliência, e a não desistir.

De acordo com Philippini,

O fazer artístico, por meio de suas múltiplas faces: colagens, fotografias, desenho, pintura, tecelagem, bordado, costura, mosaicos, *assemblagens*, construções, criação de personagens, máscaras, modelagens, escrita criativa, vídeo, teatro e movimento, permite a configuração de ‘comunicações únicas’ de acordo com a subjetividade de cada criador (Philippini, 2009).

Nesse sentido, o trabalho acima autoapresentado faz parte da constituição de uma série de outros trabalhos durante o processo dessa formação, que me fizeram viver, conforme explica Pain (1996), “entre aquilo que Freud (1911-1913) chamou de “o princípio da realidade” e “o princípio do prazer”, mas consciente de que *as leis da idealização estética* acham um lugar, ao considerar possibilidades, dificuldades e agruras”. Nesse sentido, acrescento,

*Na mente, dançam dois princípios, lado a lado,
Um busca prazeres doces, em sonhos encantados,
O outro, mais sensato, na realidade se apoia,
Buscando o equilíbrio onde a vida se entrelaça.*

*O princípio do prazer, qual estrela cintilante,
Guia desejos, onde o instante é o bastante,
Mas o princípio da realidade, voz da razão,
Nos leva pela senda da vida, com sabedoria e visão.*

*Em sonhos e desejos, o prazer se faz forte,
Mas é no mundo real que a jornada dá seu recorte,
Entre sonhos e ações, a mente encontra seu leme,
E no intrincado balé dos princípios, o ser se esquematiza e semeia.*

Desse modo, a consciência *de si* é elemento fundamental para o profissional no contexto da Arteterapia, pois a subjetividade desempenha papel crucial no cotidiano do trabalho. A importância da busca do autoconhecimento hoje me

parece ainda mais significativo, pois me ajuda, como arteterapeuta, a identificar meus próprios limites, e a acionar mecanismos de defesas para proteção daquilo com o qual não posso lidar, auxiliando-me a evitar o esgotamento emocional e o *Burnout*, ações vitais para manter uma prática terapêutica saudável e sustentável.

O mergulho nas atividades propostas e o desenvolvimento de processos autoterapêuticos trouxeram-me, além de autoconhecimento, gratidão, sentimento poderoso que tem impactos profundos em nossa saúde mental, emocional e bem-estar geral, pois nos ensina a reconhecer e valorizar as coisas positivas em nossa vida, em grandes conquistas ou pequenos momentos.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 9. ed. - Rio de Janeiro, José Olympio, 1995.

CIORNAI, Selma. **Arte-terapia: o resgate da criatividade na vida**. In: M. M. M. J Carvalho (Org.), *A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia* (pp. 59-63). Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995.

DIBO, Monalisa. **Mandala: um estudo na obra de C. G. Jung**. In: GREEN, S. *El Libro de los mandalas del mundo*. Santiago, Chile: Océano Âmbar, 2005.
Revista Último Andar - PUC-SP (15), 109-120, dez., 2006.

FRAISSE, Anne. **Apresentação do Círculo Psico-Energético**. Manuel d'Enseignement d' Ecole Française d' Analyse Psycho-Organique - Tome 3, 2ª ed. Paris: EFAPO, 1997.

FRANZ, Marie-Louise von. **A interpretação dos contos de fada**. [Tradução de Maria Elci Spaccaquerche Barbosa; revisão Ivo Stornioio]. (Coleção amor e psique). São Paulo: Paulus, 1990.

FREUD, Sigmund. (1911-1913) - Vol. 10 - **Observações Psicanalíticas Sobre Um Caso de Paranoia**. Categorias: Freud / Obras de Freud Traduzidas Direto do Alemão. Tradução: Paulo César de Souza. Editora: Companhia das Letras, 2010.

HALL, James A. **A Experiência Junguiana: análise e individuação**. São Paulo: Cultrix, 2003.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** / CG. Jung; [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Alquimia**. 3ª ed. Obras Completas de C.G. Jung. Vol. XIII. Trad. Dora M. R. F. da Silva & Maria L. Appy. Petrópolis: Vozes, 2007.

NEIHARDT (1832). **O Uso de Mandalas na Orientação Profissional**. In:

SOARES, *et all.* ORMEZZANO (Org.). *Questões de Arteterapia*. PF/RS: UPF, 2004.

PAIN, Sara. **Teoria e técnica da arte-terapia: a compreensão do sujeito.** / Sara Pain e Gladys Jarreau; trad. Rosana Severino Di Leone - Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PEREIRA, Maria da Glória Garcez. **O encontro com a criança interior: passaporte para a individuação.** Rio de Janeiro: ISEPE, 2008.

PHILIPPINI, Ângela. Universo Junguiano em Arteterapia. *In: Revista Imagens da Transformação*, Vol. II, Rio de Janeiro, 1995.

PHILIPPINI, Ângela. **Linguagens e Materiais Expressivos em Arteterapia: uso, indicações e Propriedades.** Rio de Janeiro: Wak, 2009.



VERSOS E MEMÓRIAS: A HARMONIA DOS DIAS COM O PODER DA LEITURA E DA ESCRITA

Washington Dourado¹

Dirce Maria da Silva²

“O que me perturba na Bíblia não são os textos que eu não entendo, são os que eu entendo bem demais.” Mark Twain

INTRODUÇÃO

No universo da literatura, os poemas transcendem as fronteiras do espaço e do tempo, criando uma tapeçaria complexa de emoções, ideias e imagens. Cada poema é uma janela para a alma do poeta e uma porta para a interpretação pessoal do leitor.

No campo da escrita como linguagem versificada, mormente na área da

1 Poeta. Bacharel em Comunicação Social e Pedagogia, pela Universidade de Brasília e bacharelado em Direito; Pós-graduado em Psicopedagogia, pela Universidade Gama Filho/RJ. Sócio Benemérito da Academia Taguatinguense de Letras/DF; Sócio fundador da Academia Evangélica de Letras do DF. Natural de Recife dos Cardosos, Ibititá, Chapada Diamantina/Bahia, teve seus dons artísticos revelados aos 10 anos idade, ao ser premiado em um Recital no Colégio Polivalente, em Irecê, Bahia, Brasil. Em Brasília/DF, na adolescência e na juventude, viu o seu talento artístico ser consolidado e reconhecido. Tem diversas participações em Eventos, Concursos Literários e Obras, tais como: Coletivo de Poetas (participação), Org. Menezes y Moraes, 1997/98. Dicionário dos Escritores de Brasília (verbete), de Napoleão Valadares, 1994. Concurso: Poetas da Cidade-Brasília, 50 anos, 2010. Participações em Antologias Poéticas, dentre elas: Primeira Antologia da Academia Taguatinguense de Letras, 2017; Antologia Literária: Poesias, Cantos e Contos, 2021; Antologia Sementes de Esperança, 2022. Possui livros no prelo e vários e-books. Servidor Público do Superior Tribunal de Justiça. E-mail: Marquездourado@gmail.com.

2 Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Estudos Sobre a Violência. Graduada em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas. O curso de Letras, primeira graduação, ofereceu-me compreensão da linguagem e das narrativas humanas, enquanto o Mestrado, com foco em Políticas Públicas, ajudou-me a melhor compreender o contexto social e político em que as questões de cidadania e direitos, ocorrem, fazendo-me melhor entender como cidadania, direitos e linguagem estão intrinsecamente relacionadas e imbricadas. Membro (Técnico) do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas (POSlit / TEL) da Universidade de Brasília. Membro Fundadora do Instituto de Pesquisa, Desenvolvimento e Apoio a Neurodivergentes (IPDAN) (Instagram: ipdan.org.br). Atualmente trabalha como professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: dircem54@gmail.com.

poesia como instrumento de conscientização e espiritualização, Washington Dourado desenvolve, com leveza e profundidade, os meandros mais sublimes da rima, como arte das vivências em suas multiplicidades.

Nesse contexto, o presente texto explora a sensibilidade das palavras por meio de uma seleção diversificada de poemas, cada um com sua própria voz e perspectiva. Da celebração do amor à contemplação das questões existenciais, da beleza das paisagens naturais à crítica social, esses poemas constituem um rico mosaico de experiências poéticas.

Nesta aventura que empreenderemos, adentraremos em um conjunto de títulos inspiradores, cada qual retratando um vislumbre do universo íntimo do poeta. Esses títulos nos convidam a ponderar sobre nosso próprio vínculo com as palavras e a arte poética, nos instigando a explorar as profundezas de nossa conexão com a linguagem e a poesia.

DESENVOLVIMENTO - POESIAS E SUAS EXEGESES

1

A IDADE E SUAS POSSIBILIDADES

A idade não é limitação,
quando o amor tudo determina;
Ela atinge os píncaros da mais alta dimensão,
sem se esquecer da humildade,
pérola da verdade, rara e fina...

Quando a idade é bem vivida,
sorvida como um cálice substancial,
colorida se torna a vida,
com lindos raios de sol,
de onde se contempla o farol
da Justiça, com fulgor infinito, primordial.

A idade tende a auxiliar,
o caminhante, cuja senda parece não ter fim...
mas, depois dos montes, vislumbrará,
as deliciosas essências de um jardim...

A idade é para ser bem vivida,
como a vida em toda sua dimensão:
amando, cantando, trabalhando na avenida,
abrindo-se às odes floridas que encantam o coração...

Se por acaso a idade não for mais suportada,
em vão, pensa-se que em nada se transforma;
mas, adquirindo uma veste iluminada,
como essência encantada,
adquire, em Deus, novas formas...

Dourado - 2023

SOBRE “A IDADE E SUAS POSSIBILIDADES”

Esta poesia é uma construção daquilo que se refere à idade, seus múltiplos aspectos e possibilidades. Ela é destinada a um público de todas as idades, mormente aqueles da maturidade, da vivência e os aspectos diversificados de consciência; especifica que a idade não é uma limitação, mas uma maneira única e possível de se realizar na vida, compreender as suas nuances, aproveitando as chances, que muitas vezes, não realizadas, são perdidas.

Ela constrói um pensamento de que o amor é o que tudo determina, que abre possibilidades no andar pelo caminho, pois com o amor, jamais se estará sozinho.

Destaca, também, que a idade é capaz de alcançar as mais altas dimensões, seja na capacidade de sonhar, pensar, criar ou algo fazer, no sentido de que não encontra limites na sua máxima expressão de acontecer e se fazer brilhar, em todo o viver.

Menciona também, o sentido de que, quando a idade é bem vivida, melhor e mais interessante se torna os aspectos da vida. E quando bem sorvida, serve como um cálice substancial, colorindo a vida nos máximos conceitos de uma possibilidade transcendental.

Com isso, pode-se contemplar o farol irradiante de justiça, força e bem querer, despertando um fulgor infinito, todo invicto, refletindo nas características mais importantes e interessantes do ser.

O seu sentido de positividade pode levar o leitor a absorver as ricas essências de um jardim, com as suavidades sublimes, cujo frescor é sempre presente e sem fim.

Coloca-se uma condicionante, na quarta estrofe, no sentido de que, quando ela é bem vivida, abrem-se caminhos para uma magnífica dimensão, podendo amar, cantar na avenida, como um buquê florescente, que abarca o coração.

Enfim, a poesia traz um sentido de superação dos momentos de lutas e transformação, dizendo que ela pode ser iluminada, como uma veste modificada, adquirindo em Deus, novas formas de espiritualização.

2

A INSPIRAÇÃO É A LÂMPADA DO CORAÇÃO

A poesia é Lâmpada para o Coração,
ante a efervescência pensante do mundo.
É um aconchego de calor e iluminação,
que traz suavização ao ser, com ares fecundos...

Dos mistérios que povoam a natureza,
com certeza, é a alegria interior
do coração, que em ondas de correntezas,
pulsa vertentes de paz e louvor.

Cupido certamente tem suas ponderações,
quando nos liga versamente a alguém;
e a poesia, em ondas prazerosas de sensações,
envolve-nos em galopes d'além...

O coração se embala nas odes da empolgação,
que somente sua presença oferece,
e com olores de pura inspiração,
ao Ser Divinal, poeticamente, agradece.

Seja festivo, nobre coração!
Esteja sozinho ou acompanhado;
na inteireza ou suspirando na consolação,
Teus ais transcendentais serão suavizados.

Quando a poesia aquece todo o peito,
o que parecia não ter jeito, encontra guarida;
novos instintos se encaixam, perfeitos,
com a jovialidade e magnificência da vida.

Assim, um coração que se extasia,
noite e dia, não sente o tempo passar;
a aragem poética o alivia,
contemplando infindas possibilidades do espaço estelar...

Poético e alado é o coração,
que em voos, degraus e projeções, sabe por onde ir,
rumo ao mundo de uma nova dimensão,
onde o limite é a imaginação, e o encontro, o doce interagir...

Dourado - 2023

SOBRE “A INSPIRAÇÃO E A LÂMPADA DO CORAÇÃO”

Esta é uma daquelas poesias do autor que ressalta o poder da beleza e do imaginário existente nas câmaras internas do coração, revelando o seu lado romântico e supersônico do ser que cria e recria, ao prazer de sua imaginação.

Pela primeira estrofe, observa-se o poder que tem a lâmpada no coração, ante um mundo carente de paz e a efervescência da iluminação. Sendo a poesia lâmpada para a existência, seu calor imaginário e literário atinge a todos os que, por ela, desejam eflúvios irradiantes de paz na consciência.

Na segunda estrofe, vemos que dos mistérios existentes na natureza, a alegria interior do coração faz-nos atingir píncaros colossais de encanto e beleza. Pois esse mistério vem como correntezas de inspiração, paz, louvor e libertação interior. Interessante notar, o poder que o autor denota à poesia sensível, invocando os mistérios profundos, inundando a mente do ser com toques imaginários, provenientes das esferas superiores, invisíveis.

Na terceira estrofe, é atribuído ao poder mitológico de Cupido, a capacidade de ligar, em versos a alguém, demonstrando o poder imaginário que verte, em ondas etéreas do belo além. E nessa linha de pensamento, é a poesia o fio condutor, a verve possível que faz a ligação com o bem, o ser romântico, ou seja, com a sensibilidade do mundo de alguém.

Na quinta estrofe, o leitor recebe uma vertente de positividade, quando afirma que o coração deve ser festivo, mesmo que esteja sozinho ou com a companhia de alguém, despertando a visão de novas possibilidades. Destaca também, o poder da natureza, que com ondas e olores de inspiração, atinge o Ser Divinal, em um viver agradecido e fortalecido.

Na sexta estrofe, vemos um contraste entre o ser que tem o peito aquecido pela poesia, ante a entrega da problemática do mundo; ali ele encontra guarida e se sacia.

Na sequência, expressa o poder poético, quando o ser absorve novos instintos perfeitos de jovialidade, com o lado meigo da vida em sua integralidade.

No ato contínuo, o coração do poeta se sente extasiado, não importa o período do tempo, atingindo, assim, os mais profundos anseios do seu ser realizado.

Fazendo uma ligação com a poética universal, o autor expressa que a sua arte pode alcançar vislumbres estelares de todo o teor, mormente na esfera astral.

Na sétima estrofe, o autor atribui ao coração a potência supra humana de ser alado, com voos imaginários, atingindo assim, dimensões de consciência de sua missão: encontro, projeção e realização.

E na segunda parte, a partir dessa dimensão alcançada, o coração poético não vê limite na imaginação, sendo que o seu encontro é um campo florescente de paz, gozo e constante inteiração.

3

MÃE, AMOR DE INESTIMÁVEL VALOR...

Mãe, palavra sublime, primorosa de amor,
com a qual o Criador plasmou a linha do existir;
De onde se emana tanta beleza e esplendor,
a transcendente fragrância que alenta o sorrir?

A Mãe nos ensinou a singela doutrina
do respeito e da filosofia da paz e da comunhão;
do amor à natureza, aos animais, num saudável clima,
de mútuo entendimento, de recato e ao bem, admiração.

Disposta, a Mãe preparou pela manhã
o doce alimento, cheio de força para iluminar o viver;
semelhante a uma estrela, de consciência sã,
deu-nos a matriz feliz que imortaliza o ser.

Maravilhoso e perenal deveria ser,
o contato dos pais com o seu querido brotinho;
Qual outra árvore deu-nos a seiva, o maternal prazer,
qual outro acalanto verteu tanto fervor e carinho?

Seja a Mãe, moderna ou tradicional,
com experiência de uma novata ou da que se doou em flor;
Que a felicidade lhe seja uma fonte substancial,
nutriz de realidades, plena de atos palpáveis de amor!

E como tudo que Deus criou é perfeito,
Elas merecem aqui e ali, uma dimensão fragorosa de luz,
E protegidas por mãos suaves dos Anjos eleitos,
tenham sempre a companhia insubstituível de Jesus!...

Dourado – 2023

SOBRE O POEMA “MÃE, AMOR DE INESTIMÁVEL VALOR”

Esta é uma temática poética das mais prediletas do autor, pois aborda um assunto, uma data muito querida e propalada: O Dia das Mães, que envolve encanto, descrição e lembranças infinitas deixadas ao longo da caminhada.

Um dos dias mais comemorados, o **Dia das Mães** sempre despertou no autor, ardente paixão, tanto pela sua genitora, **Edelzuita de Castro Dourado**,

mulher iluminada, que sempre presente, aquecia-lhe todo o coração.

Não dá para especificar a data exata desta poesia, pois semelhante a outras demais, faz parte do vocabulário literário, que ainda deslumbra e encanta os seus dias.

Na primeira estrofe é destacada a sublimidade que merece esse ser divinal, afirmando ser ela, uma fonte, da qual Deus plasmou, com perfeição, a linha do existir, do ser humano primordial.

Na sequência, o autor pergunta de onde se extrai, desse ser, tamanho esplendor e beleza, que verte em mil potências, a fragrância do sorriso, em fortes ondas e correntezas.

Destaca na segunda estrofe, que a mãe é um manancial de ensinamentos, que levam a comunhão do ser, com a linda expressão da filosofia, em seus pensamentos.

É citado, na sequência, as áreas abrangentes destas mensagens, sendo o amor à natureza, a tônica que desperta o respeito às espécies, ao ser humano, em suas múltiplas linhagens.

Destaca-se na terceira estrofe, a força materna, incomunal, expressando a sua inata disposição, ao trazer à existência, tanto o pão material quanto o ser, o lado transubstancial. Invocando em seguida a força universal, diz ser a mãe comparada a uma estrela radiosa, trazendo seu brilho ao filho, para gozar de uma existência feliz e exitosa.

O desejo do poeta é que todos os pais deveriam ser magníficos, vicejantes como brotinhos, florescendo no campo da existência, como ramos incontáveis de frescor e carinho.

Indaga-se nessa estrofe, quem mais poderia oferecer à existência, esse amor tão terno e maternal, um acalanto tão vantajoso e maravilhoso, quanto a esse amor sempre presente e divinal.

Em seguida, há um contraste, ao se comparar as titulações que se dão ao amor maternal, seja moderna, novata, bem vivida ou a tradicional. Todas tem vez presente, e marcam a existência com seu toque único de louvor e magnificência.

4

O ALFA E O ÔMEGA

Cristo é o Alfa confirmadíssimo,
A primeira posição em toda corrida!
Na vanguarda é o Deus Poderosíssimo,
Capaz de solucionar tudo na vida!

Ele é o Ômega preferidíssimo,
E acima de nós sempre estará,
Pois na retaguarda traz o Ser Altíssimo:
A maior vitória, perenes glórias para quem o invocar!

Dourado - 2023

SOBRE “O ALFA E O ÔMEGA”

Ao nomear que Cristo é o Alfa confirmadíssimo, há uma declaração de cunho essencialmente espiritualista, abrangendo em seu espectro, um amantado e carinhoso ponto de vista.

Reporta-se à primazia de uma linguagem especial, elegendo o Verbo Encarnado como um aparato guiador do ser que se encontra na matéria física, fundamental.

O termo confirmadíssimo, dá ao leitor um critério de absoluta certeza, em meio às agruras da vida, com elegância à mestria e nobreza.

Ao afirmar ser Ele a primeira posição em toda corrida, desperta no imaginário humano consolo, bem aventurança e acolhida.

Mencionando ser Ele a vanguarda, nomeia também ser o Deus poderosíssimo, avistando tudo, de modo completo e perfeitíssimo.

Na primeira estrofe encerra dizendo que Ele é capaz de solucionar tudo na vida, dando, assim, a certeza de que Nele está a segura entrada e a guarda primordial em cada saída.

Essa primeira estrofe dá o cunho de especificidade, nomeando Jesus Cristo como a pedra de esquina, a principal de toda a humanidade.

Quando Ele é chamado por Alfa da criação primeira, dá-nos o entendimento de que estava junto ao Pai, desde o princípio em que tudo formou, e trouxe luz aos homens com sua luz altaneira, pois se elevou da cruz, com infindável amor.

Com a denominação de Alfa, principiator de nossos dias, também veio nos provar sua milagrosa encarnação, e nascido da Virgem Maria, mostrou sua Divindade, suprimindo a idolatria, como o Verbo Encarnado da revelação

Quanto à segunda estrofe, vemos a nomeação de ser Ele o Ômega

preferidíssimo, no sentido de ser a última palavra do alfabeto grego, e por consequência, a chave que nos garante a sobrenaturalidade, frente a esse mundo imerso em materialidade.

Por outro ângulo, podemos nomeá-lo como a última causa e fim da existência, não no sentido de cessão da vida, mas de continuidade dos vários graus de consciência.

Na sequência, descreve que acima de nós sempre estará, no sentido de que além do viés da materialidade, existe um vínculo de espiritualidade, que Ele permeia e vive a nos cercar.

Decreta-se, também, de que Ele está acima de toda problemática que a natureza humana erigiu, abrindo-nos a possibilidade de que o plano superior, ao lado humano veio e o atingiu.

Na terceira linha, denota-se de que na retaguarda traz o Ser Altíssimo, na expressão máxima de que por todos os lados, Ele é capaz de nos observar, nos atingir e nos aureolar.

E na quarta linha, dando sequência à terceira, diz que o ser terá a maior vitória, perenes glórias para quem o invocar, respaldando o sentido complexo e maior dessa superioridade, de alcançar com prazeres infinitos a todo aquele que o anelar de todo o coração, com as forças de sua alma, ultrapassando esses valores com essa sublime dimensão.

Agora, remontando-se aos textos escriturísticos sagrados, ao mencionar no Apocalipse de São João, ser Cristo, o Alfa, o princípio imorredouro de toda criação, e em consequência, o Ômega, o fim último de toda espécie de manifestação.

Nomeia-se com tudo isso, que Cristo revolucionou o sonhar, com as belas formas da amplidão, pondo no ser a capacidade de realizar e de enobrecer o mais pobre coração.

Ao exprimir que Ele é o Alfa iluminador, desde o princípio do próprio sonhar, dá uma inventividade incrível ao amor, para que o homem pudesse, também, se imortalizar.

Ao apontar que Ele é confirmadíssimo, deixa uma porta aberta à imaginação, a todo aquele que deseja o bem querer, destacando no íntimo a realização do bem maior, que revoluciona o ser.

Destacando-o como sendo a primeira posição, é como se abrisse um portão ao alvorecer dourado, para que o homem realizasse sua primazia, dando-lhe asas de sonhos inovadores, para viver a perene alegria.

Teríamos outra forma de dizer que Ele é o Alfa maior, que tudo criou e com amor, irrigou nos sonhos a reta perfeição, deu-nos a guarida em todo seu esplendor e a própria vida, como o melhor galardão?

Sendo o Alfa, em tudo Ele é o ponto inicial, e o pensamento rico, triunfador, pois transformou as sementes do bem no que era mal, levando-nos além, ao seu reino misterioso de luz e efusivo amor.

Quando o autor destaca ser Ele o próprio Alfa encarnado, que nos deu guarida, fé e retidão, foi para que se tivesse um viver pleno e iluminado, com a pérola maior, brilhando no íntimo do coração.

Adentrando na esfera onírica, traduz-se que de tudo Ele é o principiador, ao trazer a meiguice de um reto sonhar e com a magnitude universal do amor, deu ao homem a capacidade de suas obras, também imortalizar.

Ao ser chamado de vanguardista, sua palavra reverberou no infinito, dando o grito para o homem despertar e com revelação deu-nos o amor irrestrito, vida abundante para uma alma eternamente consolar.

Conhecido como o Ômega, Ele também pode ser a última palavra para ressuscitar o ser em sua imensa solidão e com voz suave vem o chamar, para viver a dinâmica alvissareira das magníficas transformações.

Também pode nomeá-lo como a última canção do viver, para uma vida inteira imaginar; pois pondo a paixão no interior do ser, deu-nos elasticidade e vivacidade para a graça sublime, nele encontrar.

Ao expressar que Ele é o Ômega, o ultimato da revelação, da canção maior que o ser surpreende, dá a entender que traz luz ao homem com sua transformação e o amor maior que a tudo transcende.

Como Ômega preferidíssimo, Ele é a finalidade inteira do realizar, dos princípios maiores que a humanidade criou, e com inventividade incrível do potencializar, pôs no íntimo a perenidade solícita do amor.

Com uma abordagem pedagógica, ao explicar ser Cristo o fim do próprio renascer, fez brotar as possibilidades imensas da vida, e com brasas vivas, o nosso íntimo veio reacender, iluminando e vibrando a parte mais nobre do ser.

Da mesma forma, sendo o Ômega, Ele é o ultimato para viver um chamado de artes, alegrias e poesias propiciadoras do amor, da gratidão de ser um imediato, uma revelação para um mundo produtor de descobertas para tornar feliz, numa magnífica ação, a população.

Denominando-o como o Ômega da própria existência, nos garantiu a excelência do modo de viver, pois abrindo os portais da magnífica excelência, deu-nos a oportunidade de a imortalidade, experimentar e viver.

Ao expressar que Ele propiciou o último chamado para adentrarmos na escalada da amplidão, é nesse campo onde se vê o infinito estrelado, de anjos e legiões da sua própria criação.

Quando o autor traduz ser Ele, desde o princípio o Verbo realizador, de coisas notáveis para inundar a existência, é como se desse a vida formas mil, dar

o amor, para que o homem, produzisse o bem no altar da sua própria consciência.

E com a capacidade de solucionar tudo na vida, Ele traria o princípio do reino iluminado, nos ofertando o achado da divina revelação, e pondo no íntimo, um excelente resultado de vida plena, excelente realização.

5

ANJO DO ENCONTRO

Quando está no íntimo - solidão,
Pensando no que fazer
Ou mesmo a quem procurar,
Um anjo esperto envia um toque ao seu coração,
Um alento coragem,
Secreta linguagem,
Ondas dialéticas do si encontrar...

Quando pensa que tudo está perdido,
Um tesouro incomensurável, escondido,
Revela-se, sem se perceber;
E no mais profundo dos seus gemidos,
Um toque do anjo amigo,
Tece novos sonhos de esperança para você...

Floresce universo de luz,
Labirinto veloz que lhe conduz,
À essência da vida,
Em seu ser...

Dourado – 2023

SOBRE “ANJO DO ENCONTRO”

Esta poesia revela um especial momento, quando pensamos no íntimo da solidão, procurando uma resposta e como para tudo há uma saída, há um anjo do Criador, que animando o coração, relembra um toque inédito da própria vida.

Na primeira estrofe, esta poesia traz o alento do encontrar, uma coragem de uma linguagem rica e serena, pois um anjo, no íntimo pode tocar, mesmo aquelas almas parecidas ‘ínfimas’, mas de uma capacidade esplendorosa e amena. Este anjo vem com uma secreta linguagem, mostrando o portal que é o alvo-recer, e com agilidade e uma rica coragem, dá-nos a magnitude de um reto viver.

Na segunda estrofe, o autor descreve que, quando se pensa que tudo está perdido, é onde os tesouros escondidos são revelados; ai há um encontro do que

era perdido, dá-nos a possibilidade de encontrar o tão almejado achado.

E assim ele revela-se sem se perceber, nos mais profundo dos nossos gemidos, e com um toque amigo, traz o alvorecer dos sonhos possíveis, ora esquecidos. E com uma aceno magnânimo de um amigo, traz a alvorada da mais linda canção, pois se abrindo ao próprio abrigo, dá-nos os sonhos de esperança de revelação. Assim floresce um universo de luz, com a capacidade veloz de tudo conduzir, leva-nos às portas do arco íris azuis, rumo à capacidade infinita do bem universal reproduzir.

O anjo traz a essência da vida, com a reverberação da própria noção, pois traz no íntimo uma inédita saída e para o ser, o princípio da criação. Este anjo revela-se na intimidade, das procuras infinitas que o homem retém, e com a linguagem secreta de inventividade, leva-nos ao seio mais profundo do além. Um alento da coragem é produzida, com vida infinita do realizar, e em ondas dialéticas produz a vida, a canção da estética, do perfeito criar. E quando se pensa que tudo não há mais jeito, e com modo perfeito, ele vem com o toque realizador e revela o tesouro em nosso leito, com a capacidade irrestrita do poder criador.

Dessa forma, ele se revela sem se perceber, no mais profundo da angústia, na amplidão e com toques suaves ressuscita no ser, a capacidade amiga como o anjo da revelação. E assim ele vem nos tecer sonhos e guardadas, para a vida se transformar, e com capacidades infinitas que renova o ser, dá-nos as bênçãos irrestritas do infinito realizar.

Completando a sequência, o anjo floresce o universo de luz, labirintos velozes que chegam ao alvorecer, e as capacidades infinitas, ele nos conduz, dando graça que perpassa e revoluciona o ser. Dessa forma, ele floresce um universo inteiro de luz, com caminhos abertos, velozes da amplidão, e trazendo a essência da vida que nos conduz, alcançamos o tesouro da vida, da própria realização.

6

A MAIS BELA ROSA

Andando por um belo jardim,
encontrei flores lindas de se admirar;
elas exalavam frescor de um perfume afim,
que fazem a essência do amor despertar...

Pensei em trazer para você,
a rosa mais linda que avistei;
mas logo vim perceber:
- “Para que, se você
é a mais infinda que encontrei!”

A flor que em você está,
é a da juventude eterna,
e que jamais terá fim;
e a cada instante ela vem se renovar,
colorir e se enfeitar,
tornando-se a mais bela rosa,
encantante e perfumosa
de todo o universo jardim!...

Dourado – 2023

SOBRE “A MAIS BELA ROSA”

Essa poesia revela a grandiosidade do ser, que representa a mais bela flor existente no íntimo do jardim, pois com adubos misteriosos faz renascer preciosidades imensas que parece não ter fim. É um chamariz que pode ser encontrado, nos caminhos abertos da procura e da solidão e no jardim encantado, se produz a beleza, o íntimo da nobreza, que habita no coração.

Continua na primeira estrofe, dizendo que, andando por este lindo jardim, a alma livre, em toda sua manifestação se pode encontrar, com a beleza vista que não tem fim, aos tesouros mais recônditos da beleza e do humano imaginar. E ali se encontra a maior deferência, de encontrar uma flor, que é o esplendor da amplidão, a vida abundante em plena reverência, capaz de iluminar um tão nobre coração.

Analisando a segunda estrofe, vê-se o encontro dessa essência, que vem ao ser como a potencialidade de iluminar o coração, em todo seu esplendor e com as capacidades divinas do bem realizar, traz a noção e os conceitos idealizados pelo imenso amor. E assim, quando o poeta pensa em trazer pra você, a rosa mais linda do universo do si encantar, revela a beleza magnânima de todo alvorecer, que habita no íntimo da atividade abstrata e real de amar. Mas ao se perceber essa grandiosidade, pergunta-se para que outra revelação, se no íntimo do ser mora a imortalidade, o símbolo infinito do amor e da transformação?

Com a última estrofe, o autor expressa que a rosa que há em você, é uma de primeira qualidade, de atributos infinitos do poder criador, está sempre presente, revelando a sua aragem e os odores infinitos do próprio esplendor.

E assim, a rosa que está em você é uma de primeiríssima qualidade e não importa o tempo, jamais chegará ao fim, e com as fragrâncias mil das ricas potencialidades, revela a mais bela rosa preciosa de todo o jardim. Essa é a rosa mais bendita da criação, que em sua inédita expressão, brotou um olor infinito,

revelando o amor em sua mais alta dimensão, criado e ornado pelo próprio poder bendito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variedade de títulos apresentada demonstra como a poesia é um veículo versátil para a expressão e interpretação de sentimentos e pensamentos. A linguagem poética permite que os poetas explorem a complexidade da experiência humana de maneiras únicas, oferecendo aos leitores um vislumbre das emoções que unem a todos nós como seres humanos.

Ao contemplarmos esses títulos e suas respectivas poesias, somos lembrados da importância contínua da poesia como uma forma de comunicação profunda e significativa. Ela nos convida a entrar em um diálogo atemporal com a polifonia de vozes que o poeta nos traz, ressoando suas palavras em nossa própria experiência. Através da poesia, podemos encontrar conexões com mundo, enriquecendo nossa compreensão da vida e da beleza que a rodeia. Dessa forma, o escritor Washington Dourado faz este entrelace linguístico, versificando de forma sublime, com uma visão poética do mundo sensível dos sentimentos e pensamentos, levando os leitores a uma sutil reflexão sobre a existência e as diversas temáticas da espiritualidade e da consciência.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Alberto Filipe (2004). **Educação e Imaginário**. Da Criança Mítica às Imagens da Infância. Maia: ISMAI.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.
- GRIMAL, Pierre (1992 [1951]). **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Trad. de Victor Jabouille. Lisboa: Difel.
- JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos e reflexões**. Editora Nova Fronteira, 1986.
- MOORE, Thomas (1999). **Como Educar a Alma**. Trad. de Sara Batalha. Lisboa: Planeta Editora.

EIXO VI



RESENHAS



RESENHA

Marina Arantes Santos Vasconcelos¹

HUYSSSEN, Andreas. **SEDUZIDOS PELA MEMÓRIA: ARQUITETURA, MONUMENTOS, MÍDIA**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

Em **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia, Andreas Huyssen (2000) aponta para a emergência da memória entre as preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais. Evidencia o contraste entre o deslocamento do privilégio conferido ao futuro, no começo do século XX, para uma volta ao passado. Nesse contexto, segundo o teórico (Huyssen, 2000), os elementos “energizadores” da cultura modernista teriam sido os chamados “futuros presentes”, que, a partir da década de 1980, teriam sido deslocados para uma atenção direcionada aos denominados “passados presentes”.

Huyssen (2000) historiciza cronologicamente os discursos da memória a partir da década de 1960, passando para a explicação de que “Os discursos de memória aceleraram-se na Europa e nos Estados Unidos no começo da década de 1980, impulsionados, então, primeiramente pelo debate cada vez mais amplo sobre o Holocausto.” (Huyssen, 2000, p. 11).

Como ilustração de suas reflexões, o autor (Huyssen, 2000) realiza a explanação de eventos emblemáticos, que se situam no contexto do Holocausto e da história do Terceiro Reich, para apresentar situações subsequentes, as quais realizam o resgate, pela memória, dos acontecimentos originais. Huyssen (2000) destaca que esse denominado “movimento testemunhal” recebeu “intensa cobertura da mídia internacional, remexendo as codificações da história nacional posteriores à Segunda Guerra Mundial” (Huyssen, 2000, p. 11), em diversos países, como França, Áustria, Itália, Japão, Estados Unidos e Suíça.

Tomando como ponto de partida a história da construção do *Holocaust Memorial Museum*, de Washington., planejado na década de 1980, mas inaugurado em 1993, o autor procura avaliar a situação; e constata que “o crescente

1 Marina Arantes Santos Vasconcelos é Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília e Professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. *E-mail*: asvamarina@gmail.com.

poder da cultura da memória no final da década de 1990 (...) também levanta questões difíceis sobre o uso do Holocausto como um lugar-comum universal para os traumas históricos.” (Huysssen, 2000 p. 12). Huysssen nos apresenta, então, a indagação: “em que medida pode-se, agora, falar de uma globalização do discurso do Holocausto?” (Huysssen, 2000, p. 12).

Ao desenvolver o tema, o autor (Huysssen, 2000) reúne questões como a cultura da memória no fim dos anos 1990 e a ênfase ao tema do Holocausto sintetizando-as por meio do termo “globalização da memória”. Esse novo termo, para Huysssen (2000), abrigaria, em si, dois sentidos relacionados, configurando o que chama de “paradoxo da globalização”. Para Huysssen (2000), “O Holocausto se transformou numa (...) prova da incapacidade da civilização ocidental de praticar a anamnese, de refletir sobre sua inabilidade constitutiva para viver em paz com diferenças e alteridades” (Huysssen, 2000, p. 13). Segundo defende (Huysssen, 2000). “Por outro lado, (...) É precisamente a emergência do Holocausto como uma figura de linguagem universal que permite à memória do Holocausto começar a entender situações locais específicas, historicamente distantes e politicamente distintas do evento original” (Huysssen, 2000, p. 13).²

O perigo que essa segunda acepção apresenta, para o autor, é o seguinte (Huysssen, 2000): “Assim como pode energizar retoricamente alguns discursos de memória traumática, a comparação com o Holocausto também pode servir como uma falsa memória ou simplesmente bloquear a percepção de histórias específicas.” (Huysssen, 2000, p. 13) – “as tramas secundárias”. Para o autor, o lugar que a memória do Holocausto ocupa na modernidade ocidental deixa a memória narrativa atual sem cobertura em um escopo mais amplo. (Huysssen, 2000, p. 13).

Nessa perspectiva, Andreas Huysssen sugere que existem duas vertentes atuais na cultura da memória. Por um lado, o que ele denomina “entretenimento memorialístico” (Huysssen, 2000, p. 14), o qual envolve, entre outros exemplos (Huysssen, 2000): “literatura memorialística e confessional, romances autobiográficos e históricos pós-modernos (com suas difíceis negociações entre fato e ficção), documentários na televisão (*History Channel*).” (Huysssen, 2000, p. 14).

A outra vertente conteria o que ele (Huysssen, 2000) denomina “o lado traumático da cultura da memória”, junto ao cada vez mais onipresente discurso do Holocausto” (Huysssen, 2000, p. 14), abrangendo (Huysssen, 2000): “vasta literatura psicanalítica sobre o trauma, controvérsia sobre a síndrome da memória recuperada, entre outros.” (Huysssen, 2000, p. 14-15).

Em seguida, o autor (Huysssen, 2000) desenvolve um pensamento referente

2 Essa segunda acepção pode ser percebida sob uma perspectiva metafórica, no sentido de que o Holocausto pode representar simbolicamente –universalmente – experiências particulares, individuais, ou nacionais.

ao “processo de musealização;” Para ele, “É como se o objetivo fosse conseguir a recordação total. – noção de ‘arquivista maluco.” (Huysse, 2000, p. 15). A questão central aqui, para o autor, é investigar se há “algo mais para ser discutido neste desejo de puxar todos esses vários passados para o presente; Algo que seja, de fato, específico à estruturação da memória e da temporalidade de hoje e que não tenha sido experimentado do mesmo modo nas épocas passadas” (Huysse, 2000, p. 15). Seria, aqui, a busca pelo aspecto singular da cultura da memória contemporânea.

O que Huysse (Huysse, 2000) explica é que “O que aí aparece, agora, em grande parte como uma comercialização crescentemente bem-sucedida da memória pela indústria cultural do ocidente, assume uma inflexão política mais explícita em outras partes do mundo. Especialmente desde 1989, as questões sobre memória e o esquecimento têm emergido como preocupações dominantes” (Huysse, 2000, p. 14) em diversas partes do mundo, a exemplo “do debate cultural e político em torno dos presos políticos desaparecidos e seus filhos nos países latino-americanos, levantando questões fundamentais sobre violação de direitos humanos, justiça e responsabilidade coletiva.” (Huysse, 2000, p. 16).

Com essas reflexões, Andreas Huysse (2000) chega à constatação de que “o lugar *político* das práticas de memória é ainda nacional e não pós-nacional ou global” (Huysse, 2000, p. 17), enfocando os “debates sobre a memória nacional imbricados com os efeitos da mídia global” (Huysse, 2000, p. 17), e reforçando os “trabalhos comparativos sobre mecanismos e lugares-comuns de traumas históricos e práticas de memória nacional.” (Huysse, 2000, p. 17).

Nesse sentido, Huysse volta a destacar que a “consciência temporal da alta modernidade no ocidente procurou garantir o futuro”; entretanto, “a consciência temporal do final do século XX envolve a não menos perigosa tarefa de assumir a responsabilidade pelo passado.” (Huysse, 2000, p. 17-18). A crítica do autor (Huysse, 2000) está no fato de que, segundo ele, “ambas as tentativas são assombradas pelo fracasso”. (Huysse, 2000, p. 18). Neste ponto, Huysse (2000) introduz a discussão referente a um segundo paradoxo: “os críticos acusam a própria cultura da memória contemporânea de amnésia” (Huysse, 2000, p. 18). Em seguida, indaga: “e se o aumento explosivo de memória for inevitavelmente acompanhado de um aumento explosivo de esquecimento?” (Huysse, 2000, p. 18).

Andreas Huysse (2000) problematiza as relações entre memória e esquecimento, levando em consideração as pressões das novas tecnologias da informação, as políticas midiáticas e o consumismo desenfreado. E ressalta: “Freud já nos ensinou que a memória e o esquecimento estão indissolúvel e mutuamente ligados; que a memória é apenas uma outra forma de esquecimento e que o esquecimento é uma forma de memória escondida.” (Huysse, 2000, p. 18). Nesse

sentido, Huyssen (2000) realiza uma conexão entre os processos psíquicos da recordação, do recalque e do esquecimento (Freud) e as sociedades de consumo contemporâneas: “um fenômeno público de proporções sem precedentes que pede para ser interpretado historicamente”. (Huyssen, 2000, p. 18). A reflexão sobre o fenômeno amplia-se do individual para o coletivo.

Sobre essa ampliação, o autor cita as abordagens sociológicas da memória coletiva, como exemplo, a de Maurice Halbwachs, e conclui que elas “não são adequadas para dar conta da dinâmica atual da mídia e da temporalidade, da memória, do tempo vivido e do esquecimento.” (Huyssen, 2000, p. 19). E aí apresenta (Huyssen, 2000) uma inquietação central às suas ideias: “se ainda é possível, nos dias de hoje, a existência de formas de memória consensual coletiva e, em caso negativo, se e de que forma a coesão social e cultural pode ser garantida sem ela.” (Huyssen, 2000, p. 19). Para o autor (Huyssen, 2000), “a memória da mídia sozinha não será suficiente.” (Huyssen, 2000, p. 19). Isso porque, para o autor (Huyssen, 2000), “Quanto mais nos pedem para lembrar, no rastro da explosão da informação e da comercialização da memória, mais nos sentimos no perigo do esquecimento e mais forte é a necessidade de esquecer.” (Huyssen, 2000, p. 20).

Em resumo, Huyssen (2000) sinaliza as perguntas essenciais de seu texto: “Devo então voltar à questão: por quê? E especialmente: por que agora? Por que esta obsessão pela memória e pelo passado e por que este medo do esquecimento? Por que estamos construindo museus como se não houvesse mais amanhã? E por que só agora o Holocausto passou a ser algo como uma cifra onipresente para as nossas memórias do século XX, por caminhos inimagináveis vinte anos atrás?” (Huyssen, 2000, p. 20).

Nesse ponto, o teórico (Huyssen, 2000) faz um reconhecimento: “não podemos discutir memória pessoal, geracional ou pública sem considerar a enorme influência das novas tecnologias de mídia como veículos para todas as formas de memória.” (Huyssen, 2000, p. 20-21). Assim, conclui (Huyssen, 2000) que “não é mais possível, por exemplo, pensar em Holocausto ou em outro trauma histórico como uma questão ética ou política séria, sem levar em conta os múltiplos modos em que ele está agora ligado à mercadorização e à espetacularização em filmes, museus, docudramas, *sites* na Internet, livros de fotografia, histórias em quadrinhos, ficção, até contos de fada (...) e música popular.” (Huyssen, 2000, p. 21).

Para Huyssen (2000), a natureza da abordagem “Depende muito, portanto, das estratégias específicas de representação e de mercadorização e do contexto no qual elas são representadas.” (Huyssen, 2000, p. 21). Nesse ponto, o que Huyssen (2000) destaca é que não pretende realizar uma oposição entre “memória séria” e “memória trivial”, que tenha como paradigma “a velha dicotomia alta/baixa da cultura modernista sob uma nova aparência.” (Huyssen, 2000, p. 21). E explica

(Huysen, 2000) que “Se reconhecemos a distância constitutiva entre a realidade e a sua representação em linguagem ou imagem, devemos, em princípio, estar abertos para as muitas possibilidades diferentes de representação do real e de suas memórias. Isto não quer dizer que vale tudo. A qualidade permanece como uma questão a ser decidida caso a caso. Mas a distância semiótica não pode ser encurtada por uma e única representação correta.” (Huysen, 2000, p. 22).

Com seus exemplos (Huysen, 2000), chama a atenção para o fato de que questões cruciais da cultura contemporânea estão precisamente localizadas no limiar entre dois tipos de representação, a exemplo da memória dramática (*Shoah*, de Claude Lanzmann) e do que denominou mídia comercial (*Lista de Schindler*, de Spielberg). (Huysen, 2000, p. 22). O que o autor (Huysen, 2000) defende é que “a mídia não transporta a memória pública inocentemente; ela a condiciona na sua própria estrutura e forma.” (Huysen, 2000, p. 22-23).

Neste ponto, cita (Huysen, 2000) o teórico Marshall Mc Luhan³ e sua noção de que “o meio é a mensagem”, alertando para o fato de que é “bastante significativo que o poder da nossa eletrônica mais avançada dependa inteiramente de quantidades de memória.” (Huysen, 2000, p. 23). Huysen (2000) parece concluir que: “Se hoje a ideia de arquivo total leva os triunfalistas do ciberespaço a abraçar as fantasias globais à La McLuhan, os interesses de lucro dos comerciantes de memória de massa parecem ser mais pertinentes para explicar o sucesso da síndrome da memória. Trocando em miúdos: o passado está vendendo mais do que o futuro. Mas por quanto tempo, ninguém sabe.” (Huysen, 2000, p. 23-24).

Em resumo, questiona (Huysen, 2000): “dado que o crescimento explosivo da memória é história, como não resta dúvida de que será, terá alguém realmente se lembrado de alguma coisa? (...) Os computadores, dizem, poderão não saber reconhecer a diferença entre o ano 2000 e o ano 1900 – mas nós sabemos?” (Huysen, 2000, p. 24-25). Huysen (2000) passa a refletir sobre o argumento padrão do teórico Theodor Adorno, segundo quem a mercadorização é o mesmo que esquecimento, e a teoria de críticos que defendem que a comercialização de memórias gera apenas amnésia. Sinaliza (Huysen, 2000) que “algo mais deve estar em causa, algo que produz o desejo de privilegiar o passado e que nos faz responder tão favoravelmente aos mercados de memória: este algo, eu sugeriria, é uma lenta mas palpável transformação da temporalidade nas nossas vidas, provocada pela complexa interseção de mudança tecnológica, mídia de massa e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global.” (Huysen, 2000, p. 25).

Para ele (Huysen, 2000), “por mais dúbia que hoje nos pareça a afirmação

3 É importante sinalizar que o teórico, entre outros estudos, foi quem desenvolveu noções centrais para cultura moderna, a exemplo das expressões “impacto sensorial”, “o meio é a mensagem” e “aldeia global”, como metáforas para a sociedade contemporânea.

de que somos capazes de aprender com a história, a cultura da memória preenche uma função importante nas transformações atuais da experiência temporal, no rastro do impacto da nova mídia na percepção e na sensibilidade humanas.” (Huysen, 2000, p. 25-26).

Para dar força à sua argumentação, Huysen (2000) compara as ideias de Theodor Adorno às de Walter Benjamin, em torno da relação entre: 1. “o privilégio que damos à memória e ao passado”; 2. “o impacto potencial da nova mídia sobre a percepção e a temporalidade”. (Huysen, 2000, p. 26). Na percepção de Huysen (2000), “a crítica de Adorno é correta, no que se refere à comercialização em massa dos produtos culturais, mas não ajuda a explicar o crescimento da síndrome de memória dentro da indústria da cultura. (...) Por outro lado, Benjamin está correto ao atribuir ao retrô uma dimensão que dá cognitividade à memória. (Huysen, 2000, p. 26).” No entanto, conclui (Huysen, 2000) que: “Em vez de colocar-nos ao lado de Benjamin contra Adorno ou vice-versa, como ocorre comumente, o interessante seria utilizarmos produtivamente a tensão entre estes dois argumentos para uma análise do presente.” (Huysen, 2000, p. 26).

Huysen (2000) cita, em seguida, dois filósofos alemães conservadores – Hermann Lübbe e Odo Marquard – e sua teoria a respeito do que chamaram de “musealização”, como central para o deslocamento da sensibilidade temporal do nosso tempo” (Huysen, 2000, p. 27). De acordo com os pensadores (apud Huysen, 2000), “a musealização já não era mais ligada à instituição do museu no sentido estrito, mas tinha se infiltrado em todas as áreas da vida cotidiana. (...) Lübbe argumentou que a modernização vem inevitavelmente acompanhada pela atrofia das tradições válidas, por uma perda da racionalidade e pela entropia das experiências de vida estáveis e duradouras.” (Huysen, 2000, p. 27).

Huysen (2000) ressalta, então: “A minha hipótese é que, também nesta proeminência da mnemo-história, precisa-se da memória e da musealização, juntas, para construir uma proteção contra a obsolescência e o desaparecimento, para combater a nossa profunda ansiedade com a velocidade de mudança e o contínuo encolhimento dos horizontes de tempo e espaço” (Huysen, 2000, p. 28). E acrescenta (Huysen, 2000): “Na teoria de Lübbe, o museu (...) oferece formas tradicionais de identidade cultural a um sujeito moderno desestabilizado” (Huysen, 2000, p. 29).

Em síntese, Huysen (2000) extrai da teoria de Herman Lübbe que: “a musealização compensa a perda de tradições vividas” (Huysen, 2000, p. 29); no entanto, propõe (Huysen, 2000) que: “qualquer senso seguro do próprio passado está sendo desestabilizado pela nossa indústria cultural musealizante e pela mídia, que funcionam como atores centrais no drama moral da memória.” (Huysen, 2000, 29-30) Para ele (Huysen, 2000): “A própria musealização é

sugada neste cada vez mais veloz redemoinho de imagens, espetáculos e eventos e, portanto, está sempre em perigo de perder a sua capacidade de garantir a estabilidade cultural ao longo do tempo” (Huyssen, 2000, p. 29-30).

Finalmente, Huyssen (2000) resgata, sequencialmente, as reflexões sobre as contribuições das categorias de espaço e tempo nas experiências e nas percepções humanas. De acordo com o teórico (Huyssen, 2000), “[as categorias] Espaço e tempo, (...) longe de serem imutáveis, estão sempre sujeitas a mudanças históricas.” (Huyssen, 2000, p. 30). O teórico (Huyssen, 2000) desenvolve seu argumento a partir da noção de que: “Uma das lamentações permanentes da modernidade se refere à perda de um passado melhor (...) A questão, no entanto, não é a perda de alguma idade de ouro de estabilidade e permanência.” (Huyssen, 2000, p. 30).

Para ele (Huyssen, 2000): “Trata-se mais da tentativa, na medida em que encaramos o próprio processo real de compressão do espaço-tempo, de garantir alguma continuidade dentro do tempo, para propiciar alguma extensão do espaço vivido dentro do qual possamos respirar e nos mover.” (Huyssen, 2000, p. 30).

Huyssen (2000) afirma que: “Com certeza, o fim do século XX não nos oferece acesso fácil ao lugar-comum da idade de ouro. As memórias do século XX nos confrontam, não com uma vida melhor, mas com uma história única de genocídio e destruição em massa, a qual, *a priori*, barra qualquer tentativa de glorificar o passado.” (Huyssen, 2000, p. 31). Para ele (Huyssen, 2000), “O mal-estar da civilização metropolitana do final do século (...) parece fluir de uma sobrecarga informacional e perceptual combinada com uma aceleração cultural, com as quais nem nossa psique nem os nossos sentidos estão bem equipados para lidar” (Huyssen, 2000, p. 32).

Segundo defende (Huyssen, 2000): “Quanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltamos para a memória em busca do conforto.” (Huyssen, 2000, p. 32). Surgem, então, noções como a ideia do “arquivo” e dos “arqueólogos de dados” apontando para “uma das maiores ironias da ‘idade da informação’ (Huyssen, 2000): “Se não encontrarmos métodos de preservação duradoura das gravações eletrônicas, esta poderá ser a era sem memória”. (Huyssen, 2000, p. 33). Nos seus termos (Huyssen, 2000): “De fato, a ameaça do esquecimento emerge da própria tecnologia à qual confiamos o vasto corpo de registros eletrônicos e dados, esta parte mais significativa da memória cultural do nosso tempo.” (Huyssen, 2000, p. 33).

Assim, pensando sobre as “transformações atuais do imaginário temporal trazidas pelo espaço e pelo tempo virtuais” (Huyssen, 2000), Huyssen (2000) destaca que: “as atuais culturas críticas de memória, com sua ênfase nos direitos

humanos, em questões de minorias e gêneros e na reavaliação dos vários passados nacionais e internacionais, percorrem um longo caminho para proporcionar um impulso favorável que ajude a escrever de um modo novo e, portanto, para garantir um futuro de memória.” (Huyssen, 2000, p. 34). Por fim, fica a pergunta: para essa garantia, cabe pensarmos sobre as contribuições de obras literárias que aproximam memória e literatura?



RESENHA

Dirce Maria da Silva¹

SILVA, Francisco José da. **CAMINHOS E MEMÓRIAS DE MATÕES: UMA HISTÓRIA SECULAR**/ Francisco José da Silva. – Timon: Grafiset, 2013. 500 p. ISBN: (978-85-99631-02-7).

A obra “**Caminhos e Memórias de Matões: Uma História Secular**”, da qual a presente resenha é apenas um sucinto recorte, está estruturada em seis capítulos meticulosamente elaborados, que se dedicam a um exame minucioso e abrangente da centenária trajetória da cidade de Matões, desde que era apenas um povoado, por meio de suas origens mais remotas, até sua metamorfose em uma cidade.

Inicialmente, a abordagem cronológica lança as bases para a história do município de “*Sam Joze dos Mattoes*”. A história, conforme Silva (2013, p. 7), tem suas origens no estabelecimento do arraial de São José das Aldeias Altas, remontando aos primórdios do século XVIII, concomitante à criação do julgado de Caxias das Aldeias Altas, ocorrida em 1747. A partir de então, o território passou a ser vinculado como Termo, conforme registros contidos na história.

A ocupação inicial do povoado ocorreu por meio de uma convergência de diferentes grupos, que incluía sesmeiros, criadores de gado e religiosos, que

¹ Mestre em Direitos Humanos e Estudos Sobre a Violência (Políticas Públicas). Graduada em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas. O curso de Letras, minha primeira graduação, ofereceu-me compreensão da linguagem e das narrativas humanas, enquanto o Mestrado em Direitos Humanos, na linha de políticas públicas, ajudou-me a melhor compreender o contexto social e político em que as questões de cidadania ocorrem. Essa interseção multidisciplinar mostraram-me como áreas diferentes do conhecimento dialogam, em diferentes e complexas questões da sociedade contemporânea. Graduada em Pedagogia – Séries Iniciais/Supervisão e Orientação Educacional. Graduada em Administração. Pós-graduada em nível de especialização em Gestão Pública e Negócio (IFB/DF); Docência do Ensino Superior, Língua Inglesa, Educação a Distância, Recursos Humanos e Psicopedagogia Clínica e Institucional. Membro (Técnico) do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLe), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas (POSlit / TEL) da Universidade de Brasília. Membro Fundadora do Instituto de Pesquisa, Desenvolvimento e Apoio a Neurodivergentes - IPDAN/DF (Instagram: ipdan.org.br). Atualmente trabalha como professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: dircem54@gmail.com.

tentavam se estabelecer dentro do mesmo contexto de expansão territorial. Esse processo foi resultado da abertura das estradas reais, que também deram origem a rotas que serviam para a condução de boiadas, durante o século XVIII (Silva, 2013, p. 18).

Nas últimas décadas do referido século, até o início do XIX, conforme Silva (2013, p. 18-19), São José dos Matões começou a ganhar relevância, especialmente durante os conflitos pela adesão do Maranhão à Independência do Brasil, ocorridos entre 1822 e 1823. Nesse período, o povoado servia como um ponto de descanso para as tropas que acompanhavam as expedições dos comandantes portugueses em território brasileiro.

Após a proclamação da adesão do Maranhão à Independência de Portugal, em 1833, a Vila de São José dos Matões foi oficialmente estabelecida, por meio de uma Resolução Régia, datada de 19 de abril de 1833. Essa decisão foi posteriormente ratificada pela Lei Provincial número 7, de 29 de abril de 1835. Dessa lei também resultou a divisão da província em Comarcas e Termos (Silva, 2013, p. 18-19).

No entanto, a busca pela autonomia política, entre a elevação do povoado à categoria de Vila, por meio da Resolução Régia mencionada, à criação do Município de Matões em 30 de dezembro de 1952, através da Lei nº 849, representou uma jornada prolongada, repleta de desafios, marcada pela perseverança e resistência.

Em 1955, Matões abrigava uma população de quase quinze mil habitantes, ocupando área de 1.702 km². A economia estava centrada quase que totalmente na extração do babaçu e na produção de arroz.

O crescimento da cidade foi prejudicado devido à sua distância dos rios, determinada após as decisões legais, o que a deixou afastada das correntes que impulsionavam o desenvolvimento civilizacional e comercial pela via fluvial. Como resultado, o município dependeu, por um longo período, quase que unicamente das duas festas religiosas anuais realizadas em janeiro, o Festejo de São Sebastião, e em agosto, o Festejo do Divino Espírito Santo, como principais fontes de sustento (Queiroz, 1959 apud Silva, 2013, p. 20).

De acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2010², a população residente na cidade de Matões era composta por 31.015 pessoas (Silva, 2013, p. 38). Atualmente, a cidade é reconhecida como uma

2 Segundo dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2022, a população da cidade de Matões (MA) chegou a 32.174 pessoas, o que representa um aumento de 1,69%, comparando com o Censo de 2010. O atual Prefeito é Ferdinando Araújo Coutinho (2021). Gentílico: matoense. Área Territorial: 2.108,671 km². População residente: 32.174 pessoas (IBGE, 2022). Densidade demográfica: 15,26 hab/km². Escolarização 6 a 14 anos: 97,5%. Índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM): 0,550. (Nota da resenhista).

das localidades no estado do Maranhão que mais registra crescimento significativo, mesmo diante de gestões municipais consideradas pouco eficientes, no que diz respeito ao planejamento e desenvolvimento urbano (Silva, 2013, p. 29).

No segundo capítulo o autor dedica-se à descrição dos aspectos físicos da região, abordando informações sobre a geografia, hidrografia, limites territoriais, topografia, cursos d'água, corpos d'água temporários, lagoas, climatologia, tipos de vegetação e médias de temperatura.

Conforme esclarece Silva (2013, p. 45), as mudanças territoriais ocorridas ao longo do tempo, até a determinação atual, deixaram a cidade distante das margens do rio Itapecuru e do Parnaíba, este último servindo de limite com o estado do Piauí.

A topografia da cidade não apresenta elevações significativas, o ponto mais alto é o Morro do Pico, que se eleva a 283 metros e está situado a dois quilômetros do centro urbano. O município é caracterizado por vastas chapadas com abundantes áreas planas circundantes.

No que diz respeito a recursos aquáticos e lagoas, destaca-se a Lagoa do Roseno, localizada na área urbana, em um bairro tradicional de Matões, no início da Rua Barão do Rio Branco, desempenhando papel de ponto turístico na cidade. Quanto à vegetação, o município é composto por campos de vegetação rasteira e florestas com árvores de diferentes tamanhos, com espécies de grande, médio e pequeno porte.

O terceiro capítulo versa sobre aspectos econômicos. A obra destaca a importância que os recursos naturais possuem no desenvolvimento da região. Entre os recursos vegetais, o babaçu em particular, é árvore frutífera da qual quase todos os componentes podem ser aproveitados e é predominante na região (Silva, 2013, p. 53).

Ao falar sobre a economia do babaçu, o autor explica que as amêndoas são usadas na fabricação do azeite e de leite; as cascas do coco, após a retirada das castanhas, podem ser transformadas em carvão; as palhas da palmeira servem para a cobertura de casas. A resistente folha da palma do babaçu é utilizada na confecção de utensílios domésticos, como abanos e esteiras, enquanto os talos das folhas são empregados na construção de estruturas de taipa, isto é, paredes preenchidas com barro nas casas mais rústicas. Outras árvores que produzem frutos bastante apreciados e são partes integrantes da economia local é o buriti, o tucum e o pequizeiro, encontrados nas áreas de planalto, chapadas e alagadiços da região (Silva, 2013, p. 53).

No que se refere aos recursos minerais, além da abundância de argila e piçarra na área, há também ocorrências de pedras, conhecidas como “cabeça de negro”, utilizadas na pavimentação de estradas. A produção delas é realizada

em grande escala, com toneladas delas sendo exportadas.

Quanto aos recursos animais, após a proibição pelo IBAMA, a caça a animais silvestres foi praticamente extinta na região, mas não se pode esquecer que tal prática já foi fonte de subsistência para muitas famílias num passado não muito distante (Silva, 2013, p. 53).

Nesse sentido, o setor primário, que engloba também a agricultura, é, ainda, fonte econômica significativa para uma parte considerável da população, mesmo diante do crescimento das atividades industriais na região, conforme Silva (2013, p. 54).

A chegada de grandes empresas, como a Suzano Papel e Celulose ao município trouxe um conjunto de outras empresas relacionadas, resultando em investimentos nas áreas de biotecnologia, biomassa e geração de energia, o que contribuiu para a consolidação da expansão de novos empreendimentos na área (Silva, 2013, p. 59). Além disso, a Fundação Ayrton Senna, que implementa programas voltados para a educação, é outra instituição presente em Matões.

A progressão histórica de Matões também foi influenciada pela atividade comercial, que nos primórdios envolvia viajantes boiadeiros que percorriam as trilhas que atravessavam o território do município, bem como por mercadores ambulantes que visitavam a região desde os primeiros tempos, provenientes de estados vizinhos do Nordeste, a negociarem animais e diversos outros produtos (Silva, 2013, p. 64).

Foi também na década de 1980 que a cidade de Matões recebe as primeiras instituições financeiras, com a primeira agência bancária, do Banco do Brasil. A cidade dispõe de uma casa lotérica da Caixa Econômica Federal e de uma agência dos Correios. As grandes redes de lojas, como Armazém Paraíba, Audiolar, Eletronorte, dentre outras, também estão presente no comércio da cidade (Silva, 2013, p. 68).

Com o desenvolvimento das estradas e rodovias, conforme Silva (2013, p. 70), o sistema de transporte público passou por transformações, evoluindo de poucos caminhões que operavam no município para a inserção comercial de empresas de transporte de passageiros, com a Líder, empresa de ônibus oriunda de Teresina/PI, que estabeleceu linhas diárias entre Timon e Matões. Com o tempo foram surgindo mais alternativas, como as vans, que complementam o serviço de transporte coletivo na área.

No que diz respeito aos meios de comunicação, a “Voz São Francisco”, de propriedade de Francisco José da Silva, utilizava sistemas de alto-falantes para transmissões na cidade. O sistema funcionava de maneira semelhante a uma estação de rádio, com uma programação estabelecida em horários específicos, com anúncios publicitários, com propagandas e patrocinadores, permanecendo em operação até o final da década de 1980. Com o avanço da tecnologia e os sistemas de comunicação evoluindo para formas mais modernas, vieram

estações de rádios FM e canais de televisão (Silva, 2013, p. 73-74).

O município de Matões teve a instalação do primeiro serviço telefônico em 1982, numa iniciativa realizada em parceria entre as Telecomunicações do Maranhão (TELMA) e a Prefeitura de Matões. A partir de 2007 a evolução trouxe a *internet* discada para a cidade (Silva, 2013, p. 76).

As estradas e rodagens no interior do Brasil sempre tiveram um papel de importância fundamental no desenvolvimento das regiões. Conforme Silva (2013, p. 108) a Estrada Real era rota oficial e exclusiva, único caminho para o trânsito de pessoas e mercadorias. Era o caminho oficial, utilizado pela família real, pelos comerciantes, vendedores ambulantes e autoridades religiosas. A passagem de animais ocorria por uma rota separada. Qualquer tentativa de abrir novas rotas era considerada crime grave.

Nesse sentido, no tópico denominado Ruas Antigas, à página 81, o autor faz uma descrição minuciosa sobre todas as ruas, praças, avenidas e becos da cidade. Sobre a Rua São Pedro, ele nos informa que ela já foi a principal via de entrada da cidade, uma vez que fazia parte da Estrada Real.

Conforme Silva (2013, p. 82), ali residiram famílias que desempenharam papéis importantes na história de Matões. Promovida a Avenida São Pedro, continuou a abrigar outras famílias típicas e tradicionais da sociedade matoense, a exemplo de D. Maria Raimunda, Joaquim, esposo da professora Cleide, o Osmar, o Soares, filho de Seu Elias Olaia, D. Maria Luiza, D. Pinenen, rezadeira e D. Saló espírita.

Os aspectos políticos são abordados no Capítulo IV. Ao iniciá-lo, o autor faz um apanhado geral dos traços referentes à Administração Pública matoense. O primeiro administrador do município de Matões, de 1835 a 1839, ainda no período Imperial, foi o Cel. Antônio José de Assunção, e o último do período, o Cel. Sérgio Pereira da Silva (Silva, 2013, p. 123).

O então Conselho de Intendência nomeado pelo Governador, durante a Primeira República, contou com os nomes como João Rodrigues da Silveira Júnior; Antônio Joaquim da Silva Rios; Manoel Rodrigues da Silveira; José Lino de Assunção; João de Sá Coutinho, Bento José de Araújo, Pedro de Moura Sobrinho e seus respectivos Intendentes eleitos (Silva, 2013, p. 124-130).

No período do Estado Novo (1930-1947), sob a ditadura de Vargas, o Prefeito era nomeado pelos Interventores. Dentre os nomes do período estão Aristides da Silva Rios; Raimundo Nonato de Araújo; Raimundo de Oliveira Silva; Firmino Câmara; Raimundo Martins Ferreira; Raimundo de Sousa Rego; Manoel Pereira Lima e Henrique de Sousa Lima (Silva, 2013, p. 130-134).

No período de 1947 a 1988 Matões teve como Prefeitos e Vice-Prefeitos nomes como Lauro Barbosa, Myrson Vianna, Antenor Pereira de Brito, João

Alves de Moraes, Mário Alves de Carvalho (por dois períodos), Leônidas Barbosa Porto; Pedro Alves Pinheiro; Raimundo Santiago Sobrinho; Maria Brito de Carvalho, e Alcino Pereira da Silva (Silva, 2013, p. 134-148).

A partir de 1988, administraram a cidade de Matões os Prefeitos José João de Sousa Pereira; Rubens Pereira da Silva; Gilberto de Oliveira Tenório; Pedro Alves Pinheiro e Suely Torres e Silva, esta última, conforme o autor, numa das melhores gestões que Matões já teve, entre 2009 e 2012, ano em que o presente livro ora resenhado foi publicado (Silva, 2013, p. 149-159).

O Poder Legislativo e sua Câmara Municipal estão detalhadamente descritos na obra, perpassando por cada um dos vereadores que deram sua contribuição como agentes públicos em Matões/Maranhão (Silva, 2013, p. 159 -194).

O Professor Chico Grud, como é popularmente conhecido Francisco José da Silva, autor da presente obra, em 1976 foi convidado para ser companheiro de chapa, como vice-prefeito, junto à Professora Mariota, como era popularmente conhecida D. Maria Brito de Carvalho. Eles foram eleitos em 1976, para a gestão entre 31/01/1977 a 31/01/1983 (incluída a prorrogação). Nas eleições de 1982, o Professor Francisco foi eleito pela 4ª vez ao cargo de vereador. Em 1987, ele assumiu a presidência da Câmara Legislativa, no período entre 1987 e 1988 (Silva, 2013, p. 184).

O Poder Judiciário está contemplado, em sua primeira parte, entre as páginas 195 e 214, momento em que o autor traz detalhes sobre a Divisão Judiciária do Império, a perda da autonomia política para Cajazeiras, em 1867, concomitante à conquista do Foro Civil, Conselho de Jurados e Delegacia Independente de Caxias/MA.

A segunda parte da história judiciária da cidade traz informações sobre os primeiros juízes da comarca, o Ministério Público, os promotores de justiça, do período de 1992 a 2009. Também estão ali informações a respeito dos delegados, subdelegados e inspetores de quarteirões (Silva, 2013, p. 200- 204).

Silva (2013), no interior do capítulo Aspectos Políticos, discorre sobre a importância das conquistas sociais dos direitos das mulheres e do aumento da participação da representação da mulher nos cenários sociais e políticos. De acordo com o autor, a partir do século XVIII, houve um aumento significativo na busca por direitos por parte das mulheres em várias partes do mundo. Acrescentemos que o fenômeno pode ser atribuído ao “Iluminismo”, período caracterizado pelo surgimento de ideias progressistas sobre direitos individuais, liberdade e igualdade.

Nesse sentido, é importante manter na íntegra, na presente resenha, o excerto textual dado à figura feminina pelo autor em sua detalhada obra. A Mulher no Cenário Político é um tópico em que Silva (2013, p. 208), destaca

uma lista de conquistas sociais e de direitos pelas mulheres, no cenário brasileiro e no contexto matoense, apresentada a seguir:

1850 - *O Código Comercial simplifica procedimentos e facilita a vida da mulher negociante, quando no impedimento de seus maridos.*

1871 - Na ausência de Dom Pedro II, a Princesa Isabel assume pela primeira vez a regência do Império, o que vai se repetir várias vezes, dado que o imperador costumava viajar com frequência.

1888 - *Com a aprovação, pelo Parlamento, da Lei Áurea, após intensas campanhas pela imprensa e de mobilização social, via entidades civis, finalmente chega ao fim a escravidão no Brasil.*

1890 - *Deputado Saldanha Marinho apresenta emenda, concedendo o direito ao voto feminino. Mas, por falta de mobilização das mulheres, foi rejeitado.*

1899 - *Apresentam-se projetos dando livre o exercício dos profissionais liberais à mulher diplomada.*

1910 - *A educadora baiana Leolinda Daltro funda o Partido Republicano Feminino. Em 1917, no Rio de Janeiro, ela lidera passeata pela extensão do direito do voto das mulheres.*

1918 - *A bióloga e depois advogada Bertha Lutz, propôs formar uma Associação de mulheres, a fim de “canalizar todos esses esforços”.*

1922 - *Por grande maioria, mas em ato restrito a uma recomendação aos poderes públicos, o Congresso Jurídico Brasileiro aprova a constitucionalidade e a oportunidade do voto feminino.*

1927 - *Eleito e empossado em outubro o governador do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine, que incluiria temas da campanha feminista em sua plataforma. E assim, mas também graças ao federalismo então vigente, a mulher potiguar passa a poder votar e ser votada. Em novembro, Celina Guimarães Viana, se torna a primeira eleitora brasileira. Em 1928, também no Rio Grande do Norte, Alzira.*

1933 - *Carlota Pereira de Queiroz é eleita para primeira Deputada Federal na América Latina. É a voz feminina no Congresso Nacional Brasileiro. Paulista de 42 anos. No ano anterior, durante a revolução constitucionalista, quando São Paulo se mobilizou contra o governo de Getúlio Vargas, ela havia liderado 700 mulheres, com o apoio da Cruz Vermelha para dar assistência aos feridos nos combates.*

1934 - *A nova Constituição, de cujo anteprojeto participou Bertha Lutz, como representante feminina, consolida o direito ao voto feminino, estabelecido na prática pelo Código Eleitoral há dois anos. A Carta também garantia novos direitos às mulheres, como serem indicadas Ministra de Estado e eleitas Presidente da República. Além disso, assegurava e regulava direitos trabalhistas femininos, incluía artigos e parágrafos sobre maternidade e infância. Na primeira eleição em que puderam votar e ser votadas, Joanna da Rocha Santos é eleita prefeita de São João dos Patos, no Maranhão. No mesmo ano,*

Antonieta de Barros, deputada estadual em Santa Catarina, torna-se a primeira negra a ser eleita no Brasil.

1936 - *Bertha Lutz toma posse como segunda deputada federal brasileira e apresenta proposição pioneira sobre Estatuto da Mulher. Em 1937, com o fechamento do Congresso Nacional pela Ditadura do Estado Novo, interrompe-se a carreira parlamentar de Bertha Lutz.*

1946 - *A nova Constituição consolida a obrigatoriedade do direito de voto às mulheres.*

1947 - *Lygia Lessa Brito, a mulher de carreira política mais duradora na América Latina, se elege vereadora no Rio de Janeiro e, como deputada federal, permanece no cenário político até 1983, tendo vencido todas as eleições que disputou. Houve criação do banco de leite materno, a concessão de aposentadoria, com 25 anos, aos professores primários e a regulamentação da profissão de artistas.*

1950 - *Ivete Vargas, sobrinha-neta do Getúlio Vargas, é eleita deputada federal pelo PTB. É de sua autoria a lei que garante estabilidade no emprego à mulher grávida. Cassada em 1969 pelo Regime Militar. Volta à Câmara em 1983. Foi eleita mais de seis mandatos a deputada federal.*

1955 - *É a vez da mulher matoense. É eleita com maioria de votos a primeira mulher na política municipal: Terezinha de Brito Moraes, filha de Raimundo Alves de Moraes (Mundico Moraes) e de Elza Brito de Moraes, de tradicional família política do município. Irmã da ex-prefeita Mariota. Foi eleita a (primeira) Presidente da Câmara de Vereadores de Matões. Sendo reeleita, na eleição seguinte, para o cargo de vereadora. Em 1960, vence as eleições municipais, como candidata a vice-prefeita, a professora Maria de Castro Oliveira, esposa do líder político Dozinho Brito e companheira de chapa de José Maria Barbosa Ribeiro. Conforme um acordo político, entre os dois grupos, José Maria cederia dois anos para sua vice. Afastando-se para tratar de assuntos de seu interesse, assumiu o governo no dia 15 de novembro de 1962, tornando-se a primeira prefeita da cidade. Não terminado os dois anos, entregou para José Maria, que reassumiu o governo até 31 de janeiro de 1965.*

1970 - *Tivemos mais uma vez uma mulher representante na Câmara dos Vereadores, professora Maria José e Couto Silva.*

1976 - *A educadora Maria Brito de Carvalho, conhecida como Mariota, é a primeira mulher eleita a prefeita do nosso município. De larga experiência da vida pública, esposa do ex-prefeito Dr. Mário Carvalho, é descendente de uma família tradicional política, “os Moraes”. Esteve frente à Prefeitura Municipal, no período de 1982 a 1988, em consequência de prorrogação de dois anos de governo. Irmã da primeira mulher eleita a um cargo político no município: Teresinha Brito Moraes.*

1979 - *Eunice Michiles se torna a primeira senadora do Brasil, suplente, ocupa a vaga do titular pelo seu falecimento.*

1982 - *Maria Esther de Figueiredo Ferreira, indicada para a Educação, a primeira*

Ministra do Estado Brasileiro.

1982 - *Era eleita para o cargo de vereadora mais uma mulher matoense: Leonor Ferreira da Silva.*

1988 - *Participação maciça da mulher brasileira na Assembleia Constituinte, na época 29 deputadas federais.*

1988 - *Era eleita a primeira mulher da região de Pedreiras: professora Juracema de Arêa Leão, esposa do ex-vice-prefeito João Coutinho Brito. Neste mandato foi eleita presidente da Câmara de Vereadores, para o biênio de 1989/1990. Sendo reeleita no ano de 1996.*

1988 - *Em Matões, também foi eleita outra mulher guerreira da região de União: Maria Adriano Gomes dos Anjos, uma defensora da pobreza.*

1990 - *Júnia Marise é a primeira mulher eleita para o Senado Brasileiro.*

1994 - *A maranhense Roseana Sarney é a primeira governadora eleita no Brasil. Reeleita em 1998, atual governadora do Estado. Assumiu pela força da Lei, em substituição ao ex-governador Jackson Lago, afastado do cargo. Roseana concorrerá nas eleições deste ano, para seu quarto mandato. Com larga experiência na vida pública, foi senadora da república e deputada federal por mais de um mandato.*

1995 - *Benedita da Silva é a primeira negra brasileira a se eleger a senadora da república.*

2000 - *Os matoenses elegem mais quatro vereadoras: Walmeire Moura Gomes Coutinho e Taís Garcia Coutinho, representando o povoado de Pedreiras; Tânia Maria de Oliveira Pinheiro e Maria Gomes Adriano dos Anjos, pela sede do município.*

2002 - *Duas governadoras são eleitas: Rosinha Garotinho (Rio de Janeiro) e Wilma de Farias (Rio Grande do Norte).*

2003 - *A bancada feminina na Câmara dos Deputados atinge o seu maior número, com a eleição de 52 parlamentares.*

2004 - *Mais três vereadoras matoenses conseguem a reeleição: Walmeire Coutinho, Maria Gomes Adriano dos Anjos e Tânia Pinheiro.*

2006 - *São eleitas três governadoras: Ana Júlia Carepa, no Pará; Wilma Faria (reeleita), Rio Grande do Norte; e Yeda Crusius, Rio Grande do Sul (Silva, 2013, p. 208-210; Citação Fonte: arquivo da Câmara Municipal de Matões, 2009 e Jornal da Câmara, DF, 2009).*

Quando da publicação de “**Caminhos e Memórias de Matões: Uma História Secular**”, em 2012 (a publicação do livro físico ocorreu em 2013), a então Prefeita de Matões era Suely Pereira, que eleita em 2008, foi a segunda mulher a se eleger prefeita no município (Silva, 2013, p. 210).

Silva destaca a eleição de Dilma Rousseff, primeira mulher a ocupar o cargo de presidente do Brasil, pois a despeito de eventuais discordâncias, a eleição de Rousseff tem importância histórica para o Brasil, uma vez que marcou

o pioneirismo da presença feminina na mais alta esfera política do país, pela primeira vez em sua história (Silva, 2013, p. 210).

O autor destaca ainda a representação de Roseana Sarney, que atuou na vida pública, em praticamente todas as esferas e níveis. Foi a primeira governadora do estado do Maranhão e a segunda do país, chegando a Senadora da República, em 2006 (Silva, 2013, p. 211-2012).

Ato contínuo, quanto aos aspectos sociais elencados no Capítulo V, o autor enfatiza ações referentes ao setor da saúde, da assistência social, educação, cultura, religião, manifestações populares, esporte, lazer e turismo. Apresentamos a seguir, traços sobre os referidos aspectos.

Silva (2013, p. 217) inicia por discorrer sobre a sensível questão do setor da saúde. Conforme o autor, os atendimentos médicos no município, até os anos sessenta do século XX eram precários e bastante dependentes das cidades de Caxias/MA e de Teresina/PI.

Em 1956, na administração de João Alves de Moraes, Matões recebeu a primeira casa de saúde, por meio de um convênio com o Governo do Estado. Nos anos 90, a chegada a Matões do Dr. Evaldo Angelim da Silva, empresário do ramo, promoveu mudanças no setor da saúde da cidade. Após muita luta, resiliência e conquistas, atualmente, o Hospital Municipal Divino Espírito Santo desenvolve programas de assistência integral à criança, atendimento à saúde da mulher, atendimento integral a adultos e adolescentes, e também realiza análises clínicas (Silva, 2013, p. 217-219).

No que diz respeito ao âmbito educacional, é importante destacar que Matões sempre valorizou profundamente a busca pelo conhecimento. Como indicado por Silva (2013, p. 221), a história educacional da região foi moldada pela influência inicial dos jesuítas, seguida por contribuições significativas de diversos padres e vigários, que por meio de suas ações e importantes contribuições, desempenharam papéis fundamentais no desenvolvimento do sistema de ensino municipal.

Um marco importante na trajetória educacional de Matões foi a promulgação do Decreto 250, datado de 25/02/1932, que resultou na criação das primeiras escolas na Vila de São José dos Matões. Além disso, em 1954, teve início a construção do primeiro grupo escolar no centro da cidade, conhecido como Escola Municipal Sérgio Pereira, atualmente denominada Unidade Escolar Eugênio Barros (Silva, 2013, p. 222).

O Plano Decenal de Educação para o período de 1993 a 2003, que estabeleceu metas nacionais e estratégias para o aprimoramento da educação em um horizonte de dez anos, junto a iniciativas complementadas pelo Parâmetros Curriculares Nacionais, forneceu orientações pedagógicas essenciais que foram

implementadas por educadores em todo município matoense, contribuindo para um ensino mais alinhado às melhores práticas educacionais em nível nacional (Silva, 2013, p. 232).

Em seguida, no período de 1997 a 2004, o setor educacional do município de Matões experimentou mudanças significativas e avanços que refletiram diretamente na qualidade da educação local, por meio da aplicação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Lei 9394/96, que trouxe diretrizes e princípios modernizados para o sistema educacional como um todo (Silva, 2013, p. 232).

Assim, na conjunção de elementos entre às leis, planos nacionais, parâmetros educacionais e trabalho criterioso e contínuo dos agentes públicos, o sistema educacional matoense foi, paulatinamente, sendo fortalecido, procurando promover educação de qualidade, alinhado às diretrizes nacionais, o que contribui de forma contínua para o desenvolvimento social da comunidade (Silva, 2013, p. 221-242).

Hoje, o município oferta ensino em todos os níveis e etapas da Educação Básica, Técnica, Educação de Jovens e Adultos e Nível Superior, privilegiando, concomitantemente, a Educação Inclusiva, contando com estabelecimentos educacionais nas esferas municipais e estaduais, além de instituições particulares de ensino (Silva, 2013, p. 245-249).

O tópico especial Biblioteca Pública Municipal, encerra, no Capítulo V, os aspectos referentes à Educação. Dentre os objetivos fundamentais de sua implantação está a reconstituição e a manutenção memorialística, histórica e crítica do município de Matões dentre os anos 1835 a 2012, constando em seu acervo, conforme o autor, de leis, decretos, resoluções, regulamentos, portarias, ofícios e depoimentos da história da educação no município, em seus, até aquele momento, 177 anos de existência (Silva, 2013, p. 250).

É necessário enfatizar que a história da Igreja Católica no município de Matões desempenhou papel fundamental no progresso cultural da região. Ali, o legado de fé e devoção religiosa remonta aos primórdios da cidade, no século XVIII, período colonial, quando Matões ainda era apenas um pequeno arraial, vinculado à freguesia de São José das Aldeias Altas, a atual Caxias/MA (Silva, 2013, p. 250).

Deste então a comunidade já demonstrava profundo respeito pelas tradições Católicas, participando ativamente de celebrações religiosas e da devoção aos santos. Mesmo em períodos de ausência de padres residentes, os moradores se uniam para recitar a Ave Maria, fazer pedidos de proteção divina e expressar o desejo de que uma capela fosse erguida, para melhor abrigarem suas devoções (Silva, 2013, p. 251).

Segundo minuciosa pesquisa realizada pelo autor, na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, antiga freguesia de São José dos Matões, foi possível

encontrar dentre os documentos históricos da Igreja, registros de batizados, casamentos e registros de óbitos, realizados em suas épocas, com muitas informações importantes, que constituem hoje acervo do Patrimônio Histórico do Município. Mas, infelizmente, muitos documentos estavam danificados pelos cupins, ação do tempo e falta de cuidados apropriados, pois muitos foram encontrados em simples caixas de papelão (Silva, 2013, p. 252).

É importante reconhecer a contribuição significativa dos primeiros religiosos que passaram por Matões, em particular os jesuítas, que viajaram desde a Bahia em direção a Aldeias Altas. Sua presença e influência espiritual deixaram marcas indeléveis na comunidade, promovendo a fé, coesão social, e identidade cultural.

Nesse sentido, a religião desempenhou papel central na vida cotidiana dos moradores, moldando a cultura local e fornecendo alicerce espiritual para o desenvolvimento da região. A história da Igreja Católica em Matões é tida como um testemunho da profunda importância da religião na formação dessa cidade, pois auxiliou no estabelecimento da conexão essencial entre a comunidade.

Quando às festas religiosas, os populares festejos, além da festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição, são realizadas a festa do Divino Pai Eterno e São Sebastião. A padroeira é Nossa Senhora da Conceição, festejada em 8 de dezembro, momento em que se conta com ações e programações mais voltadas para as ações religiosas, mesmo.

Já o Festejo do Divino Espírito Santo, em agosto, tornou-se o mais tradicional. Nesses dias, romeiros, pagadores de promessas e filhos ausentes sempre retornam, para festejarem as bênçãos junto a seus familiares e amigos (Silva, 2013, p. 271).

Além da religião Católica, a cidade também passou a contar, desde o início do Século XX, com diversidade religiosa, a qual desempenha papel fundamental na vida cultural e social da comunidade. A presença de religiões protestantes como a Igreja Adventista do Sétimo Dia, a Assembleia de Deus, a Igreja Batista e Testemunhas de Jeová trouxeram perspectivas espirituais diferenciadas aos religiosos.

O advento mais recente da Igreja Universal do Reino de Deus denota que a constante evolução no campo das crenças espirituais é reflexo natural da pluralidade de experiências e de perspectivas diferenciadas, que enriquecem a vida da comunidade (Silva, 2013, p. 267-271).

Não podemos deixar de acrescentar que a diversidade de manifestações de fé, além de enriquecer a variedade religiosa existente, também promove a tolerância, o respeito mútuo e o conseqüente diálogo inter-religioso, o que contribui para o desenvolvimento social geral, e das individualidades.

Por seu turno, as expressões culturais populares em Matões, conforme Silva (2013, p. 282) abrangem ampla gama de tradições que enriquecem a identidade local. Dentre elas destacam-se os folguedos tradicionais, como o bumba-meu-boi e os animados carnavais. Além disso, as Rodas de São Gonçalo e São Benedito, bem como o Reisado e o Folclore do Saber do Povo são eventos que fazem parte da vida da comunidade, proporcionando conexão profunda com suas raízes culturais.

O artesanato local é testemunho da habilidade e criatividade dos moradores de Matões, enquanto a culinária regional cativa os mais diferentes paladares, com pratos típicos que refletem a riqueza da tradição gastronômica da cidade. E também as lendas, transmitidas de geração em geração, adicionam uma camada de mistério e encanto à cultura local, mantendo viva a herança oral da comunidade (Silva, 2013, p. 289).

A Literatura de Cordel e a poesia são meios artísticos pelos quais as histórias e experiências são compartilhadas e celebradas. Nesse sentido, elas servem como veículos para expressar a identidade, a memória e as aspirações também do povo de Matões, contribuindo para a preservação de sua cultura (Silva, 2013, p. 289).

Assim, a história de Matões se mantém viva e dinâmica, pois sabemos que o conjunto das manifestações culturais reflete a vitalidade e a diversidade do patrimônio cultural de um povo, e, nesse sentido, a comunidade matoense mantém suas tradições e saberes populares, por meio do cultivo de expressões artísticas, culturais e históricas, que enriquecem a vida local e fortalecem a ligação entre as gerações.

Em relação ao esporte, de acordo com as informações fornecidas por Silva (2013, p. 303), no ano de 1915, Henrique Lima, um imigrante cearense que se estabeleceu na cidade, trouxe consigo sua admiração pela arte do futebol, tornando-se assim o pioneiro da prática desse esporte em Matões. Na década de trinta, a cidade já estava competindo com o time Flores Atlético Club, da cidade de Timon/MA.

Em 1976 houve o estabelecimento da Sociedade Esportiva Cultural Matoense, cujo presidente e fundador foi o próprio Professor Francisco José da Silva, o autor do livro que estamos a resenhar. Este clube contou com a participação ativa de atletas e sócios (Silva, 2013, p. 304).

A partir desse ponto, o autor começa a listar os nomes dos atletas em suas respectivas modalidades, incluindo aqueles que conseguiram alguma projeção fora da cidade, como é o caso desta resenhista.

O Professor Francisco José da Silva, carinhosamente conhecido como Chico Grud, um Educador Físico aposentado da Secretaria de Educação de Matões, sempre desempenhou um papel fundamental na promoção da prática

esportiva na cidade. No período em que morei no Maranhão, durante parte da minha adolescência, tive a oportunidade de desenvolver meu interesse pelo esporte através das suas instruções.

Eu, Dirce Maria, expresso minha gratidão pela gentileza do autor em incluir meu nome em seu notável trabalho de antropologia social, especificamente no Capítulo V, intitulado “Aspectos Sociais”, no contexto da Secretaria Municipal da Juventude, Cultura, Esporte e Lazer. Meu nome foi citado ao lado de diversos outros jovens que tiveram a honra de, de algum modo, fazer parte dessa história e poder ser mencionado no livro de Matões (Silva, 2013, p. 306).

O turismo não constitui base econômica da cidade ou da região, exceto durante os períodos festivos de janeiro e de agosto, quando a cidade se transforma em grande anfitriã, ao atrair milhares de visitantes para suas ruas, Igrejas e festas. Nesses momentos, a atividade comercial local experimenta notável aumento nas vendas e na arrecadação financeira (Silva, 2013, p. 310).

Além das duas populares festividades religiosas, a cidade oferece algumas atrações naturais que costumam atrair visitantes, como a Lagoa da Cana Brava, situada a 18 km da sede, o Balneário Natural Buriti Grande, a apenas 5 km da cidade, a Lagoa da Bela Vista e, na sede, o Balneário Vereador Roseno Costa.

No próximo capítulo, intitulado “Personalidades”, o autor apresenta perfis de “Figuras Ilustres” residentes da cidade que estampam a diversidade de personagens que moldaram a história de Matões. A lista perpassa por nomes como o do Senhor Albertino (p. 317), Joelma Teixeira e José Abdenaldo (p. 331), Rozilda Lima e Rubens Pereira e Silva Júnior (p. 343), entre muitos outros filhos de Matões.

Além disso, o livro também dedica espaço a outros moradores categorizados como “Personalidades Populares”, e explora o tópico das “Figuras Folclóricas”. Essas listas estão organizadas em ordem alfabética, abrangendo a diversidade de indivíduos que compõem a sociedade de Matões (Silva, 2013, p. 315-368).

A partir deste ponto encontram-se os Anexos (p. 367-492) e as Referências Bibliográficas (p. 403-502).

Dessa forma, neste sucinto resumo, destacamos excertos do livro **“Caminhos e Memórias de Matões: Uma História Secular”**, obra grandiosa, que hibridiza em descrições detalhadas, o discurso científico e a narrativa poética.

Cada um dos capítulos é um mergulho profundo, que leva o leitor a conhecer um pouco mais sobre essa peculiar cidade, situada no interior do estado do Maranhão, com seus avanços, retrocessos e desafios.

Francisco José da Silva enriquece sua narrativa, ao inserir uma ampla

gama de elementos visuais como fotografias, desenhos, tabelas e quadros, concomitantes às respectivas descrições. A obra se destaca assim, de forma multifacetada, por oferecer abordagem simultaneamente arqueológica, social, histórica e memorialística da cidade.

“**Caminhos e Memórias de Matões: Uma História Secular**” é um testemunho científico-literário que entrelaça reflexão cultural, disseminação de conhecimento, reconfigurando o presente, por meio do entendimento do passado. Não tenho dúvidas em afirmar que esta obra é um tesouro destinado a ser apreciado pelas gerações futuras, garantindo a contínua preservação da rica herança cultural e histórica de Matões.

O livro “**Caminhos e Memórias de Matões: Uma História Secular**” é, segundo palavras do autor, “a realização de um desejo que se estendeu por quase quatro décadas, envolvendo dedicação incansável à pesquisa oral, à produção escrita e à compilação de documentos”. Francisco José da Silva, o autor, celebra seus 76 anos de vida, marcados, por entre outras histórias de sua longa e profícua existência, por essa notável jornada de trabalho e paixão pela história de Matões.



Francisco José da Silva é Graduado em Química e em Educação Física pela Universidade Estadual do Maranhão. É Professor aposentado da Secretaria de Educação de Matões. E-mail: dasilvafranciscojose992@gmail.com.

POSFÁCIO



Caro leitor,

O que torna a presente obra especial é a variedade de vozes e perspectivas que ela reúne.

Que os textos reunidos nesta singela coletânea inspirem à exploração de outras interpretações, a partir das que aqui foram apresentadas. A leitura e a escrita são as ferramentas que nos permitem construir pontes entre diferentes pontos de vista e culturas, e é através delas que podemos continuar a enriquecer nossa compreensão do mundo e da humanidade.

Agradecemos a todos que se juntaram a nós nesta jornada literária.

Esperamos que os textos desta obra continuem a ecoar em suas vidas, inspirando a busca pelo conhecimento e a expressão criativa.

Que esta obra os encoraje a compartilhar suas memórias, a revisitar textos, e que por meio de seus escritos, possam ressignificá-los, pois em um mundo que celebra a pluralidade de vozes e formas de expressão, é por meio da leitura e da escrita que estabelecemos entendimento entre experiências diversas, aprofundando nossa compreensão do mundo e da condição humana.

Afinal, a leitura é a porta que nos conduz ao prazer de inúmeras vidas, enquanto a escrita literária é a janela pela qual compartilhamos a felicidade de criar mundos inteiros.

Que desfrutemos mais de prazerosas leituras!

Dirce Maria da Silva

Brasília, Setembro de 2023.

ORGANIZADORAS



Dirce Maria da Silva

Mestre em Direitos Humanos e Estudos Sobre a Violência. Graduada em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas. O curso de Letras, minha primeira graduação, ofereceu-me compreensão da linguagem e das narrativas humanas, enquanto o Mestrado em Direitos Humanos, com foco em políticas públicas, ajudou-me a melhor compreender o contexto social e político em que as questões de cidadania ocorrem. Essa intersecção multidisciplinar mostram-me cada vez mais como áreas diferentes do conhecimento dialogam, nas diferentes e complexas questões da sociedade contemporânea. Membro (Técnico) do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas (POSlit / TEL) da Universidade de Brasília. Membro Fundadora do Instituto de Pesquisa, Desenvolvimento e Apoio a Neurodivergentes – IPDAN/DF (Instagram: ipdan.org.br;). Atualmente trabalha como professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7836053563578154>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-57141419>. E-mail: dircem54@gmail.com

Eunice Nóbrega Portela

Doutora em Educação com ênfase em Psicologia Social pela Universidade de Brasília. Mestre em Educação. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Neuropsicologia Clínica e Terapia Cognitivo Comportamental. Especialista em Orientação Educacional e Administração Escolar. Graduada em Pedagogia pela Universidade de Brasília. Pós-Doutorado Profissional em Psicanálise. Escritora, Pesquisadora, Palestrante, Consultora Educacional e Empresarial, Docente Universitária; Psicanalista Clínica, Neuropsicóloga. Terapeuta Cognitivo Comportamental- TCC. Presidente do Instituto de Pesquisa, Desenvolvimento e Apoio a Neurodivergentes-IPDAN. Lattes: <Http://lattes.cnpq.br/4499951422512139>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2706-5448>. E-mail: contato@draeunicenobrega.com

Cirlene Pereira dos Reis Almeida

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Mestre em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ); Coordenadora dos Cursos de Letras e Pedagogia do Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro-Oeste (UNIDESC); Professora efetiva da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Uruaçu. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5384051819016083>.

E-mail: cirlene.almeida@ueg.br

Marina Arantes Santos Vasconcelos

Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília e Professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5959957836265726>.

E-mail: asvamarina@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO



A

Aprendizagem 110, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 163
Arteterapia 9, 185, 186, 187, 189, 192, 193, 195
Atividades lúdicas 145, 148, 149, 152, 153

B

Beauvoir 97, 101, 104, 106
Beleza 176, 177, 183, 184
Belo 9, 117, 156, 175, 177, 178, 181, 183, 184, 200, 207
Bem-estar 179, 180, 184, 194
Biblioteca 8, 25, 28, 29, 30, 31, 34, 229
Brasil 9, 13, 14, 17, 25, 26, 28, 29, 35, 37, 38, 41, 54, 66, 79, 91, 135, 136, 144, 149, 150, 154, 156, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 188, 192, 196, 220, 222, 223, 225, 226, 227, 228

C

Cantigas trovadorescas 13, 14, 16, 17, 24
Complexo de Édipo 68, 76, 77
Condição das mulheres 99, 103, 110, 112
Confirmadíssimo 202, 203, 204
Cultura modernista 211, 214

D

Direitos Humanos 7, 9, 10, 115, 144, 155, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 185, 196, 219, 235
Distrito Federal 27, 28, 29, 31, 115, 144, 155, 166, 175, 185, 196, 211, 219, 235, 236
Dramaturgia 38, 45, 46, 47

E

Édipo 65, 68, 70, 71, 72, 76, 77, 80, 81
Educação Básica 27, 100, 115, 144, 155, 166, 175, 185, 196, 211, 219, 229, 235, 236
Educação Plurilíngue 156, 161, 163, 165
Elizabeth Bennet 9, 78, 100, 107, 112
Ensino Fundamental 130, 132, 137, 162
Erotismo 43, 44, 46, 47, 49, 51, 52, 65, 80
Escolas bilíngues 157, 158, 159, 160, 161, 163, 165
Espiritualidade 123, 125, 182, 184, 203
Eu-homem 83, 89, 90
Eu-outro 83, 86, 88, 89
Existência humana 76, 118, 125, 181, 182

F

Federico Garcia Lorca 37, 39, 45, 54
Filosofia 6, 179, 183
Filtro dos Sonhos 187, 188, 190, 192
Foucault 44, 107
Freud 41, 44, 48, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 61, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74,
76, 77, 80, 193, 194, 213, 214

G

Garcia Lorca 8, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 54
Globalização 162, 163, 212

H

Habilidades 8, 10, 96, 123, 139, 141, 145, 149, 151, 152, 156, 157, 158, 159, 160, 161,
164
História 9, 12, 13, 14, 25, 26, 117, 121, 145, 154, 185, 219, 227, 232, 233
Holocausto 211, 212, 214

I

Idade Média 12, 13, 14, 15, 18, 19, 21, 24, 25, 26, 33, 146, 149, 167, 177
Identidade 14, 16, 25, 76, 77, 78, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 98, 118, 119,
122, 123, 137, 152, 159, 216, 230, 231
Identidade social 83, 84, 85, 89
Imperador 9, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128
Império 116, 117, 118, 120, 122, 224, 225
Inconsciente 37, 38, 41, 42, 44, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68,
69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 87, 189, 191, 193, 194
Infância 28, 33, 48, 52, 56, 69, 72, 76, 83, 106, 130, 133, 136, 144, 145, 146, 147, 148,
150, 186, 187, 189, 226

J

Jacobina 8, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89
Jane Austen 9, 78, 96, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 110, 111, 112, 113

L

Leitura E Escrita 130, 135, 136, 143
Literatura 6, 7, 8, 10, 12, 16, 17, 20, 25, 26, 27, 28, 33, 37, 54, 56, 57, 59, 60, 61, 62,
63, 64, 67, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 90, 94, 100, 110, 112, 113, 114,
115, 133, 135, 136, 137, 144, 155, 166, 175, 184, 185, 196, 211, 219, 231, 235,
236
Literatura Brasileira 7, 10, 27, 90, 133, 211, 236
Literatura de Cordel 8, 16, 17, 20, 25, 231
Literatura Portuguesa 12, 14, 15, 26
Livros 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 94, 96, 119, 124, 132, 136, 196, 214
Lúdico 9, 46, 144, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 153

M

Machado de Assis 8, 74, 82, 89, 90, 91

- Mandala 188, 189, 191
Mandala-Árvore 187, 190, 192
Marguerite Yourcenar 9, 115, 121, 127, 128
Matões 9, 10, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233
Memória 5, 8, 9, 12, 13, 16, 19, 20, 24, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 45, 61, 68, 69, 151,
166, 187, 192, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 231
Memórias afetivas 28, 185, 186, 187, 192
Memórias de Adriano 9, 115, 127, 128
Moralidade 59, 70, 72, 74, 75, 77, 170, 179, 182
Mulher 41, 76, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 109, 112, 113,
201, 224, 225, 226, 227, 228
Mulheres 20, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108,
110, 111, 112, 113, 135, 150, 157, 169, 224, 225, 226
- N
- Narrativas literárias 55, 56, 57, 60, 61, 64, 68, 71
- O
- Orgulho e Preconceito 78, 96, 100, 106, 107, 111, 112, 113
- P
- Poema 16, 17, 18, 19, 20, 21, 43, 47, 48, 51, 90, 126, 156, 163, 164, 175, 181, 196
Poesia 6, 12, 15, 16, 17, 30, 37, 38, 39, 41, 42, 46, 47, 51, 54, 103, 104, 119, 120, 148,
164, 178, 197, 198, 199, 200, 201, 206, 208, 209, 231
Projeto Roedores de Livros 28, 29, 31, 32, 34
Psicanálise 8, 38, 42, 46, 50, 51, 53, 55, 63, 65, 67, 68, 69, 73, 76, 79, 80
Psicologia 37, 55, 67, 91, 93, 99, 143, 175, 194, 235
Psique 60, 61, 62, 63, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 79, 83, 127, 182, 189, 190, 191,
194, 217
Psique humana 60, 61, 62, 63, 67, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 79, 127, 190
- R
- Renascença 15, 16, 147
Romances 79, 102, 103, 105, 106, 128, 133, 147, 212
- S
- Segunda Guerra Mundial 107, 171, 211
Simbolismo 57, 61, 62, 63, 74, 187, 190
Soneto 15, 37, 39, 42, 47, 49, 50, 52
Sonhos 70, 80, 187, 188, 190, 192
- T
- Tecnologias 131, 136, 138, 139, 140, 163, 213, 214
Trovadorismo 8, 13, 15, 17, 18, 19
- V
- Virginia Woolf 9, 58, 78, 93, 94, 95, 96, 99
Vygotsky 130, 133, 151

